

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE SETEMBRO DE 1903

|| NUM. 49

ENTREGAS

III

De que incomparável docura é feito o teu olhar querida, quantos clarões bemfazejos de perdão nesse se accendem quando os fitas nos que padecem e nos que soffrem...

Dir-se-ia que toda a tua alma é uma fonte abençoada de piedade e de conforto, cujas aguas lustraes se derramam, perennemente, pelos teus dois olhos misericordiosos.

Tu, que tens a graça altaiva das rainhas e a magestade senhoril das soberanas, como te fazes pe-

Prosegue assim, querida, prosegue sempre assim, cobrindo a nudez d'alma dos desconsolados com o manto benefico da tua incomparável caridade...

Sé bemdita entre todas, querida, sé sempre bemdita entre todas...

Mario da Silva.

Um caso commum

O Justino, nesse dia, ao deixar o trabalho da ponte que empreitara sobre o rio das Caboclas, trazia no espirito a nuvem de uma suspeita, que se ia pouco a pouco avermelhando num projecto de vingança.

Começara a desconfiar do procedimento da Donanna, a companheira a quem dedicara toda a rudesia da sua affeção e que com a exuberancia das carnes, a opulencia da saude e o fogo do temperamento, tinha aptidão para o completo apaziguamento de todos os seus desejos de homem. Havia casado há tres annos e a existencia lhe fluira, a principio, como um rio de leito sem tropeços: o corpo, cheio de vitalidade, se não recusava ao trabalho; o trabalho, que o não constrangia, dava-lhe farturas para subsistir; a mulher na flamma das caricias aquecia-lhe a entrada das noites, concluidas do peso do sonno compensador das fadigas e tonificador das forças.

Desde algum tempo, porém, na fara que o Agostinho, fiscal do consumo, lhe frequentava a casa com excessos de assiduidade e que tais excessos não eram com desagrado recebidos pela Donanna, que só tinha gabos para o Agostinho.

Esta desconfiança começou a trabalhar-lhe o espirito, penetrando-o dia a dia como uma verruma e por vezes, à noite, na placidez da rede, gelava-lhe nos labios a palavra de carinho e a lascivia do beijo, com que procurava adormecer a insaciabilidade da carne de sua mulher.

Corriam os dias. Ora alentava-o a esperança de haver infundamento nas suas suposições; ora punha-o, como um aculeo, uma quasi cerleza, que o penetrava. Nessas ocasiões, com uma placidez de atmosphera que um tufo está prestes a revolver, Agostinho, arrastando as syllabas, dizia:

—Si eu apanhasse um homem na minha casa, matal-o-ia com a mesma segurança com que rebatto um prego.

E envesgava os olhos para as pontas do com-



DR. OLYNTIO DE MAGALHÃES

quena e humilde quando deparas, na tua estrada rutilante, com algum desherdado da sorte, com alguma victimá soffredora do destino...

E's boa e és meiga. Não te deu Deus a beleza para as ostentações do orgulho, nem para os triunfos da vaidade. Não! Fez-te formosa assim para que ao clarão da tua formosura se aqueçam os que titram transidos pelo frio da desgraça.

O brilho dos teus olhos illumina as trevas da tortura humana, a aurora divina do teu sorriso faz entrar em madrugada a noite densa dos martyriados.

passo, que a sua mão enterrava nervosamente na taboa, cuja largura entrava a medir.

Esta desconfiança lhe ia aos poucos produzindo a erosão da felicidade e apertava-lhe o coração, como uma tenaz de longas hastes.

Chegou por fim um domingo pejado de alegria: a luz da manhã, o calor do sol, o canto das aves, a suavidade de tons das águas do rio trouxeram ao Justino a satisfação do bem estar e tranquilidade dos primeiros dias do casamento.

Muniu-se de um machado e de um facão, chamou um preto velho, o Lourenço, seu vizinho e ali pela volta das oito da manhã disse para a mulher:

—Vou à beira da matto tirar uma abelha, Donanna; só estarei de volta, quando o sol virar.

E partiu, cantarolando uma canção dos tempos em que fôra barqueiro, qualquer cousa que tinha a monotonia das músicas de enterro, mas que lhe satisfazia o ouvido e o espírito naquela ocasião.

Vão lá saber porque preferimos esta ou aquela música em determinados momentos!

Ainda não havia o Justino feito dois quilómetros, quando à Donanna mandou dizer ao Agostinho que viesse incontinentemente ao marido sobre o negócio da ponte, para cujas obras adiantara elle uma certa quantia.

O recado foi transmitido não ao Agostinho que nesta ocasião dormia, mas à sua velha mãe de quem era arrimo, conchego e calor esse filho que escapara à ceifa da morte na seara da sua prole.

A velhinha, cuidando salvaguardar os interesses do filho, foi acordá-lo e pô-lo ao facto do que lhe haviam dito.

Agostinho comprehendeu o plano e dalli a instantes caia nos braços da amasia, na cegueira da libidinagem, na despreocupação do remorso, num quarto, onde a penumbra furada aqui e ali pelas restas de sol que varavam o tecto de palha, mais lhe aguçava a bestialidade dos appetites, mais alourava a madureza daquella carne, a que se subjetaria na ignominiâa de um captiveiro!

Fosse a fatalidade intervintora no caso, fosse a necessidade de continuar o sonho interrompido, Agostinho adormeceu e a Donanna que a princípio riu dessa despreocupação que lhe pareceu mostras de coragem, acabou por imitar-o, narcotizada pela maciez do braço delle em que descansava a cabeça e pelo cheiro que se desprendia de sua pelle tão diferente do cheiro da pelle do Justino...

Volveram as horas e ao virar do sol, este

chegou como prometera e com surpresa vendo a porta fechada, empurrou-a, chamou, bateu.

Agostinho saltou da rede ao compreender o alcance da sua imprudência, ao passo que a Donanna, no estorvamento da surpresa, ankylosava-se num gesto de angustia.

Justino, de fôra, sentindo rumor, agarrou o braço de Lourenço e com um relâmpago nos olhos, disse-lhe num sibilo de voz:

—Guarda a porta da rua.

Disse, e dando volta a casa, arrombou de uma só machadada a porta da cozinha e foi ao quarto como uma seta.

O encontro de Agostinho alli, em roupas mais que leves, o não desorientou, nem mesmo os reprende: aquillo era um quadro que a sua imaginação lhe desenhava desde muito tempo...

Sacando do facão, investiu para a mulher que, em face da iminência da morte, saltou da rede e prendendo a lâmina com os dedos em gerra, acordou todas as energias e começou a lutar com desespero. O facão brandido peia musculatura de Justino fugia-lhe dos dedos como de uma

—bainha de sangue, para ser novamente agarrado, quando lhe penetrava nas carnes, perfurando-as!

Agostinho perdera completamente as forças; derrubara-se sobre um banco e na frieza do panico e no tremor da pusilanimidade olhava aquela cena como si já estivesse morto.

A Donanna e o Justino continuavam a lutar desesperadamente, aos trancos, pesunhando a terra do quarto, nos movimentos de um corpo que fluctua em águas que o vento açoita, sem uma palavra, sem um grito, sem um gemido.

Como estivessem perto da porta, num arranço de agonia, a Donanna desvincilhou-se do Justino e de um pulo galgou a cozinha e correu para o quintal a fôra; elle atirou-se-lhe no encalço, mas lembrando-se do outro,olveu sobre si, estasiado de vingança.

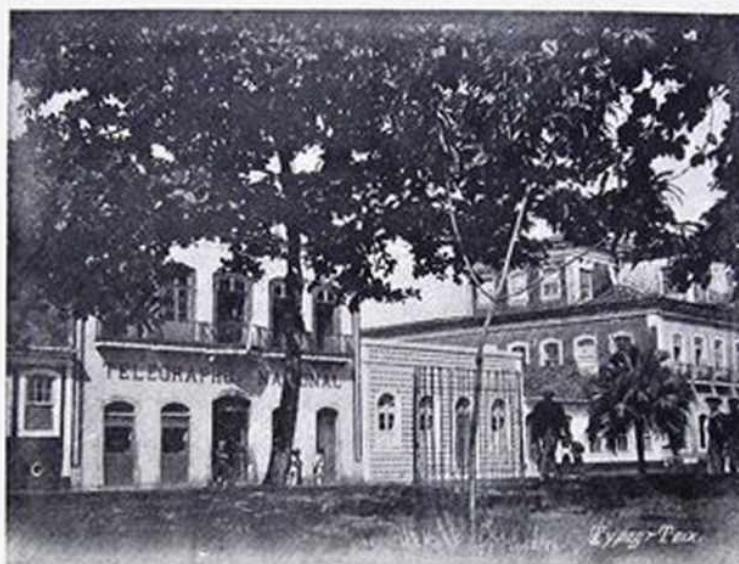
Encontrou-o na mesma prostração de inercia, olhos num esgazeamento, mãos numa supplica de piedade.

O facão de Justino embebeu-se-lhe na clavícula, indo apontar entre as costelas do lado oposto; Agostinho caiu de bruços como um fardo.

Um riso funebre arregalou os labios do Justino e, sabendo de casa num cambaleio de bebedo, rosava entre dentes:

—Eu bem dizia que havia de matá-lo, como se rebata um prego... Cães!

A. Jales.



MARANHÃO — Largo de Palacio.

A carteira de um neurasthenico

X

Meia hora antes de se recolherem ao dormitorio, isto é, ás 7 e meia da noite, deveriam, invariavelmente, os alumnos do Internato assistir a uma leitura pia, feita por um padre, semanalmente designado para tal fim pelo Director.

Conhecia eu já essa praxe, pelas repetidas e cuidadosas leituras que do regulamento do Internato havia feito, de forma que me não senti surpreendido quando, nessa primeira noite, tres badaladas vibrantes nos chamaram para o piedoso exercicio.

Os alumnos, num movimento uniforme e quase que simultaneo, fecharam os livros, guardaram nas gavetas os cadernos e os petrechos de escripta e, a um aceno do padre que presidia o estudo, se puizeram em marcha dois a dois, em direcção á sala de leitura.

— Quem faz hoje a leitura? perguntei ao Carlos que seguia ao meu lado.

— O Padre Roberto, respondeu-me elle em voz baixa. Tu já o conheces de certo?

— Muito. E não calculas como gosto delle...

— Também eu...

De toda esta canalha que nos cerca é o unico com quem sympathizo... Tem uns modos tão delicados e tão singelos de falar á gente... Depois disto não é intrigante, nem anda a espia o que se faz ou se diz durante o recreio para ir em seguida metter tudo no bico do Director.

A sala de leitura era uma vasta peça, de paredes nuas, com duas grandes janellas ao fundo, entre as quaes se achava disposta uma mesa de cedro, já ocupada, na occasião em que entramos, pelo Padre Roberto.

De um lado e outro, deixando apenas uma passagem estreita ao meio, alinhavam-se, em fila, pendidos bancos de pinho, pintados de verde, onde fomos tomar lugar, por ordem de edade; os menores ocupando as primeiras filas e os maiores as ultimas. Do centro do forro pendia um candelabro de tres bicos, por onde o gaz se escapava assobiando. Sobre a banca um photomobile acceso e um grosso livro de encadernação de couro.

O Padre Roberto era muito moço ainda; podria ter, no maximo, vinte seis annos. Magro, tranzino, de rosto chupado e pallido, fronte larga e cabellos anelados e escuros, todo elle respirava mansidão e docura. Os olhos rasgados e negros viviam perennalmente velados por uma sombra de tristeza resignada. Quem o visse pela primeira vez

conheceria logo que lhe não tinha sido bemfazejo o destino; grandes tempestades de dor devem de certo ter brutalmente sacudido aquella existencia. Por baixo da sotaina negra que lhe envolvia agora o corpo descarnado, dormia sem duvida uma grande e incomprehendida desventura, dessas que para sempre envenenam uma vida.

— E, na verdade, corria acerca do Padre Roberto uma lenda dolorosa e triste. Contava-se que elle fôra forçado a ordenar-se pela vontade despótica de um pae que se supunha obrigado a immolar a Deus a mocidade do filho para alcançar a salvação. O pobre rapaz, sem forças para reagir contra a pressão paterna, abandonou aos quatorze annos a sua villa natal e veio para o Seminario da capital, tomar ordens. Augmentava ainda mais as saudades que trazia do logarejo humilde que o vira nascer e onde a sua primeira infancia se escoara, a lembrança de uma prima que lá deixara, da mesma idade que elle, que fôra a companheira de todos os seus folguedos de creança e cuja imagem agora, perdidamente querida, vivia na sua alma, tornando mais pesado e mais negro os sacrifícios que imponham.

Depois de ordenado voltou a sua aldeia, para visitar o pae. Quando lá chegou, porém, o velho havia sucumbido de um ataque de apoplexia, em

seguida a uma resinga com um vizinho que lhe mandara atirar a uma vaca de estimação, sob o pretexto de que o pobre animal invadira a sua propriedade, damnificando-lhe umas plantações. A Maria, tal era o nome da prima, estava casada, havia mais de tres annos, como um bruto, que vivia quase sempre bebedo e que a espancava noite e dia. Não fôra por vontade própria que a infeliz se ligara para sempre a

semelhante monstro. Se lhe fôsse dado obedecer ás suas inclinações, seria Roberto o preferido. Embora não pudesse casar com elle, permaneceria sempre fiel a sua memoria, amando-o em silencio, por entre os refolhos intimos da sua alma de virgem. Mas o tio, o pae de Roberto, em cuja companhia vivia a rapariga, desde que lhe haviam morrido os pais, deixando-a na mais nua das misérias, forçou-a áquelle enlace, seduzido talvez pela pequena fortuna de que dispunha o noivo. E a pobresinha sujeitou-se à vontade despótica do tio com a mesma resignação mansa com que Roberto outrora se havia curvado ao capricho oppressor do pae. E começou a sua vida de torturas, e foi iniciado o seu martyrio.

Quando o padre a vio de novo parecia ella uma sombra do que fôra em tempos. As rosas da mocidade de ha muito se lhe haviam desbotado nas fa-



MARANHÃO—Praça Benedicto Leite.

ces, o brilho dos olhos se apagara, afogado nas lágrimas, e os seus cabelos, os seus formosos cabelos, castanhos e crespos, estavam já salpicados de inúmeros fios brancos.

Ah! que imensa dor que sentiu o rapaz ao contemplar a prima, a sua querida companheira de infância, a sua inocente e casta amada, como elle immolada à tyrannia do pae! Estreitou-lhe as mãos em silencio, encarou-a longamente, num demorado olhar de afecto e de commiseração, e dos seus labios brotaram afinal palavras amigas de conforto e de animação. O amante desaparecera para dar lugar ao padre, ao supremo consolador das grandes dôres moraes. No seu íntimo uma onda de desespero e de revolta borbulhava, soprada pelo demonio, dando-lhe impetos de amaldiçoar a memoria do pae. Mas nem um vestigio sequer dessa tempestade secreta se lhe desenhou na face. Encaminhou-se para o cemiterio, ajoelhou junto á sepultura humilde do velho e ali permaneceu por mais de quatro horas em fervorosa oração. No dia seguinte, sem rever a prima, voltou à cidade e veio para o seminario.



MARANHÃO—Igreja de Santo Antônio.

Começou então a sua vida de apostolo, inteiramente dedicado aos deveres da sua profissão. Uma piedade infinita lhe transbordava dalma por todas as misérias humanas. Onde houvesse um doente ou um infeliz lá se achava invariavelmente o Padre Roberto, a prodigalizar-lhe os consolos da religião. Formou-se ao seu redor uma lenda de santidade, que elle procurava por todos os meios desfazer, porque lhe repugnava ao espírito recto e simples as superstíciones grosseiras do carolismo. Mas tudo de balde. O homem era santo, proclamavam as devotas e quando elle passava pela rua ou atravessava a Egreja em direção ao altar, benziam-se todas, estendendo para elle as mãos e levando-as depois aos labios.

Eu conhecia toda a historia do Padre Roberto e tinha por elle uma veneração sem limites. Naquela noite, enquanto o santo homem ia desfendo a historia do santo do dia, entremeiando-a

de reflexões piedosas, eu estatico, absorto, não despregava delle os olhos. Fazia-me bem, depois das coisas horrorosas que me havia contado o Carlos, contemplar finalmente um padre que em tudo correspondesse às idéas que a respeito desses representantes de Deus na terra me havia semeado na alma minha mãe.

—Ao menos este, dizia commigo, será incapaz de praticar os horrores commetidos pelo Padre Fernando.

E durante toda a noite sonhei com o Padre Roberto, vendo-o subir lentamente para o céu, cercado de anjos, que entoavam canticos harmoniosos e doces. A entrada do Paraíso, toda vestida de branco, risonha e feliz, destacava-se uma mulher muito moça ainda, formosa e meiga.

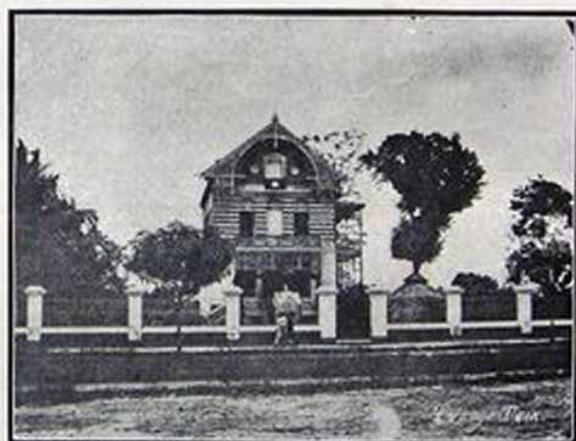
—E Maria, a noiva do Padre, que o aguarda para efectuar no céu as suas nupcias mysticas —segredava-me uma voz desconhecida. Eu fazia esforços sobrehumanos para descobrir o rosto de quem assim me falava, mas tudo em vão. Não via ninguem, apenas ouvia aquella voz mysteriosa a repetir:

—E Maria, a noiva do Padre...

E quando acordei pela manhã, ao toque da sineta das cinco horas, parecia-me que nunca mais se me apagaria da retina aquella visão extraordinaria.

—A seguir.

JAYME DE AVELAR.



PARÁ—Chalet SAUDADE

Um desmentido da historia⁽¹⁾

Se Henrique IV e Luiz XIII tenazmente se haviam opposto à política de reacção que lhes era dirigida pelo clero e pelos catholicos franceses, certando ouvidos à pregação do primeiro e reprimindo as tentativas de sublevação dos segundos, outro deveria ser em semelhante assumpto o procedimento do Rei Sol.

De uma ignorância absoluta e completa em matéria de religião, mas ao mesmo tempo de uma devoção exagerada e estreita, Luiz XIV, mais que nenhum outro, reunia em si os requisitos moraes

(Vid. o n. 48 d'A Revista do Norte).

SUPPLEMENTO AO N. 49

1 DE SETEMBRO DE 1903



Tupogen, Tex.

Junto á fonte

A REVISTA DO NORTE

Maranhão—BRAZIL

necessários para se transformar no agente submisso e docil da tática romana. Os seus primeiros anos se escoaram no convívio dissolvente das mulheres e dos padres, que habilmente preparavam o espírito do jovem príncipe de forma a poder sobre elle mais tarde agir com segurança e firmeza. O espírito jesuítico, a despeito das fulminações violentas das *Provinciales* de Pascal, constituía ainda a directriz suprema do clero; e foi graças a sua política habil, toda de manejos subtils e de expedientes vethacos, minando surdamente o que pareciam na apparença acatar, e profligando abertamente o que em segredo applaudiam, que o partido dos cathólicos triumphou na França na ultima metade do seculo XVII. A casuística hespanhola vinha fornecer aos adversarios dos protestantes uma norma infallível de procedimento.

nhã e ás seis da tarde, e o jesuíta Meynier, controversista de profissão, justificava da seguinte forma semelhante pedido, evidentemente contrario ao espirito do Edito: «Do estudo aprofundado do texto do tratado de 1598 verifica-se que em passagem alguma desse documento foi estatuida a permissão para que o enterramento de um reformado possa ser feito durante o dia; resulta por consequencia que elle só poderá ter lugar á noite». E aos protestantes que aventuravam que a doutrina contraria poderia tambem ser sustentada com os mesmos fundamentos e pelo mesmo processo, retrucava o Padre: «Os nossos adversarios não tem o direito de chicanar sobre este ponto, pois o rei determina que se obedeça em absoluto a letra do tratado».

Alcançada essa primeira victoria, isto é, obtida do rei a nomeação de commissários especiais



DUQUE DE CAXIAS

Começou o clero reclamando do rei medidas energicas, no sentido de serem rigorosamente observadas as prescripções do Edito de Nantes, procurando, porém, simultaneamente, dar uma interpretação toda especial e favorável aos seus desígnios a semelhantes prescripções. Um facto basta para fornecer a medida exacta da casuística originalissima dos interpretadores.

Pretendiam elles obter do rei um decreto estabelecendo que aos reformados não fôsse permitido celebrar exequias senão ás seis horas da ma-

incumbidos de velar pela fiel execução do Edito, começou o clero a pôr francamente em accão a lógica inflexível do systhema romano que fazia da heresia um crime político, reclamando e executando, em plena era de paz, rigorosas medidas de exceção. Mais de cem templos protestantes foram demolidos, sob o pretexto falso de que o seu funcionamento se não fazia de acordo com o *espirito* do Edito; milhares de reformados foram brutalmente compellidos a abandonar o exercicio do seu culto, sob pena de se verem privados de todos os meios

egas de subsistencia, porque lhes eram trancadas todas as portas de trabalho. Por diversas vezes dirigiram os opprimidos queixas e supplicas amargas ao rei, invocando a seu favor, não mais as disposições do tratado de 1598, mas os simples sentimentos naturaes de humanidade e de justiça. Quando foi publicada a celebre declaração de 17 de junho de 1681, ordenando que fossem arrancadas aos paes as creanças de sete annos de idade e compellidas por todos os meios a abandonar o protestantismo e abraçar a religião catholica, um imenso grito de dor se fez ouvir por quase toda a França calvinista.

«Senhor, exclamava em nome dos seus cor-
religionarios o ministro Jurieu, escutae por piedade os ultimos gritos da nossa liberdade moribunda!

cão», confirmado a hedionda e barbara declaração, e advogando por todos os meios a teoria do *constrangimento em matéria de fé*. Publicaram uma edição nova da carta de Santo Agostinho ao donatista Vicente, em que o bispo de Hippona preconisava o emprego da força para trazer de novo os dissidentes ao seio da unidade catholica, identificando-a com a actual situação religiosa de França. A situação é perfeitamente idêntica, afirmavam, basta mudar os nomes para ver nas palavras do Santo o mais caloroso elogio à conducta do rei.

Isolar cada vez mais os reformados, feri-los na sua fortuna, no amor dos seus filhos, colocá-los finalmente entre as duas pontas deste dilema fatal: ou a abjuração, ou a miseria, tal foi a política seguida pelos clérices. A passividade do rei ser-



Typegr-Press.

PARA' A CATHEDRAL.

Roubam-nos os nossos filhos que constituem uma parte do nosso ser... Somos porventura Turcos ou infieis inimigos? Não somos, pelo contrario, subditos leaes, bons e fieis cidadãos franceses como os catholicos? Derramaremos até a ultima gota do nosso sangue pelo nosso rei e pela nossa patria. Que fizemos nós, que negro crime commettemos para que nos despêdarem assim o coração?

E a esses protestos doloridos contra a mais negra das monstruosidades que ennegrecem as páginas da historia francesa nos fins do século XVII como respondia o clero? Affirmando ao rei que a edade de sete annos era a justamente aquella em que «as creanças devem ser levadas a escolha numa matéria tão importante como é a da sua salva-

via-lhes admiravelmente os designios; e para o triunfo definitivo e completo da sua ambição apenas faltava transformar a perseguição disfarçada na perseguição violenta, revogando de vez todo o Edito pacificador.

Na assembléa geral do clero frances, de 1685, o arcebispo de Pariz estabeleceu a preliminar de que «o Edito de Nantes não podia mais servir de lei geral, em razão das modificações e das interpretações que por diferentes vezes lhe haviam sido feitas». Foi em seguida redigida uma petição colectiva ao rei sollicitando-lhe que expulsasse os protestantes dos tribunaes franceses, que lhes mandasse fechar as typographias, as escolas e as livrarias que os privasse dos seus cemiterios, e terminan-

do por concitar o soberano a recorrer, se preciso fosse, ao sistema do ferro e do fogo para a extirpação da heresia, proclamando que todo o clero, apesar da repugnância que lhe ditavam os princípios de humanidade, se achava disposto a tomar parte na guerra santa, ordenada pela vontade terrible do *Deus das vinganças*.

Foi deferida a petição e a guerra santa começou. Seria interminável a lista das atrocidades cometidas nessas execuções que a história registou

proprios bispos que, salvo raras exceções, diz Saint Simon, *de bom grado se prestavam a semelhantes abominações*.

Muitos, loucos de terror e de desespero, corriam a casa dos intendentes e dos prelados para assignar a declaração de abjuração que lhes devia pôr fim aquella tortura inenarrável. «Do suppicio à comunhão, escreve ainda Saint Simon, nem chegavam ás vezes a decorrer 24 horas».

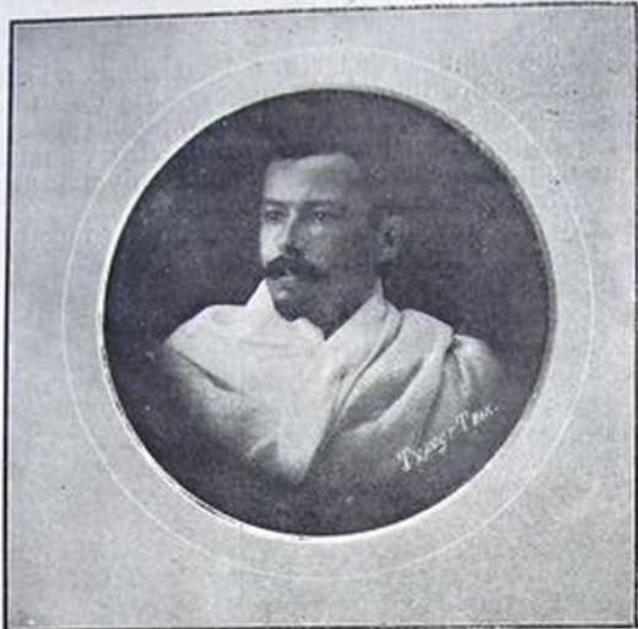
Apenas um passo e a vitória do clero se ma-



PARA—RESERVATORIO DA COMPANHIA DAS ÁGUAS

sob o nome de *dragonadas*. Os protestantes eram intimados a abandonar dentro de oito dias a sua religião, e, se terminado esse prazo não o houvessem feito, acorriam os dragões, que enforcavam os velhos, as mulheres, as crianças, atiravam-nos a fogueiras immensas, precipitavam-nos em poços profundos, numa sêde de sangue e de crueldades que só o fanatismo religioso sabe inspirar. À frente desses grupos achavam-se, na maioria dos casos, os

nifestaria em toda a linha. E esse passo foi dado por Luiz XIV, em Fontainebleau, no dia 17 de Outubro de 1685, com a promulgação do decreto que revogava por completo o Edito de Nantes. Os protestantes poderiam continuar a residir em França, mas todo o culto público lhes foi interdito e os seus filhos deveriam ser educados na religião católica; e quando, para fugir a esta pressão cruel, procuravam no exílio a paz das suas



CORONEL PLACIDO DE CASTRO
Chefe da revolução acreana.

consciencias, foram ameaçados com as galés perpétuas.

Estava vitorioso o clero e os seus elogios à conducta do rei explodiram entusiastas. O mais ilustre dos seus oradores, Bossuet, exclamava, na sua oração fúnebre do chanceller Le Tellier: «Que os nossos corações exultem ante a grande piedade de Luiz! O grande rei acaba de confirmar a fé com o exterminio dos hereticos. Só Deus lhe poderia ter ditado esta maravilha!»

Roma se vinha tambem juntarao clero frances, e Innocencio XIV escrevia a Luiz XIV: «A Egreja Catholica marcará nos seus annaes uma tão grande obra da vossa devição para com ella e jamais cesará de louvar o vosso nome».

A revogação do Edito de Nantes assignala uma era nefasta na historia da civilisação francesa. As perseguições anteriores haviam interditado aos protestantes da França o exercicio das funcções publicas e das profissões liberaes, e viram-se elles por isso obrigados a se consagrar exclusivamente ao commercio e ás industrias. Quando estas últimas garantias lhes foram afinal suspensas, mais de quinhentos mil calvinistas franceses, a despeito da vigilancia das autoridades, abandonaram a França, levando aos paizes estrangeiros que lhes ofereceram abrigo o contingente valioso da sua instrução técnica e do seu trabalho util. A Suissa, o Palatinado, a Hollanda e a Inglaterra enriqueceram o seu commercio e a sua industria com esses poderosos elementos que a politica de reacção de Luiz XIV expulsava do seu paiz. Por outro lado esse acto impolítico do rei creou para a França a hostilidade das potencias estrangeiras favoraveis ao movimento da reforma religiosa e as guerras e lutas civis que a semelhante procedimento reaccionario se

seguiram por largos annos obstaram a que se produzissem os resultados beneficos sonhados por Henrique IV para o regimen de tolerância e de pacificação que iniciara.

O clero frances que foi o principal responsável por semelhantes males não tem absolutamente o direito de invocar a tolerância de Bearnez contra as medidas energicas ultimamente postas em prática pelo ministerio Combes, na execução da Lei relativa ás congregações religiosas da França.

Maximo de Sá.

Cultual

Eu tenho um culto sacrosanto e casto,
Crença divina que em minh'alma abrigo,
Que nem um instantaneo só do peito afasto,
E que a todos os momentos eu bemdigo.

Quando, em sonhares, eu na mente arrasto
Do meu futuro os loiros, ou prosigo
Num pensamento amargo, sempre engasto
Na minha idéa o culto casto e amigo

Esse culto supremo és tú, donzella,
E's tambem quem me guia o passo incerto,
O leite que d'esta alma guia a vela.

E a remissão sublime que antevejo
Como um sonho a fugir, quando desperte,
E—do teu rubro labio um longo beijo...

Nereu Bittencourt.

FEDALEGA

Quando o teu vulto principesco assoma
Dos meus sonhos na etherea transparencia,
Exhibindo nos labios a insolencia
Das tentadoras cortezans de Roma...

E deixas descair com negligencia
Sobre as espadas a doirada coma
Dos teus cabellos de abundante somma
De capitosa e provocante essencia...

Com o insolente orgulho das fidalgas,
Que illumina-te os olhos cõr de opalas,
O throno azul dos meus afectos galgas...

Quando tu passas magestosa pelas
Salas régias, parece que resvalas
Sobre um Danubio magistral de estrelas...

Maranhão Sobrinho.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE SETEMBRO DE 1903

NUM. 50



OS CARDEAIS REUNIDOS EM CONCLAVE PARA A ELEIÇÃO DE PIO X.

O ENSINO DAS LINGUAS ESTRANGEIRAS

O ensino das linguas estrangeiras pelo método natural ou *directo*, como lhe chama o professor Schweitzer, é um dos triumphos incontestaveis da pedagogia moderna.

Os velhos processos da traducção e da gramática para dar a um alumno o conhecimento de uma lingua que não era a sua, sobre ser antinatural e antilogico, prejudicava sobremodo, pela sua applicação absurda, a boa disciplina mental, condição primaria de todo o ensino. A creança começava o estudo por onde o deveria terminar, isto é: pelo exame de questões philologicas e grammaticaes que apenas servem para pulir e firmar racionalmente e conhecimento de um idioma qualquer. E o resultado final, depois de annos e annos de um labor ingrato que lhes sobrecarregava extraordinariamente a memoria e cansava o espírito, era poderem os estudantes, a muito custo, *traduzir* para a

lingua patria alguns trechos de franez ou de inglez. Quanto ao uso pratico de qualquer dessas linguas, nisso então nem é bom falar. Sabiam de cór e saltado como se formava o plural dos nomes em franez ou inglez, tinham na ponta da lingua os seus casos especiaes de concordancia e as suas subtilidades syntacticas; mas se alguém os puzesse em frente de um estrangeiro que desconhecesse o portuguez, seriam inteiramente incapazes de perceber o que esse estrangeiro lhes dissesse e muito mais de lhe dirigir a palavra na lingua propria. Dava-se com elles o que ordinariamente se dá com os que estudam o portuguez pela grammatica e pela analyse syntactica exclusivamente: enumeram sem titubear todas as regras da primeira, *dividem*, repartem, fractionam e multiplicam até se preciso for, qualquer estrophe de Camões ou qualquer trecho de João Lisboa. Mas se se vêem na contingencia de escrever quatro palavras, santo Deus! que horror: saem-lhes um amontoado de vocabulos, com a concor-

dancia exacta, a ortographia correcta, mas que podem ser tudo, menos portuguez que se possa ler. Falta-lhes o habito no manejo da lingua, a pratica que só a leitura dos bons autores e os exercícios methodicos de composição e de redacção podem dar.

Ora, está claro que o fim a que se propõe quem vae estudar uma lingua estrangeira não é apenas *ler* e *traduzir* qualquer livro nessa lingua escripto; o que se deseja antes de tudo, aquillo de que antes de tudo se carece, é de *falar* e de *escrever* essa lingua, de jogar praticamente com ella quasi com tanta facilidade como se fosse a sua propria. Esse conhecimento é que os methodos antigos não davam, nem poderiam dar e que o metodo moderno, o metodo natural, o metodo logico vem infallivelmente fornecer.

Conhecem todos os que se interessam por semelhantes questões as bases geraes em que assenta essa innovação da didactica conhecida pelo nome de *methodo directo*, para o ensino das linguas estrangeiras. O alumno principia o estudo do francez ou do inglez como começou o da sua propria lingua: *ouvindo* e *vendo*. O livro de traducção, a gramática e o diccionario são substituidos pelo gesto, pela imagem e pela palavra *na propria lingua que se está ensinando*. O professor pela gesticulação, pela entonação da voz e pelo auxilio de imagens e de estampas muraes, faz-se comprehender pelo alumno desde a primeira lição. E d'ahi por diante, seguindo sempre uma serie racional e methodica de exercícios e de dialogos, vae este ultimo pouco a pouco penetrando na comprehensão e na applicação da phraseologia estrangeira, e ao cabo de alguns meses de estudo pode já, com uma relativa facilidade, sustentar com o professor uma conversação seguida na lingua que está aprendendo.

A prevenção indígena contra todas as innovações uteis que nos veem do estrangeiro civilizado, corre parelhas entre nós com o açoitamento com que se aceitam todas as futilidades que da mesma procedencia nos chegam. Por um phenomeno de explicação difícil mas talvez possível, agarramo-nos com quatro mãos a um novo preceito de moda, a uma nova modificação da etiqueta que os figurinos e jornaes mundanos de Paris nos tragam; mas estacamos e recuamos desconfiados quando nos veem dizer que os methodos por que ensinamosos nossos filhos, que o modo por que construimos as nossas casas, que os nossos habitos de vida domestica são prejudiciaes e nocivos quer à saude do espírito, quer á do corpo. E só depois de nos convencermos pela pratica dos mais ousados de que na verdade tudo teríamos a lucrar com a substituição indicada é que nos vamos pouco a pouco sujeitando a abandonar a rotina e a enveredar pela nova trilha que nos apontam os entendidos.

Ha uma infinitade de annos que o metodo directo para o ensino das linguas estrangeiras é em larga escala praticado na Europa e cada vez com maior e mais decidida acceptação. Pululam, por assim dizer, como cogumelos, nos principaes centros europeus, as *Berlitz Schools of Languages* e outros estabelecimentos congeneres, onde o ensino das linguas vivas é ministrado por processos racionaes e logicos, permitindo aos alumnos que dellas sahem

manejá os idiomas que lá aprenderam com facilidade e com segurança. Até em Portugal que, justiça se lhe faça, parece alimentar com relação aos melhoramentos do estrangeiro em materia de ensino as mesmas prevenções prudentes que nos animam, já foram installadas, ha perto de tres annos, diversas Escolas Berlitz, em Lisboa, no Porto e em outros centros adiantados do paiz. Quem escreve estas linhas teve occasião de visitar por mais de uma vez o primeiro desses estabelecimentos e apreciar de perto os resultados admiraveis que lá são diariamente colhidos com a applicação intelligente do metodo inventado pelo professor que lhe dá o nome.

Na França é tamanso o interesse ligado ao aperfeiçoamento do ensino das linguas vivas, que já as grandes revistas technicas e as mais altas summidades do magisterio cogitam na applicação de um processo curioso e novo, mas cujos effeitos beneficos no sentido da vulgarisaçao pratica dos idiomas estrangeiros no paiz ninguem poderá pôr em duvida. Trata-se nada mais nada menos do que da *troca internacional* de um certo numero de creanças francesas por outras tantas inglesas, alemaes, italianas, etc. Em cada uma das principaes cidades da França deverão ser organizados, para tal fim, comités especiaes, compostos das notabilidades do commercio, da industria e do professorado. Cada um desses comités se porá em contacto directo com um outro analogo do estrangeiro, estabelecido no paiz com o qual se ache em relações mais estreitas a cidade em que funcionar o primeiro; e por uma cooperação intelligente e mutua proverão os dois a todas as exigencias e necessidades de detalhe da troca das respectivas creanças, de idade nunca inferior a treze annos.

Como se vê, não pode haver idéa mais luminosa e mais eficaz do que essa para diminuir as barreiras que a diversidade dos idiomas levanta entre os paizes que compõem o mundo civilizado, contribuindo assim para que cada vez mais se estreitem entre elles os laços de solidariedade e de amizade reciproca—bases primordiaes da grande obra de fraternização universal que virá constituir a gloria dos séculos futuros.

Entre nós já alguma cousa se fez no sentido de melhorar a aprendisagem das linguas estrangeiras. Na Escola Normal do Maranhão, o ensino da lingua francesa, a cargo do Dr. Almir Nina, um espirito orientado e culto, a cuja nobre e rasgada iniciativa se deve a criação do *Instituto Rosa Nina* que representa o primeiro passo dado para reforçar de vez o ensino primario particular nesta capital, feito de acordo com o metodo directo. E quando não bastasse a simples reflexão e os argumentos theoricos para estabelecer de um modo irrefragável a superioridade dos novos sobre os antigos processos didacticos, ahi estão patentes os aproveitamentos colhidos pelas alumnas da Escola Normal para persuadir os mais emperrados e converter os mais teimosos.

Agora o que é necessário é que o exemplo fornecido pelo instituto oficial se propague aos estabelecimentos congeneres de iniciativa e direcção privadas; é que os nossos professores particulares



O CARDEAL RAMPOLLA DEPOSITANDO A SUA CEDULA DE VOTO.

resolutamente, animados por um ardente zelo apostólico, se venham inscrever nas fileiras da nova cruzada reformadora do ensino. Que façam, sem piedade e sem dó, um grande e comburente *auto da fé* e nesse atirem as grammaticas, os livros de tradução e os diccionarios, com o mesmo proselytismo ardoroso com que os *torquemadas* de outr'ora torravam os infelizes heréticos que se insurgiam contra a disciplina romana. Ao fogo, ao fogo de uma vez para sempre, com todas essas velharias, com todos esses malditos instrumentos de tortura das intelligencias infantis, com todos esses flagelos barbaros, que reunidos à classica palmatoria, ás fatídicas *orelhas de burro* e aos infalíveis tres grãos de milho para os joelhos, formavam o espantalho estarrecente das tristes creancinhas de outr'ora, fazendo-as ver na Escola um antro pavoroso de mar-

tyrios e de máos tratos, quando ella pelo contrario lhes deveria sempre apparecer como o templo luminoso da alegria e da paz, como a grande tenda do trabalho espiritual, sadio etonificante, como a chrysalida promissora onde lentamente se operaria, por entre os hymnos triumphaes da victoria e ao sopro generoso e largo do amor e do carinho dos mestres, a transformação das suas almas, emergindo das trevas da ignorancia para entrar no clarão bemfazejo do saber.

Que se convençam todos, de uma vez para sempre, que a questão do ensino das linguas estrangeiras é uma das faces capitais do nosso problema pedagogico. Quem nascer num paiz em que se fale o portuguez e não conhecer sequer, com segurança, o francez, nunca poderá ser um homem culto, um homem apparelhado espiritualmente para tirar das riquezas naturaes que o cercam todos os elementos de prosperidade individual e collectiva que elles em si encerram, porque, infelizmente, a literatura a da nossa lingua, quer em obras originaes, quer em traduções, é de uma pobreza dolorosa no tocante a publicações d'aquelle categoria.

E convencidos dessa verdade trabalhem com dedicação e com interesse para vulgarizar entre nós os idiomas estrangeiros, e com especialidade o francez, que é o vehiculador internacional por excellencia de todos os livros e de todas as idéas publicados e advogadas em qualquer ponto do Universo civilizado.

E semelhante vulgarização só poderá ser operada com eficacia e com segurança pelo methodo racional, pelo methodo lógico, pelo methodo natural, pelo methodo directo emfim.

ANTONIO LOBO,

João Pedro

A mulher abalára com o Zé Beiçola.

Aquelle desamor, que a mais fria e cruel das traições tornava mais dolorido, cavarava-lhe no coração um desgosto profundo, que lhe abatia todas as forças e lhe enchia os olhos de lagrimas.

Nos accessos de colera, que lhe asphyxiavam a alma, como uma unica recompensa ao enorme desespero que lhe agrilhoava o coração, desapiedadamente ferido por aquella que um dia jurara ser

sua até à morte e trahira a promessa feita,—João Pedro concebia a idéa de punir os culpados.

E lembrando o nome da que fôra a escolhida do seu afecto e que como um oasis devia abrir no seu viver rude e trabalhoso uma estancia de paz e de alegria, de amizade e de meiguices, mais se accentuava em sua alma a magua que a pungia.

E a vergonha d'essa traição trazia-o humilhado e pusilamine como um covarde!

Se via alguém, desvia os passos para outro lado, a fugir das perguntas indiscretas. Mesmo as palavras de conforto e de sympathia com que a gente amiga procurava fortalecer-lhe o animo abatido e suavizar-lhe a dôr daquella tremenda desgraça, mais profunda tornavam a ferida que lhe sanguava o peito.

O lar, a officina, as arvores, os caminhos, tudo parecia falar-lhe da ingrata; e, quantas vezes, deante dos seus olhos pisados de angustias e a trasbordar d'água, o vulto da Joanna apparecia, abrindo na sua existencia agora entristecida um clarão de alegria?

E nesse extase cruel, um sentimento mixto de amor e de odio agitava-o todo; e o espetro do antigo amor despertado, vinha tremulo e choroso, arrastado por uma nostalgia infenecível, vêr aquella que o abandonara e que, mais do que nunca, vivia agora presa ao seu espirito.

Ora sentia acerada de ira a alma, numa revolta justificada de brios, clamando por vingança, impenitente e sanguisedenta; ora o coração, calmo e generoso desarmava-lhe o braço ameaçador, porque o sentimento de raiva não podia supplantar o grande amor que ainda votava á culpada, e assim se deixava ficar numa agri-dóce comma de saudades...

E lá se iam por terra, num ruir fragoroso de

cachoeira, todos os planos preconcebidos de punição. Mas, logo desfeito o sonho rapido de uma ephemera felicidade gosado nesse extase em que a razão nada deliberava, o horto de venturas tornava a ser o mesmo calvario de sofrimentos que João Pedro ia palmilhando por entre os espinheiros do tormento que lhe dilacerava as carnes, desde o dia em que a mulher abalara com o Zé Beiçola.

Era preciso fugir daquelle logar de supplicios, ir para outra terra onde ninguem o conhecendo lhe recordaria a traição sofrida.

Fôsse buscar a outra parte o balsamo de que precisava para viver...

Viver! Ria-se perdidamente. Viver para servir de escarneo aos outros?!... Viver para sofrer mais?!... Viver para ver outro gosar a mulher a quem amava, mesmo agora em que procurando esquecer-a, mais indelevel sua imagem ficava gravada nas suas retinas e seu nome cantava-lhe aos ouvidos, como o estribillo de uma canção, que nos evoca um passado feliz!?

Nunca!—rugia como uma fera.

Polycarpo, o discípulo amigo, procurava acalmá-lo, o que conseguia.

João Pedro acabou por ficar ali mesmo, apagado ao logar de sua deshonra, humilhado e ferido mesmo pelo olhar de compaixão que lhe lançavam, sem coragem de ir para longe daquella que lhe jurara eterno amor e vivia agora nos braços de outro, ás suas barbas.

A herva damninha tomava de assalto as paredes da officina, tudo escangalhando e destruindo.

Não se abatera um dia o castello de felicidades que elle architectara no lar, ao lado da esposa adorada? A maior porção de sua fortuna: a mulher que era o seu unico thesouro, não se fôra?

Que lhe importava agora que tambem viesse a desabar a casa! Prouvera a Deus até que elle ficasse sepultado sob as ruinas.

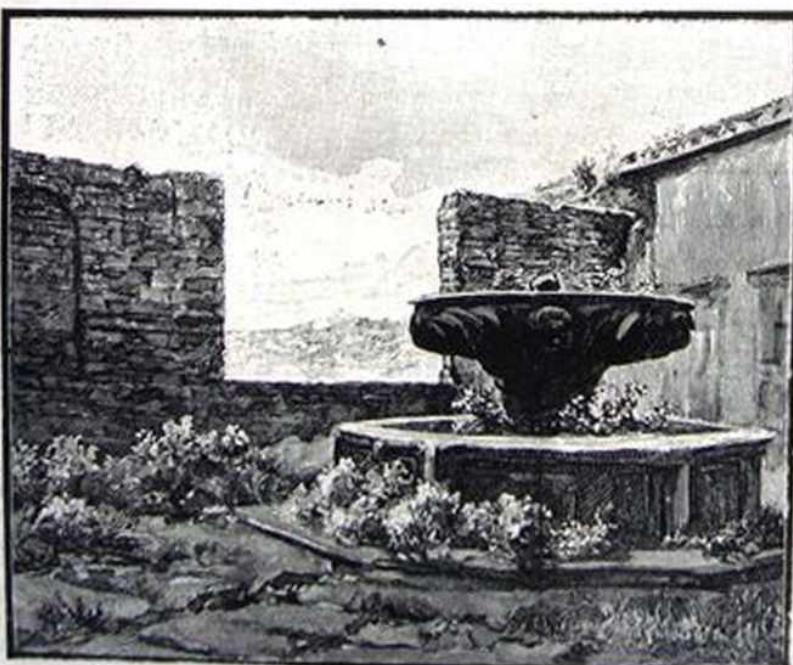
E as doenças com os padecimentos moraes vieram por fim atiralo ao fundo de um leito. Era completa a desgraça!

Tinha a physionomia exótica de um doido. Nunca mais brilhou-lhe nos labios um sorriso de ventura. Eram como um trecho de campo sobre o qual cabisse a inclemencia dos céus no mais horrivel castigo, e onde a terra esteril e abrazadora não produzisse nada, causticada por um sol calcinador!...

A's vezes, o aprendiz punha-se a cantar chulas alegres, batendo a sola para arrancar com muito trabalho o pão escasso e mal remunerado que matava a fome áquellas suas boccas famintas.

E a voz do Polycarpo, palpitando de uma alegria vibratil e communicativa como o repicar dos sinos da villa nos dias de festa, em vez de amenizar aquella tristeza infinita, mais aumentava-a, recordando a João Pedro os dias em que elle e a Joanna se punham a trovar ao desafio.

Mas, um dia, o Polycarpo entrou em casa esbaforido, a correr para o leito de



VITERBO (ITALIA) FONTE NUM TERRAÇO ABANDONADO.

SUPPLEMENTO AO N. 50

16 DE SETEMBRO DE 1903



Pio X

A REVISTA DO NORTE

Maranhão - BRAZIL.



VITERBO (ITALIA) FACHADA DO PALACIO DO ARCEBISPADO.

mestre. Mirava-o d'olhos esbugalhados e immoveis, sem dizer palavra.

João Pedro ordenou-lhe:

— Anda, fala!

Elle bem que fez esforços, mas a commoção era tamanha que a voz lhe morria estrangulada na garganta.

O velho sapateiro deitou-lhe a mão e sacudiu-o:

— Anda, fala!

O Polycarpo fez um esforço, e ululou:

— A Joanna... pagou tudo!...

João Pedro fitava-o com um olhar interrogativo, pallido, amparado pelo outro. E o discípulo acrescentou:

— Matei-a!

No rosto de João Pedro havia uma expressão apavorante de allucinado. A notícia, colhendo-o de surpresa, estupidamente o bestializara deante do outro, que elle remirava attento.

E o Polycarpo tinha crises nervosas de riso, penetrando com o olhar até ao fundo da alma do mestre, como a arrancar-lhe essa palavra de agradecimento que devia recompensar o sacrificio que fizera de sua liberdade, punindo a adultera por dedicação ao que lhe fôra mestre e pae.

E em logar dos labios de João Pedro reflorirem no mais justo sorriso de satisfação,—Polycarpo viu-lhe os olhos encherem-se de lagrimas.

Amaria elle ainda aquella que lhe chapinhara na honra a lama da mais infame e hedionda das traições?

Não acreditava que o mestre tivesse oblitera-

dos todos os sentimentos de honra e de gratidão... E repetiu:

— Matei a cachorra!

João Pedro pegou-lhe no pulso, puxou-o para junto de si, e quando Polycarpo, alegremente se dispunha a ouvir essa tão esperada palavra de agradecimento dos labios mudos do mestre, o velho sapateiro, dando-lhe um repellão, ululou num desespero de fera que sente perfurar-lhe o coração o ferro homicida, cego de amor pela perjura:

— Assassino!

AGOSTINHO VIANNA.

O AMARO

Pensador e jurista, o Amaro, pouco dado a coisas de sociedade, lá fôra cumprimentar o excellente Coronel Jordão.

Sob o quadrado e vermelho alpendre da iluminada vivenda do Coronel, estendia-se uma extensa linha de cadeiras de braços, severamente arrumadas para os amigos e as prosas dos mesmos. O palacete era colocado numa das mais procuradas ruas e tido como centro das ideias e das grandes revoluções da cidade. A esquerda, dando entrada a um magnifico jardim, via-se uma renque de estatuas de louça, encarnando as mais celebres divindades pagãs.

Nessa noite o movimento cresceria, febril e assombroso, porque o Coronel tivera a rara satisfação de completar nesse 1º de Agosto feliz, como sempre o saudava o eruditissimo Silva Coqueiro, os seus 70 annos de idade, consagrados à familia, aos filhos e à política, entusiasmaticamente à política. Cada qual, mais amigo, procurava demonstrar à illustre influencia o seu devotamento e a sua sinceridade de voto, quando tantos annos de oposição fizera desse puritano um verdadeiro exemplo e um abnegado *cabo* de tão volumoso partido. Ia por isso um movimento pouco visto de felicitações e abraços, de profusa distribuição de cerveja e farta e repetida comezaina.



VITERBO (ITALIA) VISTA POSTERIOR DO PALACIO DO ARCEBISPADO

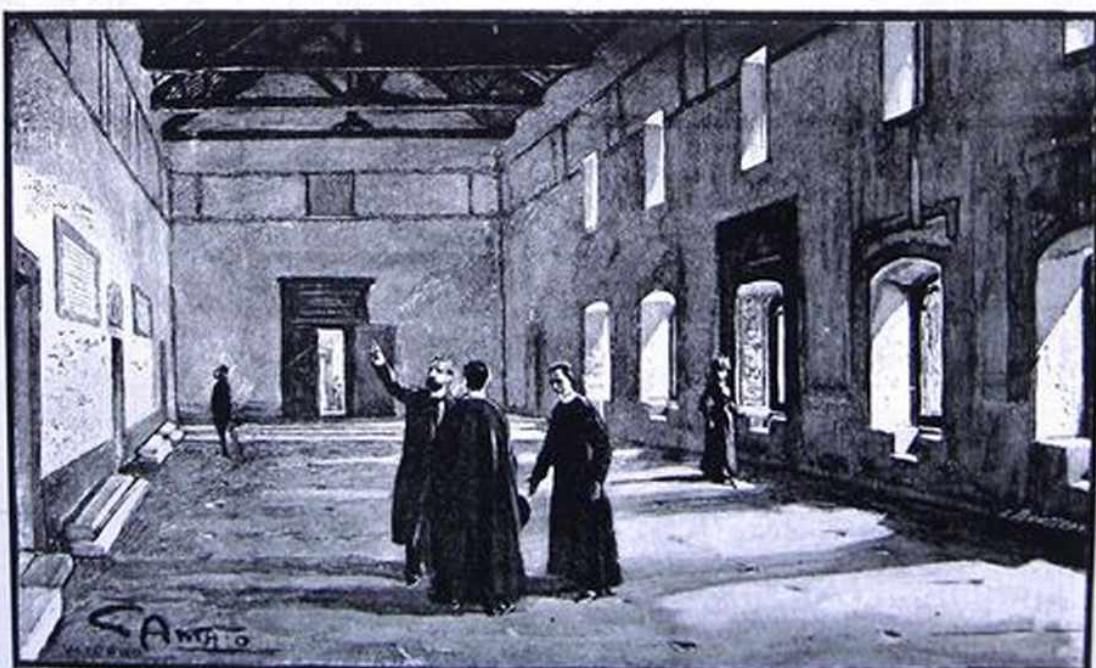
De vez em vez o Coronel, calorosamente chamado, acudia a um discursante que, com a reverencia devida a tão escabroso assumpto, desenvolvia, com austeras palavras e frisantes gestos, um thema ali mesmo concebido, em que o Ostracismo era o tempore obrigado, a cadeia inquebrantavel o eterno ideal, das originalissimas phrases do momento. Depois vinha a indispensavel saude aos dotes intellectuaes, ao pae exemplar, ao amigo leal, ao soldado firme, atravessando pinheiraes e barracones e ao prototypo de honradissimo patriota.

O Coronel, homem de apoucada cultura, mas de muitissima experientia, conforme dizia, com um lustroso e bem apparelhado sorriso, de alma simples e bondosa, levantava alto a taça, onde o ambar delicioso da cerveja effervescia ainda, dan-

do-lhe um rendado soberano de espuma e agradecia tão sinceras provas de sincerissima amizade. E, gravemente, os convivas satisfeitos pela prolixidade do orador, sentavam-se reclamando de novo a fritada ou o perni recheiado.

Amaro, porém, no terraço, sob o alpendre, explicava os seus triunfos e a sua autoridade, quer fosse ella exercida em pleno tribunal, na presencia da lei e dos juizes supremos, quer fosse no tonificante conchego do lar, ao affago caricioso da mulher e ás meiguices casquinhantes dos seus queridos filhinhos. Ninguem, absolutamente ninguem, ousava contrariar uma ordem sua ou o menor e o mais fraco dos seus argumentos em favor duma causa perdida, ou em harmonia da felicidade conjugal. Era justamente, neste ultimo caso, que elle melhor se evidenciava, consubstanciando cada vez a mais a felicidade perenne e a paz duradoura.

—Por um Janeiro frio de neve, cabriolando pelo copado do arvoredo, contava, aparecerá a primeira desintelligencia entre elle e a sua amantissima esposa. Um caso simples, que, talvez, por bom senso seria melhor occultar aos olhos cubicosos e avidos dos maldizentes. Coisa sem importancia, afinal. Nada mais nem menos do que a rabugice enervante e choramingas do seu primogenito, um louro pequerrucho de musculos desenvolvidos e de cacheados cabellos. Caso simples. O pequeno, «um pouco birrento» desobedecera á doce voz materna, insurgindo-se contra a ordem que recebera de recolher-se á rede. Desobedecera, mas caro lhe custaria isso, pois que elle, com todo o maravilhoso poderio que lhe outorgava a lei, por meio de



VITERBO (ITALIA) ANTIGA SALA DO CONCLAVE.

duas cantantes e paternas chinelladas, fizera-o seguir, cabisbaixo, soluçante e resignado, ao supremo consolo de linho branco, entrancado e em curva, com as suas pendentes bambinellas...

Este, como outros casos de mais elevada energia, elle com o seu saber e com a sua larga e respeitabilissima praticaria os resolvendo numa pennada. Nada, porém, o consumia mais do que essa remexida superioridade da Mulher. Isto moia-o! Onde era que já se tinha visto a «gallinha mandar mais do que o gallo», onde? E desculpou-se logo por tal comparação chata e reles de que gostava a plebe. Mas não podia, não podia admittir semelhante disparate! Doidos! Onde viram? Onde viram? queria quelli o dissessem.

E todos, ali, com os olhos derramados sobre o ruivo bigode assanhado de tão celebre personagem suspiravam, anciando, por mais ensinamentos, por mais sciencia, por mais luz.

Dentro, nos salões, ao som bamboleado duma walsa, os pares desordenadamente felizes por aquelle entrelaçamento momentaneo de sexos, de braços, de pernas, de perfumes, rodavam, no ardor febricitante do desejo...

E o silencio por sobre o quadrado alpendre mais se espraiava. Só a palavra secunda e facil do advogado quebrava aquelle torpor, tão em contraste com o borborinho da dança.

Repentino e inesperado, o som metallico e triste do clarim do batalhão, trouou, por entre aquella promiscuidade espantosa de mocidade e velhice, de alcohol e de musica, esgueirando-se e penetrando melancolicamente...

Para o Amaro aquillo fôra um doloroso aviso de recolhimento e de despedidas. Automaticamente, como sempre acontecia a tais horas, elle requereu do Coronel a sua grave cartolla e classica ben-gala de ebano com ponta de ouro e, com todo o peso da sua estranha figura de intellectual e de magistrado, cumprimentou, com delicado e medido baxar de olhos e cabeça, aos presentes, felicitando mais uma vez «o illustre Coronel Jordão». Este, cortez e social, trouxe-o até ao portão principal e, ainda reconhecido por tão alta prova de consideração, pediu-lhe que se demorasse alguma coisa mais, ao menos até os doces. Amaro, affavel e zombeteiro, replicou lembrando-lhe a enxaqueca desastrosa que semelhante acquiescência iria causar a sua queridissima consorte, tão costumada a velo entrar, invariavelmente! ás 9 e 1/4... E, com um risinho perfido, ajuntou, pesarosamente: «que raiva, coronel, que raiva de ter casado e de me ter de sujeitar a estas pequeninas coisas... Que raiva, coronel...»

Francisco Serra.

Excelsa

A MARIO DA SILVA.

Soberana rainha, excelsa divindade!
Essa tua altivez eu admiro tanto,
Que exulta nella embora um pouco de vaidade,
Num poema ideal essa altivez eu canto.

Um porte igual ao teu, quem hâde ter? quem hâde imitar desse olhar o seu menor quebranto,
Que encerra do luar a doce suavidade
E das cousas do ceu o mais formoso encanto?

E's a minha madona immaculada e pura,—
Esplendida mulher de rara formosura,
E corpo escultural de fina perfeição!

Ante quem me prosterno humilde, reverente,
—Eu o homem sem fé, mas que erigio, ardente,
Um altar para ti em pleno coração.

Alarico Ramos.

LYRICAS

IV

AO ALARICO RAMOS.

Tinhas o perfume suave e casto dos lyrios, a graça inocente e meiga das sensitivas...

Quando passavas sobranceira e altiva, orgulhosamente envolta no regio manto da tua belleza fidalgia, seguiam-te fascinadas as almas, presas ás seduções invencíveis do teu busto austero de rainha.

Deveriam ser assim, formosa, as soberanas de outros tempos, as nobres princesas de raça, quando deslisavam indiferentes por entre as freneticas aclamações das multidões delirantes.



ALA DO VATICANO HABITADA PELOS CARDEAIS DURANTE O CONCLAVE.



A «SFUMATA» (AVISTA-SE NO ULTIMO PLANO
A PEQUENINA CHAMINÉ DONDE SE ES-
CAPA A FUMAÇA (SFUMATA) ANNUN-
CIANDO A ELEIÇÃO DO PAPA).

Fulgia-lhes nos olhos o mesmo brilho severo que nos teus scintilla, errava-lhes nos labios o mesmo sorriso grave que nos teus se engasta.

O colorido desmaiado das tuas faces lembrava petalas de rosas desfeitas num mar de leite, o negro avelludado dos teus cabellos as noites perfumadas e quentes dos tropicos...

Quando falavas a tua voz assumia a sonoridade cantante de um cristal ferido pela queda isochrona de uma gota d'água transparente e pura, quando rias o teu riso evocava a queda argentina de uma cascata...

Nunca a sombra de um pensamento mau te empanou a pureza d'alma, nunca a innocencia do teu coração foi maculada por um desejo perverso...

Eras sincera e meiga, eras generosa e casta...

Pura entre as mais puras, santa entre as que mais santas fossem...

Foi por isso que eu te amei, querida, foi por isso que eu te quis, amei...

Fosse tu como as outras: que te mascarassem a hypocrisia, que te deformasse a dissimulação, e eu por ti passaria, como pelas outras passo, indiferente e mudo...

No meu espírito ficaria apenas a reminiscência da tua imagem como a de uma estatua primorosa entrevista num corredor de museu, como a de uma tela de valor, lbrigada de encontro a uma parede fidalga de salão de arte...

Mas não quis o céo, para ventura minha, que tal se desse, querida, não quis o céo que tal acontecesse, amor...

Atravez da tua impeccavel belleza physica eu divulguei logo a tua maior belleza moral...

Tive logo a certeza fulminante de que era uma alma de santa que se debruçava á beira dos teus dois olhos castos...

E amei-te por isso, querida, e por isso te quis amor...

E hoje vives para mim, perdurandoiramente, como a mais completa e a mais perfeita das criaturas da terra...

Ninguem no mundo é mais amada do que tu, querida, ninguem no mundo é mais querida do que tu, amor...

Porque tens a altivez das rainhas e a graça inocente e meiga das sensitivas...

Mario da Silva.

Martha

Casta, como tu és, de corpo e alma; casta
Nos sonhos e no olhar, dessa ampla astral, brancura,
O proprio orvalho e a propria luz das nuvens basta,
Para manchar-te o corpo e manchar-te a alma pura !

—No mundo, onde o desejo as almas, mau, vergasta
E morde e enlaça como o diabo da Escritura,
Fazes, limpa, lembrar, na fé que ao bem te engasta
Um lyrio que sorri sobre uma cova escura...

Não te seduz do Mal os vivos resplendores !
Vives, sem culpa como a alma que se desata
Nas bençãos do luar do coração das flores...

—Jamais roçou-te a fronte a azia ial dos vicios !...
E nunca os joelhos teus dobraram-se na obla...
Nem morderam-te o corpo os pregos dos cilicios...

Santa !

Santa ! esse nome que é do céo distilla
O mel sagrado dos sagrados favos...
Dentro delle o crepusculo rutila
E ha threnos de oiro de canarios favos !

—Vendo-te, odio essa mundana argila
De fructos podres de exquisitos travos,
E nos meus olhos brilha a luz tranquilla
Do amor que faz dos martyres escravos....

Toda tu és amor, sonho e pureza !
Fazes lembrar aos corações sangrados,
Entre as pompas do céo, Santa Thereza...

—Santa ! esse nome é o meu tormento ! Pensa !
Vivem sempre os meus olhos deslumbrados
Nos legendarios marmores da crença...

Maranhão Sobrinho.

O cão nas margens do Nilo bebe de corrida com medo do crocodillo; fazei o mesmo na tua dos prazeres.

Padre Antonio Vieira.

A bondade é tambem uma belleza.

Castro Alves.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE OUTUBRO DE 1903

NUM. 51



PARA-DR. ANNA MACHADO FALCÃO

Carta

á príncipeza Nair, no castello sombrio das Amarguras.

Quando vos escrevo esta carta, Senhora minha, tão de longe, das terras do Sol ardente, a noite distende a sua mortalha escura e immensa para envolver num sinistro carinho a terra cançada, que languidamente se abandona áquelle somno reparador e profundo. Vae terminando o pipilar suave e blandicioso das aves no recolhimento dos ninhos musgosos, os arvoredos silenciam, como que se fecham para a festa extranhamente mysteriosa e muda dos seus deuses. Encantam pelo céu longínquo scintillações de estrelas e eu, Senhora minha, neste momento de saudade amarga evoco esse passado querido, o Sôrno, a Crença e a Fé, penso na minha ventura e alo meu espírito á mais perfeita encarnação do meu idéal, ao meu primeiro e derradeiro amor.

A's vezes penso—e quanto este pensar me amargura, Senhora minha! ás vezes penso que já me haveis esquecido, atirado á voragem do abandono o meu pobre nome, a minha lembrança, o que vos dei de immenso, inquebrantável amor.

Porém recalco logo esta suposição amarga, mato esta idéa cruel, invocando alguma coisa que o passado guarda irrevavel, alguma coisa que constitui toda minha existencia, alguma coisa que neste momento em que vos escrevo desperta veemente e grande, zargunchando-me pelo coração e abalando-me vertiginosamente a alma.

Evoco aquelle momento supremo em que, vossas mãos em minhas mãos, vosso olhar em meu olhar, vossa alma em minha alma, só pudestes dizer nervosa, transfigurada, anniçilada—vencida. Vencido eu tambem, vencido e escravo, escravo e submisso, porque aceitei veemente a minha escravidão, aceitei vosso domínio como um moribundo aceita na hora extrema a extrema unção. Vencido eu tambem para todo o sempre, porque, depois que vos quiz com tanta crença, absolutamente, sinto que morreu em mim, para outras mulheres, a faculdade de amar.

Mesmo que eu assim não deseje, ás vezes, vejo entre mim e alguém de quem me aproxime a vossa imagem branca e andaes commigo, feliz na minha alegria, sorrindo na minha amargura, que se tornou dolorosamente cruel. Nada vos digo de mim, que minha alma é um tumulo fechado e eu, ás vezes, grito de desespero e pensam que estou gargalhando.

Podeis muito bem matar a vossa unica illusão, o vosso sonho, crucificando-o nesse acerbo *soneto negro*, esphacelando-o nessa criminosa descrença, levemente esbatida de um odio inexplicado; podeis esquecer-me; eu estremeço á lembrança do vosso gesto, do vosso carinho. Podeis fugir de mim; eu permaneço fiel ao meu coração. Pedis o meu esquecimento; eu não sei porque, como um louco, desejo vosso amor.

Theodoro Rodrigues.

PERFIS SOCIAES

O CLERO NACIONAL

E a mais estranha das anomalias—o clero, por si, não explica e nem justifica, a razão do seu domínio nas sociedades. O sacerdócio christão não acompanha, por impossível e conveniente, o movimento espantoso da humanidade, a progredir nas sciencias e consequentemente nas artes, abalando com isso dogmas, considerados, até aqui, dotados de firmeza e destruindo outros com a facilidade que a lógica, esse conjunto de processos que metho-



PARA — BOSQUE MUNICIPAL.

disa as investigações e não a *logica* banal das nossas escolas e academias, sempre dá, serena e indiscutivel. A ella e ás manifestações do carácter—perseverança e coragem—devemos o termos sabido, embora lentamente, da prisão em que nos mantinham os directores espirituais, da obscuridade em que criminosamente jaziam nossos cerebros, velados espessamente pelo clero que, desde muito, odeia a luz, amedrontado do facto de poder esta causar a explosão das intelligencias contidas pelo absolutismo das crenças, pela inercia que a fé provoca.

E através das luctas, todas gigantescas e algumas sanguinarias, em que o preceito christão era suffocado pelos maus attributos humanos, a scien-*cia* veio, espalhando a verdade, até revolucionar a philosophia que furtou á puerilidade em que, esteril, se agitava, á procura das causas primarias, fatigando-se numa dolorosa mistura de theologia e metaphysica. D'estas—os limites não eram caracterizados, confundindo-as capciosamente quando uma era fraca para explicar, a seu modo, um dado problema. A insufficiencia, porém, de ambas manifestou-se violentamente desde o triumpho de Galileo, e a luz, que ameaçava brilhar, arrebatou-se em consequencias, foi abafada, para, mais tarde, irromper, offuscando e abatendo o clero com a força indestrutivel do bom senso. Então, a grande classe dominadora, impotente deante do extraordinario avassalamento das idéas, cedeo, depois de tentar o silencio pelo terror,—os romanos mataram Galileo, depois de ter submettido o grande genio a indignas humilhações, e os protestantes queimaram Servetus porque afirmou que o sangue circulava. Vio-se, ahí, o espectaculo curioso d'esses inimigos irreconciliaveis possuirem identicos systemas eliminatórios, ambos acovardados pela nova ordem de con-

clero, entretanto, não podia furtar-se ao desenvolvimento da época; embora fracamente acorrentado á severidade, tão necessaria á permanencia da religião, elle vai estudando os phenomenos, comprehendendo claramente, mas nunca tentando explicar publicamente, tirar-lhes algum resultado, porque isso seria a destruição das suas crenças com que se mostra satisfazer. Demais, não podendo vencer pela intelligencia, houve a inclinação para a vitória pelo coração, dominando as massas pela prática das virtudes, o que, de facto, é grandioso.

Veio a cathechese, chamando a si, e muito judiciosamente, a parte obscura da sociedade, iniciando um novo poder entre os fetchistas, trazendo-os para a segunda phase do desenvolvimento theologico. Exercendo poder absorvente entre os aborigenes, vão trazendo estes para a religião complicada que é o catholicismo, deixando-os pasmos por uma multiplicação de divindades, a elles cujas crenças fetichicas eram simples e—que importa dizer?—mais racionaes porque podem ser verificadas e destruidas, não se dando o mesmo com o christianismo cujo caracteristico mais notavel—é ser impenetrável.

Pernicioso ou não, manhoso ou sincero, o papel do missionario, no Brazil, é arriscado, cheio de ardis, e muito outro do que se pensa. Em nosso paiz, arregimentam tribus que trabalham exclusivamente para elles, transformando os pobres indios em escravos seus, suas mulheres em concubinas, estabelecendo a traficância e os vícios entre aquellas almas que encontraram puras. Quem os vê pelas cidades, contritos, d'olhos baixos e semi-cerrados, como se orassem continuamente, não imaginará, de certo, a transformação que nelles se opera, quando chegam á tribo em que domina. E exclusivamente o homem, com todos os seus defeitos, lem-

brando-se somente de Deus quando é preciso alterá-lo, arrancar-lhe mais alguma coisa. Entre os índios, a religião de Christo não é a do amor, da piedade, mas a do terror e da morte. E, não raras vezes, há a reacção dos selvícolas contra os seus senhores, e o massacre vem libertá-los da escravidão, prevenindo-os para o futuro. Dirão: é残酷de. Enganam-se: é vingança dos ultrajes sofridos, do longo domínio absoluto do missionário. Em Mato Grosso, imensas tribus, mais ou menos civilizadas, repeliram a catechese com energia. E porque? Porque, *elles*, respondia um velho chefe, fumam, bebem e roubam!

Eis a missão. Mal dirigida, porque os sentimentos religiosos não existem entre os sacerdotes e sim o meio de vida, ella causa ao catholicismo o pior mal possível. Ha missionários sinceros e estes, quando seguem para a catechese, encontram os caminhos cheios dos espinhos deixados por outros que os precederam mas, erradamente.

Justiça, porém, se faça. A exploração dos índios é arriscada, requer muito tino e coragem do missionário, e isso faz crer a muita gente, quando um delles é martyrisado, por culpa sua, que morreu, sacrificando a vida por amor à religião.

Apezar de tudo, a catechese deixa vestígios importantes, modifica os instintos dos selvagens, transformando seus costumes. Seria admirável que ella fosse como deveria ser. Como o Brazil seria grandioso! De outra forma, também seria exigir muito, pois o missionário é estrangeiro. Cumprindo religiosamente o seu papel, não lhe move, portanto, a noção de Patria, e sim a do christianismo; no caso contrário, elle simplesmente trata dos seus interesses ou dos da comunidade.

D'ahi se deduz que o índio, subordinado à catechese, quasi nunca recebe a idéa da soberania da terra em que vio a luz. E o culpado disso — é o clero nacional, classe que domina com mais intensidade que essa outra — dispuladora do governo social — os bacheiros.

Até aqui, não apresentou tipos que se salientassem em outro terreno que não fosse a oratoria, exceção feita do notável inventor dos aerostatos. O clero brasileiro é dotado simplesmente d'essa verbosidade que arrebata as multidões ignorantes e fanáticas, mas que enfatia mesmo aos medíocres, tal a poucaza das teseas e a vehemência das phrases, bem impróprias dos que se dizem enviados do deus que pregou a paz e o amor entre os homens, vergastando, entretanto, os vendelhões no tempo. Não ha fenômeno de especie alguma que agite a grande massa negra dos nossos sacerdotes, arrebatando-os para uma exploração van-

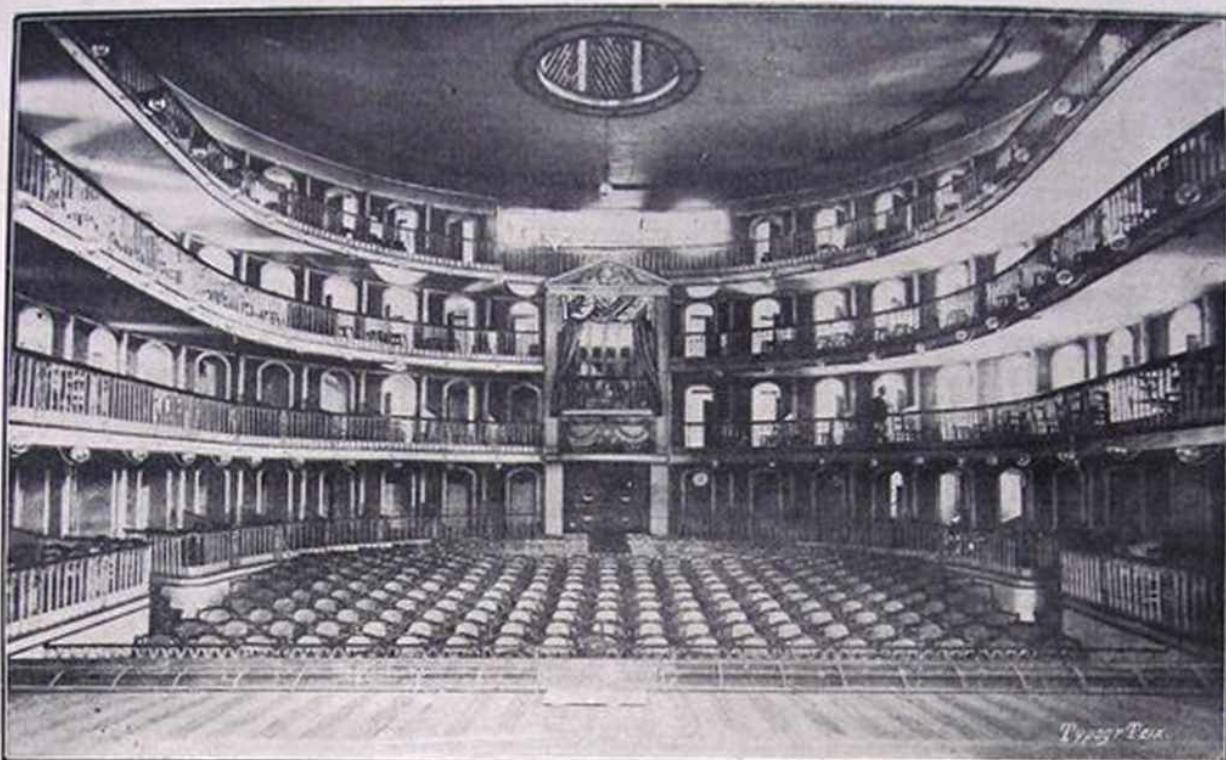
tajosa à humanidade por quem, dizem elles, se sacrificam. Em outros países, ha padres e monjes que são homens de scienza e de arte, investigadores profundos sob quaisquer aspectos, tipos admiráveis de tenacidade e coragem, valentes na catechese, alguns — na verdade bem poucos — convictos de que o verdadeiro caminho do pastor é esse — o de esclarecer os homens, embora errrem nesse tentamen, o de converter o selvagem em civilizado, fazendo com que elle passe de um estado a outro, appressando efficazmente uma transição que ameaçava demorar longos tempos si viesse por si mesma, effectuando-se vagarosamente, sem impulsos que aguilhoassem a sede espiritual.

Disse e repito: embora errado, perigoso e exercido entre crimes, o papel do missionário, a falta de melhor, sempre deixa resultados.

O nosso clero não vai por ahi. Gosta do comodo das parochias e tem estremado zelo pelo cargo de vigario, fruindo a consideração das ovelhas e a influencia concedida pela política aos dominadores das almas ou, o que é naturalmente melhor, arrancando boas maquias nos casamentos e baptizados. Que lhe importam os milhares de irmãos que vivem a ostentar a nudez masculina e bella por entre os bosques, amando a singeleza adorável das selvas? Brutalmente embora, é essa a verdade. Ao clero nacional, nem esse má servico de catechese devemos, mas ao estrangeiro que devassa o interior do Brazil, cortando-o em todas as direcções, levando, com bons ou maos intuitos, o ensinamento do catholicismo a todas as anfractuosidades do solo nacional. Pode ter fins perigosos a catechese por elementos exóticos, dado o esplendor deste paiz simplesmente promissor; mas o afastamento dos padres e monjes brasileiros da verdadeira missão sacerdotal, preferindo a seu santo papel o aconchego das cidades, onde a vaidade do pulpite corre parelhas com a da tribuna parlamentar, na fra-



PARA — BOSQUE MUNICIPAL



Typegr Tax.

MARANHÃO—THEATRO S. LUIZ—Sala de spectaculo

queza dos argumentos ou na virulencia das phrases, procurando todos elles auxilios para a elevação ás altas dignidades ecclesiasticas, é a prova mais innegavel de que não têm razão em absoluto de se opporem ao clero estrangeiro. Si este se vae appossando dos nossos mosteiros, absorvendo abbadias e bens, depois de ter sido expulso da Europa a couce d'armas, como entes daminhos, espalhando a peçonha moral no seio da sociedade, de tudo isso o culpado directo é o sacerdote brasileiro, inhabil e preguiçoso por indole. Mesmo porque a vida dos seminarios abate a energia dos caracteres. Elle tem o prurido da superioridade, mas a negligencia abate esse desejo. E porque? Avistamos uma razão, porém, d'ella duvidamos por sua futilidade. Ha annos passados, as nossas familias desejavam ter, dentre seus filhos, um padre e um bacharel. Ambos, depois de formados, voltavam para junto dos paes, quasi sempre ricos e escravocratas intransigentes, auxiliando-os com as poucas luzes conquistadas, prolongando, portanto, uma auctoridade hereditaria. Era um luxo, portanto, e não a fé religiosa que levava um moço a fugir aos mais bellos attributos do homem.

E d'ahi, a sua indifferença criminosa para as causas sociaes e d'entre as quaes nem a abolição o agitou. Em quanto o paiz inteiro se abalava, essa classe, cujo poder foi e ainda é colossal, ficava na mais triste das posições. Retalhava-se a carne do negro nas senzalas pelo azorrague do feitor, senhores defloravam suas proprias filhas, nascidas das suas escravas, havia, na feira, o leilão do marfim negro... E a tudo, impassivel, gosando talvez em volupia taes espectaculos, assistia o clero brazi-

leiro mudo, quando todas as classes sociaes intro-
metteram-se a favor da grande causa.

Não ha despeito nestas paginas e, demais, a analyse é pallida, muito pallida mesmo, e está aquem da vida sacerdotal entre nós.

N'aquelle bello romance, «Os Retirantes», de José do Patrocílio, está admiravelmente estudado o typo do padre actual. O estudo psychologico do vigario Paulo, é estupendamente feito, com criterio e sem offensas. E é tal a verdade que cerca essa individualidade sacerdotal, que, neste paiz, ninguem veio contestar o secundo jornalista, justamente indignado pelo papel do clero deante das terríveis calamidades da secca.

Para o nosso padre a humildade é mentira, a castidade uma farça e a fraternidade uma utopia.

JANSEN TAVARES.

A BRAVURA DO VENANCIO

— Stá você muito enganado... Se o inglez viesse cá, se se mettesse p'ro nosso lado, seria eu u.n dos primeiros a pegar em armas contra o patife! Eu mesmo, sim senhor!... Apezar de velho e já calhamaço, você veria de que eu seria capaz... Você não sabe com quem está falando... Eu pela minha patria sou capaz de tudo...

E o Venancio bufava, com as veias do pescoço entumescidas, o rosto congestionado, os olhos a pularem das orbitas... De pé, volumoso e balófo, brandia no ar, ameaçadoramente, a sua enorme bengala nodosa, como se já tivesse ali á mão uma boa meia duzia de ingleses para os desancar.

Os outros faziam côro, secundando aquelles arranques entusiastas da patriotice do velho, e o interpellado, o Freitinhias, trocista incorrigivel, entre serio e jocoso, continuava a provocar o Venancio.

Era na loja do Saraiva, o ponto predilecto dos cavaqueadores da terra. Falava-se da derrota dos ingleses no Transwall, e os commentarios desencontrados ácerca da bravura dos invadidos e da crueldade dos invasores esfusivam atrevidos, pondo um rebolico e uma animação desusadas naquellas prosas matinaes do Saraiva. Affirmavam uns que os ingleses afinal acabariam por vencer a resistencia dos boers e annexar o territorio da republica ás suas possessões sul-africanas. Que diabo! Sempre eram os mais fortes, tinham a seu favor a superioridade do numero, a superioridade das armas e a superioridade do dinheiro. Teria graça que uma potencia como a Inglaterra fôsse subjugada por uma republica insignificante como o Transwall.

Outros porem emperravam-se em sustentar o contrario. Os ingleses poderiam batalhar á vontade, escancarar as arcas do thesouro, duplicar os estaleiros das suas constracções navaes, elevar ao centuplo as suas forças militares, distribuir dez mil espingardas a cada soldado e cem mil canhões a cada navio e transportar depois tudo em massa para a Africa de Sul; era o mesmo que nada, os boers enguliriam todo aquelle apparato bellico num abrir e fechar d'olhos. E olhem depois o Reino Unido,

com as suas cidades monstruosas, as suas fabricas colossaes, os seus armazens gigantescos, mas sem viva alma para habitar as primeiras e pôr em movimento as segundas. Quem quizesse depois que arrematasse aquillo em leilão, e para lá se fosse commodamente installar, porque os boers vendedores não quereriam de certo a Inglaterra para uso proprio; prefeririam ficar á vontade no seu paiz, com o cachimbo ao queixo e a biblia ao lado e vender a quem mais desse os territorios civilisados de que se haviam apossado *par droit de conquête*.

E o mais enfesado entre os partidarios desta ultima opinião era exactamente o Venancio.

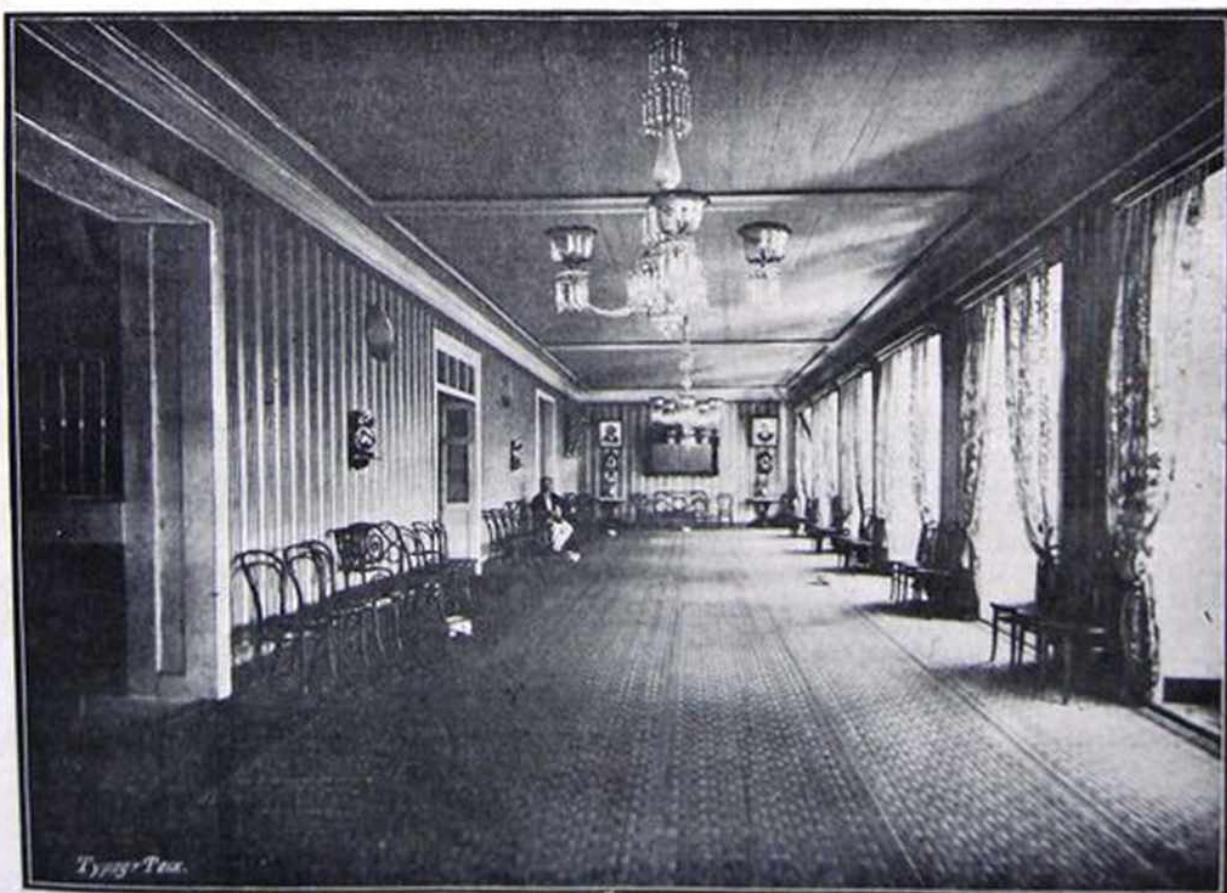
— Não entram lá, fiquem vocês sabendo, não entram lá...! Apanham como cachorro...

— Mas tu não estás vendo que isto é um disparate, homem de Deus, contrapunham os do grupo opposto. A Inglaterra afinal de contas ha de esmagar a opposição dos boers... São os mais fortes, menino...

— Qual mais fortes, nem mais nada, berrava o Venancio... Não entram lá, já disse, não entram lá...! Se vocês duvidam, esperem e hão de ver... O Kruger é um homem, *seus fulanos*, um homem que vale por mil...

— Também o Brazil levou não sei quanto annos para vencer o Paraguay... É uma questão de tempo... Os ingleses sahirão vencedores, aventurou o Freitinhias provocante.

— Sim, senhor, levou, confirmou o Venancio.



MARANHÃO — THEATRO S. LUIZ — Salão

Mas não sabe você porque? Porque houve muita traição esobretudo muita *comilança* de dinheiro... Já naquelle tempohavia muitos desses meninos bonitos como os que a Republica de hoje inventou, que só queriam saber *do venha a nós...* A teu reino, nada...

Houve uma gargalhada geral e o Freitinhias, que fazia garbo do seu republicanismo à *outrance*, enfiou com a piada. E teve uma frase dura:

— Qual traição, e qual comilança... tudo isso são cantigas... O que houve foi muita cobardia e muito medo do Paraguay... Nós somos valentes de lingua, meu velho; cheirou a chamusco, azula tudo... Esta é que é a verdade...

Um protesto indignado irrompeu de todos os peitos. Estava o Freitinhias muito enganado. O brasileiro era valente como ninguem. Ali estava a história para o attestar, ali estava a propria questão do Paraguay, ali estavam as luctas e conflitos intestinos, em que a coragem e a bravura indigenas fulgurantemente se haviam afirmado.

— Olhe o Caxias, olhe o Osorio, olhe o Barroso, olhe o general Falcão...

E uma chusma de nomes, cada um delles symbolizando um tipo de bravura militar e de coragem cívica, chovia impiedosamente sobre o Freitinhias. Apontavam-lhe de todos os lados exemplos frisantes, um desmentido da sua monstruosa e anti-patriotica affirmação.

— Leia a *Historia da Balaiada*, do Amaral e diga-me depois se o brasileiro é covarde! O maranhense então, esse leva de vencida todos os outros em coragem e em denodo militar.

O Venâncio enraivecido ultrapassava todos os mais na audacia e no vigor da repulsa da barbaridade antipatriotica do Freitinhias. O homem bufava como um touro, movendo de um para o outro lado o seu enorme e enxundioso corpanzil, batendo com o pé no chão, concertando os oculos que lhe escoregavam pelo nariz abaixo, endireitando o chapéu que já lhe havia descido para a nuca.

— Você sabe lá o que está dizendo, seu borbotas, que ainda anda a sujar nos cueiros? Você pensa que todo o mundo é como você, que corre sem ver de que? E' por causa destas e doutras que anda tudo por ahí ás avessas, desde que veio esta malvada republica... E como estes frangotes que mal sabem onde tem o nariz enchem a boca para defecar sentenças, supondo que os outros são feitos da mesma massa aguada que elles... E o rosario das imprecções seguia interminavel, culpando a republica de todos os males que nos assorberbam, desde a carestia dos generos e a falta de chuvas até aos achaques secretos de cada um.

O Freitinhias, que a principio se quiz encolerizar, parecia ter agora tomado outro partido. Os esgares e as investidas raivosas do Venâncio tornavam-no extremamente caricato e burlesco. Aquelle velho sobre cujo dorso pesavam mais de sessenta invernos, a fazer praça de valentia, a desafiar deus e o mundo e a querer matar toda a gente que lhe surgisse em frente a pôr em prova a sua coragem, divertia-o immensamente e o rapaz sentiu-se disposto a prolongar o desopilante espectáculo.

— Ora está você p'ra ahí a falar desta forma...

Mandasse a Inglaterra para cá um dos seus navios de guerra, a tomar conta desta santa terrinha e você e todos esses patriotas que aqui se acham seriam os primeiros a debandar... Enquanto tivessem pernas e encontrassem o caminho limpo, correriam a bom correr...

Subio ao auge a indignação geral. Se tal hypothesis se verificasse teria então o Freitinhias occasião de se capacitar pelos seus próprios olhos de quanto valiam aquelles bravos e leaes servidores da pátria. Lembravam alvitres, sugeriam idéas, indicavam planos de combate, ante os quais se viam quebrar todas as investidas belicas do inimigo. A incorrigivel imaginacão meridional galopava livre, derruindo fortalezas, transpondo barricadas, tomando trincheiras de assalto e cobrindo de cadaveres inimigos campos phantasticos de batalhas. No fundo de cada um daquelles burgueses pacatos, respeitadores da autoridade constituida, amigos da ordem, infensoz ao escândalo e ás aventuras arriscadas, palpitaava naquelle instante um retalho da alma de D. Quixote e de Tartarin. Cada um delles combatia naquelle momento o seu modesto moinho de vento ou monteava o seu microscópico leão nos desertos da Africa.

Opinavam uns que, caso se desse a invasão, dever-se-ia abandonar a cidade e ir concentrar a defesa no Outeiro do Gíz; seriam assim aproveitadas as disposições estratégicas do lugar, podendo os intrincheirados atirar a cavalleiro sobre os sitiados. Outros inclinavam-se pelo expediente contrario: ninguem desertaria da cidade, ficava tudo dentro das suas casas, com as portas trancadas, e de atalaia por traz das rotulas das janellas. Quando os ingleses desembarcassem e vissem a cidade vazia, sentir-se-iam de certo surprehendidos e, supondo naturalmente que os habitantes haviam fugido apavorados, deporiam as armas na Rampa e iriam em seguida, socegadamente, como quem sahio de casa para se divertir, visitar a cidade. Era então a occasião propicia: cada dono de casa faria fogo, pelas rotulas das janellas, sobre os ingleses que lhe passassem pela porta, estabelecer-se-ia a confusão os enclausurados abandonariam o seu refugio, corriam á rampa, apossavam-se das armas dos ingleses e ahí é que seriam elas: era matar inglez como quem mata formiga, aos punhados, englobadamente, sem contar.

— E para rematar a obra, tomariam em seguida os vapores em que tivessem vindo os infelizes ingleses, e iriam fazer um passeio marítimo até S. José de Riba-mar, um passeio hygienico, para esparecer e serenar o sangue agitado por tanta carnificina, aconselhou zombeteiro o Freitinhias.

Mas ninguem o ouvia; andavam todos empinhados em concertar planos para a defesa do Maranhão dos ataques dos ingleses. Quem os ouvisse naquelle hora a discutir recursos estratégicos e planos de guerra, suporia naturalmente que já Sua Magestade Britannica havia telegraphado de Londres, avisando: «Aproximem-se que vou já ahí, num abrir e fechar d'olhos, dar uma mela em vocês.»

Mas a opinião que pareceu triumphar em definitivo foi a emitida finalmente pelo Venâncio, que a principio parecia inclinado a optar pelo Outeiro



PARA—BOSQUE MUNICIPAL

do Giz, sem dô de inflingir tamanha caminhada ás suas suas pobres pernas de sexagenario.

—Nós poderíamos fazer melhor; poderíamos impedir a entrada dos *bugres*...

—Como? inquiriram todos, quasi que a uma voz.

—Naturalmente... Mandando entupir de pedras o canal junto á Ponta de Areia...

Entreolharam-se os outros meio desconfiados. Aquella idéa do Venancio brigava um pouco com as suas noções de bom senso.

—Mas, aventureou um dos do grupo, onde achar tanta pedra para semelhante fim?

—Ora esta, respondeu promptamente o Venancio, então não temos ali o dique ás ordens? E alem disso não ha tanta pedreira rica espalhada por toda a ilha? Pedras e que não faltam. A questão é compenetrar-se cada um dos seus deveres. Eu pela minha parte não ha sacrificio deante do qual recue para a defesa da minha pátria. Não tem amizade de pac, de mulher, de filho, que me demova de cumprir o meu dever. Passo por cima de tudo e vou aos patifes que se atreverem a pôr o pé em terras que lhes não pertencem. E inglez, então... Eu que embirro solememente com inglez... Haveria de cascar-lhes p'ra baixo em regra! Corja de patifes e de gatunos! Só sabem roubar, encher os bolsos e mais nada. Mas commosco o caso é outro, fia mais fino... Elles que venham e verão onde vão parar...

Os outros, vencidos afinal por aquella logica calorosa do Venancio, sentindo comunicar-se-lhe ás veias um pouco daquelle fogo que abrasava o sangue do velho patriota, concordaram afinal. Era isso mesmo: se os ingleses viesssem cá entupia-se o canal da ponta d'Areia e abi estava tudo. Ficavam os *bugres* da parte de fóra, defronte de S. Marcos, a bordejar, até que se convencessem da impossibili-

dade de conquistar esta terra valente e heroica.

N'este momento acercou-se inopinadamente do grupo o Johnson, um inglez que ha longos annos vivia no Maranhão, mas sem por isso perder, numa particula que fosse, o seu orgulho britânico e o seu entranhado amor á Patria. Para elle todo o mundo civilizado cifrava-se na Inglaterra e nas suas colonias. Tudo o que de lá viesse era bom, tudo o que de lá não viesse não prestava. Levava o seu exclusivismo ao ponto de importar de Liverpool, em salmoura, carne, peixe, conservas, frutas, para o seu gasto proprio, porque ao seu estomago anglosaxónico repugnava sobremaneira as comidas e os acepipes latinos. Sujeito das suas relações que ousasse pôr em duvida a superioridade britannica, a sua

incontestavel supremacia moral sobre todos os outros povos do Universo, podia contar como certo que o teria pela próa e que perderia a sua amizade. Um dos seus meios de vida na terra era dar dinheiro a premio. Para os amigos, isto é, para os que respeitavam e acatavam o Reino Unido, os juros eram de 10% ao anno; para os inimigos, isto é, para os que desdenhavam da terra de John Bull, a taxa era elevada a 24%.

Sabia disso o Freitinhos e sabia mais que o Venancio vivia na intimidade do inglez e que em diversas emergencias difficéis da vida, como por exemplo quando a repartição publica onde era empregado lhe não pagava em dia os ordenados, recorrera á bolsa do Johnson. Por esse motivo, quando vio acercar-se do grupo este ultimo, exultou intimamente, prevendo as collisões em que se ia ver o patriota.

O Johnson, conforme os seus habitos, com uma leve e por assim dizer macia inclinação de cabeça cumprimentou os palestrantes.

—Sr. Johnson, corresponderam todos, desbarretando-se ante aquella pavorosa ameaça dos 24% ao anno. O mais risonho e o mais attencioso foi o Venancio. Chegou-se logo ao inglez, estendendo-lhe sollicito a mão:

—Então, por onde tem andado o meu caro sr. Johnson? Já não ha quem o veja. Ainda hontem, em casa, perguntou-me a Xandica pelo sr....

O agiota sorria satisfeito, gosando toda aquella bajulação de que o cercavam. Tinha andado muito atarefado com a saída do vapor inglez, a organizar a correspondencia e a preparar umas remessas de fundos para Liverpool.

Todo o ardor bellico daquelles valentes defensores da pátria serenara como por encanto. Já ninguém falava em matar inglez nem em entupir ca-

naes. Procuravam mesmo, interessadamente, mudar de assunto, falar de coisas diversas, deixando a defesa da pátria para o momento opportuno, para quando ella fosse atacada a serio.

Mas o Freitinhias é que não estava pelos autos; pois se elle queria ver os apuros do Venancio, obrigado, ou a desdizer-se, ou a sujeitar-se aos 24 0% ao anno...? Foi impiedoso e foi cruel:

— Pois, sr. Johnson, conversavamos aqui a respeito do Transwaal...

— Ah, sim? fez o inglez interessado, achegando-se mais ao Freitinhias. Então, que diziam? Ha alguma novidade fresca, alguma noticia da ultima hora?

O Venancio, que ás primeiras palavras do incorrigivel trocista ficou logo sobre brasas, interrompeu, procurando intrametter-se entre os dois:

— Não, sr., não ha noticia nenhuma, por ora vae tudo na mesma. Os ultimos telegrammas são aquelles publicados pela *Pacotilha* de hontem. Está tudo em paz...

— Em paz...? fez o Johnson espantado.

— Sim... quero dizer... ainda não houve mudança... está tudo no mesmo pé... por ora ainda não houve mudança...

— Mudança? perguntou o inglez, já serio e cada vez mais intrigado... Palavra que não percebo.

O Venancio estava em colicas, deitando olhadelas furiosas para o Freitinhias, suando em bicas, e procurando por todos os meios desviar a conversa:

— Mudança de ministerio... o ministerio inglez ainda é o mesmo.... não houve mudança...

— Mas ninguem esperava que o ministerio mudasse... Chamberlain é um homem de ferro, Chamberlain é um homem necessario, Chamberlain é um homem util, senhor! declarou grave e serio o Johnson, encarando fixamente o Venancio.

O pobre homem já não sabia de que terra era; todas as cores do arco iris se lhe succediam

nas faces papudas e gordurosas.

— E... é... lá isso é... confirmou o infeliz, eu que estou a fazer trapalhada... estou a confundir as cousas... Não ha mudança no ministerio inglez... Creio que ouvi falar numa mudança de ministerio, mas foi no Rio de Janeiro... Por lá é que as cousas não andam boas... lá isso não andam... dizem que vae haver bernarda...

O semblante do inglez, já mais calmo, se ia aos poucos desanuvendo e era já com as ligeiras apparencias de um sorriso benevolo que elle encarava o Venancio...

— Deveras? Mas então, que se espera que haja no Rio?

— Horrores, sr. Johnson, horrores! Eu nem me quero lembrar... Santo Deus! O que esta malvada republica nos veio trazer...

E com um olhar supplicante, um olhar de comover pedras, se foi approximando o Venancio do Freitinhias, e aproveitando uma distracção opportuna do Johnson que se voltava para apreciar o conflito de dois bonds, um que descia para o largo de Palacio e outro que subia para a Estação, segredou aos ouvidos do trocista:

— Você não insista... Você bem sabe que eu sou amigo do Johnson e não o quero portanto magoar.

O Freitinhias sorriu-se e accedeu ao pedido do velho. Comprehendeu tudo nun relance. O bravo, o valente, o patriota exaltado que não recuaría, em tempo de guerra, ante as hostes inimigas, sentia-se, pelo contrario, em tempos de paz, apavorado ante a ameaça de um emprestimo de dinheiro, a 24 0% ao anno.

E era assim, infelizmen'e, toda a bravura da maior parte dos sebastianistas e dos detractores da Republica: audaz de lingua e covarde de actos, demasiadamente apegada aos seus arranjos e ás suas conveniencias pessoaes, para as sacrificar com desinteresse á causa geral do bem publico.

ALBERTO FIGUEIRA.



PARA — BOSQUE MUNICIPAL.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE OUTUBRO DE 1903

NUM. 52



O FAKIR BEN AISSA

Judeu errante

Sabeis de onde sahio ? Ninguém pode saber-o,
Anda, rôto, a bater ás portas dos solares...
Traz a Fome na bocca e traz até pezares
Nas cans patriarchas do seu longo cabello...

—Anda a morte a pairar nos seus tristes olhares,
Na branca pompa astral do vivo setestrello...
Cego, nunca encontrou a caricia de um zelo,
Nem um raio de luz de macios luares...

O gelo lhe navalha os membros magros, lassos,
No entanto fulge um Sol nos seus olhos de afflito,
E quem pode saber a lenda dos seus passos ?

—Traz sobre a fronte, em dôr, infinitas galés...
E onde quer que se grave o seu passo maldicto
Sente a terra gemer debaixo de seus pés.

Maranhão Sobrinho.

A moral de Tolstoi no romance contemporâneo

Não ha muito que destas mesmas columnas as-signalavamos a apparição desse livro extraordinário—*A Resurreição*, de Tolstoi—onde a elevação do intuito moral corria parelhas com a perfeição da feitura artística. E agora, decorrido apenas pouco mais de um anno, novo ensejo se nos oferece de constatar, num novo livro, cahido da pena de um outro escriptor e destinado a enaltecer uma literatura diversa, a repercussão das mesmas idéias e dos mesmos ensinamentos moraes que d'aquellas formosas e vibrantes paginas se desprendiam: *L'Inutile effort*, de Edouard Rod.

Não é de extranhar, nem tão pouco de expliçao difícil, o facto. A influencia cada vez mais acusada de Tolstoi no romance europeu é uma verdade que ninguem hoje discute e que por mais de uma vez tem sido denunciada pelos que buscam discernir, na variada e tumultuaria producção desse compartimento da belletristica moderna, uma feição característica e dominante que entre ella estabeleça um certo laço de connexão e de parentesco. Entre as causas determinantes do movimento de reacção, iniciado na França, nas proximidades de 1880, contra o naturalismo impassível de Zola e da sua escola, que procuravam, pela observação da realidade fria e pelo estudo do meio physico, explicar physiologicamente o mecanismo natural do homem banindo de vez a observação moral e os velhos processos da ideologia classica, figura em primeiro lugar a suggestão das grandes obras dos mestres do romance russo, reveladas ao publico frances pelos impeccaveis trabalhos criticos do Visconde Melchior de Vogüé. E desde então raro é o livro da nova escola que de semelhante movimento sahio que se não resinta da influencia palpável, ou da imensa e commovida piedade humana de Dostoiewsky, ou da forte e utilaria preocupação moral de Tolstoi. Por detrás da personalidade distinta de cada auctor, a gente como que adivinha a sombra majestosa dos dois colossos russos; na voz de cada pregador isolado, como que vibram longinquamente os ecos dos dois gigantes moscovitas.

Mas Tolstoi sobrepuja Dostoiewsky na inspiração dos romancistas contemporâneos, talvez por haver levado mais longe que aquelle o seu interesse humano, por se não ter enclausurado como elle no domínio puro do sentimento, por ter subido ás regiões mais altas das idéias abstractas, á indagação das causas da tortura moral moderna e

dos meios de a corrigir e consolar. As suas doutrinas formam um corpo homogêneo e distinto, encadeiam-se numa série ininterrupta e harmônica, e constituem por isso uma fonte farta, onde se vão largamente abeberar os belletristas estrangeiros perseguidos pelas mesmas preocupações de ordem social e moral que o devoram. O problema proposto e discutido na *Sonata de Kreutzer* e em *Anna Karenina*, reaparece, obedecendo a mesma orientação e à mesma luz estudado, em dois livros estrangeiros posteriores, publicados, um na França e outro na Itália: *La Tourmente*, de Paul Marguerite e *L'Innocente*, de Gabriele d'Annunzio. E agora a these da *Resurreição* é a mesma que anima o *Inutile effort* de Edouard Rod.

Um advogado francês, Leonard Perreuse, alimenta na sua mocidade uma intriga amorosa com uma pobre modista parisiense, honesta e pura, que confiadamente se lhe entrega, na esperança de que



FAKIR COM A CABEÇA ENTERRADA NA TERRA

o amante reparará mais tarde pelo casamento a falta a que a arrasta agora, e da qual lhe nasce uma filha. Mas Perreuse tinha a respeito do matrimônio idéias diversas; a triste Françoise apenas lhe poderia trazer o contingente insignificante da sua paixão sincera e a retribuição banal dos seus carinhos devotados e afectuosos. O advogado exigia mais do casamento: exigia posição e fortuna. Repudia, por consequência, a mãe da sua filha, oferecendo-lhe, em troca do seu abandono, uma somma que ella altivamente recusa, e contrahe uma aliança que lhe vinha sob todos os pontos de vista satisfazer as ambições. A infeliz sacrificada parte então para Londres, a pedir ao trabalho honrado a sua subsistência própria e a educação da sua filhinha.

Acompanha-a no exílio, simultaneamente voluntário e forçado, uma amizade leal e desinteressada; a de Raymundo Perreuse, irmão do advogado criatura de abnegação e de sacrifício, que professava a respeito da vida umas teorias especiais, feitas de humanidade, de justiça e de cordura e que acerbamente havia reprovado o procedimento

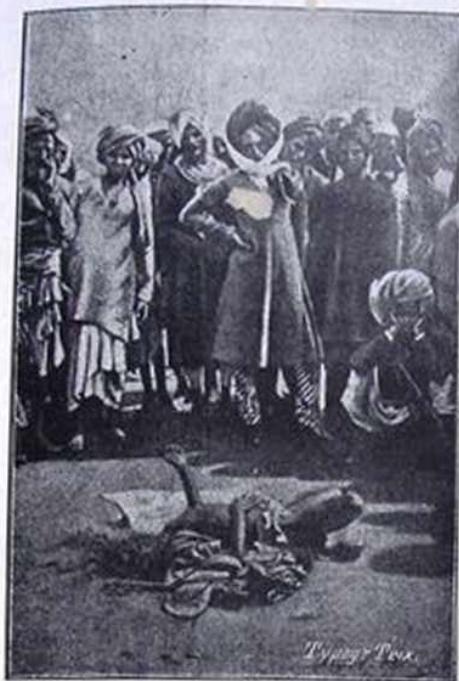


POSIÇÃO EM QUE PERMANECERA UM FAKIR POR DOIS ANOS

do irmão abandonando a amante e a filha. Raymundo era aleijado, e esse defeito físico ainda mais contribuía para aumentar o ridículo de que o cobriam, aos olhos da sociedade em que vivia o advogado, as suas idéias humanitárias e reformadoras.

Durante muitos anos elle se corresponde com Françoise, levando ao desconforto rude da sua desgraça a quentura bemfazeja do seu appoio moral e pecuniário. Repentinamente, porém, cessam as cartas de Françoise e, uma bella noit, notícias os jornais de Paris que um cime horroroso havia sido commetido em Londres. Uma costureira, ao passear uma tarde com a filha, inocente creanças de oito anos, pela borda de um lago, propositalmente a impelle para dentro d'água e a creança morre afogada. A mãe infanticida foi presa e o processo instaurado.

Quando o advogado lê semelhante notícia, no seu salão luxuoso, animado naquele momento pela presença da mulher e dos filhinhos, um abalo violento lhe faz vibrar todo o corpo, porque o nome e os signos da accusada eram exactamente os mesmos da amante que elle em tempos abandonara. Corre desvairado a aconselhar-se com o irmão e Raymundo, sem pestanejar, logo lhe traça a linha do dever: partir para Londres a tomar a defesa da infeliz. A tarefa seria facil, porque contra a accusada apenas se erguiam provas apparentes e contradictórias. Desde o momento em que fosse reconstituído, aos olhos da justiça ingleza, todo o seu nobre passado de honestidade e de trabalho, a sua inocência ressaltaria immaculada. E ninguém mais no caso de produzir semelhante prova do que Leonardo e o irmão. Mas o advogado hesita, reluta ante o escândalo que semelhante passo acarretaria na rua roda. Agora então que elle estava em vésperas de alcançar uma posição almejada, seria arruinar de vez todo o seu futuro brilhante e ir abertamente enoviver-se numa intriga d'aquel-



UM FAKIR ENTERRADO VIVO

las, algum tanto equivoca e desmoralizante. E o interesse egoista, reforçado pelos conselhos da esposa, prevalece, e Leonard deixa-se ficar, a despeito de todas as supplicas de Raymundo que chega ao ponto de romper com elle. Limita-se a escrever ao seu collega de Londres, encarregado da defesa de Françoise, enviando-lhe algumas das cartas por ella escritas em tempo a Raymundo, mas sem lhe revelar comtudo o verdadeiro motivo que o levava a interessar-se pela accusada. Essas cartas, que teriam immenso valor se a elles se fosse juntar o depoimento verbal do advogado, assim isoladas nenhun effeito produzem nos juízes ingleses. E Françoise é declarada culpada e condemnada á pena ultima.

Quando, como um raião, cahe em Paris semelhante noticia, resolve-se afinal o advogado a partir para Londres em companhia do irmão afim de ver se consegue o perdão da infeliz. Mas todos os seus esforços são inuteis, baldadas as suas tentativas. O que lhe seria facil, no inicio do processo, tornava-se-lhe agora impossivel. O irreparavel se havia produzido e a sua falta não teria remedio. Françoise morre innocentemente porque o algoz, até certo ponto inconsciente, do seu destino, não encontrou na sua alma formada pelo molde commun das almas modernas, alimentada pelo credo social de hoje, a força suficiente para reparar em tempo o mal que havia causado.

Eis ahí, em toda a sua nu fez tragica, o mesmo problema angustioso proposto na *Resurreição*: a responsabilidade perante o mal commettido, embora inconscientemente.

O homem, que seduz uma mulher e que a faz mãe, tem o dever imperioso e imprescindivel de reparar essa falta e de garantir a felicidade desse filho, sejam quais forem os sacrificios que seme-

lhante passo lhe acarrete. O procedimento contrario será o cumulo da monstruosidade e da perfidia e o individuo que de semelhante falta se tornar paciente, embora não incida na sancção penal, deve ser marcado pela opinião publica com o ferrete da ignominia.

Perreuse e Nekludov tornaram-se réos desse crime; ambos elles buscaram, na confiança incauta de uma virgem, a satisfação de um instinto animal e a victoria de um orgulho pessoal. Tinham ambos, na occasião da falta, a consciencia exacta da enormidade do mal que perpetravam, mediam em toda a sua profundidade o abyssmo a que arrojavam as duas victimas? De certo que não, porque a moral social em que se haviam temperado as suas almas encarava como um peccadillo commun o acto que punham em prática. A rehabilitação da mulher, o culto e o respeito apparente de que a cercam as leis de hoje, é ainda uma mentira ignobil com que a sociedade actual mascara a corrupção latente que no seu íntimo lavra. Continua aí a ser a escrava do homem, a *chair à plaisir* da insaciável luxuria masculina.

E sobre quem recae a culpa do crime de Perreuse e de Nekludov? Sobre a sociedade inteira responde Tolstoi; a collectividade é sempre responsável pelos crimes dos individuos. Neste ponto E'douard Rod diverge um pouco do grande mestre russo, porque restringe a um determinado grupo de individuos a responsabilidade dos seus actos. Individualisa, por consequencia, até certo ponto, a responsabilidade moral que Tolstoi tornava collectiva. Andará mais acertado assim? Parece que não, porque, afinal de contas, as noções de moral abstracta, o conjunto dos grandes principios geraes que formam o credo social da sociedade contemporanea, representam o producto de uma collaboração universal. A cada geração que se sucede durante a sua lenta elaboração cabe uma partícula igual de responsabilidade na sua confecção.

Mas, chega finalmente um dia em que ambos os culpados teem a intuição do delicto commettido e buscam repará-lo. Nekludov sacrificia-se por Katchua, desce ao antro de abjecção a que esta ultima resvalara, acompanha-a para o degredo, obtém do Czar o seu perdão e lobiça finalmente a esperança de a arrancar do abyssmo a que a sua cupiscencia a despenhou em tempos e trazê-la depois, nos limites do possível, á pureza moral primitiva.

O heroe de Rod, porém, é mais infeliz do que o tipo symbolico do romancista russo. E debalde que elle lucta, é em vão que elle trabalha. Françoise foi condemnada, a lei ingleza não perdoa os culpados sobre os quaes se abateu o veredicto do jury; Françoise será enforcada, soffrendo injustamente a punição de um crime que não commetteu. E o pae que não soube salvar a filha, e o amante que ingratamente repudiou a triste creatura de miseria e de dor, immolada aos seus instintos animaes e ao seu orgulho individual, apenas encontra o recurso do desespero impotente ante a invencível INUTILIDADE DO SEU ESFORÇO.

Esse desenlace doloroso e acabrunhador do romancista frances ganha em eficacia de ensina-

mento moral o que perde em conforto e em consolo humanos. A gente recua com mais horror ante as faltas irreparáveis do que em frente d'aqueellas que se podem mais tarde resgatar pelo arrependimento. A doutrina christã do perdão das culpas é por vezes um engodo para a perpetração do pecado.

Romances como *L'Inutile Effort*, de Edouard Rod, diziam ha pouco, numa revista francesa, os irmãos Marguerite, podem e deveriam moralizar um paiz.

Antonio LOBO.

Os novos portuguezes

NUNES CLARO

Era na redação d'uma dessas revistas de arte, em que usualmente gastamos a nossa mocidade no mais improutivo dos esforços. Chamava-se *D. Quixote*, a revista, e tomara o nome do lendário cavaleiro da Mancha como lema do seu ansioso combate pela entrevista Justiça que o enlouquecera e lhe dilacerara o esquelético corpo por todas as asperas da Vida. A revista extinguio-se como cedo abatem as chamas que não encontram combustível que as alimente,—combustível que n'este caso seriam abaixadas almas que abrazasse; mas o irrequieto grupo que a fundara, e no qual se destacava, vivo, exuberante, esse flagrante caricaturista que é Leal da Camara, hoje ocupado no seu pavilhão de Joinville a decepar cabeças de soberanos na guilhotina parisense do Ridículo, teve pelo menos o grato prazer de ver acudir ao seu appello para as batalhas da Arte e do Direito um bando de intelligenças jovens que ali primeiro se afirmaram e robusteceram. Foi ahi, pois, que pela primeira vez me cahiram nas mãos uns versos de Nunes Claro, então quasi uma creança, mas cuja alma entoava já, nos primeiros ensaios do seu canto, poderosas notas de clarim.

Tempos que já se não recordam sem saudade! Decorreram sete annos só, mas apesar da monotonia da Vida esses sete annos diluem-se tanto no horizonte que parecem sete séculos fugitivos... Depois, aquillo foi uma debandada. Uns deixaram a pátria, outros deixaram a arte. Antonio Bandeira entrou na diplomacia, e está em Roma; Alfredo Serrano foi para a Áustria; Leal da Camara emigrou, primeiro para Madrid, depois para Paris; João Gravé confinou-se no jornalismo, Herculano da Fonseca enterrou-se na burocracia. E foram esses os que acolheram, commigo e com Fernando Reis, as primícias do bello talento d'esse rapaz, que chegava cantando os primeiros sobresaltos do coração com uma pujança tão nova de rythmo e de cõr.

Os versos de Nunes Claro que o *D. Quixote* publicou eram excertos d'um livro,—o sempre projectado primeiro livro,—a que ella dava o título de *Charcos*. Eu mentiria se dissesse que ellas não se resentiam da incoherencia que acompanha a explosão de tais auroras. Mas, desligados ou não, esses punhados de poesia em que elle nos arremessava as suas primeiras impressões e protestos ti-

nham um tal sabor de juventude, corria n'elles um tal fremito de entusiasmo, que nunca os liamos sem nos entusiasmarmos também e sem que nos possuisse igualmente a alegria de vida que d'elles emanava. Um dia, uma ironia sublevada agitava os seus brados lyricos.

Dizia elle:

Encontrei um visionário,
grande poeta do Amor,
que andava a ver se um canário
queria ser seu editor !

Eu por mim, digo-o de sobra,
não me quero eternizar...
Hei de queimar minha obra
no fogo do seu olhar !...

Outras, um amargo *spleen* traduzia-se, como o próprio dos deserto annos, em violentas exclamações de sentimento ferido:

Vinde espreitar, Illusões !
tirae a vista do espaço...
A minha alma é um palhaço
que anda aqui aos trambulhões.

Lá está a rir, lá a vejo;
lá a vejo a rir, coitada !
Mas é um rir de alvaiada,
no vermelhão d'um desejo...

E ainda noutras, o amor cantava maguas na linguagem murmurante das correntes:

Tinha uma lyra escondida
no coração d'uma flor,
feita de fios da vida
e as cordas do meu amor.

E uma andorinha atrevida,
um passarito traidor,
roubou-me um fio da vida
p'ra o ninho do seu amor !

Mas a mais interessante peça da colaboração de Nunes Claro n'essa revista de tão breve e luci-



FAKIR QUE FICOU DURANTE CINCO ANOS COM O BRAÇO SUSPENSO

SUPPLEMENTO AO N.º 52

16 DE OUTUBRO DE 1900



Uma cena JO VADIS?

(reprodução do phot. Nunes)

Maranhão—BRAZIL

A REVISTA DO NORTE



FAKIR DA SEITA DOS DJORKIS

lante existencia foi uma rajada de versos que elle desprendeu sobre a Espanha quando a imprensa comunicou ao mundo a morte á traição do general —S. Maceo,— o heroe da revolução cubana. Leal da Camara desenhou uma violenta pagina em que um vigoroso cubano semi-nú despedia ao ar, com pontapés applicados *en su sitio*, o carrasco Weyler, e Nunes Claro bradava indignado:

Foi uma tyrannia, um roubo, uma embuscada !
Foi preciso que o Crime desse a negra espada,
e os seus negros canhões,
e a Noite o que possue de escuro e de ruim,
desde a alma de Nero á alma de Cain,
desde as garras do Vicio as garras das Traições !

Foi preciso descer, foi preciso baixar
a essa vil traição, infames ! p'ra esmagar
o inquebrantavel reo...

Foi preciso descer essa descida aberta
que vae do anão que mata ao grande que liberta:
de Weyler a Maceo !

Eu disse: a mais interessante das collaborações de Nunes Claro no *D. Quixote*,—pelas consequências que se seguiram á publicação d'esta poesia. O proprietário da revista era um rapaz que nutrindo muita amizade pelos seus principaes redactores, estava longe de comungar nas suas idéas. Succedia, alem d'isso, que tinha conhecimentos no consulado hespanhol. Imagine-se a impressão que estes versos vibrantes produziram no sobredito consulado, cujos funcionários eram assignantes da revista. Foi um pavor,—e as recriminações cahiram de tal forma, como uma saraivada, sobre o pallido proprietario que elle no numero seguinte veio logo desligar-se da publicação,—allegando que a Espanha lhe tinha exigido explicações !

Mas, posto de parte, este pormenor anedotico, parece-me que na sua colaboração, tão animada d'un vivo espirito de originalidade, deixou Nunes Claro bem definido nas principaes caracteristicas do seu temperamento litterario que, se depois

se apurou, de forma alguma tentou modificar-se. Lyrico, amoroso, revolucionario,—as tres grandes cordas da Poesia encontrarão n'elle a mão predeterminada e habil que as sabe fazer desferir. Depois d'essas epochas incipientes do *D. Quixote* a sua orientação precisou-se: novos e dilatadissimos horizontes se abriram á sua visão interior, a sua forma facetou-se com maiores perfeições, mas n'essa *Oração da Fome* que tão alto bradou os seus corajosos ideias encontra-se ainda a mesma penna que molhando-se nas tintas da revolta parece encontrar-se no seu mais predilecto meio e no seu necessário elemento.

Quem vê Nunes Claro, adivinha a sua alma de bondade, mas não suspeita o seu impeto de luchador. Fallando com elle, fixando-o bem, mesmo durante espaço que baste para a observação d'outro individuo, dil-o-hieis simplesmente o que elle é, effectivamente: um timido, mas não poderieis calcular que sob sua timidez resida tanto protesto. A lenda e a historia abundam n'essas figuras juvenis, de que Hugo fez o typo de Jean Pronvane, e que se assiguram só com labios vermelhos para os beijos do amor, e não com a bocca candente para as apostrophes da Insurreição. Nunes Claro canta uma flor, exprime um affecto com candura e ingenuidade, e com essa mesma ingenuidade apostolisa essa *levé de boucliers* que deve ser a cruzada dos poetas contra as infamias e as oppressões que em todo o mundo reinam e esmagam ou deprimem as consciencias. A intuição da pureza dos sentimentos, a visão intima da immaculada alvura da alma, produzem n'estes luctadores de principios bellos e nobres não sei que casto retrahimento, que melindroso pudor, que as affasta das declamatorias exposições de ideias, tantas vezes artificiales como a sua charlatanesca proclamação. E por isso que nos timidos ha tanta força; é por isso que nas horas das affirmações raro se veem morrer heroicamente os que durante longas campanhas rhetoricas o promettem e asseguram, e sobre as ruas se veem cahidos outros, cujo nome ninguem conhece, mas que foram os unicos a apparecer, e morrer,—então.

Porque é isto ? Porque só os verdadeiros poetas commettem a loucura,—que judiciosamente os espiritos solidos lhes exprobam,—de se sacrificarem, na ancia embriagadora do proprio sacrificio. E Nunes Claro é um poeta. Nota-se nas suas proprias incorreções. E' sobretudo n'essas incorreções que eu descubro os poetas. Temperamentos que se evadem á materialização da vida,—como não hão de evadir-se aos estreitos limites da metrificação do Castilho ? Rhythmos e imagens, para serem vivos e sentidos, tem que caracterisar-se pela insurreição que encerrem. Eu não comprehendo um poeta que não seja um revoltado, porque a Poesia é já, na sua essencia, um albergue de insurreições,—largo, luminoso ambito com fronteiras que nem os horizontes delimitam e onde são licitas e formosas as mais largas revoadas do espirito.

E' d'esta raça de poetas,—o poeta Nunes Claro. Nos seus cantos ha sempre uma nota vermelha, uma exclamação barbara, um *frisson* novo, oriundo da Vida como o de Baudelaire se transmittia do

Artificio e do Sonho. Muito novo ainda, abre-se-lhe, nas commoções d'este jovem seculo, vasto campo de idealizações e conquistas. Mas quer a sua lyra prosiga bradando a generosidade do seu coração e a harmonia da sua arte, quer ella emmudeça, paralisada pelas contingencias da Vida e os desalentos do coração, o que eu nunca esquecerei é o pallido poeta de ha sete annos que apparecia na pequena sala da nossa revista, animado de tanta esperança na Vida e no Amor que até chegava a jurar:

Que o Amor, inda na morte,
faz as caveiras fallar!

Mayer Garção.

Yolanda

O ceu era brumoso. Ao longe, no horizonte, N'uma facha de luz, surgia a madrugada. A treva, pelo sol lucente azorragada, Dos mysterios buscava a tenebrosa fonte.

Morria, lá no azul, a estrella da alvorada; Banhava-se de riso o ceu, o mar e o monte; E o sol, hostia d' irada, a flammejar a fronte, Iraçava, pelo espaço, a rota costumada.

Do mar do pensamento, em que abysmei minh'alma Vieste-me á lembrança, soridente e calma, Banhando-me na luz dos grandes olhos teus.

Eu bem quizera, então, partir da vida os laços, E, estreitado a teu corpo, em tepidos abraços, Deixar contigo a vida, e ir contigo aos céus...

Nereu Bittencourt.



FAKIR DEITADO SOBRE PREGOS PONTEAGUDOS

0 Governo e a Universidade

Preoccupa actualmente o nosso governo a instituição de uma universidade, na qual julga encontrar a solução do problema de ensino.

Triste engano! pura illusão!

Os dois projectos apresentados ao ministerio do interior, um, elaborado pelo auctor da reforma de 1879, de tão desastrosos successos, outro, escrito por um lente, sem concurso, de uma faculdade superior, não fornecem benefícios á instrução: são lavrados sob pressão de um interesse pessoal, visando colocações e favores a amigos e parentes, e recheados das mais estultas concepções, impossíveis de larga critica nestas columnas proprias para uma rapida observação.

Embora se crie a universidade, idéa reprovara por varias congregações de escolas officiaes, nada de util se obterá em prol do ensino, porque nela se reproduzirão os vicios que avassalam a educação nacional.

Em qualquer reforma a proceder-se ha imperiosa obrigação em se dar toda a força ás academias officiaes e, depois, de vedar o professorado de se immiscuir nos estudos das escolas ou cursos particulares. Princiará, assim, o apoio ao magisterio, infelizmente fraccionado em camarilhas hostis e abastardando-se a prelecionar por toda a parte, occasionando abusos sensíveis nas bancas examinadoras.

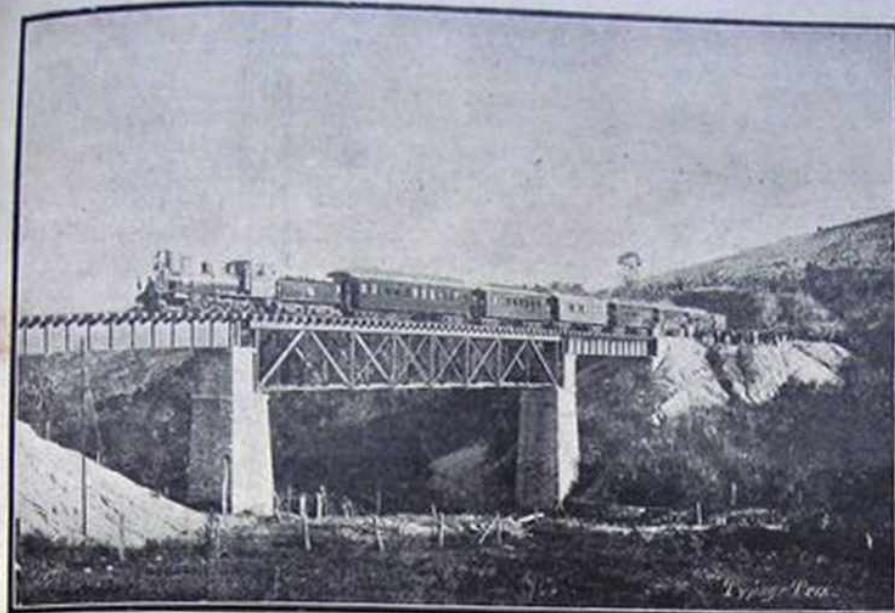
O professorado, mórmente o secundario, mal remunerado, atrazou o nosso ensino preparando em aulas particulares com pontos previos o alumno para fazer exame, mais ou menos garantido e, no curso official não esgota o programma da classe ficando assim a materia desenvolvida na terça ou quarta parte do que ordena o regulamento.

E mister uma punição ao lente que não cumple o seu programma como ao docente que especula com a sua cadeira.

Um dos males de nosso ensino está no professorado e deste urge cuidar, como carece se olhar para o destino do estudante.

Não vae a universidade pôr um paradeiro a este descalabro; desde o dia em que se dispensou o concurso, se permitiram as escolas livres e cessou a respectabilidade entre o mestre e o discípulo, foi o nosso ensino decaendo á miseria em que ora se debate. E inventaram-se collegios equiparados, decretaram-se faculdades livres, ageitaram-se programas e bancas á feição dos candidatos, tudo cooperando para mais complicar a solução da questão da instrução publica.

E o projecto de universidade inda aproveita uma das faculdades livres de direito! Ninguém contesta que nellas se sentam advogados notáveis, doutorados alguns delles pelo mesmo decreto por que cinge o capello encarnado um distinto engenheiro militar, ali prelecionando uma cadeira accessoria. E ninguém acredita que por ter um advogado o renome alcançado nas alicantinas do fórum apresenta o requesito de capacidade para a



VIADUCTO AO RAMAL DE GUAXUPÉ

regencia de uma disciplina de que nunca dera uma prova publica em concurso assignalado.

Há uma serie de cogitações a encarar em qualquer reforma de ensino, e nenhuma delas se observa nos projectos universitarios.

Cuida-se de uma faculdade de letras em que o estudante terá de se deter em altas indagações philologicas, mas, continuará o mesmo erro do abandono do estudo pratico das línguas de que o alumno conhecerá certas regrinhas sem poder, á simples vista, ler um livro que não seja escripto em francez ou falar um idioma que não o patrio, quicás também pessimamente aprendido.

Na confecção de qualquer reforma despreza-se sempre attender ás necessidades da sociedade brasileira; buscando continuamente facilitar os estudos, esquecem os governos de que é avultado o numero dos nossos homens formados, de modo que cada vez mais são crescentes as levas de doutores para os quaes o titulo se lhes torna, depois, um empecilho na luta pela vida.

Este facto é hoje bastante notado e mais se accentua em relação ás faculdades jurídicas que, livres, nos tem abarrotado de bachareis, ora difficilmente vivendo, porque, além das más condições do fôro, encontram larga concorrência e resentem-se de pessimo preparo.

E o governo que tudo isso deve conhecer, não estuda os erros e os vicios da nossa instituição, incide no mesmo veso enquanto pretende a reforma pela universidade.

Com todos os seus planos de sonhado engrandecimento, o governo, como há pouco sucedeu no Gymnasio Nacional, depois de nomear um director que se não acha nos casos exigidos pelo código e mandar para a regencia interina de uma cadeira de mathematicas pessoa bem ignorante dessa disciplina a ponto de servir de escarnio dos proprios alunos, faz contradança em varias cadeiras interpretando mal uma lei do congresso e demora

o concurso de Historia, porque, dizem, quer beneficiar um protegido.

Neste caminho, tudo viciando, almeja fundar a universidade com o intento de aproveitar os individuos mandados para certas escolas, visando dar-lhes boa collocação na futura reforma.

E, abraçado aos dois projectos de universidade, depois de, com as escandalosas desaccumulações havidas somente no ministerio do interior, exonerar professores por concurso, servindo a afiliados e encaixando recomendados, canta as grandezas da universidade piorando o ensino pelos favores a estudantes e escolha de professores de mérito contestado.

Não fructificará em terreno tão mal arroteado o já malarranjado projecto de universidade.

9-903.

Theodoro Magalhães.

Sonho absurdo

Minha senhora, eu sei que o afecto vehemente
Que n'alma vos consagro, afecto immaculado,
Como o riso ideal de um ceu ruborizado
Pelos beijos de luz de um sol inda nascente;

E' chaimera tão vã como a união que ousado,
Alguem sonhasse um dia, em febre, inconsciente
Entre o verme no pó da terra arremessado
E estrella a scintillar, alem, no ceu, nitente...

Eu nunca sentirei, num extase divino,
Cahir-me dentro d'alma um raio crystalino
Do vosso fundo amor, apaixonado e ardente...

Sou um louco, bem sei, mas creia, essa loucura
Faz-me feliz até, e dá tanta ventura
Que eu chego a desejar ser louco eternamente.

Mario da Silva.

Sangue mau

No bond, pela manhã.

O inverno chega pouco a pouco e põe frisas exageradas nas arvores que choram e nas mãos pequeninas das moças.

Um frio cortante enruga-me a face, dando-lhe o tom quasi violaceo e triste das capellas de entero.

Bom! faz muito frio nesta cidade elegante, por este mês de junho, através da nevoa, através do ar.

No primeiro banco uma brasileira morena envolve-se, como uma gata, na *boa* que lhe circunda

o pescoço e lhe cae peito abaixo, num abandono de réptil anestesiado, que as mãos onde diamantes rutilam e tem no ar um arrepião de frio longo e demorado.

Pelas ruas rumorosas vamos passando e a paisagem se desenrola.

Chacaras enormes com jardins em flor e palmas vermelhas vistas através da gradaria verde.

(Bom para viver, bom para amar...)

Na curva de uma rua um outro bond aparece. Vem em sentido contrário. E ao cruzar com o nosso, noto estupefacto que a brasileira morena, do banco da frente, de *boa* enroscada ao pescoço, como um ramo de acantho a um marmore pagão, troca um olhar e um sorriso significativo com o cocheiro do outro.

Meu Deus! que relação pode haver entre esta mulher quasi original, cheirando bem, e esse homem, cocheiro de um bond, mal enroupado, num gesto eterno de moer o chicote, em linha definida, como é natural nos chicotes de couro cru?...

E me vêm à idéia páginas que já li, neurasthenicas, de paixões exquisitas, em que baronesas de *biscuit* entregam-se por lascivia a *grooms* negros, sem escrupulo, sem nojo...

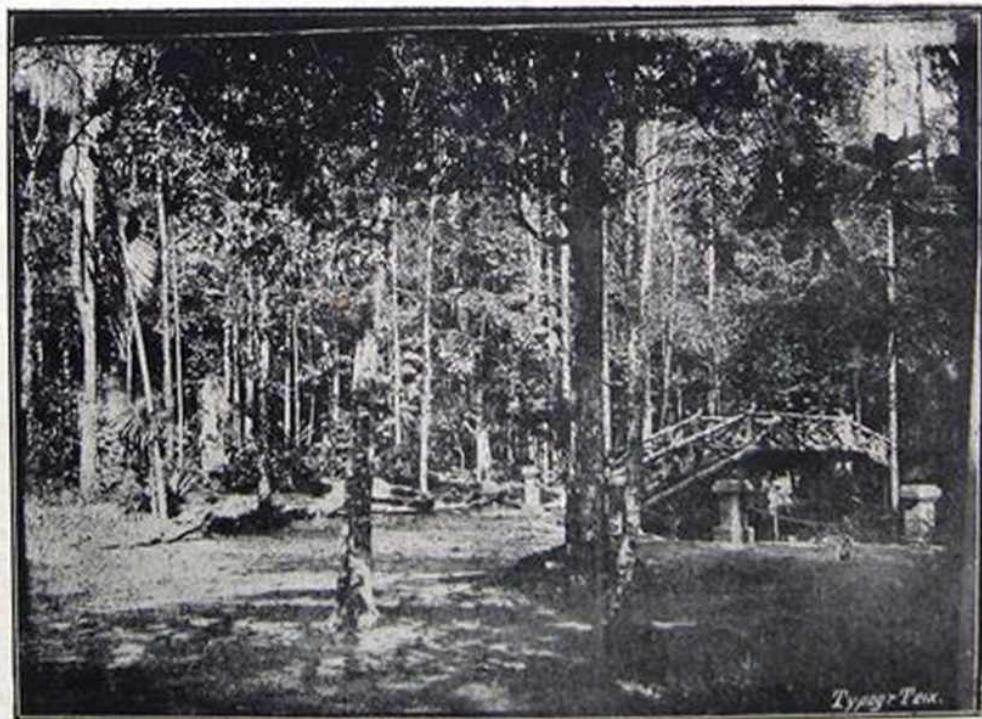
Deixo-me levar um momento por esta psychologia ligeira, num bond, entre o almoço e o dever profissional.

Que profundo mysterio o da carne!

Mas chego. Salto presto. Perco de vista emfim essa mulher morena, quasi original de diamantes no dedo, que sorria canalhamente para um cocheiro de bond.

(Dos «Pintorescos»)

R. Alves de Faria.



Typeg-Tex

PARA - BOSQUE MUNICIPAL

Sonho alado

Ah! como bem para nós dois seria.
Se o bom Deus dessas lendas milagrosas,
No seu amor, nos concedesse, um dia,
Dois lindos pares de azas luminosas...

— Não sei mesmo de alegre o que eu fazia!
Deixando os lyrios e deixando as rosas,
Feliz contigo às nuvens subiria
Para o noivado em flor das nebulosas...

Na caricia de plumas de uma trova,
Viveríamos nós, nós dois sósinhos,
Lá nas torres fieis da lua-nova...

— Morrer longe dos homens e das casas
Se Deus nos dísse como aos passarinhos
Dois brancos pares de travessas azas!

Maranhão Sobrinho.

A justiça humana, a meu ver, é a coisa mais caricata do mundo: um homem julgando o outro é um spectaculo que me faria morrer de riso, se me não fizesse chorar de compaixão.

GUSTAVE FLAUBERT.

No fundo de cada um dos nossos contemporâneos residem latentes os instintos de um carasco.

DOSTOIEWSKI.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE NOVEMBRO DE 1903

NUM. 53



SANTOS TAVARES

QUADRO

I

Vinha rasgando a mata intrincada de espinhos,
Humilhando a esmeralda e os balouçantes ninhos,
A soberana astral de infinitos scismares
A grande Castellâ das terras e dos mares.

Pela estrada serena, á madrugada pura,
Alegremente chiava um carro; architectura
Roceira; e, nelle, dentro uma formosa dama
Do Espaço contemplava o immenso panorama.
Borboletas em bando arrodeavam-lhe o rosto
Rosto niveo e noival dum pallido desgosto.
Alpestre cordilheira a cupula cinzenta
Erguia, a parecer uma chimera odienta.
Pomposo valle, atraç, dos seus olhos brilhava!
Era o orvalho da noite extensa que occultava
A luxuriante relva, enlanguecida agora
Por consorcio com o sol na volupia da aurora...
E vinha chiando o carro.

Ao real throno de opala,
Em brilho e esplendor a passarada fala:

«Entre oiros vaes partindo e todo o firmamento
Para te ver passar vae-se tingindo, lento,

De azulado sorriso. Escuta, não vês? Ouves?
Ha de te escarnecer como zombas de nós,
Magestade de um sonho amortalhado, atroz!
Companheiros gentis ao teu tiro morreram
O' deshumana e má! E os seus filhos viveram?
E poderá a arvore enseivar e crescer,
Sen' dos céus o seu sol, da terra o fructo ter?»
E vinha chiando o carro!

«Onde pousem teus olhos
Toda se encurva a fronde e enfestoam-se abrolhos.
Se accaso a tua mão, entre esgalhada rama,
Topa do fructo os pés, como que se derrama
Pelo ambiente um perfume acerbo que envenena,
Vindo dessa juncção de pureza com hyena.
Fartos de tanta luz outros olhos não vimos.
Nem taes labios de sangue e de lascivia opimos.
A tua espadua ardente é a marmorea cegueira
Que mata a mocidade e a natureza inteira.
Scismas? Ha treguas, ha sol, primavera e vida,
Fica inflammado o gelo e a luz entorpecida.»

II

Em baixo, contemplando a belleza e o seu gesto,
Vinha um pagem infeliz um trovador modesto;
Numa luta de amor, nam baldado desejo
Bradava o seu olhar, incendiario lampejo
Duma posse sonhada e dum odio irritante,
Vindos da vibração desse aroma estonteante
Que do corpo de neve estendia-se longe
Em luxuria de freira ou lassidão de monge?



Os Acadêmicos Brasileiros - GONÇALVES PASSOS

E vinha chiando o carro !

Uma sombra assombrosa
Por sobre o quente areal dava a visão radiosa
Do espetro desse busto, inundando, indeciso,
De luz toda a calcada areia; enquanto um friso
Das rodas o atro escudo, em parelha, deixava,
E as patas do animal curto passo marcava.

Nunca volvera o olhar ao seu submisso pagem
Que não fosse a ordenar uma proxima viagem.
E foi subindo o sol pedrarias luzindo
Como luz um milhão de asas d'ouro subindo
Ou mantos de Rajahs em tremenda orgia !
E, ella, inteiro esse goso enervante frua.
Um carnal arrepiado e morbidos cansaços
Percorria-lhe o corpo e os nervos todos lassos...

Depois, erguendo o olhar, brancas mãos sobre a fronte,
Espraiou-o a invocar o insondável horizonte.
Nuvens negras agora à feição de mil vagas
Ensombream do sol as doloridas chagas
Taes como um plumbeo unguento as feridas abertas
No seio maternal. São todas incertas,
Caminho doutro lar, caminho doutra terra,
Livres deste tumulto alvar que nós encerra,
Vaga recordação á memoria lhe veiu
E ficou-se, quedada, em suspiroso enleio.
Dos passaros gentis a voz agora vinha
Assim como obsessão que fosse, linha a linha,
A subir e a crescer, estranhamente rindo
Da chamma original do seu orgulho infíndo.

Fôra a um grande pagode esplendido, brilhante,
Onde todo o poder seu, aureo e deslumbrante,
Tinha sido acclamado ao tilintim dos copos
Pelos palavras vãs de elogios e tropos...

Chegada a nobre Dama á terra do Solar
Rubras linguas de incendio espraiando-se pelo ar
Vé !

Era todo o seu patrio ninho que ardia
Fausto descommunal devastado num dia !
Forte vento assoprava elevando aos céus
A negra fumarada em sinusoides véus.
E mais e mais, sangrento e indomito, augmentava
E num rubro montão tudo enfim transformava.
Toda aquella opulencia, improba, accumulada,
Ia-se, como em sonho irreal, desmoronada.
Pallido, collocou a mão na face triste
Insensível e muda: «Oh ! nada mais existe
Do heraldico brasão verde-roxo-dourado !»
E sempre a mesma chamma a crescer e a subir
Sem que lá dos céus, d'água uma gota a cahir
Viesse ! E o bom firmamento então se convertesse
Todo num fundo rio e chovesse... chovesse...
Só ! Só ! Na immensa dor que lhe pungia o peito
Não veria a nobresa offerecer-lhe um leito,
Afogueada, correndo á desdita e á miseria,
Como outrora aos festins, cheia de impasia e leria...

Somente como um cão, aos pés, humildemente,
Em roseo pesadelo, entre-sorrindo, sente
O mesmo pagem fiel !

Ao largo uma cigarra

Trefegas asas d'ouro-azul, trasgo, bizarra,
Em floculos, um canto estranhamente sóltia !

E o céu, agora escuro, as fagulhas recolta !

Francisco SERRA.

OS NOVOS PORTUGUEZES

FERNANDO REIS

Lembro-me de ter lido uma vez um artigo de Pinheiro Chagas, nesse *Diário da Manhã*, que elle dirigia, e que, qualquer que seja a opinião que formulemos sobre a maior ou menor grandeza do falecido publicista, foi sem dúvida um dos mais brillantes arautos da literatura portuguesa do seu tempo. E lembro-me, porque desse artigo me ficou na imaginação um período que pelo seu bom critério me impressionou, provocando no meu espírito um aplauso reflectido. Esse período dizia, pouco mais ou menos, isto: «Se nós não falamos com sympathia dos méritos d'um escritor, só porque é nosso amigo, e receiamos que a intenção justa e leal das nossas palavras possa ser desconhecida, deveremos então reservar essa sympathia para os mediocres que temos a felicidade de não conhecer?»

O artigo, tanto quanto a minha memória o reconstitue, tratava na sua generalidade do retrahimento egoista dos escritores naturalistas da França, avaros até ao maior excesso de qualquer palavra de estimulo, admiração ou amizade que mutuamente se poderiam tributar. E em contraposição a tal processo, Pinheiro Chagas recordava a tocante, a encantadora confraternidade de que deram provas na sua batalhadora mocidade e na sua resplandecente consagração os escritores do Romantismo, tão unidos na sua *commun aspiração* e na sua collectiva campanha que se dizia formarem, como a nossa para as batalhas campaes da independência patria, uma luminosa *ala dos namorados do Ideal*.

Sim, Pinheiro Chagas tinha razão. Reprimir no íntimo a expressão sincera do nosso sentir, apenas por temer as malevolas interpretações do público, parece-me fraquesa degenerando em cobardia, ou pelo menos uma injustificável exceção aos propósitos que todo o escritor, digno d'este nome, forma de dizer, como lhe cumpre, toda a verdade, como o seu espírito e a sua consciência lhe inspiram. Reconhecemos valor, talento ou genio a um amigo, e porque elle o é, implicitamente temos de calar essa opinião, afectando uma indiferença, que não existe no nosso coração, nem no nosso cérebro ! Porque ? Porque o espantalho do *elogio mutuo* se levanta diante dos nossos olhos, — quando tanta distância vae d'elle, que sem discrepancia se applicava a todos, quer talentosos, quer imbecis, a essa severa selecção por onde deve orientar-se a nossa consciência para admirar outra, e a nossa mão para apertar outra.

Vêm estas considerações a propósito, porque eu hoje, aproveitando esta calmaria literária, desejo enfileirar n'esta galeria de novos um dos escritor-

TABELA

Das notas em recolhimento até o dia 30 de Novembro de 1903 offerecida pelo magazine
A REVISTA DO NORTE aos seus leitores



6.ª ESTAMPA



7.ª ESTAMPA



8.ª ESTAMPA



Descontos:

Até 31 de Dezembro	1903 2 %
* 31 de Março	1904 4 %
* 30 de Junho	“ 6 %
* 30 de Setembro	“ 8 %
* 31 de Outubro	“ 10 %
* 30 de Novembro	“ 15 %
* 31 de Dezembro	“ 20 %

e d'ahi em diante aumentando mensalmente 5 % até a desvalorização completa em Abril de 1906.



Alem das notas acima, que são as do Governo, serão em 30 de Novembro recolhidas com os mesmos descontos — todas as notas de Emissão Bancaria.



Typegr. Teir.



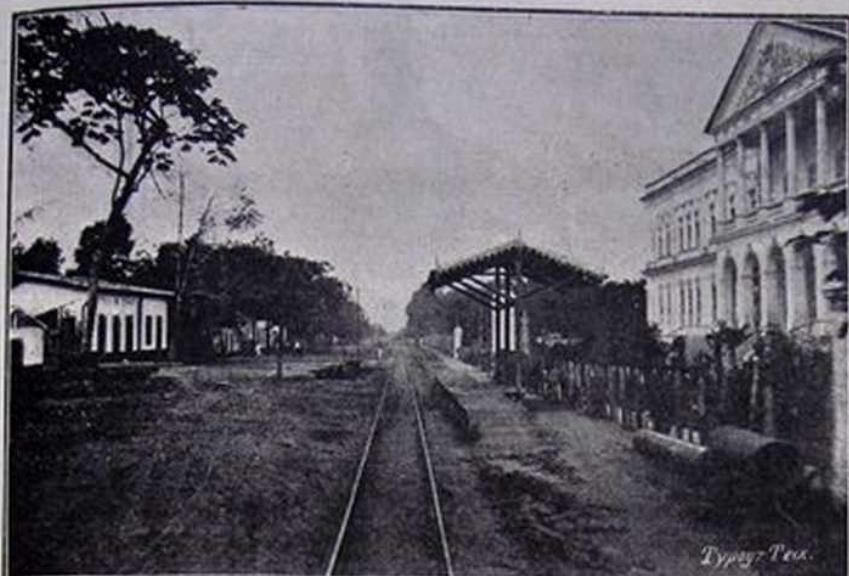
7.ª ESTAMPA



7.ª ESTAMPA



8.ª ESTAMPA



PARA'—INSTITUTO LAURO SODRÉ AO MARCO DA LEGUA

res da minha geração que é um dos seus mais bellos espíritos e também um dos meus melhores amigos. O preconceito estabelecido n'estas apreciações de arte fez-me hesitar um momento, confesso-o. Como é difícil falar d'um amigo, prevendo que pode ser injustamente interpretado o nosso dedicado sentimento! Mas devo reagir, como é meu hábito reagir contra tudo aquillo que se me afigura falso, embora transitoriamente triunfante. E por isso escrevo, e por isso fallo,—porque *sinto*.

Fernando Reis, o mais querido dos meus camaradas, passa a ser, durante o espaço que me levar a elaboração d'este pallido perfil, apenas o escriptor Fernando Reis, de que eu, como todo o público, podemos ler e analysar os trabalhos. Apenas me servirá o seu conhecimento pessoal para com fidelidade poder traçar, como eu julgo ter-se dado, a sua evolução artística.

E opinião geral, entre os que conhecem as produções de Fernando Reis, que elle é, senão exclusivamente, pelo menos na mais accentuada nota do seu carácter literario, um critico. Mas esta palavra define apenas, a meu ver, uma noção incompleta do seu tipo intelectual. Melhor lhe ficaria a de *observador*. Com efeito, Fernando Reis é, em alto grau, alguém que observa. Que observa o quê? Tudo, analyticamente. Que observa, como? Tudo, instinctivamente. Numa palavra, a observação é n'elle uma necessidade instinctiva que elle apenas reflexivamente define, corrigindo-a umas vezes, generalizando-a outras.

Observação, observação em que enterra a alma e o cérebro, observação de todo o meio exterior como de todas as intimas intuições! Podemos estar n'uma casa, cinco minutos apenas, atravessar uma rua, em menor espaço de tempo ainda, fitar um homem, somente n'um fugitivo segundo, se nasceu no nosso espírito alguma impressão, se fixamos qualquer aspecto, essa impressão apaga-se tão depressa do nosso espírito, como instantaneamente.

mentre a visão que a suggeriu atravessou a nossa retina. Para Fernando Reis, não. Quer um propósito deliberado a isso o induzisse, quer um segundo deixasse espraiar-se a vista, elle *vio* tudo, elle *fixou* tudo. Uma infinitude de detalhes, que nós não vimos, nem n'elles pensamos, e lhes metteu a elle, pelos olhos dentro. O resultado é fatal. Fernando Reis veio com uma opinião feita, que rapidamente synthetisou, sobre o local ou sobre o homem. O observador deu ao critico os melhores, os mais seguros, os mais abundantes e authenticos materiaes. E,—é preciso accentuar-o,—isto que se passou com só um simples relancear d'olhos, passa-se, para elle, indistintamente, com a leitura da pagina d'un livro, com a audição d'uma peça de theatro, ou com a contemplação de qualquer quadro de costumes, suprehendido em flagrante ou reconstituído pela descrição.

Da observação nasceu a crítica—disse eu. Agora é que é preciso entendermo-nos. A observação foi completa, o observador é intrinsecamente perfeito. O critico, porém, é que já não é infallivel. Um certo numero de circunstâncias fazem por vezes,—poucas, tão assente é a base dos seus exames,—periclitar a justeza da sua logica. Essas circunstâncias concretam-se principalmente em dois factos. Fernando Reis tem a paixão do absoluto e é um incorrigível sentimental. Alguns dos escriptores do nosso tempo que teem estabelecido sobre Fernando Reis um dogmatico criterio, ficarão de certo admirados com a segunda afirmação que formulei agora. Com efeito, um dos predicados que até hoje têm sido negados a Fernando Reis é precisamente, ou antes exclusivamente este,—o do sentimento. Réputam-o um espírito frio, embora firmemente dedicado a tudo quanto é justo e benefico. Engano! Puro engano! Fernando Reis,—posso dizer-o, eu, que o conheço na intimidade há tantos anos,—é um sentimental na essencia, e é o sentimento, e o que é mais, o sentimento impulsivo, que forma a base do seu carácter.

Sentimento vivo e fecundo que tanto ergue o seu espírito, mas que tanto prejudica, por vezes, a serenidade, a segurança do seu criterio; sentimento que tanto vibra pela piedade como se emociona pela belleza; sentimento que, pretendendo elle conciliar com a logica, o leva frequentemente ao perigoso equilíbrio do paradoxo!

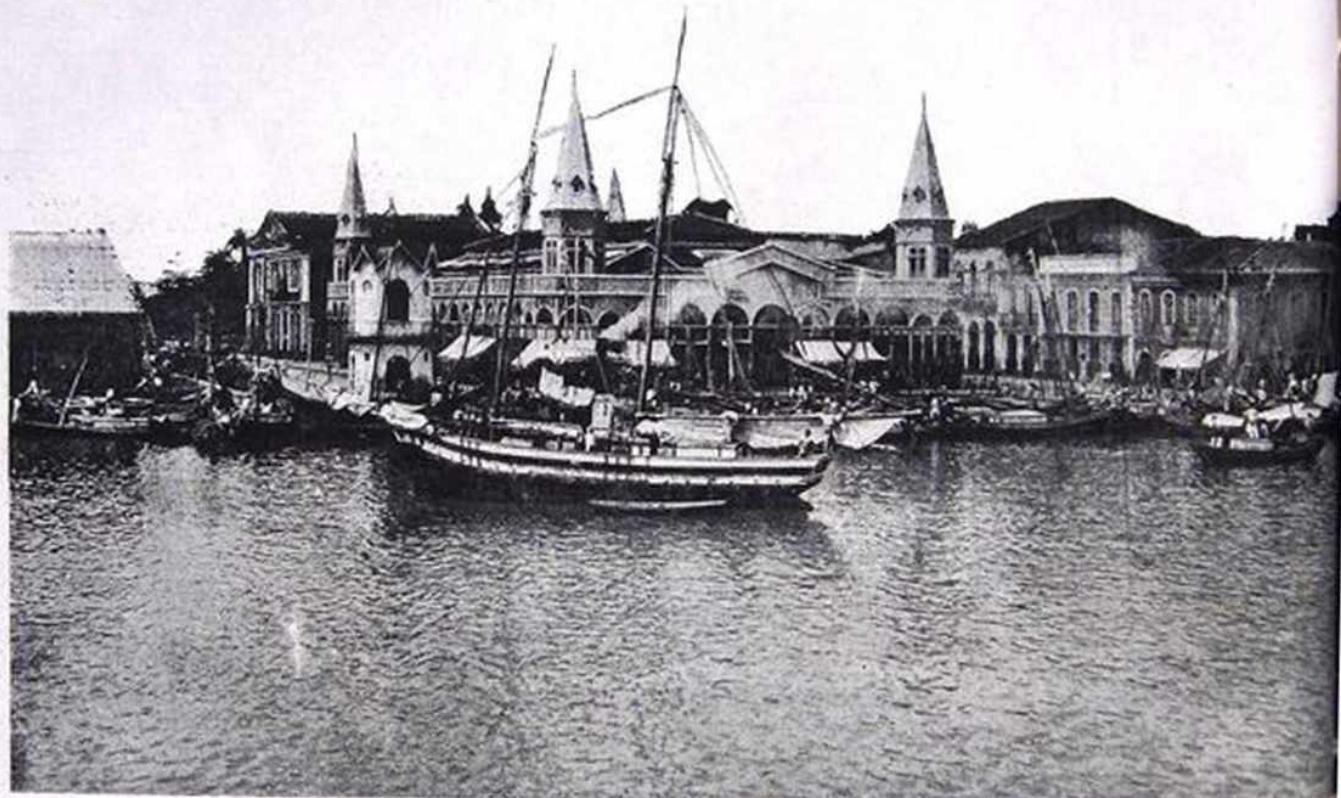
Se o sentimento é a viva inspiração d'alma que o desvia da inflexibilidade critica, a sua paixão pelo absoluto é a premeditação cerebral que o leva por vezes ao erro dos dogmas. Fernando Reis deseja, como critico, classificar todo o trabalho do espírito em rigorosas formulas que nem de leve admittissem a infracção das exceções. Para elle qualquer obra artística, como qualquer concepção social ou qualquer costume tradicionalista, não devia norlear-se d'uma maneira imperturbável den-

tro de imperturbaveis systemas ou leis. Outro dos seus enganos. O absoluto é apenas uma orgulhosa aspiração dos homens que a cada momento os factos contradizem. Em todos os phenomenos da Vida se denuncia a relatividade dos principios. Nada, que na Vida se integre, pode ser tomado em bloco. O Bem tem o seu calcanhar de Achilles, como o Mal não se isenta da sua parcella de justiça. Os symbolos só vivem nos dominios da pura abstracção. Trazidos para a Vida fluctuam no eterno dilema que é o desespero dos pensadores.

Tirando, porém, estas duas contingencias, que difficilmente encontrarmos em qualquer trabalho de critica, mesmo entre aquelles que firmem as maiores notabilidades no genero, o trabalho critico, aquelle em que Fernando Reis mais se tem afirmado, pode, deve ser para elle a fonte do seu mais legitimo orgulho. Raro terá apparecido em

que honram a intellectualidade portugueza dos nossos dias.

Vae longo já, para os limites destes perfis, o esboço do que se me affigura ser o aspecto mais caracteristico de Fernando Reis na sua individualidade literaria. Tinha ainda muito mais que dizer: relembrar o seu prodigioso esforço mental, a sua actividade de estudioso de escriptor, que em poucos annos o collocaram na primeira fila dos jovens escriptores que hoje estão na brecha, batendo-se pela renovação dos ideaes artisticos em Portugal. Mas quer como romancista,—Fernando Reis está dando a ultima demão a um audacioso romance social,—quer como chronista,—Fernando Reis foi um dos mais notaveis luctadores do grupo das chronicas da *Patria*, que deixaram sulco na literatura moderna,—é sempre o seu temperamento de observador que se destaca, sobrelevando as suas bellas ana-



PANO

Portugal um espirito que mais desassombradamente falle depois de ter mais rigorosamente observado. A critica,—deixemo-nos de illusões,—foi criada apenas para as mãos honestas. Nenhuma mãos mais honestas do que as de Fernando Reis poderiam amassal-a para as creações da Forma. Não se comprehende um espirito vil, um carácter mesquinho, um coração rancoroso fazendo critica, isto é, ponderando qualidades e defeitos e dando lealmente um veredicto. Essa critica é falsa, porque se lhe falsificou a imparcialidade que a vivifica. A verdadeira reconhece-se tipicamente pela sinceridade que denuncia, embora possa falhar na apreciação. Fernando Reis, posso dizer-o sem receio da mais leve contradição, é uma das maiores sinceridades

lyses a todos os gritos que o seu coração lhe inspira e a todas as apologias de principios que mentalmente o orientam.

Novo, obstinado, intransigente, tendo pela Arte um culto que não é inferior ao que tributa a Justiça,—sonho, esperança, nervo e vida de todo o actual movimento intellectual do mundo,—Fernando Reis tem diante de si o futuro aberto aos trabalhadores que não descançam e aos luctadores que o não desarmam. Esse futuro pertence-lhe, pode chamar-lhe altivamente seu. Conquistou-o pelo seu grande coração, pelo seu portiado trabalho e pelo generoso talento. Dizel-o é um acto de justiça,—e por isso lho diz, com sinceridade e prazer, o seu obscuro collaborador dos *Vermelhos* e do *Caminho*.

do Sol que, com elle e como elle, teve sempre, e constantemente terá os olhos fitos nessa Justiça que os irmanou n'uma leal camaradagem e n'uma embriagadora aspiração.

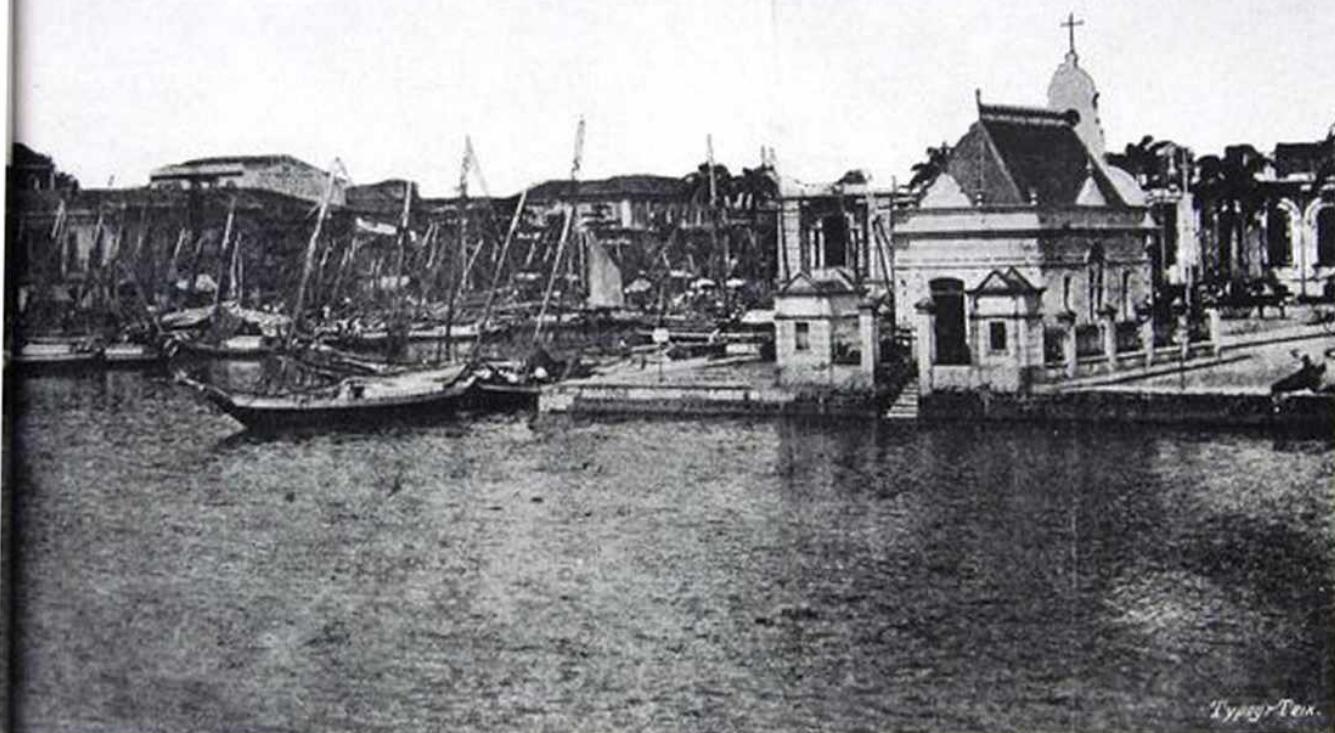
MAYER GARCÃO.

As Cartas Chilenas

Os governos despóticos provocam sempre uma reacção que, enquanto se não pôde traduzir pela revolta na praça, manifesta-se nas críticas e satyras anonymas. É um meio facilímo para os que governam, para os que são poderosos, avaliarem da opinião pública. Todas as litteraturas tem produções desses que se podem catalogar desde o *Peregrino*, satyrando a alluvião de prophetas no império romano, até o nosso *Timandro*. Estão nesse caso

o numero de tres hypotheses, sem haver para isso poderosas razões. Até hoje, que nos conste, não tem havido rigorosas pesquisas; o methodo único que pôde produzir serios resultados não tem sido aproveitado. Não se tem ido da indução resultada do laborioso e paciente confronto de trechos, poesias, ideias, para a determinação do auctor, determinação impersonalizada.

Depois de muitos ensaios, o que por este processo se obtém é uma conclusão negativa, porém, uma conclusão valiosa. Não se chega a um nome próprio, cousa difficilima na direcção em que levam as investigações; já não é, porém, pouco a dimilitação do campo em que deve ser procurado esse escritor anonymo. Pela contextura dos versos que são correctamente escriptos e muitas vezes de incontestável beleza, pelos factos narrados que se prendem mui de perto ao movimento grandioso e dra-



Typegr Tex.

PARA'

as *Cartas Chilenas* que trouxeram intrigados os poucos criticos que delas se ocuparam, e, continuam ainda anonymas. Os escriptores que a essas *Cartas* se referem, não são do mesmo parecer quando se trata de determinar-lhes o auctor, apontam este ou aquelle poeta como o mais capaz, porém, não sustentam o parecer por uma argumentação que o corrobore. Ao contrário disso, não tem havido por parte de alguns, bastante preocupação pelo trabalho, que é de si fastidioso, de modo que afirmações ha, puramente gratuitas, que só servem para dificultar a investigação. Em uma questão destas, quanto mais numerosas são as hypotheses, tanto mais difícil é chegar-se a um resultado; torna-se, portanto, bastante condemnável aumentar

matico da Conjuração Mineira, foram os criticos levados a atribuir essa colecção de satyras a um desses nomes conhecidos, Gonzaga, Claudio, Alvarenga Peixoto. A delicadeza de alguns versos, algumas ideias graciosas, fizeram pensar em Claudio e em Gonzaga; a virulência de outros versos fez pender mais para Alvarenga Peixoto a autoria das *Cartas Chilenas*. As notas asperas que pareceram impropriadas de dois arcades poetas de apurado sentimentalismo, pastores, nas comparações enas ideias explicou-se com Alvarenga Peixoto, carácter franco, aberto a todos os sentimentos, arrebatado, de facil instabilidade ardente, e como tal, capaz de excessos em desabafo bilioso. Wolf, Ferdinand Denis, De Simoni, Castello Branco atribuem a Al-



Os Acadêmicos Brasileiros—RAYMUNDO CORRÊA

varenga Peixoto, Sylvio Romero aponta Claudio; Francisco L. Saturnino da Veiga, auctor da copia mais completa, Luiz Francisco da Veiga, o possuidor da copia que hoje corre impressa, Nunes Ribeiro, Chagas Ribeiro, possuidor da copia menos completa, asseveram que o auctor é Antonio Gonzaga. Warnhagen supõe que as *Cartas* são de Claudio ou Alvarenga Peixoto. Pereira da Silva hesita entre esses trez—eu—todos tres em liga e combinação. Nssso modo de pensar não se parece com o de qualquer dos escriptores citados. Não será pequeno o nosso contentamento se conseguirmos mostrar que nessa direcção nunca se descobrirá o auctor das *Cartas Chilenas*. Para nós, é fora de dúvida que nenhum destes poetas que teem sido apontados pode ser o auctor das satyras anonymas. Do confronto das poesias conhecidas dos poetas mineiros, do estudo de suas biographias, da reconstituição de seus caracteres por um processo puramente determinista, concluimos que nenhum delles o podia ser. Nesse sentido; encontramos algumas palavras do Sr. Norberto de Sousa e Silva; todavia esse escriptor não apresenta documentos, nem argumentos serios em que se possa estribar o seu modo de julgar.

As *Cartas Chilenas* foram pela primeira vez impressas em numero de sete, na Minerva Brasileira em 1845, servindo para essa impressão uma copia pertencente a Francisco Chagas Ribeiro. Em 1863 o sr. Luiz Francisco da Veiga imprimiu uma copia que pertencia a seu avô F. Luiz Saturnino da Veiga, copia muito mais completa, pois, consta de treze cartas, embora em algumas se notem grandes

claros. Essa nova copia é incontestavelmente superior à outra, sendo todas as *Cartas* evidentemente da mesma origem, como se deduz da mais simples ou da mais minuciosa leitura.

Segundo Warnhagen, foram as *Cartas Chilenas* escriptas em 1786, depois das festas que se fizeram pelos casamentos dos infantes de Portugal e Espanha. Essa opinião que tem por base a descrição de tais festas que se encontram nas satyras pode ser contestada. Parece que tais *Cartas* foram escriptas de 1788 a principios de 1789. Naturalmente não datam todas da mesma época, é, porém esse o período em que se completaram pelo menos. Em abono deste parecer citamos as seguintes passagens. Na epistola a Critillo, pag. 23:

Subditos infelizes, que provaste
Os estragos da barbara desordem,
Respirai, respirai.

No prologo em prosa, pag. 33. «Entre elles encontrei as *Cartas Chilenas*, que são um artifício compendio das desordens, que fez no seu governo. Fanfaneu Minezio, General do Chile». Este trecho poderia passar como um simples meio de acobertar o autor das satyras, se não fossem os versos que antes citamos. Por ali se vê que as Cartas de Critillo tinham sido lidas por outro poeta e que esse, a modo de prefacio critico, dirigia-lhe uma epistola. A combinação dos trechos faz cair a hypothese de que este último período transcripto seja um simples disfarce com o fim de figurar as satyras como allusivas a um governo estranho e passado. Ainda há, porém, passagens de maior valor:

Escuta a historia de um moderno chefe
Que acaba de reger a nossa Chile...

E tenha um bando de gatunas filhas
Que um clamor não me deixe, se este chefe
Não fez ainda mais do que eu refiro

E este sim, senhor, o mesmo bispo,
A quem o nosso chefe desalmado,
Em quanto governou a nossa Chile,
Já dentro do Palacio, e já na rua,
Tratou como quem trata um vil podengo.

Se houvesse nisso somente a intenção de encobrir o auctor das satyras não se tomava necessário aquelle—que acaba de reger—que indica perfeitamente a data 1788 em que Luiz da Cunha Menezes deixou a Capitania de Minas. Ainda mais positivos são os seguintes versos:

Servia-se este de um lacai,
E por não lhe pagar salario certo,
Deu neste ardil tambem: quando ia as festas
Lhe dava o seu brandão...

Nas vesperas, Amigo, da partida
Tratou de lhe fazer maior a safra:
Passou attestações atodo o mundo.

SUPPLEMENTO AO N. 53

1 DE NOVEMBRO DE 1903



Typegr Tax.

RICHEMONT--O incenso.

A REVISTA DO NORTE

MARANHÃO—BRAZIL

Fica, pois, assente que as *Cartas Chilenas* são de 1788.

Determinada a época, fica de pé o grande problema! Quem é Critillo? É um anagramma? É um pseudónimo arcado? Anagramma, à primeira vista, se conclui que não o é. Dorotheo, a não ser nome como era Dorothea, pôde ser Theodoro, não ha, porém, nome que pela transposição de letra possa dar Critillo. Não se encontra em toda a literatura portuguesa um Critillo, ha Mystillo, sendo um delles o de que fala Bocage, Manoel Bernades de Sousa e Mello; é, portanto, inutil tomar, como base de investigações o nome adoptado pelo autor das *Cartas Chilenas*. Não ha documento algum que nos mostre qual a causa que presidiu a escolha desse nome.

Estudemos, pois, Critillo sem dar valor algum ao nome.

—A seguir.

TITO LIVIO DE CASTRO

Jurity

AO VERISSIMO VIEIRA

Toda a noite passara sem poder dormir, deitado na rede armada da parede para uma columna no alpendre, as pernas calhadas para fóra, as mãos cruzadas debaixo da cabeça e o olhar esquecido no telhado escuro, exposto ao vento frio que balançava as folhas compridas do bananal.

Era a primeira vez que lhe succedia isto. Não se lembrava de ter passado uma noite assim, nem mesmo quando voltava do samba...

Ah, o samba! ha muito que não ia ao samba, recordava com saudade.

Naquelle tempo sim, a cousa era boa — brincava com uma, fallava com outra, dizendo gracinhas, palavras macias de amor, dansava com a Joanna ou com a Theodora um sapateado ligeiro, requebrado e cantava o desafio terminando-o sempre vitorioso, olhado por todas com faceirices e até pela ingrata da Thereza, mulata dengosa, novinha, que lembrava um jumbo fresco, sasonado e carnudo.

Bebia o aluá-saboroso e a aguardente do Cumbe que lhe escaldava o sangue. Depois, novamente, para o sapateado com a Zefinha, morena franzina, graciosa, mais clara que as outras, de labios encarnados como o caroço do urucú, que elle parecia suspender nos braços quando dansava, tão leve era.

E já tarde, quando o gallo cantava no terreiro, o pescoço levantado, as azas batendo festejando o sol que dormira toda a noite atraç da serra e se levantava agora, fresco, luminoso, como se tivesse tornado um banho, lá ia elle, chapeu à nuca, o olhar erguido contemplando o lençol verde das mattas, as narinas dilatadas aspirando o cheiro humido da terra e das plantas, estrada afóra, na burrinha marchadeira, margeando a lagoa, calma, prateada de sol, muito grande!

Fôra num samba, em casa do compadre Ignacio, na vespera de S. João, que primeiro a vira...

Não se lembrava como aquillo foi, mas desde aquele momento sempre que elle o olhava, com os

seus grandes olhos negros, rasgados, luminosos e humidos, cheios dum ternura de creança doente, elle ficava móle, flectindo o chão, envergonhado e feliz como se uma caricia subtil lhe arriasse de leve alguma cousa lá dentro do peito.

E não sabia fallar mais, chamava-n' o e elle não ia, ficava para alli preso como se muitos braços nus de mulatas nuas e bonitas prendessem aos braços de leve, com volupia, enlaçando-o todo num prazer demorado...

As vezes olhava-a tambem, e ella baixava os olhos, inquieta, o moreno suave do seu rosto ficava da cõr do caldo do Assahy e um risosinho medroso brincava alli no canto dos labios, levemente arqueados, cavando mais as covinhas tentadoras das faces. Era alli, com certeza, que a sua alma morava, alma ingenua e boa de menina que ainda brinca de esconder.

E, embora ficasse assim, timida, assustada, não a deixava de olhar muito tempo, demoradamente, com uma ternura que jamais tivera; até que lhe batia no ombro a mão d'algum companheiro ou uma voz lhe feria o ouvido chamando-o para o desafio.

Voltava a si, medroso, desconfiado, pensando que todos tinham visto aquillo e sahia do terraço triste como se fosse para embarcar. Da porta olhava-a ainda, no meio das outras, brincando aos pulos ao redor da fogueira, cuja luz tornava mais branco o seu vestidinho de cambraia enfeitado de renda e mais bello o seu rosto rosado e gracioso. Das risadas do grupo ouvia primeiro a dela, cristalina, vibrante, macia que lhe chegava aos ouvidos tão branda como a voz de sua mãe quando era pequenino.

E o seu cabello farto, lustroso, cahido em ondas para as costas, pelos hombros, mais negro que o escuro das moitas nas noites de chuva, como era lindo! Os pequenos seios duros que pareciam revoltados na prisão do corpete arrendado, a cintura delgada, a curva sensual dos quadris e o contorno do seu corpo mais esbelto e flexivel que a vara do juncos, como era formoso e lindo!

Fôra na vespera de S. João... e agora lembrava saudoso, com muita tristeza, as cousas todas daquella festa.

Como ella andava ligeira, agil, deslizando qual jassanã, nem pisava, ia pelo ar na poeira do chão. E todos olhava-n' a com uma bondade e uma meiguice de mãe que vê o filhinho gorduchinho, as pernas móles ainda, ensaiando o passo quasi de gatinhas, os bracitos levantados, as mãosinhos procurando alguma cousa para pegar, com medo de cahir... Tão formosa e boa sempre rindo, parecia que a alegria de toda a festa nascia do seu olhar terno, cheio de raios luminosos não como no olhar das outras, rectos, mas curvos, cariciosos, colleando a todos com volupia.

Depois, era na sabida da missa, aos domingos, os cabellos soltos, as faces coradas e frescas do banho, os olhos bulicosos revirando-se com faceirice dentro das palpebras e toda ella linda! vestida de cassa leve, azul como um céu claro de meio-dia no tempo das secas.

Um dia na porta da Igreja lhe fallara baixinho ao ouvido, dando-lhe de presente um cravo bran-



A NOVA CASCATA NO BOSQUE MUNICIPAL—PARA—Phot. Amador Domingos Corrêa

co e um ramo de alecrim. Ela o recebeu corando, prendeu-o ao seio, na renda, e disse medrosa com uma voz muito doce—sim. Depois saiu com os irmãozinhos pela mão olhando assustada para todos os lados.

Agora, era como se nada tivesse havido, ella o amava ainda, mas o pae ia caçal-a com o filho da senhora Izabel, moço guapo que viera do norte onde ganhara muito dinheiro.

Mas aquillo não podia ser, dizia, olhando as telhas sujas, as pernas cahidas para fóra da rede, as mãos debaixo da cabeça—não podia ser, não, com a graça de Deus—repetia mentalmente com vontade de chorar.

O dia despertava. Dir-se-ia que a curva azul do céo empurrada de longe, vinha se estreitando para abraçar a povoação. O sol la na estrema, por detraz dos morros erguia-se aos poucos como um grande olho aberto que quizesse ver da banda oposta, ao longe, o escuro da matta. As grandes arvores pareciam espreguiçar do sono e nos galhos verdes, distendidos, os passaros agitavam as azas como se sentissem um ultimo arrepio de frio.

Lá em cima, no fim da rampa que defrontava a estrada, no pateo da casinha branca do velho Saboia, surgiam abertas as flores ensanguentadas das salsas à caricia morna dos primeiros jorros de luz.

Os toiros aspirando o cheiro sadio do leite passeavam lentos ao redor do curral, onde a velha Benta lavava as cuias gordurosas de soiro, e as vacas mugiam tristemente como se lhes pesassem os uberes pejados.

No terreiro as gallinhas e os capotes ciscavam á espera do milho. E no galho ultimo d'uma mangueira copada um cardeal, erguida a cabecita encarnada brilhando ao sol, fitava surpreso o vasto mattagal pulverizado d'uma farinha de oiro e cantava com orgulho um canto estridente e vibrante!

Raimundo levou as mãos as bordas da rede, ergueno o tronco, distendeu os braços arqueando-os sobre a cabeça, bocejou com preguiça e saltou para

o chão—aquele não podia ser com a graça de Deus.

No correlo que cortava a campina la no fundo do sitio, mergulhou, ligefro. O aljofar d'agua rolou pelo seu corpo moreno e musculoso de caboclo forte e sâo.

Tomado o banho, saiu para a cosinha onde bebeu, a golpes fartos, na tijellinha de louça barata, o café da manhã, mordendo aqui e alli um beiju de mandioca.

Depois, cigarro amarelo acceso ao canto da boca, bacamarte a tiracollo, la se foi caminho da villa, estrada afôra.

O seu olhar energico d'uma immobildade tragicamente espelhava bem a expressão a que se não podem furtar aqueles que vão para o crime.

Uma vez que foi chegado a villa, procurou o lugar que lhe servisse e apenas o cortejo apareceu na praça, caminho da Igreja, la estava elle detrás d'uma grossa mangabeira, bacamarte assentado, tremendo mais de raiva que de medo, à esperado momento.

E, nem tinham subido ainda, o primeiro degrau da escadinha do adro, os noivos, o estampido partiu.

O corpo airoso de Jurity, a amada do seu coração que ia para casar, roliu rapido sobre os pés cahindo em cheio, curvado horrivelmente na torsão derradeira da morte.

Milton Barbosa Lima.

O casamento deve constantemente combater um monstro que tudo devora; o habito.

Balzac.

Impedir de nascer á matar de antemão.

Tertuliano.

O amor é a poesia dos sentidos.

Balzac.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE NOVEMBRO DE 1903

NUM. 54



VIRGILIO DE MENDONÇA

ESPOSA E MÃE

(Uma cena da secca do Ceará)

Vira tombar ali exhausto de canção,
e morto pela fome aquele esposo amado,
a quem dera na vida o seu primeiro abraço,
esse consolo ideal de um seio immaculado.

A dor fôra tão grande e fôra tão intensa,
tinha tanto amargor dentro do coração,
que não teve um só pranto
que não soube chorar
esse que amara tanto
e que vira tombar,
ferido pela morte, e sem roupa e sem pão.

Perto do lar cavára a pobre sepultura,
onde escondera o corpo esquelético e frio.
Vinha cahindo a tarde e toda a azul planura,
tudo em redor de si tinha o aspecto sombrio.
As arvores erguiam os galhos desfolhados
para os céus, para os céus, e nem os passarinhos
vinham cantar à tarde os magicos trinados
e debruçar-se á borda de seus toscos ninhos,
como em tempos passados.

Triste desolaçã tudo manifestava !
e sentindo-se ali do mundo desterrada,
vendo que a propria terra ardente, fustigada,
como que soluçava;
vendo-se sem amparo em meio do deserto,
batida pela dôr,
tinha perdido o olhar e tinha o passo incerto
para se encaminhar pela noite do horror.
Depois fôra maior a sua desventura:
quando voltára a casa, olhando silenciosa
para o leito, onde estava semi-nua e pura
uma criança a dormir, leve botão de rosa,
doce fructo de amor, elo dessa cadeia
que a prendera de vez ao combate da vida,
sua alma se abateu pela magoa vencida,
e de tão desgraçada
em soluços pranteia
a flor idolatrada
a flor extremecida

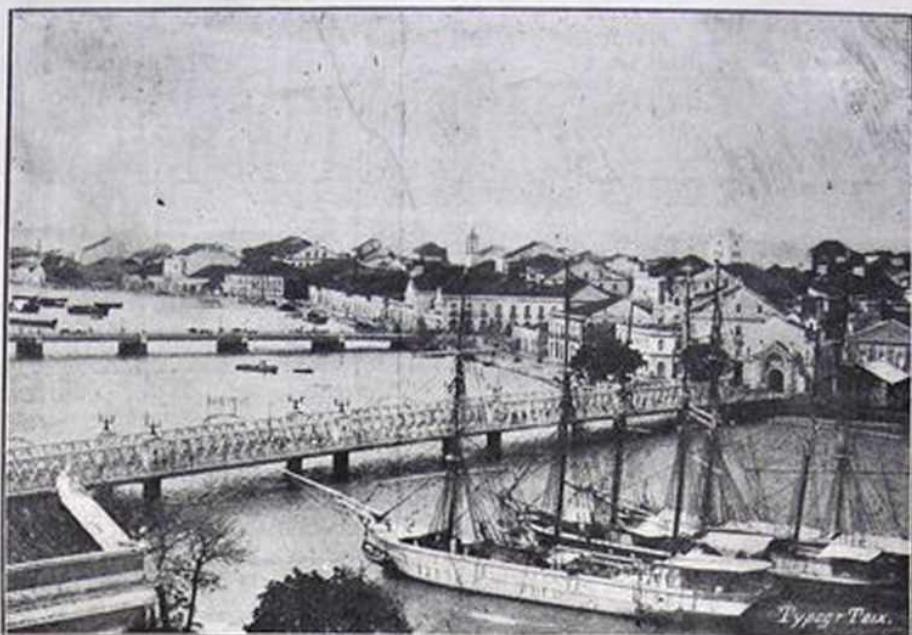
Era a viva expressão do desespero humano,
da miseria e do horror.
Ferida pela mão de um destino tyrano,
o desvairado olhar volvido vagamente,
era aquella mulher que amara doidamente
a sombra da desdita, a sombra do terror:

E como assim não ser, se tinha a persegui-a
um duplice martyrio e qual o mais atroz ?
A tortura cruel entrecortou-lhe a fala,
o mais duro soluço emmudeceu-lhe a voz.

Subito agarra o filho e—nesse ethereo instante
em que a mulher é mãe—tinha doce o olhar,
murmurou de mansinho uma prece incessante
e foi-se pela estrada, abandonando o lar.

Tombára a noite então e aconchegando ao seio
o filho extremecido
aquella pobre mãe tinha o louco receio
de sentir-o chorar e de morrer transido
pelo frio.

Logo seu coração partido
pelo extremo sofrer, pela suprema dor
palpitára de novo, a extremecer de amor;
sua alma se elevou numa prece contricta,
pedindo e supplicando aquella criancita:
—Piedade, meu Senhor, para os que soffrem tanto;
bem sabeis, Deus do céu, quanto choramos, quanto,
sob o peso cruel de uma sorte tão dura,
sob o peso cruel de tanta desventura !—



RECIFE—VISTA GEBAL

Já vinha no horizonte despontando a aurora
e os passaros gentis que cantavam outr'ora
pelos ramos em flor tridulam tristemente
uma canção de magoa afflictiva e dolente,
traduzindo talvez essa amargura intensa
de um povo que suporta uma desgraça immensa.

Ascende pouco a pouco o sol vivificante,
ardente, bello, rubro, enorme e fulgurante,
a rolar pela face azulada do céo,
raios a desfazer o opalescente véo
de neblina que envolve a cabeça dos montes,
perdidos para além, longinquos horizontes,
envolvidos na luz confusa das distancias.
No entanto essa mulher caminha, arfando em an-

cias,
tendo ao calor do seio o filho idolatrado,
palido, mal chorando, inerme, extenuado
pela sede e morto de fome e de cançao,
cahido mollemente o pequenino braço,
olhos sem expressão e a bocca retorcida,
flor que tenta viver, mas de quem foge a Vida.

Doia então de ver o desespero extremo
d'aquella mãe levando o consolo supremo
de uma vida infeliz. Sente-se tão caçada:
fora longa e cruel a sua caminhada.
Vae, relanceia um olhar em procura da agua,
em procura de pão. E que profunda magua
lhe fere o coração! Toda a terra escaldava
ás ardências do sol que tubro caminhava
pela abobada azul, serena e transparente,
toda severa e má, calada á voz plangente
dos que querem matar a fome devorante,
dos que querem matar uma sede incessante.
Mesmo o céu muita vez é impassível e mudo
á supplica, ao soluço, á prece, á magua, a tudo
que sae do coração dos que padecem tanto,

porque nunca pensou que uma gota de pranto
dos olhos de uma mãe, na angustia dolorosa
pode fazer brotar nas folhas de uma rosa
um soluço, e nascer nas estrelas doiradas
a dor que arrasta e esmaga as almas ciliciadas.

E essa pobre mulher vai pela estrada poenta;
apressa o morto andar, apressa—o mais e tenta
correr, livrar da sede o seu filho querido,
derradeiro penhor do seu viver dorido.
Já se avista bem perto a alegre casaria
da cidade; ao vel-a a misera mãe sentia
um profundo prazer. Procura mais andar,
chega ao pei-o a criança, e a rir e a soluçar,
corre, mas oh! desgraça que de tudo zomba!
para, gemi, e se estorce e rodopia, e tomba,
morto pelo cançao. E seco o magro seio,
para matar do filho o doloroso anceio,
dá-lhe sangue a beber e nesse sangue a vida
em que fora infeliz, deveras perseguida
pelo infortunio atroz. Triste atirada ao chão,
a boca hiante, o olhar nuulado e a magra mão
aconchegando ao peito o filhinho adorado
que bebe sem cessar o leite ensanguentado,
tentá uma vez se erguer, mas ninguem a socorre,
e ancia, e treme, e espuma, e se retorce, e morre!

Theodoro RODRIGUES.

Bemdicto seja o fructo...

O pae rogou-lhe esta praga má e horrivel:
«Que o ventre da filha só havia de gerar sapos
e monstros terríveis, que lhe roeriam torturadora-
mente as entradas, se a Clemencia teimasse em
casar com o Eduardo, o fazendeiro da Varzea!»

Os seios mirrariam, secos, sem instilar uma só gota de leite que fosse para alimentar a criança !...»

Foi à hora do meio-dia !

A pobre roceira chorou copiosamente, desgraçada para toda a vida como julgava estar.

Supersticosa e ingenua, o temor de que os céus ouvissem a paterna maldição enfragueceu-lhe muito o animo, não ao ponto de entibiar-lhe a paixão aumentada, mais forte e inabalável depois que a coitada, perseguida, se julgou uma criatura infeliz, vendo o seu amor, que era toda a sua vida, todo o seu único e caricioso sonho de venturas, o seu constante anhelo de virgem, anathematizado com crueldade por toda uma existência inteira !...

O pae, que com tantos mimos e carinhos a creara desvelladamente, cobrindo-lhe de beijos a fronte virginal, n'uma alegria dourada, amoroso eterno, multiplicando os afagos, as caricias e os cuidados que lhe dispensava, para que a filha não sentisse a falta da mãe, morta quando ella entrava na vida—o pae não devia ser tão mau assim com a boa e meiga Clemencia.

Preferia morrer a viver contrariada nas suas inclinações. Oh, sim ! mil vezes a morte, a ter de dar a outro, que não fosse o escolhido do seu coração, a sua mocidade e os bellos lyrios da innocencia que lhe enfeitavam feiticeiramente a cabeça loira e adoravel. Porque Nossa Senhora, em quem ella depositava tanta fé e tanta crença, não a chamaava para junto de si ?

Não se importaria se o pae a expulsasse de casa, negasse-lhe mesmo a sua benção ! Mas não lançasse sobre ella, a hora do meio-dia, aquella praga horrenda:—«o ventre da filha só havia de gerar sapos e monstros, que lhe roeriam torturadoramente as entradas, se a Clemencia teimasse em casar com o Eduardo !» Um calefrio percorria-lhe horrivelmente a espinha. A sua sorte seria medonha, bem digna de compaixão e de lastima ! Pobre Clemencia !

Ella já evitava encontrar-se com o Eduardo, com medo de que um dia a sua fraqueza e esse amor que com tanta vehemencia lhe crescia cada vez mais dentro do seio, atirassem-n'a desvairada e cega nos braços do amante, em busca da felicidade que ella tanto esperava, e que o pae sonegava-lhe, sem uma causa justa, só porque não gostava do rapaz.

E a Clemencia sentia que o amava mais do que nunca, arrebatadamente !

Mas o que a fazia recuar quando ia a cahir nos braços do amante, era aquella ameaçadora praga do pae, despojando-a da alegria e da mais leve esperança de felicidade:—«o seu ventre só havia de gerar sapos e monstros, que lhe roessem torturadoramente as entradas !...»—que os céus ouviriam e poderiam transformar no castigo d'um suplício atrôz !

Vibrava toda de dor e de desespero, deslaçando do imo peito, em soluços, todas as suas magras e queixumas.



MARANHÃO—PRAÇA JOÃO LISBOA

Antes houvesse nascido uma coruja—lastimava-se. Apezar de feias e agoureadas, as corujas amavam-se livremente, sem que ninguem as fosse perseguir, nos esconderijos, por malvadez.

Só a ella o pae, o ferreiro Placido, maltratava, lançando sobre o seu futuro, que devia ser de riso-nhas venturas, uma praga miserável, e batia-lhe brutalmente ! Começava já a odial-o !

Beijava com asco e repulsa, annojada, a mão que a martyrisava !... Era em vão nesse transe doloroso de sua vida que ella appellava para o céo.

Considerava-se de ha muito uma bastarda da graça divina e da amizade paterna.

Achava-se só no mundo, sem amigos, escorregada como uma onça bravia. Contava só com a aflição sincera e forte do amante.

Esse não a abandonaria nunca ! Era o coração quem lhe dava essa certeza. E por isso ella o amaria sempre, soffresse o que soffresse; alma anavaliada de penas e de aflições, em que as illusões iam cahindo como folhas secas do estio, mas em que a esperança, moribunda, rejuvenescia com as perfumadas e rubras rosas de uma nova esperança de primavera de amor.

Havia de amal-o !—dizia, n'um assomo de energia, n'um rasgo de audacia amorosa e desassombrada, que a ella própria tolhia de pavor, como se, insurgida, houvesse entregado a bocca perfumada aos beijos do namorado, e um Deus perverso, que não podia existir, lhe transformasse o ventre n'um pantano mefítico, gerador de monstros peçonhentos. Então, rubra de pudor, tremula e amedrontada, desabotoando o casaco, tirou d'entre o peito e a cambraia da camiseta, alva e cheirosa, o bilhete do bem-querido. Desdobrou-o e leu-o.

O Eduardo marcava-lhe uma entrevista para a manhã seguinte, domingo de Paschoa, em que ia levar-lhe as suas ultimas despedidas, pois já tinha vendido o sitio para se retirar para longe, onde esperaria que ella fosse livre um dia para vir buscá-la.

A hora aprazada, a Clemencia esperava-o no lugar indicado, linda, muito linda, com o seu ves-

tidinho simples de cassa e os cabelos entrelaçados de flores. Os pobres namorados olharam-se calados. Pallida, Clemencia sorria embaracada para o Eduardo, mas immensamente feliz por poder vel-o ainda uma vez: gaapo, moço e forte !

Deixaram a estrada, onde os podiam ver, recolheram-se às ruínas de um rancho proximo, coberto de trepadeiras, fazendo uma tapagem espessa impenetrável ao olhar mais arguto e curioso.

A principio as palavras morriam na garganta do rapaz, secca e escaldante como uma fornalha; depois eram monosyllabos articulados a custo, até que, vencida toda aquella natural emocião, o Eduardo disse-lhe, n'um desabafo de coração, tudo o que seus labios callaram até aquele momento de paixão e de desejo... A Clemencia baixou o rosto corado e formoso para o chão, muda e pensativa.

O sol nascente sanguejava de purpura e de ouro o céu azul e translúcido, palpitante de azas espalmadas de brancos pombos, voando placidamente.

Então, querida, já não me amas mais ? interrogou o rapaz.

A desventurada jurou-lhe o seu eterno amor. Vivia só para elle, pertencia-lhe exclusivamente. Está bem. Quero que me dês agora uma prova iniludível da sinceridade da tua aféição: todos os beijos dos teus labios doces. Sim ?

E antes mesmo que Clemencia tivesse tempo de negar-lhos, o Eduardo passou-lhe rapido o braço musculoso em volta da cintura, procurando estreitar d'encontro ao peito aquele busto farto e gentil.

Ella ainda tentou escapar áquellas caricias, fugindo apressadamente. Mas estava presa, e bem presa, nos braços do amante. Gritar ? Mas si ella o amava tanto !... Depois, tinha um nó que lhe apertava a garganta. Estava chumbada ao sólo.

Pensava no pae. E a paterna praga ennegrecia então, como aza de corvo negra e agoureira, o céu cor de rosa de sua sonhada ventura...

Lutou, mas depois de um momento de luta inutil, entregou-se vencida e arquejante de amor

aos beijos arrojados do namorado, soluçando de dores e de ancias, felina, exhalando de si um aroma violentíssimo, como se fosse uma enorme e pompeiente rosa, que um satyro brutal fosse despetalando aos poucos, amoroso e atrevido.

«Havia de ser o que Deus quizesse !» disse, entre amargurada e contente. Dentro das palpebras semi-cerradas, as pupilas moviam-se soturnamente, chispando um clarão violento de relâmpago.

Clemencia contorcia-se toda, com uma lagarta sob o calcanhar do cainpeiro:—muda, sorridente e bella, dando n'um amplexo effusivo o amor e os lyrios do seu coração de amante e de virgem. Os coriós e as patativas cantavam azucrinadoramente, vibrando no silêncio da matinha a sua música dulcissima e harmoniosa.

O sino da capelinha começava a tocar festivamente, jubilosamente, chamando os fieis à missa, à grande missa, de domingo de Paschoa.

Aquella voz aguda do bronze, cheia de alacridade e de melancolia, entristeceu o animo da roceira. Era como se Deus fallasse, e lhe estivesse a perguntar colérico:—Filha ingrata, porque desobeceste a ordem paterna ?

Não terias tu acaso receio de que eu te punisse a dupla falta cometida com o castigo horrendo de seres mãe de sapos e de monstros, que te devorasse torturadoramente as entradas, à falta de leite para se alimentarem nos teus seios esterelis como rochedos ?

Pobre Clemencia ! Como chora afflita e arrependida, sem uma unica esperança de salvação !

Cae de joelhos e pede ao Senhor a morte, unico refugio de paz que poderá encontrar para abrigar-se da praga maligna, que ameaça fulminal-a...

No meio da estrada passava o velho cura, mordoso, recitando a oração matutina. Ia para a Igreja, celebrar a missa do dia. Nem viu os apaixonados amantes.

E a sua voz, cavernosa e aspera, foi echoar aos ouvidos da pobre Clemencia como um carinho de perdão nascente:

«Bemdicto seja o fructo do vosso ventre... Jesus.»

E o padre apareceu n'um atalho, cortando a roça do milho, de um verde de mar batido, resendo sempre, sempre...

A Clemencia exultou então de prazer. Riu-se gostosamente, vendo n'aquellas santas palavras de reza do bom cura um augúrio celeste e venturoso á sua felicidade. Era como se Deus, debruçado no azul, lançasse por sobre a sua cabeça loura uma grande e luminosa benção de perdão e de felicidade.

A roceira ergueu o olhar choroso para cima, e sorriu agradecida, como amante e como christã, para o bom Deus de infinita misericordia que se compadecia da sua desgraça protegendo-a com o seu perdão e o seu amor.

Agostinho Vianna.

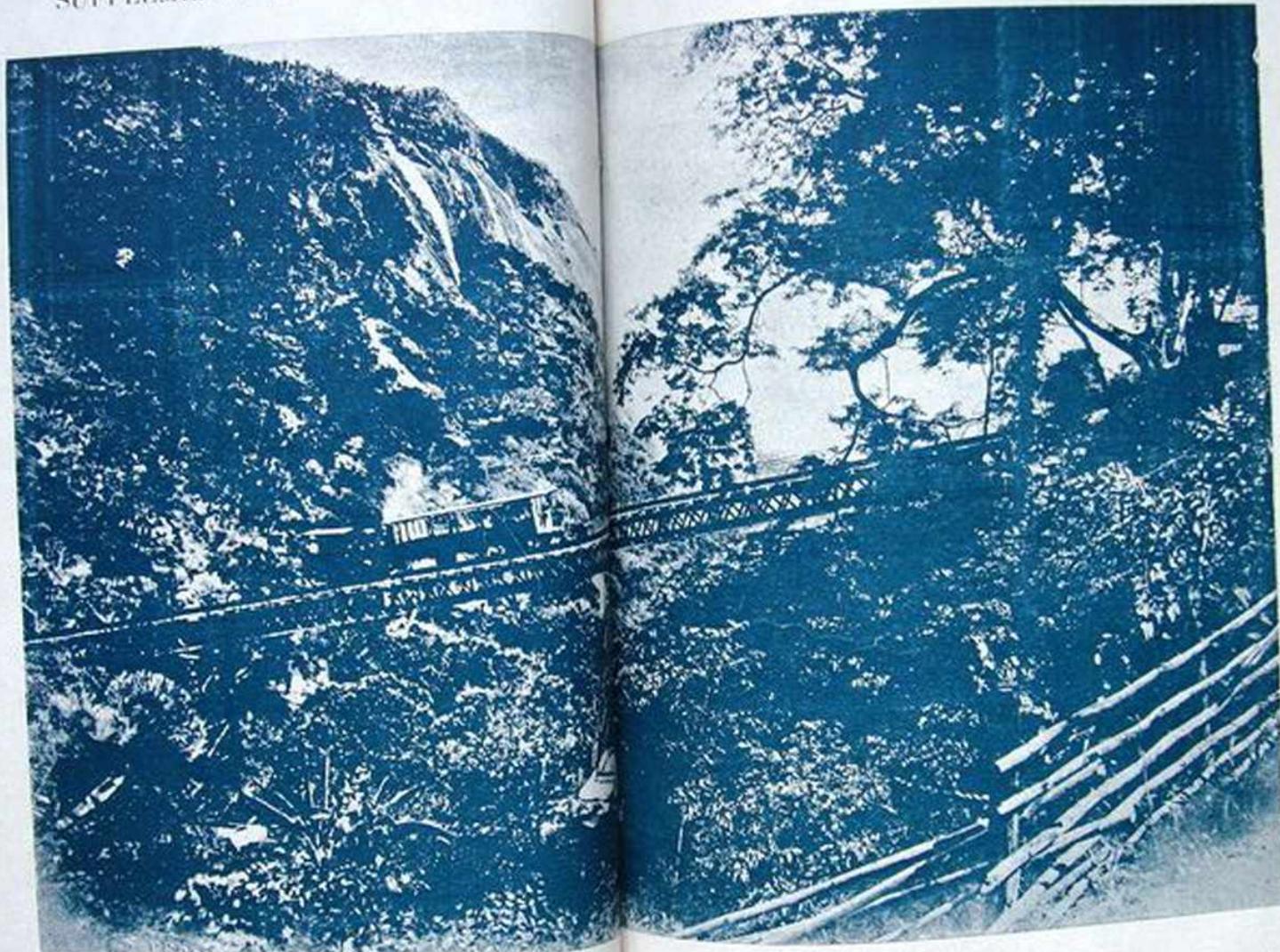
Fazei o que quizerdes, mas procura e primeiramente ser do numero dos que podem querer.
Nietzsche.



MARANHÃO—TRESOURO DO ESTADO

SUPPLEMENTO AO N. 54

16 DE NOVEMBRO DE 1903



Rio de Janeiro — caminho do Corcovado

Maranhão — BRAZIL

A REVISTA DO NORTE



GENERAL PINHEIRO MACHADO—Senador pelo Estado do Rio G. do Sul—Vice-Presidente do Senado

Turris eburnea

I

Nossa Senhora do Bom Fim da egreja,
Da minha triste e legendaria aldeia
Que, em noites virginaes, de lúa cheia
Na róxa terra lá do monte alveja !

Guarda o meu Sonho que um luar clareia,
Sob essa mão de lyrios bemfazeja;
Sob os meus olhos tua visão adeja
E o teu amor no meu amor gorgeia.

Santo no harmonium do meu verso, e ainda
Santa no altar dos meus affectos! guia
Meu Sonho em flôr, que a minha crença finda!

—Ergue-me a hostia tremula da Fé,
Na communhão serena da harmonia
O' Terre de Marfim de Nazareth !

II

Nossa Senhora do meu ninho amado
De olhos de céo e labios de amarantho,
Venho queimar o incenso do meu canto
Junto ao teu throno no marfim lavrado.

Em nome do meu Sonho augusto e santo
E do meu coração despedaçado,
Venho lavar meus labios do peccado
Nas lagrimas de tinta do teu pranto...

Do teu olhar a minha Crença emané,
Como um luar de aromas legendario
No horto virginal do Gethsemane...

—Sempre os meus sonhos nos teus sonhos puz,
Brancos como o teu pranto no Calvario
E as agonias bíblicas da Cruz !

Maranhão Sobrinho.

Cartas Chilenas

(CONTINUAÇÃO)

Estudemos pois Critillo sem dar valor algum ao nome. O autor das *Cartas Chilenas* era moço, não na accepção que hoje damos a essa palavra, mas na que ella tinha em tales tempos. Ao passo que entre nós moço é um individuo desde os 17 annos, em Portugal e aqui em tempos coloniales até os 28 annos mais ou menos não se considerava ainda um individuo aguizado, homein. Tinha Critillo de 20 a 30 annos. Não só todas as *Cartas Chilenas* revellam uma natureza ainda nova, exaltavel, como alguns trechos em particular confirmão este pensar. Este trecho demonstra que Critillo não era velho:

Apparece no burro passeando
Sexagenario velho em ar de moço.

Ah ! velho tonto
Esse teu tramento imita, imita
O estado que tem o rei do Congo !

Ponho os meus olhos no caduco Adonis
Então se me figura que elle offerta
A Nize uma das flores...

Por mais velho que fosse Critillo, si tivesse 50 annos por exemplo, não lancaria no ridiculo esse sexagenario que ama, visto como Critillo tambem partilha os mesmos sentimentos. Deviamos supol-o portanto com 20 ou 40 annos no maximo, os versos contra Ribeiro (Manoel Joaquim Ribeiro) e algumas palavras do Prologo, fizeram-nos pender para menos; 20 a 30 annos.

São estes os trechos:

Bem que já velho seja,inda presume
De ser aos olhos das madamas gratos.

«Nelle (galeão) se transportava um mancebo...»
Esse mancebo de que falla o Prologo é o proprio Critillo.

Filho de familia respeitável e honrada não era entretanto fidalgo nem de fidalgos originario, e contra esse desencontro da fidalguia e do merito pessoal deixam as *Cartas Chilenas* transparecer o despeito:

Parece Dorotheo, que algumas vezes
A sabia natureza se descuida
Devêra, caro Amigo, sim devêra
Regular os nataes conforme os genios:
Quem tivesse as virtudes de fidalgo,
Nascesse de fidalgo, e quem tivesse
Os vicios de vilão, nascesse embora,
Se devesse nascer de algum lacaio

As letras, a justiça, a temperança

Não são, não são morgados que fizesse
A sabia natureza para andarem
Por successão nos filhos dos fidalgos

Ah ! doce amigo,
Quem bandalho nasceu, morreu bandalho;
Que o tronco se dá fruto azedo ou doce,
Procede da semente e qualidade
Da negra terra em que foi gerado.

Ha ahí ao mesmo tempo o sentimento de não ser fidalgos e orgulho de ser em muito superior a alguns delles. Essa posição dubia de amigo e inimigo ante a fidalguia é caso muito vulgar de parte d'aqueles que não sendo fidalgos se julgão em consciencia despojados de um direito.

O que aumenta o instinctivo despeito de Critillo é ser elle digno de respeito, de boa familia e da classe dos homens respeitaveis como elle o diz:

Em outro tempo amigo, os homens sérios
Na rua não andavão sem florete.

e em outro lugar:

Apenas isto vejo, exasperado,
Metto mão ao florete e quando intento
O peito traspassar-lhe, então acórdio...

Nada faz suppor que Critillo era rico, são em contrario as suas proprias palavras e as deduções que de alguns versos se podem tirar:

Não coides Dorotheo, que brandas pennas
Me formão o colchão macio e fôfo;
Não coides que é de paina a minha fronha (?)
E que tenho lençóis de fina holland
Com largas rendas sobre os crespos folhos
Custosos pavilhões, dourados leitos,
E colchas matizadas não se encontram
Na casa mal provida de um poeta
Aonde, ha dias, que o rapaz que serve,
Nem na suja cozinha accende o fogo...

...faz que eu perca
A tigela esmaltada, que era a causa
Que tinha nesta casa de mais preço.

E possivel que haja exagero da parte de Critillo, em todo o caso elle era pobre ou muito menos que rico. Ha estes versos que não são de um homem rico:

O pobre, porque é pobre, pague tudo,
E o rico, porque é rico, vai pagando
Sem soldados á porta, com socego!

Em todas as Cartas apparece essa eterna inimizade dos lettrados pobres pelos negociantes ricos. E o caso hodierno da guerra aos commendadores:

Aos ricos taverneiros, disfarçados
Em ar de Commandantes, manda o Chefe,
Que tratem da Policia...

Em quanto os taberneiros ajuntavão
Imenso cabedal em poucos annos,
Sem terem nas Tabernas fedorentas
Outros mais sortimentos, que não fossem
Os queijos, a cachaça, o negro fumo,
E sobre as prateleiras poucos frascos !...

Conheço finalmente a outros muitos,
Que foram almoçares e tendeiros,
Que foram alfaiates e fizera
Puchando a dente o couro, bem sapatos
Agora doce Amigo, não te rias,
De vezes, que estes são aquelles grandes,
Que em presença do Chefe encostar podem
Os queixos nos bastões das finas canas.

Amigo Dorotheo se acaso vires
Na Corte algum fidalgos pobre e rôto,
Dize-lhe, que procure este Governo;
Que não acreditar que ha outra vida,
Com fazer quatro mimos aos rendeiros,
Ha de á Patria voltar casquinho e gordo.

—A seguir.

TITO LIVIO DE CASTRO.

O DISCURSO DO FABRICIO

(RECORDAÇÕES DO 15 DE NOVEMBRO)

O commercio fizera naquelle tarde uma estupenda manifestação de regosijo pelo advento da nova forma de governo.

Do largo dos Remédios partira uma grande procissão cívica, em que se ostentavam carros allegóricos, andores com bustos dos principaes propagandistas republicanos, pintados a óleo; bandeiras de todas as repúblicas; deusas da Justiça, do Commercio e Lavoro, da República; um indio, representando o Brasil, e deuses mitológicos: Marte, Minerva, Apollo, Diana e outros. Gastaram-se rios de dinheiro em revestir de tão esplendorosa pompa a passeata da classe commercial, que propositadamente se aguardava para ser a última a cantar hosannas á República nascente. E o rutilante prestígio, depois de percorrer galhardamente as principaes ruas e praças da cidade, recolheu-se ao Theatro S. Luis, onde, à noite, houve uma grande sessão solenne, a que assistiu o governo provisório.

Entre os oradores inscritos, achava-se o Fabricio, chefe dumas Oficinas da Usina Maranhense, homem de illustração acima do vulgar. O seu nome, conhecido em todas as sociedades, era acatado reverentemente. Fôra presidente do Club Abolicionista e, na Usina, se os operários tivessem uma instrução regular, teria, inspirado pelo seu saber, conquistado um lugar preeminent; levantaria, se quizesse, um partido, tal a céga abnegação que por elle tinham. Acercava-se daquelles que, pela sua intelligencia, o poderiam compreender e explicava-lhes, fundado na sua variada leitura, a República, que elle considerava a melhor forma de governo para um paiz.



PARA — COLLEGIO DO ROSARIO

Préga-a com uma eloquência em nada inferior à dos melhores tribunos. Dos que o podiam entender nessas prédicas só um, o João Cadete, divulgava das suas idéias; e todas as vezes que elle terminava as suas «palestras doutrinarias» o Cadete respondia-lhe:

—Qual, seu Fabricio, se isto aqui chegar a ser República, algum dia, muita gente apanha bolo e você vai à Cadeia!

Ainda no dia em que *O Globo* recebeu o telegramma de que a República fôra proclamada, o Fabricio, opulentamente possuído de alegria, esfregando as mãos, chegou-se soridente ao Cadete, e disse-lhe:

—E agora que você vai vér o que é governo! Vamos navegar em mar de rosas!

—E agora, retrorquiu o João Cadete, que você vai á Cadeia e que muita gente apanha bolo! Vamos navegar em mar de espinhos!

O pessoal da Usina ocupava grande parte do Theatro e estava religiosamente empenhado em ouvir o discurso do Fabricio. Afirmava-se que este, não fazendo caso do amordaçamento da imprensa e do medo então reinante, iria dizer «nas chinchas» do governo o seu modo de sentir, lançar o seu protesto pelos grandes desmandos, protesto que exprimia o verdadeiro sentimento popular.

Assomando á tribuna, o Fabricio foi recebido por uma estridente salva de palmas, que rumorejou pelo abobadado edifício, ao contrario do que o au-

ditório, superior á lotação da casa, fizera com os oradores que o precederam e que foram recebidos friamente.

Diante da estrepitosa ovacão que o povo lhe faz, o tribuno deixa transparecer a commoção, dominando-se, porém. Fitando a enorme massa popular, que incessantemente o aclama, como que procura perscrutar o que vai na alma do povo, o que elle sentia e o que ia de sincero nas constantes aclamações.

E a multidão, de instante a instante, agita-se sofregamente; todos como que anceiam pela palavra do orador; sente-se que aquelles milhares de cerebros teem o mesmo objectivo, o mesmo desejo.

Faz-se, finalmente, o silêncio e a palavra do orador, temida e querida, é ouvida. Fluente, emocionante, carinhoso umas vêzes, causticante outras, vai dominando o auditório. O povo, agora, mudo, quieto, sentindo vibrar a sua alma ás palavras do Fabricio, ouvia-o atentamente, religiosamente; aquele discurso, em que ironicamente era feito um verdadeiro libello de acusação aos membros do governo provisório, era também o porta-vóz de todos aquelles corações.

E quando o ardoroso orador comprehendeu que tinha por si grande massa popular e que, pela palavra, dominaria essa avalanche de sérves vivos e pensantes, perorou: —Goncidadões! Esta forma de governo que ora nos felicita, de República só tem o rótulo! A República, como deve sér, ainda não a



PARA'—Collegio do Rosario—UN GRUPO DA AULA DE GYMNASTICA

temos, pois os bôlos estão chovendo nos pôstos policias, e, cidadãos livres, como somos, nós, os brasileiros, assistimos ao degradante espetáculo de ver os nossos irmãos com as cabeças raspadas à navalha! Abaixo os tirannos! Viva a futura República!

A grandiosa assistencia abafou as últimas palavras do oradôr com os mais estridentes aplausos.

A seguir.

Astolfo Marques.

Ao vento frio da noite estrellada que desce, barracas ançiam numa palpitação de pano que se enfunta.

Lembram tendas errantes de beduinos, que acampassem num deserto, quando o Luar abrasado do Sol se vae, escondido num canto de céu tranquillo e branco. Um soldado, de pé, um clarim emboca. E no silêncio da tarde moribunda, clarina metalizando o ar, pondo na tristeza invencível das couzas uma nota plangente que erica a pelle e alvorota a saudade, como um bando de pombos, o toque limpidão e claro fazendo ouvir.

Ondula primeiro em redor, como um canto de guerra, enrijando ao princípio os músculos, obrigando-os a vibrarem, como fitas de aço. Depois as notas percussivas se espalham. E na distância, ouvidas do acampamento, do toldo branco das tendas abertas, ao crepúsculo, punhem dolorosamente, acordam no corpo os Leões da Saudade e trazem à mente a miragem longínqua de um canto da Patria, onde avulta um berço e bate asas uma benção de Mãe.

Mas no silêncio da noite vinda, ao expirar o clarim, ouve-se apenas o galope curto e pesado das sentinelas avançadas, que se perde dentro da Noite, à maneira dos Cavaleiros Negros do Luar, na lenda de ouro das balladas alemãs.

Dos «Pintorescos»).

R. Alves de Faria.

CLARIM

Campo de batalha, esfriando agora do caloroso movimento da vespera.

A tarde cae, como um grande peso descido aos poucos. O exercito acampado intreica-se todo nessa hora de descanso e de repouso. Dorsos de montanhas ao fundo arqueiam-se favorosamente no céu e, para além, para a direita e para a esquerda toalha escura da planicie, ondulando como num grito perceptível de vaga.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE DEZEMBRO DE 1903

NUM. 55



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ

O Coliseu

Altivo e esborrado, o Coliseu levanta
Para o azul do infinito os paredões enormes
Como um triste penhor legado pelos vicios
A's paginas da historia, ás gerações futuras !
Ao contemplal-o sente a humanidade ainda
A sinistra impressão dos feros espectaculos
A que um povo corrupto e infrene se lançava
Sedento de luxuria e avido de sangue !
Lá o Cesar, dominando as turbas, todo entregue
Aos clamores do povo e ébrio de paixões,
Assistia, sereno, aos gritos dolorosos
Da vítima e sorria a cada instante, ufano !
A's vezes era um velho apostolo da Igreja,
Pelo facto de ter pregado ás multidões
Em nome desse Christo exposto n'uma cruz
As sublimes lições de amor e humanidade,

Que vinha com seu sangue as iras abrandar
D'esse homem que era um enorme exemplo de
miserias !

Outras vozes tambem quantas mulheres virgens
Eram em plena aréna expostas aos profanos
Olhares de uma turba immensa de sequiosos
Do horroroso prazer de ver rolar por terra
O sangue em borbotões, a carne em mil pedaços !!
E aos ruídos da fera, aos ais do padecente
Se casava em delírio a voz das multidões
Era um quadro horroroso! A embriaguez do sangue
Se juntava depois a embriaguez do vinho !
E o horrendo imperador, voltando ao seu palacio,
Nem sequer trepidava, ao ver-se proclamado
Como um deus immortal pela canalha vil,
Em atolar-se na orgia a par das meretrizes,
Enquanto aquella turva e desequilibrada
Cabeça formulava um tenebroso plano
De espetáculo a seu povo em tudo igual a si!...

E era assim essa Roma altiva. O mundo inteiro
Ante ella se dobrava invalido, de rastros !

Mas um dia essa infame e horripilante Roma
Sacudio para longe o assombroso jugo
D'esse Nero execrando e fero que a domava.
— Assim é todo povo: aquelles que o dominam
E ante os quaes se prostou a lhes beijar as plantas,
Não trepida em lançar do pedestal que ergueu !—
E Cesar, esse Nero audaz, que a um simples gesto
A todos supplantava, então vio-se perdido.
E, qual simples sicario, á sorte que o aguardava,
Que era horrivel decerto, o infame quiz fugir.
Não conseguiu no entanto; e a mão que não tre-
mera

Jamais quando apontava ás feras o innocent,
De medo vacillou cravando no seu peito
O punhal que o roubava á furia dos romanos !
Aquelle coração elevado pelo vicio,
Que não se contrahira ao decretar a morte
De sua propria mãe tirando-lhe as entranhas.
Gelou-se de pavor ao ver bem perto o fim !

E agora, esborrado, o Coliseu levanta
Para o azul do infinito os paredões enormes,
Como um triste penhor legado pelos vicios
A's paginas da historia, as gerações futuras !

Belem do Pará.

Licinio Bastos.



MARANHÃO — PRAÇA DO COMMERÇIO

O DISCURSO DO FABRICIO

(Conclusão)

O Fabricio, ao deixar a tribuna, erguida no palco do S. Luis, avaliava a profunda impressão produzida pelo seu discurso no espírito público, mas não supunha, não calculava o ódio que havia causado aos governantes. Por isso, não foi sem grande estranheza que, ao chegar à casa de sua residência, viu á porta uma força que o esperava. Preso, não resistiu e deixou-se conduzir placidamente á presença dos membros do governo provisório.

A sua fisionomia, naquelle momento, estava revestida da mais dolorosa impressão. Desditoso contraste! Uma hora antes recebia elle as unâmnimes aclamações dum povo, por intermedio de re-

presentantes de todas as classes sociaes, e estava radiante de glória, satisfeitosimo, por ter cumprido um dos mais meritórios devéres—advogar a causa do povo. Agora estava como que diante dum tribunal, mas não dum tribunal digno d'esse nome. Atiravam-lhe toda a sorte de improprios, insultavam-o baixa e vilmente, e elle, impotente para se defender diante daquelles espíritos neronianos, submetia-se e, resignadamente, ouvia tudo. O «arrojado que tão atrevidamente ousára criticar os actos do governo», chamando para este a ira e o clamor publicos, foi mandado levar á prisão, ficando incomunicável, como se fosse réu de crime nefando.

O Club Abolicionista, de que o Fabricio fora presidente, gosava de grande simpatia e popularidade. Não pequena foi, por isso, a indignação que causou o acto do governo, mandando prender o seu *factotum*. O povo, satisfeito com a notícia da no-

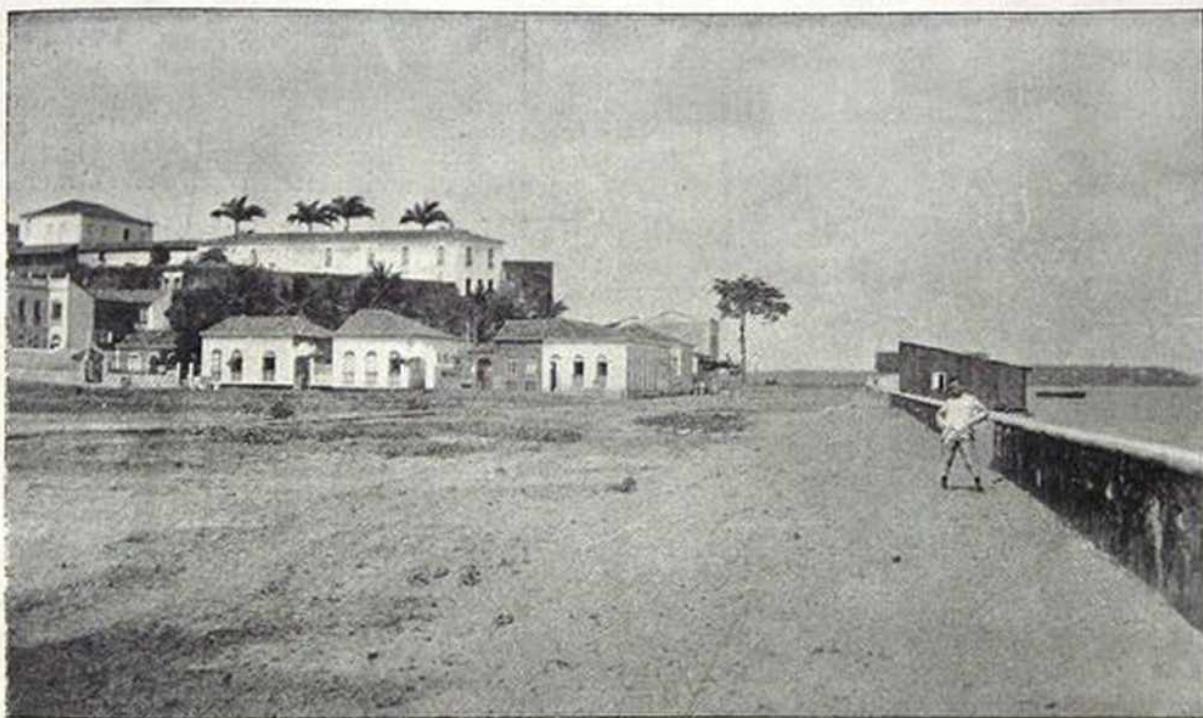
meação dum governador que viria do Rio, estava disposto a dar começo à reação. Ao demais constava que a canhoneira *Traripe*, que guardava o porto de S. Luís, ficaria neutra ante qualquer movimento, em virtude de divergência do seu comandante com o governo. No Rio de Janeiro eram vehemente profligados os desmandos dos que dirigiam a barca governamental; e, portanto, qualquer reação, não importava por que classe, teria os aplausos do povo e as forças seriam impotentes para contê-lo.

Ou fosse por temer uma rebellião, ou por solicitação da directoria do Club, ou ainda por se arpendér da violencia, o certo é que o governo mandou soltar o Fabricio, logo ao alvorecer do dia seguinte. Uma extraordinaria romaria se encaminhou para a casa da vítima, apresentando-lhe to-

se não iria «dar com so costados em Fernando de Noronha!...»

Mas o Fabricio negava-se peremptoriamente a franquear ao Graciliano as tiras em que fôram esculpidas as ricas e preciosas frases que constituíram o seu discurso, cuja fama reboava pela cidade toda. Guardá-las-ia como uma reliquia dum valor inestimável, para atestar aos pósteros o quanto tinha sido infeliz o seu torrão natal no termino de 89. E o Graciliano, respeitando as «justas considerações» do seu companheiro, do «reivindicador da liberdade», desistiu do seu propósito, não sem grande desgosto, por não podér, pela forma que desejava, «dar uma lavagem na canalha» lá mesmo «nas barbas do Deodoro».

Chegada que foi a vez do João Cadete trazê os



MARANHAO—PARQUE 15 DE NOVEMBRO

dos «os seus cumprimentos» pela «sua liberdade» e os seus protestos da mais «franca e inquebrantável solidariedade».

E, quando, nesse mesmo dia, o Fabricio compareceu na Usina, era de vêr os co-operários correrem pressurosos a dar-lhe os parabens pelo discurso. O Graciliano, um dos seus admiradores incondicionaes, classificou-o de «grande mártir», e numa insistencia viva pedia-lhe o original da vibrante peça, afim de remeté-la para a Corte (elle ainda se não havia acostumado a chamar Capital Federal), onde seria publicada na *Tribuna Liberal*, do Laet. A Corte inteira, e o estrangeiro depois, ficaram sabendo das horripilantes barbarias e das inqualificaveis violencias póstas em prática na sua terra; o Queirós, o deshumano delegado, seria chamado á presença do ministro da guerra e quem sabe

seus cumprimentos ao Fabricio, destacou-se bem do grupo, e, em alta voz, falou:

—Então, *seu* Fabricio, que lhe dizia eu?

—Muitas coisas *seu* Cadete, bôas e más...

—Não, *seu* Fabricio, nada de subterfugios, fale verdade. Eu não lhe dizia que «quando isto aqui fôsse República», muita gente apanharia bôlo e você iria á Cadeia?!

—Ora, *seu* Cadete, isto são infelicidades da vida!..
Astolfo Marques.

Concepção e fim da Gymnastica pedagogica

«Quem em vida glórias quer contar
Deve o corpo e o espírito avigorar!»

A *gymnastica* é um poderoso meio de educação

destinado a pôr o corpo humano em relação idonea para com o espirito e assim conseguir um desenvolvimento total e harmonioso do homem.

A pedagogia nem em todas as idades e esphe-
ras sociaes julgou necessário utilizar-se deste ex-
pediente.

Durante seculos dominou em parte da socie-
dade a opinião de que sómente o espirito, como a
parte mais nobre do homem, precisava de cultura.

Mais tarde, sob a nova direcção do humanis-
mo, reconheceu-se a inseparabilidade do homem e
a relação absoluta entre o corpo e a alma, na vida
deste mundo.

Decorreram porém ainda longos annos até que
a gymnastica se tornasse matéria de ensino.

A instrucción publica, obedecendo a lei natural
da inercia, ainda hoje sofre desta funesta tradi-
ção.

Apezar da grande divulgação da gymnastica
que figura nos horários de quasi todos os estabele-
cimentos de ensino, apezar do geral reconheci-

Um corpo não exercitado, também está mais sujeito a diversas influencias da natureza; falta-lhe a força da resistencia contra as influencias prejudiciaes exteriores; é facilmente atacado por doenças que simultaneamente paralysam o espirito na sua actividade. Deslarte também torna-se um *vaso ruim* para o espirito.

Sómente um corpo forte, destro e sano, poderá satisfazer todas as pretenções que o espirito tem direito de exigir.

O efecto d'uma gymnastica que tem por base este elevado problema, manifestar-se-ha no hom-
em pelo seu aspecto physico e vigor espiritual,
no seu todo, como em cada uma das suas partes.
O corpo torna-se robusto, agil, vivaz e sano; e os
membros rijos, movedicós e infatigaveis. As forças
intellectuaes augmentam-se pelo robustecimento
da reflexão e pela continua attenção que o discipulo
é obrigado a exercer.

Também conseguirá «uma idéa completa e
viva consciencia das suas forças physicas e da sua
utilização». (Pestalozzi). Que a gymnastica educa
e crê tambem o sentimento *esthetico* é sabido
pois já a gymnastica grega forneceu ás bellas artes
os modelos os mais perfeitos para as suas creações
artisticas.

O seu supremo efecto é o *ethico*. Ella robustece a vontade; crê a energia; dá ao espirito o mui legitimo domínio sobre o corpo! Assim ella fortalece o carácter, protejendo todas as virtudes necessarias na vida diaria, na luta pela existencia, nas urgencias da vida e no perigo, nas lutas para os
mais elevados bens da humanidade, para a liberdade, honra e patria!

E ainda ella que crê o valor e decisão, coragem, perseverança e constância.

Contrario a esta concepção da educação physica, existe ainda a opinião de que ella devia *limitar-se* para conseguir *fins especiaes*. Este é o pensar das classes as mais cultas. Ha individuos que vêem n'ella exclusivamente um meio de protecção para a saúde à vista das influencias nocivas ás quaes a mocidade acha-se exposta, tanto na vida commun, como na escolar. Outros encaram-na sómente como um preparo para a defesa nacional.

Contra estas parcialidades convém sempre as severar que, com quanto mais uniformidade fôr a homem educado e mais se desenvolvão as suas aptidões e forças, tanto mais facilmente poderá satisfazer a todas as exigencias da vida prática, qualquer que seja sua profissão ou arte.

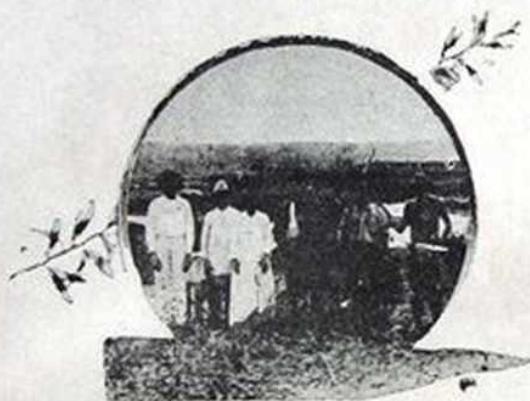
Finalmente, um corpo omnimodo exercitado, goza mais saúde e é mais resistente contra todas as influencias nocivas.

Eis a base por que se devem escolher os meios para a gymnastica.

Os jogos ao ar livre que quasi exclusivamente são requeridas pelos hygienistas, embora muito uteis, são insuficientes.

Os exercícios spartivos da bicycleta são, por sua vez, demasiadamente parciaes.

Também os exercícios puramente militares pe-
los quaes quizeram substituir a gymnastica, for-
mando batalhões infantis, não podem suprir-a,



MARANHÃO—O ALTO ALEGRE

mento da sua necessidade como matéria de ensino, ella ainda é considerada em muitas escolas como matéria secundaria e só mui lentamente chegará a conquistar o alto posto que lhe pertence.

Ainda o saber vale mais que a força de vontade; a intelligencia é mais considerada ainda que o carácter e a fomentação de uma sabedoria solida é o problema principal das escolas e especialmente das escolas altas; eis o motivo da opinião parcial acerca do valor da gymnastica.

Considera-se a gymnastica as mais das vezes um simples exercicio do corpo, contrario á cultura espiritual e julga-se suficiente que por meio destes exercícios o corpo consiga firmeza e os membros do mesmo mobilidade e agilidade.

A tarefa da gymnastica porém é mais elevada; ella quer que o corpo se torne um *servo fiel* e um *vaso resistente* do espirito. Se o corpo fôr fraco e malfeitoso, claro é que o homem será restricto nos seus actos; o corpo não será capaz de obedecer a vontade e executar precisamente as ordens do espirito. Elle lhe negará os seus serviços ás vezes, nas occasões as mais simples da vida diaria; em situações excepcionaes, em casos de urgencia e de perigo faltar-lhe-hão os meios para resistir. Um corpo assim é um *mão servo*.

pois justamente nos exercitos-modelos liga-se grande valor á gymistica, que é obrigatoria para todos os soldados. Isto prova que as direcções destes exercitos reconhecem de sobra que pelos exercícios puramente militares não se consegue a dominação geral do corpo, tão necessaria a todos os militares.

D'ahi deduz-se que não ha preparação alguma que proporcione á mocidade todas as aptidões physicas para ella bem desempenhar a sua futura profissão ou arte, como a gymistica pedagogica e só por meio d'ella conseguiremos uma completa dominação do nosso corpo.

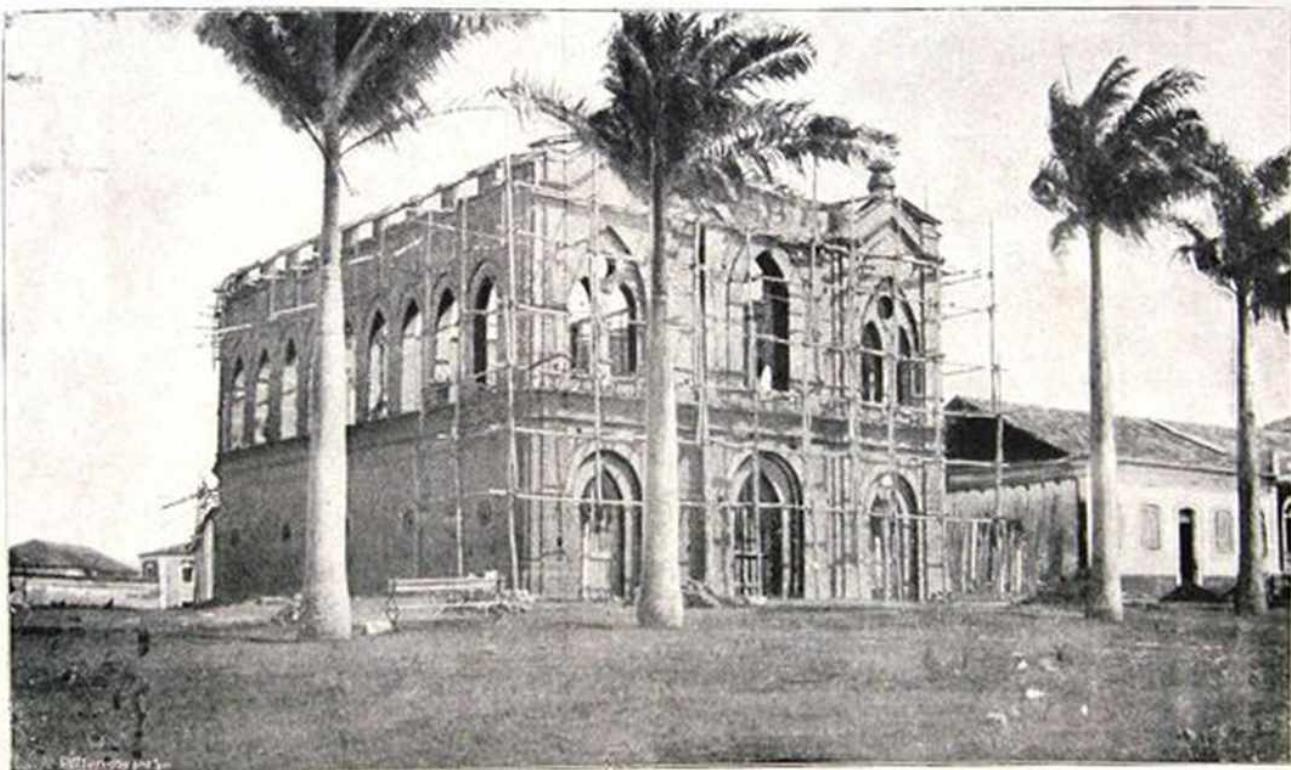
Para realizar-se este desideratum, cumpre fazer um certo numero de exercícios sobremodo eficazes, oriundo de cuidadosa observação, baseando-se no exacto conhecimento do corpo humano. Os melhores exercícios são os que se distinguem pela simplicidade tendo, não obstante, um grande efeito geral.

rão meios bastantes para conservar na mocidade o vivo entusiasmo pelos exercícios physicos.

Finalizando, não podemos deixar de mencionar uns topicos d'un artigo publicado ha meses na "Folha do Norte" pelo distinto dr. Manoel Lobato, jornalista esclarecido, que referindo-se á educação physica diz:

«Eeu, utopista incorrigivel deste Paiz bem educado, comecei de figurar as vantagens que nos adviriam de um ensino physico bem cuidado, reunido ao outro menos pretencioso e mais real, sim, sobre-tudo mais real.

Não veríamos mais essas creanças de hombros esguios curvados para a frente, cabeças pendidas para a terra, num grande desconselho da existencia, provocando a gula insaciável da nefasta tuberculose. Os olhos despediriam fogo e vivacidade de saudosas faces rosadas e os cerebros, livres da consumidora preocupação dos achaques corporaes, es-



MARANHÃO — A NOVA EGREJA DE N. S. DOS REMÉDIOS

Os Hellenos com um numero bem restricto de exercícios conseguiram o mais alto grau de educação physica.

O tempo moderno, com as suas elevadas exigencias á capacidade de trabalho de cada um, alargou os meios, enriquecendo sobremodo a materia dos exercícios.

A gymistica pedagogica nada tem com o acrobátismo. Isenta de aberrações, deve seguir seu proprio trilho que é o completo aperfeiçoamento physico de todos os discípulos.

Com um methodo idoneo de ensino nos fica-

tariam mais aptos á plantação de conhecimentos e os fructificariam. Porque ninguem ha a quem assista o direito de ser absolutamente nullo e imprescindível para o adeantamento material e intellectual das sociedades. E para que uma raça, qualquer que ella seja, possa crescer, se possa impôr pelo intellecto, ha necessidade do corpo são dos que a compõe.

Busque-se na Historia quais foram os povos dominadores na antiguidade e quais os que o são nos nossos tempos, para prova do que ali fica exposto.

E se um olhar de curiosidade lançarmos por

sobre tudo que havemos feito, nós brasileiros, nunca a exiguidade foi tão grande nem dominou tanto. Contentamo-nos em viver do trabalho alheio, em repetir nas coisas mais comuns, tudo que a experiência de outrem dita, sem considerar organizações ou temperamentos ou condições climatológicas.

As condições precárias que o Brasil atravessa, hoje, não as corrigiremos pela adopção de leis que não tendam a nos dar um corpo sólido para uma educação solidada.

Dessa forma, farto o coração de prazeres bons, estaremos aptos para o trabalho, que é a necessidade do corpo e do espírito, para entoar festivo o sacro e solemne hymno do eterno e divino, do doce e inimitável Amor.

E, só assim, dominadores do mundo e do tempo, teremos alcançado a vitória da força e do mo-

do noite mística, das longínquas bandas do Ribeiro jorradeiam em rumo da S. Luiz, bravos soldados luso-brasileiros, ao mando soberano de Antônio Moniz, provedor-mór da fazenda real, que grande guerra faz ao domínio esmagador dos poderosos holandeses.

Vindo com os commandados das plagas do Itapecurú, onde dos cruéis invasores muitas vidas obumbraram, elas, transpondo montes e rompendo matos, traz no coração a fulgente aureola da vitória.

Pelas madidas batidas, ladeadas de altos taboocas ranjentes e do vicoso jussaral esguio, trezandando deliciosamente a murta, onde piam os caborés e d'aqui e d'ali saltitam os bacurauas, os viajantes sobem e descem, às mais das vezes caminhando a sós, às vezes caminhando aos pares, ora dispersos, ora reunidos, agachando-se sorrateiramente.



PARANÁ — JARDIM PÚBLICO DE CURITIBA

vimento, que é o poder e a eternidade da Vida, representados nos nossos filhos»...

Palavras destas não convém que fiquem esquecidas, especialmente dos que são responsáveis pela educação da mocidade.

Miguel Hoerhan.

S. Luiz, em Outubro de 1903.

O Outeiro da Cruz

Atravéz da vegetação, que ganha o espaço afrontadoramente, dominando os pequenos cerros, que longe negrejam embuçados no luctuoso sudário

Não raro, como austeras trincheiras inimigas, se acastelam escarpados cômberos ensombrados, embargando a passagem dos viajeiros. E um a um, espingardas na boca, rastejando e subindo penosamente, mãos crispadas sobre os arbustos, ganham os terríveis obstáculos, enquanto duros torrões cor de sangue se descolam da crosta pedregosa, e veem rolando de cima abaixo, magoando os corpos dos que se bem atraçados.

Um silvo estridente parte do severo matagal, estridulamente vibrando pela apavorante noite averno, e a multidão guerreira estaca alvorocada, pávida, medrosa. O silêncio desenrola-se pezado, apenas interrompido pelos monotonos trilos dos insetos, que guizalham amiudamente.

Num tremulo balbucio, o provedor de leve tarareia um nome:

— Copei...

O indio, sorriso nos labios, aproxima-se respeitoso, arqueando o dorso:

—Meu sinhô...

—Não ouviste, semelhante à voz da serpe, o signal dos inimigos, que perto são?

—Si deixa meu sinhô qui fale Copei...

Faz-lhe o capitão um gesto, consentindo. E o indio, erguendo a voz, qual um oráculo, regouga:

—Não é di inimigo a voz, qui non é serpi qui dà dèle sinâ. A serpi falou e dixe traição...

Moniz estremece, faz outro gesto e Copei continua:

—In vespra di combati, condo fala a sucuri, sinhô, é qui o má anda cuns qui ouvi ela. Dizendo desgraça, a sucuri falou... Qui di bem podi ela dizê, sinhô, sinâ o má? A traição, sinhô, a marvada dixe. Algum uos qui entre noi é, é o nosso vindidô. Moniz riha os dentes, raivoso.

doo céu, negramente acolchoado de hidrópicos ródos de nuvens, que se amontâam vagarosas e perflas. Depois, encarando o provedor, abana desanimadamente a cabeça.

—Não sei, mai grã misteru ha... Coruja piou, serpi silvou,—traição tá hi. Quedê estréla, meu sinhô, quedê estréla? Tudo pagou, tudo,—ceu tá preto. Traição tá hi, traição tá hi!

Longe o vento ulula maravilhosamente, como se a ingente floresta rouquejasse amedrontadora, escancarando a trevosa fauce. Torcem-se os redondos loucados dos arvoredos, que ramalham, oscilam, pendem, espadanando. Além um relâmpago distende-se tremeluzindo e outros e mais outros acendem-se sucessivos. E, como se ruíssem despeçadas as graníticas muralhas da celestial comporta, estaleja o firmamento, jorrando grossas cataratas de uma chuva torrencial, fustigadora.



MODA

—Queremos o nome do companheiro mau! ruje a tropa, atroando a mata silenciosa com um horrido bramido, que se prolonga de quebrada em quebrada.

Copei emudece, pensaroso...

Chilreando lobregamente, celere coruja vai cortando o espaço, num prenúncio macabro, portando de mil infortúnios para aquelas pobres almas supersticiosas. Logo de todos os labios retumba:

—Agouro! Agouro!

Copei, cílios marejados de tristes lágrimas, que rebrilham como inúmeras pedras de diamante, engastadas numa elipse de ébano, contempla extasiado:

—Deus Senhor! Deus Senhor!

Deus Senhor! imploram os soldados. E grugejantes enxurradas descem aceleradas dos cerros, escarvando o solo e despenham-se retumbando nas horrendas baixas, aos gorgolões.

—Que fique aceso um archote ao menos! ordena Muniz. Em marcha!

Subito, um silvo, um grito e o balófo baque de um corpo. Espalham-se os soldados, reunindo-se adeante, em torno de um negro, que, de brúcos, descreve circunferências, rebolando-se.

—Que tens tu? indaga o capitão, tomado o pulso do africano, —que tens tu?

O enfermo, escancelando a boca:

— Raú, meu sinhô, Raú qui vai murê. Néguava cuns cumpaneiros, pidindo p'r'o modi Deu cum aua calá. Nissu uncê manda noi caminhâ e Raú vai as armas d'ele buscá, qui éle juntu de raiz de embaúba butou. Condo vai Raú chegando, sente pizá numa causa a modo qui mole. Négu tumou sintido de sê sucuri e fasta, mai cobra sibiou e picou Raú, meu sinhô... Vai Raú murê... Deu, meu sinhô! deu, minha jente: — Raú tá cabando... Chama Copei, minha jente, p'ra butá remedu in firida, chama Copei... Chuva tá cabando... Cum pouco mai, ceu tá limpu, cumu aua di nio e estréla tá nascedu, tá lumiandu... Oia, sia, oia uma ali, pur trás da rama di ingazero, oia uma...

O ceu, a pouco e pouco, vai-se pomposamente azulejando e lentejoulando-se para os lados do Leste. Brando chuvisco apenas espicaça as folhas verdes dos arvoredos, que, ás impetuosa rajadas varredoras do mau tempo, se espalham em contorções, estilando abundantes gotas de agua fresca. Desprende-se entontecedoramente do fecundo seio da terra productora um cheiro acre de barro húmido, e punhados de vagalumes esmeraldinam os ares, como pequeninas estrélas caídas dos longes céus.

— Sarva o cumpanêro teu, Copei, taramela Raul, repuxando a carapinha, — sarva o cumpanêro teu!... Deixa de mardadi, irmão, tem piadadi da gente!... Non adoça bôca di Deu, o irmão qui é má p'r'outro... Tu tá vendo Raú murê, tu tá vendu Raú, e tu tá caladu, tu non qué sarvá Raú!... Sarva, Copei... Déqué remedu, entonce, qui eu mémo bota. E pruquê Raú non tem qui éle pede, — que tivesse non pidia. Pur issu é qui indu non presta: indu é discunfiadu, é quin um vé, vé tudu, — galu i pirum tudo é um...

— Ele pede, Copei, intercede o capitão, olhando compadecido para o negro

— Copei, responde o indio, franzindo os supercilios, — non tira pé d'aqui p'r'o modi sarvá Raú!... Anti di chuva chuvê, sucuri sibiou, tração dizendu; anti di chuva chuvê, curuja piandu passou; ceu tava pretu, cumu óca di onça... Dipoi qui aua caiu, qui truvuada cabou, — sucuri picou négu! Entonce? Copei pidiu: — Deu, oi a serpi vredadi falou, foi qui ela piqui u cumpanêro má, qui assim noi mata éle i noi podi caminhâ. I Deu uviu pididu de Copei, i sucuri picou Raú!... Oie o ceu, meu sinhô, — intê pareci mata cheia di caga-fogo, — istrela! Nim um pingu mai di chuva! I entonce? Quedê truvão, quedê fôgo di Deus? Tudo cabou, qui Raú picadu tá... Raú era cumpanêro máu: noi deve matá éle...

— Que o negro morra! urram todos os soldados, num misto de entusiasmo e de colera.

— Meu sinhô! meu sinhô! meu sinhô! exclama Raul, enlaçando-se nas pernas de Moniz, — tá Deu nu ceu, cumu tudu é farsu! Non dêxa matá Raú, qui éle é fié! Cum diabu, Copei tem parti! Meu sinhô! meu sinhô! meu sinhô!... Despedindo um urro doloroso, Raul enrodilha-se, entrebucando. Revolve-se agoniadamente pela terra, deixando vér os argenteos cópos de uma adágia, fundamentalmente cravada no peito ensanguentado.

— Que fizeste, Copei? I tristemente faz o capitão.

— Deu mandô, Copei fei, responde o indio impassível.

— Em marcha! ordena Moniz, e duas lagrimas orvalham-lhe a face palida... E, por longo tempo, quebrando o tumular silencio da noite solitaria, praticam os rumorosos passos dos soldados em marcha. A' frente, galhardo e sereno, e temerario capitão-mór, confrontando a fome, afrontando a sede, afrontando a morte, ergue de instante a instante a comprida espada, e, a vigorosos golpes, um tronco ou rama cæs farfalhando, deixando-o assim passar com os irmãos, amigos e aliados.

E a compacta massa dos guerreiros, pés escalerados, cobertos os peitos de miseros andrajos, que trapeiam rôtos pelos incisivos tentaculos dos vspinheiros hispidos, vem acampar distante de um monticulo, que não longe fica da conquistada S. Luiz, para onde faz o provedor avançar um ligeiro destacamento.

Disseminadamente, d'aqui e d'ali, se levantam, alvejando, as brancas barracas de campanha, e os esfalfados caminheiros, após uma prece geral, ao Deus das sideraes alturas, adormecem, protectoramente velados pelo amplo ceu de um azul-negro, esmaltado de madreperola das estrélas timidas...

Mergulhada no tédio languido da noite, calma e entristecedora, a aldeia de S. Luiz forra-se de densas trévas, como se funereamente se empanasse de um lugubre palio de crepe, para melhor chorar a sua desolação e a morte dos amados filhos.

Uma luzinha loira pitilampêja, caracolando pelas ruas desertas, juncadas de pobres casas de sapê... Cavalgando um ofegante cavalo ruço, nas mãos uma lanterna e um faiscante punhal de prata um vulto detem-se, saltando à porta do general holandez.

Abre-se a alcova do militar, tristamente iluminado por amarelas vélas de carnaúba, presas a gargalos de enceradas garrafas. E elle, deixando aparecer as cabeludas pernas, comprido caximbo no queixo, espera contrariado e pasmo a entrada do cavaleiro.

— Que Deus vos salve e ao senhor meu Rei! sauda o recém-chegado, estacando, curvando-se...

— Que vos trouxe a mim, em horas tão mortas?!

— Senhor, — se aqui me vedes, é para a salvação da patria e do nome do nosso augusto Rei, que Deus guarde... Se permitis, não se negarão meus labios a vos falar...

— Falai!

— Senhor: para as bandas de Leste, já perdo desta povoação, os filhos da terra, aliados com os da Luzitania, ameaçam-nos com as suas armas, prometendo guerra!

— A quantas leguas veem?

— A tres leguas veem, senão menos muito, e errado não andareis, despertando os companheiros nossos... Uma hora perdida, talvez que já tudo para nós mui tarde seja!...

— A seguir.

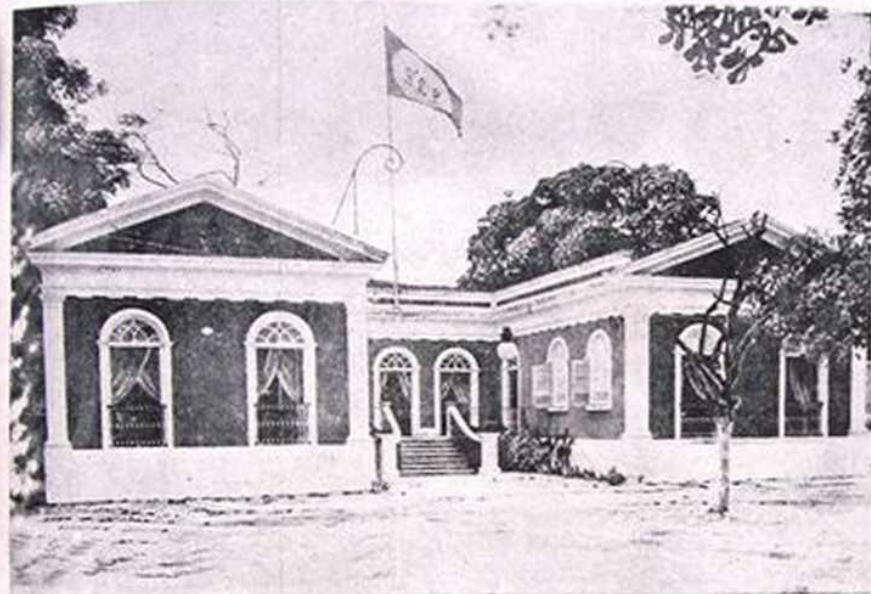
JOÃO QUADROS

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE DEZEMBRO DE 1903

NUM. 56



PARA — FACHADA DO «SPORT CLUB» (Phot. amador
Alexandrino Nogueira)

O Outeiro da Cruz

(CONCLUSÃO)

Emudece o chefe holandez e os seus labios febrilmente tremem, palpita...

Galopando a toda a brida, azafamadamente, sem temer os tropeços, nem as escancaradas brôcas dos caminhos, voëja um soldado luzo, que cautelosamente fôra espionar o movimento das tropas dominadoras. Alucinado, sofregó, ancioso, enlaça com as nervudas pernas o corpo do arquejante animal, craveja despiadado os acicates, e o quadrupede trine, pula, corvêja e ganha inda mais rápido torturadoras braças de terra, deixando pelos silvedos o sangue do seu martirizado corpo rijo. Dechofre, tropeça, cambaleia, tomba. Despega-se o cavaleiro, rojando adiante o corpo, e o sangue, em fróxos ronquejos, golfa em convulsões de dor. Ergue-se, porém, despedindo agudíssimos gemidos, corre trópego a apanhar o animalejo, salta-lhe ás costas, e serpeia a galope, cravando nervosamente as esporas... Chega, afinal, ao acampamento ador-

mecido, e lesto, bamboleante, dirige-se á espaços atenda de Moniz.

— Que novas trazeis? pergunta-lhe o provedor.

— Mais novas vos trago, meu senhor. Sabei que os holandeses aos quarteis correram e, pelo que fielmente sei, em breve marcharão para combate nos dar. Se não derdes pressa, os nossos poucos irmãos, que lá no monte descansam, serão por elles apanhados e selvaticamente mortos! Um soldado inimigo, que por aqui errava, descobriu-nos, e logo de tudo fez sabedor o commandante, que não prezo, nem obedecerei, mesmo na vida, mesmo na morte! Lembrai-vos dos nossos irmãos, senhor, lembrai-vos delles! Se os holandeses chegarem e lhes tiram a vida, que será d'elles, meu senhor, que será d'elles?... Lembrai-vos dos nossos irmãos, que no monte dormem, lembrai-vos dos nossos irmãos!

Num bracejar colérico, abrangendo todo o acampamento em trevas, o capitão resolve:

— Que se reúnam os soldados meus, que se reunam! Jeová, que David livrou das garras dos siisteus, que a cabeça de Olofernes poz nas mãos de Judith, entregará também nas mãos nossas os soldados inimigos... Quese reúnam os soldados meus, que se reúnam!...

Em voz surda declara amargurosamente o voluntário portuguez:

— Não verão meus olhos a tremenda luta! Antes do sol nascer a minha alma já não estará comigo!... Olhai, meu senhor, olhai para os meus braços: estão partidos! Não mais poderão uma arma tomar, não mais! Vede como o peito tenho, vede: — vermelho, como o céu, quando vem nascendo o sol!... Que poderei eu? Que poderei eu?...

Cinje subitamente as mãos ao peito, e, sacudido por uma violenta tosse fôfa, o sangue catadupa borbulhando. O corpo do bravo oscila e cae de bruços aos pés do Moniz, o valente soldado luzo.

Cocoricam soturnamente os galos nos quintalejos das herdades, e pelas ravinas do outeiro luze-luzem constelações de vagalumes, numa pulverização de esmeraldas aéreas. São cinco e meia da manhã e o sol chispa sinistramente pelo céu, como abrasada granada, explodindo num estendat de arminho. O verdeongo matagal verdeja exuberante-



PARA'—RETIRO DE MOEMA. Chalet *Tybiriçá*, propriedade do Senador Antonio Lemos. (Phot. P. Lemos.)

mente, embiocado na diafana musselina das nevoas matinaes, confundindo-se com o fulvo horizonte purpuro. Em direcção a S. Luiz, a abstruosa estrada rasga-se ramalhosa, guarneecida de altas embaúbeiras...

Clangerando pelo enevoado espaço, estrujem temerosamente as roucas fanfarras conclamadoras,

e humildemente a tropa libertante vozeia uma oração a Deus...

De quando em quando, sobre o outeiro, uma sentinela aparece, olha atenciosamente, olha, reolha, escuta, ronda...

Ruflam ao lonje tambores, e trombétas ecoam belicosamente...

Os guardas correm pressurosos a comunicar a aproximação do titanico combate e os guerreiros, grunhindo de cólera, abscondem-se cautelosos, protegidos pelos grossos troncos das arvores copadas, dominando a passagem do amedrontador exercito.

Tartareios de entusiasmo sussurrejam de todos os pontos, e abafadamente, levemente sóa o planeta tóque de alerta ! Cerram todos os labios palavradores, nem o mais fraco ruido de folhas sobpisdas ! Palpitam todos os corações e as almas como que assomam nas pupilas, perscrutadoras...

Adarvado o peito herculeo de escamosa couraça fagulhante, no braço esquerdo concavo escudo de polido bronze novo, Sandalim, o heróe comandante, vem á vanguarda do exercito viajor, montando um rebelde corcél de guerra.

De espaço a espaço a lança auri-rútila giro-gira irradiando, e logo dos seus labios irrompem bençãos á patria dos commandados.

—Que a victoria comosco seja ! respondem brandamente os militares, tirando os capacetes reluzentes...

—Por onde andarão elles, que tégora não os vemos ? indaga Sandalim ao soldado que, na passada noite, espionara a tropa de Moniz.

—Talvez outro rumo tomaram e já em S. Luiz estejam.

—Senão este, outro caminho existe ? !

—Que sei eu ? Bem poderiam elles outros abrir.

—Assim sendo, pouco me importa a mim, que lá muita gente inda temos, tanto na fortaleza do Carmo, como na fortaleza de S. Luiz e no forte Sardinha, e é bem optima a artilharia nossa ! E, alteando de novo a voz, solta louvores á Holanda.

—Que a victoria comosco seja ! continuam em berros os homens das fileiras.

E, no entanto, no interior da floresta, nem o mais leve sussurro de voz humana, nem o mais leve ruido, senão os cristalinos pipilos dos passaros, que esvoaçam celeres de ramal em ramal.

E o rouquenho matraquear das caixas holandesas e o estridente garganteio das trombetas abocadas aproximam-se estridorosos. Mais alguns minutos,—e as fuljidas lanças fosforeiam flamejando á fulgorante irradiação solar, como esguias e faiscadoras linguas de fogo.

Passa o primeiro pelotão, á frente Sandalim, escossez, e chefe dos atlétas; passa o segundo, passa o ultimo, e uma rapida descarga de estufiantes balas estrondéja aterradora, fazendo rolar no safaro sólo, estortegando-se em pôcas de sangue, punhados do combatentes. Estalejam as bronzeas fanfarras, as trombetas estoiram, repostando ocultamente, e um clamor horrissono retumba estrondosamente. Nova descarga trôa, e o espaço fumarento encarvôa-se de espiralantes novélos de fumo, que serpenteiam desencenilhando-se das ramarias fumegantes. D'aqui e d'ali, desordenadamente, surgem os soldados luso-brasileiros, ferozmente, fuzilando, como implacaveis monstros inteiramente vulneraveis, os atonitos defensores da Holanda conquistadora.

Recrudesce, a mais e mais, o combate macabro... Nas bases do monticulo respondem os hol-

landezes ás balas dos adversarios e, pelos ares taciturnos, estrondam os crebos estampidos da fuzilaria, algazarra este torosa gralheiam murmurando, e grandiosa estende-se a mortandade nas fileiras de Sandalim.

Minguam as munições e, possessos, os inimigos, num embate medonho, guerreiam-se com espadas e punhaes, e cadaveres caem retalhados, espostejados.

Subito irrompe um infernal clamor...

Nimbos de fumo toldam o espaço, qual onduloso palio plumbeo. As descargas, que por um instante pareciam ir cessando dos libertadores, de novo recomeçam, sucessivas, ensurdecedoras. E o fumo cada vez mais sobe acumulado, em grossos retabulos, nublando a claridade da manhã que vai bem alta.

Os commandados de Moniz, em grande parte ajoelhados, bradam com o rosto em terra:

—Ei-la que nos proteje a nós !

Ei-la que aos companheiros nossos dá areia, que se transforma em pólvora e pedras, que se transformam em balas ! Ei-la !

E outros acrescentam:

—Ei-la de branco, vestida de nuvens alvas !

—Por que tanto merecemos nós ? ! For que nos aparece a Virgem ? ! Por que tanto merecemos nós ? !

E, a mais e mais, as descargas tornam-se mais continuas, enquanto os guerreiros de Sandalim, abandonando as armas maquinamente, se deixam matar, implorando misericordia á Virgem:

—Perdoai-nos, se a vossa graça não merecemos nós ! Mizericordia pelo vosso filho ! Pazes, irmãos ! Pazes ! Pazes !

—Não ! protesta Sandalim,—não ! Combatemos com o céu... embora !... Fogo !... Que desçam contra nós legiões de anjos ! Fogo !...

Restam apenas vinte dos seus soldados, que, como se não ouvissem a imperiosa voz do chefe, continuam implorando:

—Por que contra nós combate a Virgem ? ... Que mal fizemos ? ...

—Mizericordia pelo vosso Filho !...

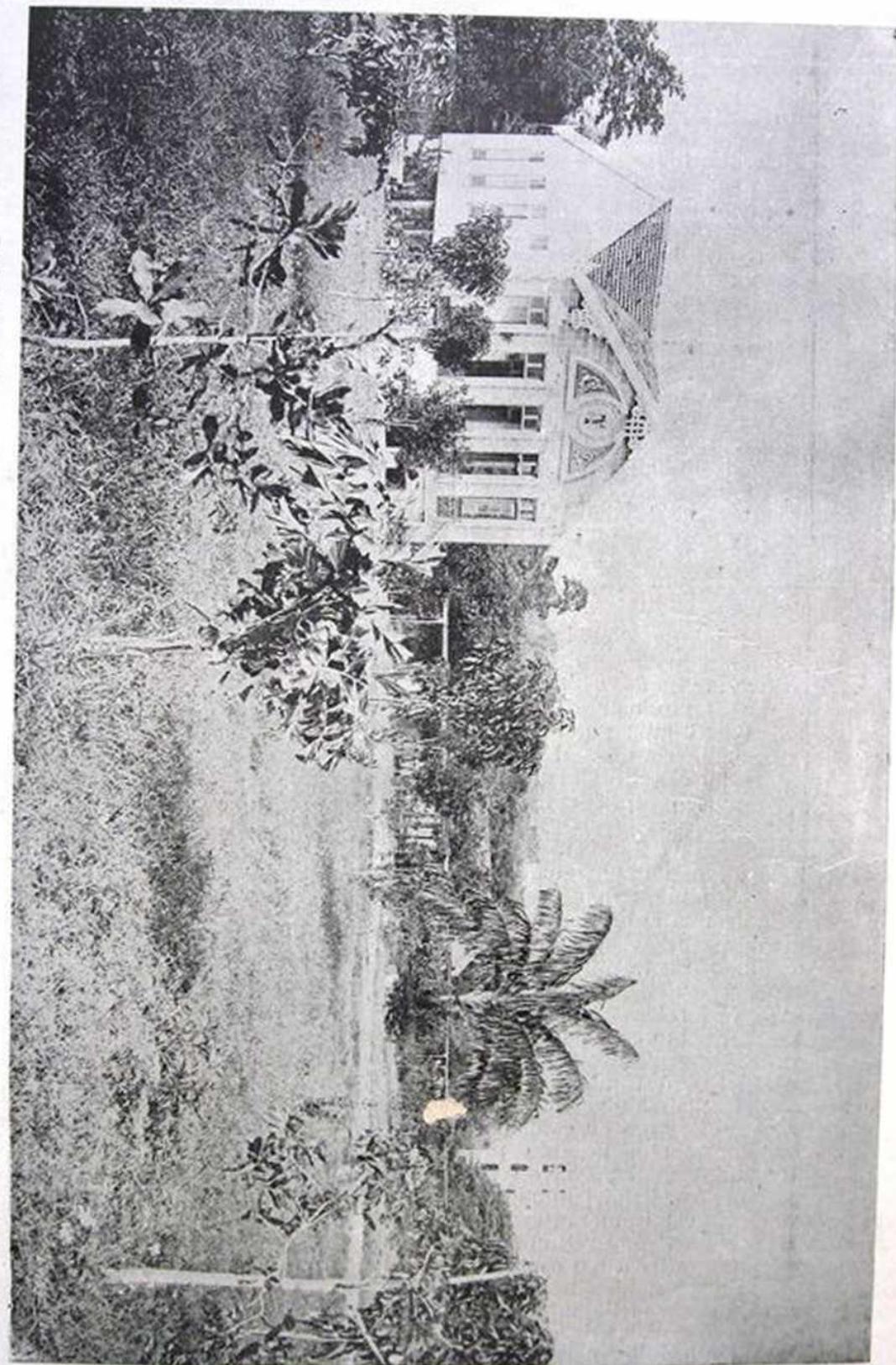
—Pazes, irmãos, paz ! O céu combate ao vosso lado ! Pazes ! ...

E seis dos restantes companheiros de Sandalim abalam em fuga pela sombria mata fumarenta.

Cessa de repente a fuzilaria, e Antonio Moniz fala a Sandalim:

—Sandalim, general dos filhos da Holanda ! Por que contra nós inda mandais que combatam os vossos ? ! Por que contra o céu blasfemais, desafiando as legiões de Deus ? !... Não vêdes, senhor, que é comosco a proteção divina ? ! Não vêdes que já se minguavam as munições nossas e que, como os pães e os peixes dos Evangelhos, se multiplicaram por milagre ? ! Não vistes a Virgem dando-nos terra que se transformava em balas ? ! Bem pequeno sois !... Entregai-vos, general, a mim que resistir um só instante não podeis !... Quereis, por acaso, voltar a boca da vossa arma contra o trono Eterno ? ! Experimentai !...

—Como escarnecer sabeis dos infelizes, luso



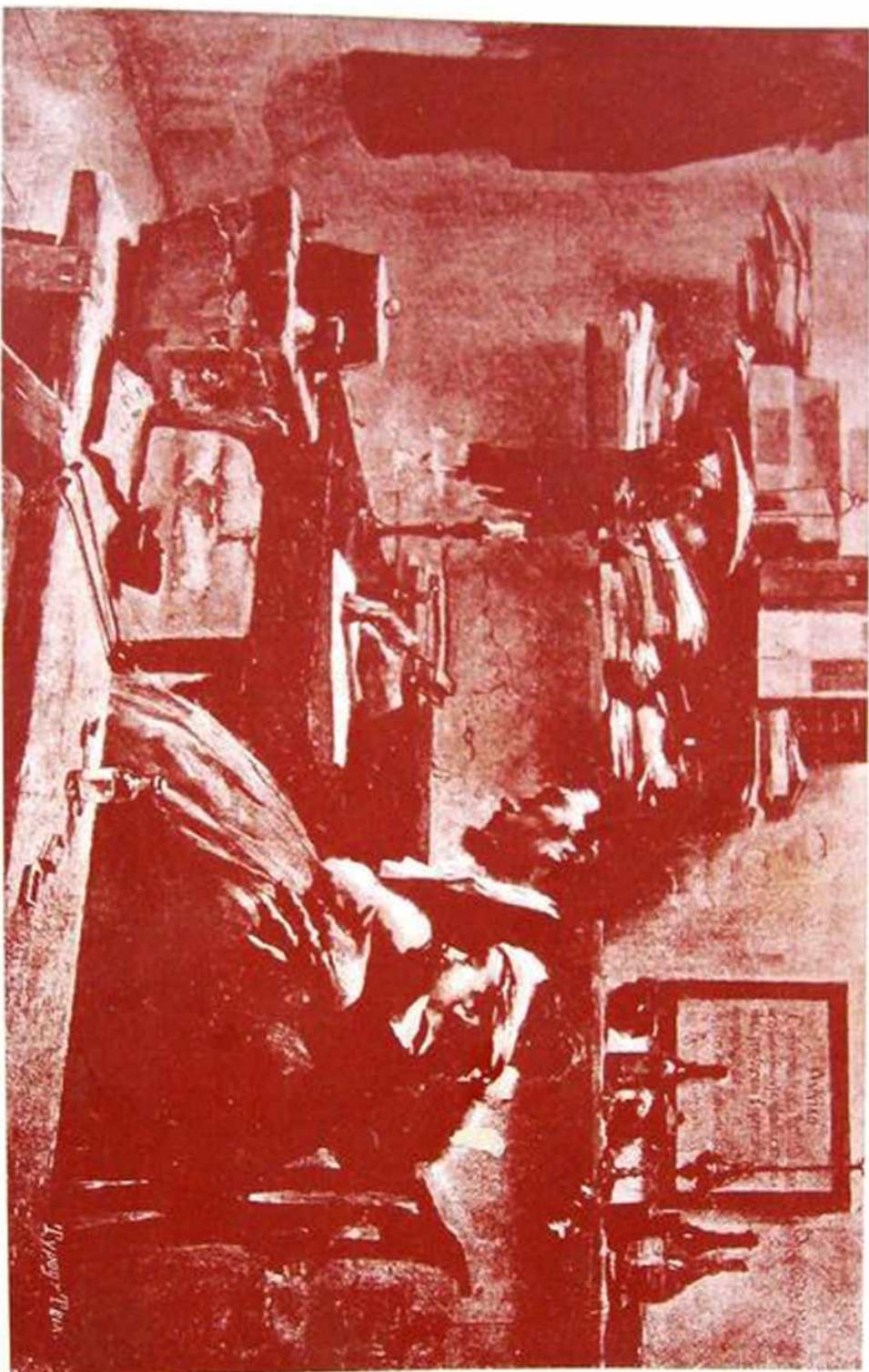
PARA o RETIRO DE MOÉMA - Na estrada de ferro de Bragança. (Phot. P. Lemos)

capitão! responde o filho da Escócia, lança enrustada, gesticulando. Bem sei que a Deus injuriei, bem sei!... Mas, que quereis? Não blasfemarieis, se o que sucede a mim vos sucedesse a vós? Não

se abririam os vossos labios para insultar os céus?... Vede os meus tantos soldados mortos! Apenas quatorze me restam, que seis me abandonaram! Vede os meus soldados, vede!... E injusto me

SUPLEMENTO AO N. 56

16 DE DEZEMBRO DE 1903



Oreste da Molin-Sosinhos no mundo

A REVISTA DO NORTE

MARANHÃO—BRAZIL.

Kyung-Tcha.

achais por blasfemias!... Disseste que eu e os meus nos entregassemos a vós... Nunca! Queremos a morte,—matai-nos! Séde bom, séde soldado, matai-nos!...

—Bem védes, senhor, que somente quatorze homens vos restam, insiste o capitão portuguez, para que sacrificar os poucos que vos obedecem, para que sacrificar os pobres? Rios de sangue lam as terras do outeiro! Vêde a mortandade, vêde quantos mortos! Cessarei a lucta, tendo-vos por prisioneiro e tambem os que vos restam! De um general as honras tereis e a vossa valente arma se afixada ao lado da minha vencedora... Mas, se o contrario decidis, que Deus vos tenha,—que Deus vos tenha!...

Lacrimejam os magoados olhos de Sandalim, ranjem-lhe os dentes, entrebatendo-se e dos seus abios, gravidos de ardente raiva, rebenta o orgulho de militar nunca vencido:

—Em vida não me tereis, senhor, por prisioneiro, nem a minha arma ao lado da vossa tereis! A morte mil vezes antes, mil vezes a morte!... Assim como os meus dormem sem vida, eu também



PARA'--RETIRO DE MOEMA--Capella de Santo Antonio de Moema (Phot. P. A. Lemos)

participarei do sonno eterno que os invade! Dai-me a morte, por quem sois! Dai-me a morte, por Deus!

—Seja a vossa vontade assim feita!...

Esfaimadamente, como um bando de feras bravas, os luso-brazileiros precipitam-se sobre as restantes praças holandezas, estraçalhando-as. E, enquanto o sangue vermelhêja ao sol, elles apoderam-se dos uniformes dos vencidos, arrebanhando armas e munições...

No alto do outeiro, aureamente iluminado por esparsas lareiras colossas, que estalam e espicam, ponteando o espaço de fagulhas, quaes tetêrrimas guélas de monstros legendarios, soprando chamas abrazadóras, branquejam as aguçadas tendas dos vitoriosos. Bendizem a batalha abençoada, algazarreando e sapateando ao troante toque do tambuque, que rebôa, retumbando prolongadamente. Os outros, porém, aboletados em frente das barracas, comentam episódios do combate.

—Não viram vocês, pergunta um portuguez, chupando um comprido e fino caximbo de taquari, ao mesmo tempo que expelle grossas e cinzentas baforadas,— Nossa Senhora, que apareceu no feio da peleja, quando já nos escasseavam as balas e a polvora?

Afirmam alguns, e outros citam testemunhas da estranha aparição.

—Pois foi, e eu, por estrelas que lá no ceu palpitam, juro que a vi, continúa num tom absorto o portuguez; ella apareceu no alto do monte; colhia pedras e terras para a nossa gente; mas, quando ella me trouxe, dentro do seu manto, as pedras e a terra, e derramou no chão, logo balas e polvora apareceram, e o manto estava alvo como as plumas de uma garça!

—A mim também ella deu, interrompe um.

—E igualmente a mim, afirma outro.

—Era Nossa Senhora da Victoria, concluem muitos.

—E era, confirma o lusitano, benzendo-se; mas, assim que os holandezes della tiveram a descoberta, começaram a atirar-lhe; mas as balas caíam aos pés da Virgem, levantando uma poeira d'ouro, e muitos delles morriam repentinamente.

—Parece que é mentira, e no entanto agora eu quero a luz dos olhos perder, se tal não vi, alguém jura.

—E eu também, concorda o portuguez.

—Mas, observa um luso,— dizem todos que a Virgem apareceu, e eu bem procurei vê-la e não vi.

— Não a viste ! admira o narrador.

— Sim, não a vi e mesmo creio que não apareceu...

— Das tuas palavras se sabe o capitão Moniz, muito mal te sairás !

— Muito mal te sairás, concordam todos.

— Como então, faz o crente portuguez, explicar as balas e a polvora ? !

— Se muitas balas e polvora appareceram, foi porque quiz o provedor que ellas aparecessem. Assim é que apareceu a Virgem... Capitão Moniz sabe guerra fazer e ganhar a victoria.

— Mas Sandalim acreditou...

— A desgraça e o pavor haviam chegado...

— Fica tu sem crer, mas nós outros cremos, porque vimos, e se das tuas palavras sabe o provedor, mui mal te sairás. E convido todos os companheiros agradecidos, que não tú, para, um terço cantando, irmo-nos ajoelhar e beijar o santo lugar, de onde a Virgem surgiu.

E os soldados, fachos na mão, unisonamente cantando, vão em religiosa procissão para o alto do pequeno monte, enaltecendo a santa apparição da Imaculada Senhora da Victoria.

Quando de novo tornam chapinhando nos charcos de sangue derramado na batalha da manhã, pisando indiferentes os birtos e turgidos cadáveres, que se amontoam, espalhados pelas fraldas do outeiro, um gemido cavernoso, soprado de um flácido peito moribundo, embarga-lhes os passos, e todos curiosamente olham, examinando, á luz dos fachos, os corpos já sem vida, enrijados.

— Juro ser este holandez, que neste mundo inda vive,—brame um soldado, alumiano a face cadaverica de um ferido, cujos olhos endeixosos e baços invocam piedade aos algozes, que vociferam em torno.

— Que seja nas chaumas o seu corpo queimado e reduzido a pó, aventura um, e logo mil braços do mutilado corpo se apoderam, mil braços o carregam, repondo perto do um fogareu devorador.

Aí paradas, as humanas feras decidem sobre a morte mais negra e tormentosa de que deve ser vítima o supplicante martyr, que não fala, mas pede pela mortiça luz dos seus expressivos olhos tristes. Ninguém, porém, delle se condole,—nem uma alma mais perfeita, nem um coração mais nobre !

E, conforme o brutal accordo, é o desgraçado erguido e enfiado, de baixo para cima, numa roliça, forte e aguda vara, e conduzido pela multidão escarcedora, como um funebre pendão de um trevoso crime...

Aureo-vermelho, o sol, como cuidoso joalheiro, pontilha de caras pedras de topazio e de rubi a medalha do Oriente, que flameja deslumbradora.

Remigando por sobre o outeiro do combate, em círculos de luto, os negros e carnívorus urubús como que festejam, azas abertas ao sabór do vento, o breve banquete dos corpos que apodrecem. Um, outro e mais outros descem, farejando, espicaçando gulosamente as presas, e, num fófo rumor de azas e de rechinios, tumultuosamente abalam pelos ares,

enquanto outros dessem atropelados. Evola-se pelos ares um cheiro nauzeo e entontecedor. E a soldadesca reunida observa gloriosa e chacoteando os cadáveres dos inimigos, a pouco e pouco estripados pelas negras aves de rapina.

Fevilham zumbindo enxames de moscas sobre os cadáveres, invadindo os ouvidos e as narinas, de onde escorre um líquido viscoso e escuro.

Um soldado atira uma mancheia de terra ao peito de Sandalim, e logo a moscardaria esvoaça para poifar de novo sobre o corpo entumecido. Perdidamente um urubú approxima-se bamboleante e avidamente introduz o recurvo bico numa das orbitas vizuas, retirando o espocado olho sanguejante.

— E' o castigo que os maus recebem, opina um soldado. Parece-me a mim que mais fede do que os outros. Vejam como tem a boca,—mais preta do que a lingua de papagaio ! Amaldiçoado ! É um torrão, atirado por certeira mão, cae na boca do cadáver, espantando nuvens de moscas, que, de novo, a pouco e pouco entram tumultuosas.

— De lome não morrerá o malvado !... Come mosca, general, come mosca ! Explodem fortes gargalhadas e alguém nota:

— Olhem, olhem que já aquelle urubú as tripas lhe retira... Raios te partam, excommungado ! Espocam outras fortes rizadas, e um punhado de areia cobre a face do soldado escossez, espantando a ave, que vôle de leve, rasteira.

Clangoram as fanfarras, e logo todos se levantam apressadamente, dizendo:

— E' chegada a hora da partida !...

De facto, já de pé, adaga em punho, o provedor espera-os impaciente:

— Que estaveis a fazer com os mortos, homens maus ?... Aos logares vossos !... Em marcha !...

Estrupidam as trompas de guerra, e os vencedores, em pelotões formados, rompem alegres a marcha, a tomar S. Luiz...

E o tristonho sitio de outrora—hoje o Outeiro da Cruz—ficou chorando a desolação, em que jazeu por longos annos, pois ninguém mais buscou esses assanhados caminhos, senão mais tarde, muito mais tarde, quando os crentes não mais temeram os constantes assaltos e as amarguradas suplicas das almas holandezas, que por ali vagavam errantes e desesperadas.

Hoje lá branqueja uma pequenina ermida, em glorificação a Nossa Senhora da Victoria, a Virgem branca e Immaculada, que, protegendo no ardor do combate os batalhadores luso-brasileiros, lhes dava terra, que se tornava em polvora, e pedras, que se tornavam em balas !

Duas saudosas cruzes, para lá da ermida, carregam, nos piedosos braços abertos, resequidas coroas da pátria maranhense agradecida e lembrada; aos pés duas velhas lanternas enferrujadas. A mais antiga, aquella que primeiro erigiu o Maranhão, quando já ha tempos libertado das empolgadoras garras da Hollanda, guarda no topo uma delgada placa de metal, que em miúdas letras recorda a longínqua expulsão dos holandezes daquellas uberosas plagas, no santificado anno de mil seiscentos e quarenta e quatro. Quando por elles veloz-

mente passa o trem, demandando as bandas do Anil, badaléja a sineta da pequena machina, em signal de respeito áquelle santo logar, e o viandante, que trilha aquelles caminhos, descobre-se religiosamente. Não raro, chapeu na mão, ás vezes sobe e depõe aos pés das cruzes uma moeda ou uma vela, em favor daquellas almas holandezas, que ainda hoje, pela calada da noite, choram, trepadas nos balouçantes ramos dos arvoredos, o crudelíssimo castigo das flamulas infernaes !

Recife—setembro—1902.

João Quadros.

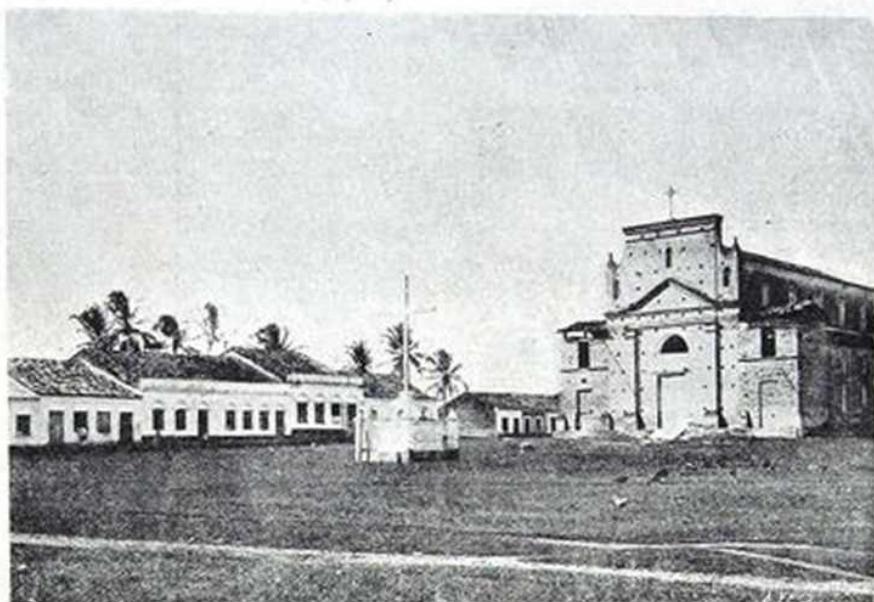
lar. A' conta dos preconceitos e da existencia de uma unica nacionalidade devem ser lançados estes versos:

E quem dissera, Amigo, que podia
Gerar segundo Sancho *a nossa Hespanha* !

Os grandes do Paiz com gesto humilde
Lhe fazem, mal o encontram, seu cortejo.

Ajuntavam-se os Grandes desta terra...

Rançoso é mão poeta, não nasceste



RIO GRANDE DO NORTE—VISTA DA CIDADE DA PENHA
(Phot. amador Alexandrino Nogueira)

As Cartas Chilenas

(CONTINUAÇÃO)

Si Critillo era ou não natural do Brazil, torna-se extremamente difícil descobrir pela leitura das *Cartas Chilenas*. Versos há que parecem vagamente indicar o contrario; si porem considerar se a época em que foram escritos, si fizer-se o confronto com os de outros poetas, si levar-se em linha de conta o grande numero de preconceitos que vigoravam e hoje estão quasi que esvanecidos, o valor desses versos desaparece. Os poetas mineiros não eram muito prodígios em louvores ao Brazil. Embora aqui nascidos, sua maior inclinação intelectual era pela metropole onde se haviam educado, onde maior campo se oferecia aos seus talentos, onde maior numero havia de pessoas habilitadas a bem comprehendê-los. Além disso, nascidos no Brazil ou nascidos em Portugal, eram todos portuguezes; a glória da metropole reflectia-se pois em todos elles, e todos para ella concorriam. Si nas *Cartas Chilenas* se encontram versos à primeira vista pouco brasileiros, o facto não é singu-

Para cantar heróes, nem cousas grandes !
Se te queres moldar os teus talentos,
Em tosca frase do Paiz somente
Escreve trovas que os mulatos cantem

Os Grandes, Dorotheo, da *nossa Hespanha*
Tem diversas herdades...

Como dissemos, esses versos não tem o valor que, à primeira vista, se lhe podia atribuir. Com efeito, a expressão «os Grandes do Paiz» explica-se pela forma narrativa que o autor deu ás suas satyras. Dirigindo-se, realmente ou não, a um amigo residente na metropole e fallando-lhe do que se passava no Brazil, não podia ser outra a sua expressão, collocado elle na posição de observador critico. A expressão «*nossa Hespanha*» é do mesmo valor.

Tanto um filho do Brazil, como um filho de Portugal, podia usal-a, desde que tudo era uma só nação. Tanto assim é que se encontra «*nossa Chile*».

Assim os Generaes da *nossa Chile*
Tem diversas fazendas...

Outros talvez mais significativos:

Mas ah ! prezado Amigo, que ditosa

Não fôra a nossa Chile, se antes visse
Adornado um cavallo com insignias
De General supremo, do que ver-se
Obrigada a dobrar os seus joelhos
Na presença de um Chefe a quem os deuses
Soniente deram a figura de homem !

A frase «em tosca frase do Paiz somente» explica-se sabendo que Critillo era bom poeta e instruído. Como ainda hoje muitos homens aliás de mérito, todos os indivíduos de alguma erudição desprezavam o povo, seus costumes e seu fallar. Accresce que fallando da pessima organização da milícia diz Critillo:

São estes, Dorotheo, os grandes cabos
De quem a triste Patria fiar deve
A sua salvação ? São esses ? Dize...

Ahi não se trata de Portugal, trata-se do Brazil, de Minas. Si nesse detalhe pouca cousa se encontra para determinar a nacionalidade de Critillo; si só uma vez encontra-se em um vocabulo uma prova em favor do nosso modo de pensar, o mesmo não acontece no todo, na significação das *Cartas* em geral. Ha longos trechos em que se mostra a descoberto aquele espirito de revolta que saturava a atmosphera de Villa-Rica e do qual já em 1786 fôra prevenido o governador Luiz da Cunha Menezes, o *Fanfarrão Mineiro*, no dizer de Critillo.

Transcrevemos esses trechos para confirmação. Depois de mostrar o que far-se-ia se em lugar do governador estivesse um cavallo, diz:

Mas sempre, Dorotheo, aquelles nescios
Que ao bruto respeitassem, poderião
Servil-o acautelados, e de sorte,
Que dar-lhes não pudesse um leve couce.
Eis aqui, Dorotheo, o que nos nega
Uma heroica virtude. Um louco Chefe
O poder exercita do Monarca,
E os subditos não devem nem fugir-lhe
Nem tirar-lhe da mão a injusta espada.
Mas, caro Dorotheo, um Chefe destes
Só vem para castigo de peccados.

Perguntarás agora, que torpezas
Commette a nossa Chile que mereça
Tão estranho flagello ? Não ha homem
Que viva isento de delictos graves...

Talvez, prezado Amigo, que nós hoje
Sintamos os castigos dos insultos,
Que nossos paes fizeram: estes campos
Estão cobertos de insepultos ossos
De innumeraveis homens que mataram,
Aqui os Europeos se divertiam
Em andarem á caça dos Gentios,
Como á caça das feras pelos mattos.
Havia tal que dava aos seus cachorros,
Por diario sustento humana carne;
Querendo desculpar tão grave culpa
Com dizer que os Gentios, bem que tenham
A nossa semelhança, enquanto aos corpos,
Não erão como nós, enquanto ás almas.
Que muito pois que Deus levante o braço,

E puna os descendentes de uns tyrannos
Que, sem razão alguma e por capricho,
Espalharão na terra tanto sangue ?

Elle sim; bem conhece que não ha de
Falar com estas tropas ás campinas;
Mas sempre, Dorotheo, as quer propicias
São aquellas, que infundem nestes povos
O medo e sujeição com que tolerão
O verem em desprezo as leis sagradas

Virá um dia em que mão robusta e santa,
Depois de castigar-nos se condão,
E lance na fogeira as varas torpes
Então virão aquelles que chorarão,
Então talvez que chores, mas de balde,
Que suspiros e prantos nada lucrão
A quem os guarda para muito tarde.

Está ahi uma prova da nacionalidade de Critillo; um justo horror pelas crueldades praticadas no Brazil pelos conquistadores, uma revolta mal contida contra os governadores, um incitamento aos brios do povo em geral, desprezo pelos que se submettem ás arbitrariedades e desgovernos, e finalmente uma ameaça, ameaça seria de vingança que faz entrever a Conjuração Mineira prestes a patentear-se. Critillo é um iniciado na revolta e um iniciado decidido a tudo. Era um brasileiro.

— A seguir.

Tito Lívio de Castro.

Só

Vi das aves o olhar e vi o olhar das feras
Incendidos de amor, de raiva e de vingança;
Vi transformar-se em furia o sonno das crateras
E a colera do céo desfazer-se em bonança.

E vi do abysmo o chaos, do oceano a bravura
Rugindo em turbilhões e adormecendo em calma,
E esse estranho furor e essa estranha tortura
Da criação inteira agitavam minha alma.

E pensei que era tudo assim mesmo: não via
Em derredor de mim tristeza sem conforto,
Ira sem compaixão, magua sem alegria...

Amei sem ser amado e entrou-me o desconforto
O peito, e vi que tudo em derredor morria,
Agonizando eu só num universo morto !

J. PEREIRA BARRETO.

Quando uma instituição deixa de estar em acordo com os costumes, é de urgente necessidade, ou reformar os costumes ou modificar a instituição.

Marcel Prévost.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHAO, 1 DE JANEIRO DE 1904

NUM. 57

POLO DO NORTE

A UMA MULHER

Oh Triumpho da Carne! alta Victoria Branca
Soberana immortal do Fructo Prohibido!
O teu Fausto me cega! o teu Fulgor me tranca
Num luminoso mundo entre clarões perdido!

Polo Norte do Goso em que ninguem se atreve,
Em sonhares de gloria e triumpho chegar!
Paro, mudo e cobarde, alvo paiz de neve,
Dos teus olhos azues ante o gelo polar!

Ao ver-te, ao contemplar-te, oh animado abysmo!
Sinto a carne tremer como jamais senti!
Tens no corpo um tal fluido, um tal magnetismo,
Que me leva, me attrahe, me arrasta para ti.

Ao surcires brilhante ante os meus olhos baços,
Levantam-se em tropel todos os meus desejos.
Que vontade sem fim de te apertar nos braços!
Que desejo voraz de te cobrir de beijos!

E fico allucinado, ancioso, enfebrecido
Num'ancia de chegar a bocca esbraseada,
N'esse fructo aromal que nunca foi mordido,
N'essa carne pagã que nunca foi beijada.

Dianete do teu fulgor todo o clarão se obumbral,
A treva resplandece, a escuridão se anima!
Astro! Trazes comigo a luz que me deslumbra!
Rosa! trazes comigo o olor que me allucina!

Para te possuir commetterei façanhas,
Que pasmará p'ra sempre o velho mundo incrêu!
Sinto forças em mim para rasgar montanhas!
Sinto azas em mim para subir ao céu!

Ama-me! que contigo eu deixarei contente
A patria, a gloria que é minha unica affeção!
Ama-me! e desde então serás eternamente,
Minha patria, meu deus, minha religião!

Só por ti curarei estas fataes feridas,
Que a desgraça feroz no meu peito rasgou,
E d'arpa arrancarei canções desconhecidas,
Poemas geniaes qu'inda ninguem sonhou.

O Martyrio, a Desgraça, a Lagrima, a Agonia,
Bando Negro que vae neste abrasado Pó,
Para sempre de mim, vencido, fugiria
Com um carinho teu, com am só beijo, um só!

Si nos olhos, fiel, em nitidas imagens,
O crâneo reflectisse os pensamentos seus.

Veriam-te gravadas em rutilas miragens,
Em completa nudez dentro dos olhos meus!

Possuir-te, beijar-te é ir por ceus profundos,
Num suave cahir dentro d'um arrebol,
Possuir-te é voar por ignotos mundos,
Descuidado a dormir sobre as azas de um sol.

Mas debalde, debalde! a magua que me assalta
Sempre e sempre maldita ha de me perseguir!
Pois tu, Montanha Azul, és tão alta! tão alta!
Que ao teu cimo jamais eu poderei subir!

E esta idéa cruel me afflige e desespera,
Rasga-me o coração em furores dementes,
Qual se nelle tivesse uma terrível fera,
Ou solto dentro d'alma um ninho de serpentes.

Lucto em vão, ao fitar-te. Assombro da Escultura!
Um brandio terremoto o corpo me sacode,
E em tragico furor e em tragica loucura,
Um Etna a ferver, dentro em meu sangue explode.

E tremulo, febril, louco, cambaleante,
Nas allucinações d'uma fatal vertigem,
Fico, mudo a pensar em mil loucuras, ante
A opulencia real da tua carne virgem.

Delicias construindo, architectando gosos,
O meu desejo rola em deliciosas quedas,
Desde a bocca vermelha aos teus seios formosos,
Como igneos satans de azas de labaredas.

Nem sabes o martyrio atroz que me treslouca,
Qual um Tantalo, ao ver entre infernaes resabios,
Faminto—o estranho Pão, perto da minha bocca,
Sedento—a Água, a correr tão perto de meus labios.

Com que goso estupendo, eu não oscularia,
Esses seios gentis que os Raphaeis souhaciam,
Essa mão, que me prende à cruz d'esta agonia,
Esses pequenos pés que já no céu pisaram.

Mas ai! és como esse Azul immenso e puro
Rutilante, suspenso ao meu terreno olhar,
Azul—que aclara todo este meu lar escuro
Mas, onde, nunca, nunca! eu poderei chegar!

Aos meus olhos sem luz, onde resplendem dores,
Tu surges a raiar sob fulgurações,
Como uma deuza que n'um carrocin de flores,
Surgisse lá no Alto, entre constellações.

E ao ver-te scintilar lá n'esses universos
Onde estás, d'este abysmo, eterno em que cahi,
Sonhei, Pura, fazer uma Babel de Versos,
Uma torre de luz para chegar a ti.

E luctei, e luctei... e a torre astral subia,
Subia ao vasto ceu que o meu amor sonhou;
Mas, subito, ao tocar-te, (oh caustica ironia !)
Ao teu supremo olhar ruio, desmoronou.

E de novo voltei á crypta de abrolhos,
E de novo voltei, a deslizar, no chão,
Com uma noite hybernal a esvoaçar nos olhos,
E um corvo a crocitar sobre meu coração.

Jamais ha de tocar meu labio n'esse gomo
Onde guadas, altiva, o mel do teu carinho!
Jamais te morderei, oh luminoso Pomo !
Jamais te beberei, oh ! fulgurante Vinho !

N'outros braços, talvez, essa carne adorada,
Origem d'este atroz tormento doloroso,
De volupia, a rugir, lubrica e illuminada,
Ha de tremer de febre e ha de morrer de goso.

Outro ha de beber em ancias e desejos,
N'uma febre sem fim, n'uma volupia louca,
Envolvendo-te n'uma erupção de beijos,
Esse mel, que ninguem inda possuiu na bocca.

Outro, ha de subir a esse ceu que estréllas,
Com teus sonhos em flor e canticos infíndos,
De beijar essas mãos divinamente bellas,
E esses seios de luz, infernalmente lindos.

E para esse então, entre desejos floresce,
Descerraráis o amor d'essa tu'alma fatua,
E entreabrirás, sorrindo, os teus labios marmoreos,
E entreabrirás cantando, os teus braços de estatua.

E eu triste, mudo e só, n'este suppicio eterno,
Hei de ver sem soltar um unico lamento,
No eterno florescer das chamas d'este inferno,
O eleito, a sorrir, no alto do firmamento.

Algemada a paixão que no meu peito estúa,
Ficarei sob a dor d'estes grilhões ferinos,
Sempre em sonho, a te ver completamente nua,
Abrindo para mim os teus braços divinos.

Abserto, a sofrer, errante, moribundo,
Bemdirei essa Mão que n'este Cahos me encerra,
Mão que fecha p'ra mim as delicias do mundo
E abre-me a paixão de lagrimas da terra.

E quando, enfim, tomar sob a Borracha irosa,
Como symbolo fiel d'esta Allucinação,
Tua imagem, hão de achar, loira Mulher formosa
A brilhar, a fulgir, dentro em meu coração!

Maranhão.

Corrêa de Araújo.

Conto do Natal

A dona Maria Miranda.

Desde que a filha se desherdara do amor e do carinho dos pais para ir gozar o usufruto da amizade do Ramiro, nunca mais o sol da alegria e da felicidade brilhou na palhoça onde moravam o tio Thomé e a esposa, a Andreza, que viviam agora mergulhados numa dolorosa penumbra de melan-

colia e de pezar, na saudade que lhes ficara da ausência da Belmira.

A mãe, mais condescendente, e mesmo para abrandar aquella justificada colera com que o marido apostrophava a perfidia da filha e que de dia a dia parecia avolumar-se mais, rugindo sempre ameaças terríveis e pragas que calhando do céo como um castigo sobre a cabeça da Belmira a despojariam de toda a sonhada ventura nos braços do esposo, deixára de reprimir o desamor filial, que lhe encheria de amarguras o seio, procurando obter do Thomé o perdão de que carecia a culpada para reentrar na posse do paterno amor.

Mas, o velho Thomé, inexorável e dolorido, persistia na recusa formal.

— Não! e não!... bramia na explosão violenta do sentimento de raiva gerada no seu amantíssimo coração pelo golpe d'aquella crudelissima resolução, que ia minando de desgostos e de penas a existencia do velho roceiro, abroquelado na fortaleza daquella negativa impenitente, que apenas servia para afligir a alma attribulada da espoza, já quasi certa de que o marido não capitularia diante dos seus rogos nem das suas lagrimas...

A mulher procurava justificar a falta da filha:

— Não vês que ella estava moça, e como eu, e como tu na sua idade, — aos 18 annos, sentiu-se reduzida e deslumbrada pela miragem dos sonhos engalanados de ventura do casamento?

Não se calava o tio Thomé diante de argumento tão convincente como esse, capaz de amainar em outro peito que não no seu as ondas encapeladas desse rugidor mar de iras que lhe afogara n'alma os sentimentos de clemencia e de amor. E contrapunha as suas razões:

— Que lhe faltava aqui?

— Nada; — murmurava a espoza, num soluço compungido.

— Não tinha casa, comida, tudo quanto necessitava?

Desconsolada, a velha companheira abanava a cabeça que sim, enquanto dos seus olhos cheios de um pezar profundo e onde se reflectia a crudelissima angustia que lhe alanceava o coração, desboravam lagrimas em punho...

— Ella quiz experimentar as sensações de um novo amor... arriscou timidamente.

— Ah! rugiu o marido, — preferio trocar a afeição sincera dos pais por outra, que ella não podia advinhar si seria um desdobramento da ventura que a acarinhava desde o berço, ou se lhe tornaria a vida n'um flagicio desesperador... Pois que viva para lá, sem precisar de mim.

— Cala-te, Thomé? Para que has de fingir que és um homem máo? Não vês que soffro com tudo isto? Ainda si a pequena tivesse se atolado no paul da deshonra e enlameasse o teu nome pelos alcances, arremetida pelo vicio de desbrio em desbrio, repellida pela gente honesta, que sentisse repulsas em lhe apertar a mão, — eu não imploraria o teu perdão, porque tenho a certeza de que morreria de vergonha e de dor no dia em que soubesse que nossa filha havia se desviado do caminho da honra que lhe ensinamos e, perdida a ultima parcella de dignidade n'essa suprema bancarota de mendazes illu-



UMA CASCATA NA TIJUCA

sões, se afundara na lama da mais hedionda devassidão. Está casada; e si a fortuna não é o sol que derrama vividos fulgores n'aquelle lar, reina lá dentro a alegria e a paz, que são a felicidade dos desherdados da sorte. Perdoemol-a,—suplicava.

Fulo de raiva, o tio Thomé, que jamais capitulava diante de tantos rogos e que não possuia uma alma tão sensível e capaz de vergar ao sentimento de piedade, esquecendo para sempre a of-

fensa recebida, censurava á esposa aquella fraquezza e pusilanimidade de brios.

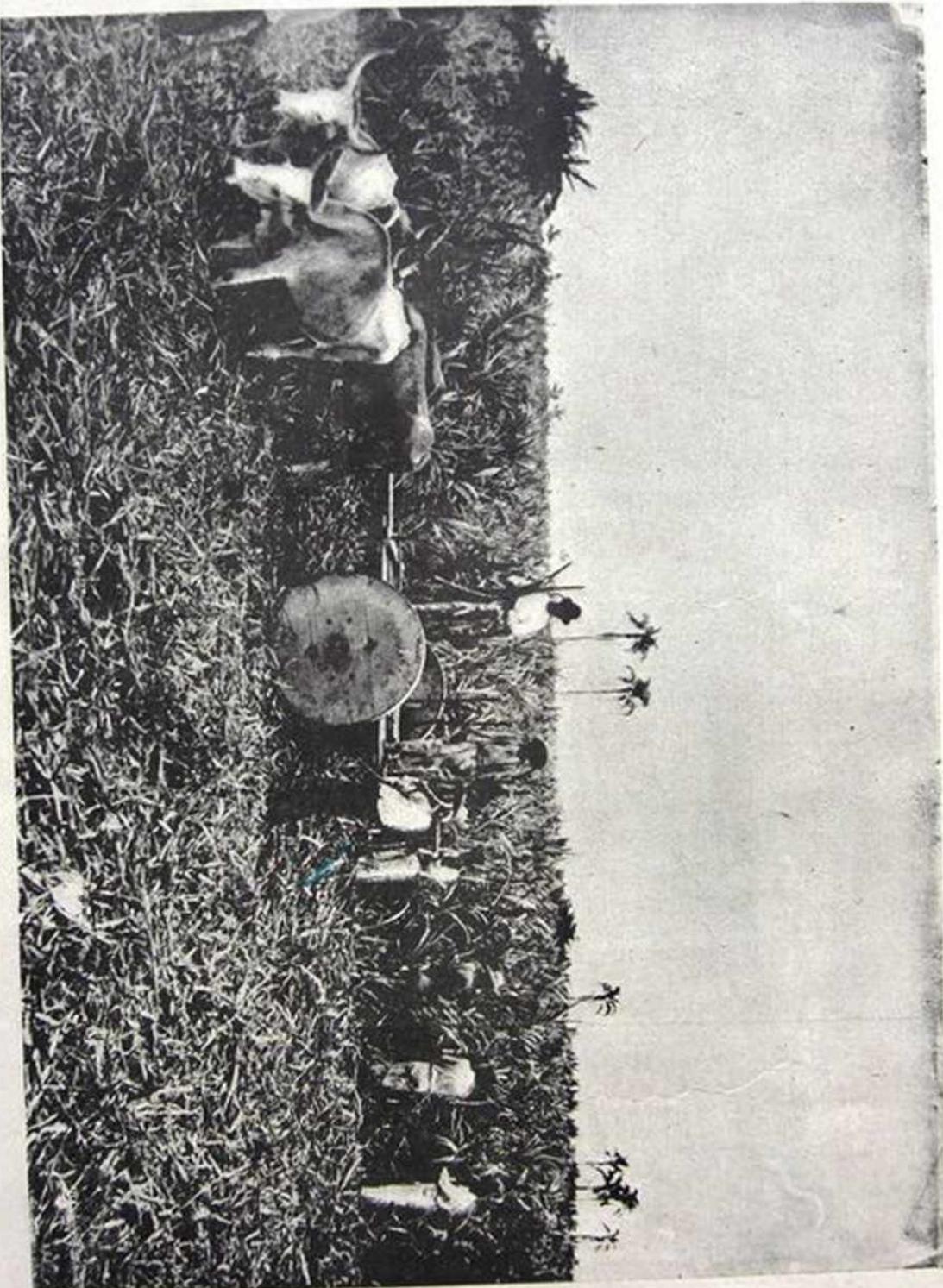
Pois que ? ! Não os poupu do mal que lhes ia fazer despedaçando os liames de amizade que os prendiam a ella desde o dia em que a Andreza sentiu uma vida nova palpitar em seu seio, até aquelle em que a ingrata contrariando-lhes a vontade ligou sua vida e seu destino ao de um homem que

precisava arrancar hoje da terra o pão para comer amanhã.

Não era uma vida de pobreza que elle sonhava para a filha, nas noites em que depois de remir-a, punha-se a architectar o castello de felicidades da unica herdeira do seu nome e da fortuna accumulada com tanto trabalho e privações para

que ella podesse, no goso do fausto que aquelles bens lhe proporcionariam, passar melhor do que os paes.

Nos salões aristocraticos, ella surgiria como um astro capaz mesmo de mergulhar os espiritos menos emotivos n'um profundo extase, seduzidos, deslumbrados, pelos fulgores de sua belleza ten-



A COLHETA DA CANNA DE ASSUCAR

SUPPLEMENTO AO N. 57

1.º DE JANEIRO DE 1904



AOS SEUS NUMEROSOS ASSIGNANTES DESEJA

A REVISTA DO NORTE

TODAS AS PROSPERIDADES E VENTURAS NO ANNO

QUE HOJE COMEÇA

1—JANEIRO 1904

tabora, realçada por um bonito dote.

Esposa de ministro, casada com um barão, ou a festejada noiva do mais falado diplomata, que tinha nos braços o talento e o uxofruto de uma fortuna invejável, era assim que aquelas espíritos visionários queriam ver a filha, pairando numa atmosfera superior àquela em que elas viviam. Simples, banal e sem os europeus que duraram a fidalguia e tanto os deslumbravam, cortejada e disputada por homens de sangue azul que aos olhos cupidos das mulheres pobres passam como a sombra fugidia dos reis e príncipes que bordam os seus sonhos irrealizáveis de donzelas, e nunca esposa de um rustico como elle, pobre e sem esperanças de conquista de glórias nem de fortuna.

E resentido em seu orgulho, com todos esses sonhos de ambição e de grandezas desfeitas por aquela que preferia ao descanso de um a existência feliz, suavemente a deslizar nos salões teéricos da aristocracia, alvo dos galanteios dos seus pares e da inveja das patricias pobres, rebolcadas no pô miserável de sua insignificância social, os dissabores e contrariedades de uma vida tormentosa, partilha de inúmeras fadigas e de pesadas consumisões que lhe acarretaria a escassez de meios monetários para suprir o lar do necessário à subsistência communum do casal.

Por isso, aquelle *mão passo* da filha doeria-lhe n'alma e não havia, — jurava, — razão alguma que lhe arrancasse o perdão. Quando a mulher lh' o implorava, o tio Thomé fulminava logo toda esperança nascida no coração da companheira com um não, que lhe repercutia aos ouvidos dolorosamente, despojando-a da fé de rever a Belmira, a cada momento relembrada pela voz chorosa do afecto materno, vivo e inextinguível, que lhe falava sempre da filha, n'uma crescente e flageladora saudade, misto de alegria e de pezares d'aquela que embalara ao seio, zelosa e desvillada, e agora longe de si, curta, de certo, penas iguaes as que a puniam também.

Eh, lá!... Podia, acaso, ser complacente com a filha que se insurgira contra a sua vontade, chaciná os projectos de invejada felicidade com que elle sonhara na paz do seu lar humilde vel-a guindada pela riqueza ás culminâncias de uma vida aristocrática, a encher de orgulho o coração dos pais, perdidos na poeira da onda anonyma da plebe?

A terra que o atraía à conquista de um dote para a filha, recompensando com fartas colheitas o esforço penoso e rude de longos meses de fadigantes trabalhos, — agora aborrecia-o. Nem queria vel-a! Havia onze meses que o desanimo entorpecia-lhe a ação e a energia, tornando-o um algemado da dor moral, que lhe manietara as calosas mãos, tão avidas outrora de arrancarem do seio da natureza o ouro preciso para a realização de todos os seus projectos com relação ao almejado casamento da Belmira.

Ahi vinham proximas as festas do nascimento de Christo. Então, o tio Thomé, a mulher e a filha, mettidos nas suas roupas domingueiras, lá iam, à meia-noite, ouvir a *missa do gallo*; depois do que recolhiam a casa, na serena e obscura felicidade de criaturas rústicas, vivendo afastadas do bulício do mundo, lá n'aquelle trecho de terra, que o suor do chefe da família fertilizava, assegurando o bem-estar da prole com a fortuna nos celeiros.

Os amigos e conhecidos louvavam-lhe a tenacidade de resolução; e era com maldisfarçada inveja que murmuravam:

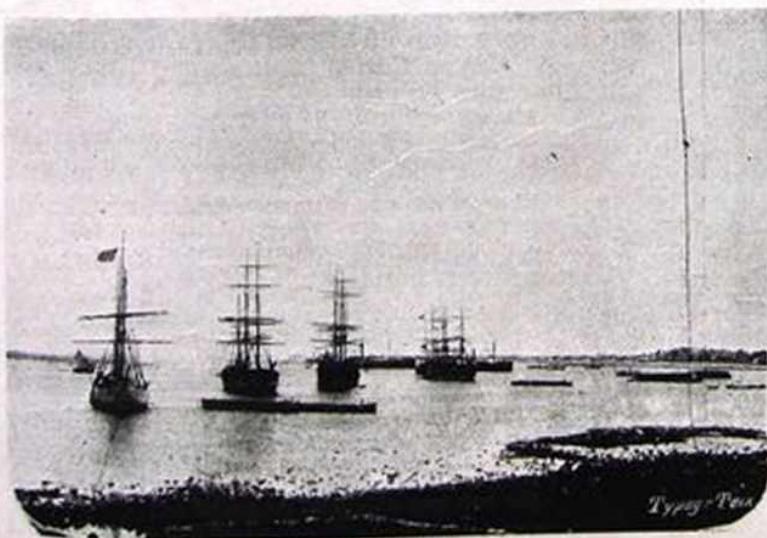
— Tu és um forte!

O tio Thomé, animado por esses aplausos, — negava o perdão à filha lisongeado no amor próprio por declarações tão espontâneas, embora, às vezes o pranto da esposa o commovesse de tal forma que, si não fosse por dar parte de fraco, já teria perdoado a culpada!

— Afinal, — segredava, apontando o coração, — este maldito ainda é bem capaz de me trair... E não se engava o bom pai.

As razões com que a mulher procurava obter o perdão da filha, a saudade crescente e esse irreprimível desejo de ver Belmira, pouco a pouco lhe vão adelgazando a alma, tornando-a menos vingativa e mais complacente. E o tio Thomé já não imprecava a falta da filha; mas não a insultou também. É um irresoluto. Na balança da sua razão, vê que estão paralelas as suas conchas: n'uma se contêm os aplausos dos amigos e n'outra os pedidos da companheira. É um covarde, porque não sabe que resolução tomar agora, que a filha está gravida e seu espírito vela reflecto de apprehensões sobre a vida della. E para fugir a cogitações tão amargurantes, o tio Thomé convida a esposa a irem à *missa do gallo*.

Noite de Natal! Faz luar. Ha festa e alegria em todos os lares. Os membros dispersos das famílias se reunem sob o tecto do chefe para receberem a bênção promissora dos dias de abastança e de concordia, amor e contentamento.



MARANHÃO — O Porto

rendendo um preito de reconhecimento ao Altíssimo por essa divina graça.

Dirigem-se todos à igreja. Um cheiro forte de alecrim queimado embriaga os sentidos, transportando a alma para uma região mais pura do que a terra, n'um extase maravilhoso.

Pesada e fadigada, a Belmira entra no templo, e seus olhos curiosos dão com os pais:— a mãe com os cabelos brancos como o luar e o pai magro e escaveirado pelos sofrimentos. Encaminha-se para eles. Um grito sai-lhe do seio. São as dores do parto que a torturam.

Um minuto mais e nasce a creança, que a Belmira segura com ambas as mãos, beijando. O tio Thomé é o primeiro a capitar: abraça a filha com a mulher, enquanto no espírito, guiado pelas reminiscências bíblicas da vida do Deus—menino, reconstitue alli a scena de Belém: aquella creança era como se fosse o louro rabi pregando a doutrina da paz e do amor e ensinando que a humildade do berço era uma felicidade quando a ennobreciam a honra e o trabalho.

Agostinho Viana.

As Cartas Chilenas

(Continuação)

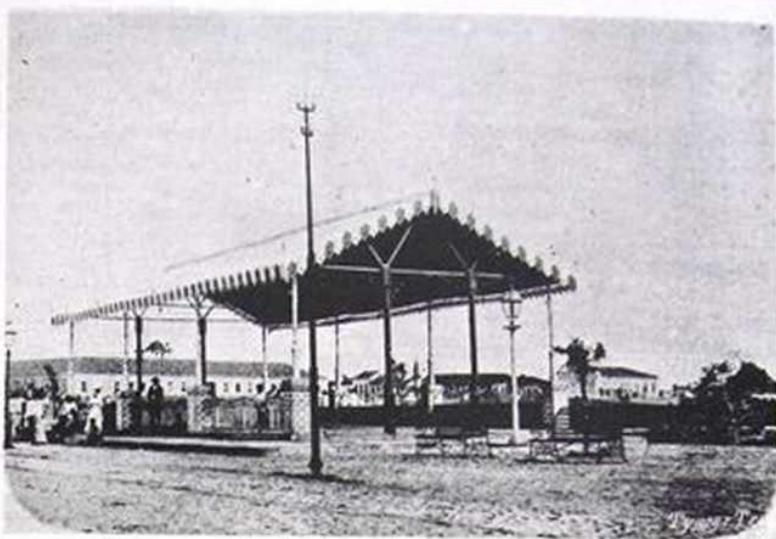
Quanto á sua educação, sua posição social, seus meios de vida, as *Cartas Chilenas* são ricas de documentos. Critillo fez primeiro o curso de Humanidades, causa então quasi equivalente ao bacharelato: «Nelle (no galleão) se transportava um mancebo, cavalheiro instruído nas humanas Lettras,...» Esse cavalheiro é Critillo que ainda em outros pontos diz:

Se queres que o compare, como homem,
Que alguma noção tem das Sacras Letras,
Aqui Sodoma tens e mais Gomorra.

Mas que vejo! Tu ris-te? Acaso pensas
Que me tens apanhado na verdade?
A mim nunca apanharam os capuchos,
Quando no raso assento defendia,
One a natureza não tolera o vazio.
Que os cheiros são occultas entidades,
Com mil outras questões da mesma classe...
E tu, meu doce Amigo, pretendias
Convencer-me em matéria em que dar posso
A todos de partido a sota e o basto?

Indubitavelmente Critillo era um mestre; por signal que embora houvesse sustentado as hypotheses physicas que elle cita, e as houvesse sustentado com vantagem, não as acha muito christãs, nem se considerava mui forte em tales assumptos. Depois de por assim dizer bacharellado, cursou Critillo a Universidade de Coimbra, onde se formou em direito:

Ah! se elle, doce amigo, assim discorre
Sabendo apenas ler redonda letra,
Que abysmo não seria se soubesse,
Verter o Brevario em tosca prosa!
Se entrasse em Salamanca e ali ouvisse
Explicar a questão d'aquela escrava
Que foi manumettida em testamento,



MARANHÃO—Mercado de frutas

Se tres filhos parisse, e outros muitos
Que os lentes nos ensinam desta casta!

Ah! diz meu amigo se podia
Dar-lhe outra inteligencia o mesmo Acurcio?
Esse grande doutor que já nos flinge
Nos principios de Roma conhecida
A Divina Trindade, e que pondera
Que do cão, que na palha está deitado
A velha Furia lá se diz canina.

Eu mesmo, Dorotheo, que fui dos Santos
Que em Salamanca andava...

Era formado em direito, e nessas satyras não deixou de distribuir por alguns dos lentes da Universidade a quota de que se haviam tornado mecedores.

Depois de formado, veio Critillo para o Brasil, para o Rio de Janeiro, e apoiado algum tempo em Villa Rica onde exerceu a advocacia mos a esse primeiro ponto da nossa asse Critillo exerceu a advocacia dizem-nos inúmeros versos, todas as *Cartas Chilenas*.

Citaremos ao acaso:

Assenta: vale tanto lá na Corte
Uma grande—El-Rei—impresso, quanto vale
Em Chile um—Como pede—e o seu garrancho.

Lá se manda que entreguem os ausentes
Os bens ao sucessor, que não lhe mostra
Sentença que lhe julgue a grossa herança

Tu sabes, Dorotheu, que as leis do Reino
Só mandam que se acotrem com a sola
Aqueles agressores que estiveram
Nos crimes quasi iguais aos réos de morte...

Um réo a quem condena um magistrado,
Pode mostrar o injusto da sentença
Dando umas testemunhas que juraram
Sem haver citação da sua parte?
Dando umas testemunhas inqueridas
Por Juiz que não pode perguntar-as?

As leis do nosso Reino não consentem;
Que os Chiles dêm contractos contra os votos

Dos rectos deputados que organisam
A junta da fazenda
Qué d'elles os professos que nos mostram
A certesa dos crimes? Quaes desprezos
Os libellos desculpas contestaram?
Quaes foram os juizes que inquiriram
Por parte da defesa e quaes patronos
Disseram de direito sobre os factos?

Dissemos que Critillo estivera algum tempo no Rio de Janeiro, não é uma afirmação gratuita. Os homens formados de então vinham em regra geral para a Bahia e principalmente para o Rio de Janeiro. Para muitos esses pontos eram apenas um lugar de desembarque, outros porém aí se demoravam.

Ora Critillo fala-nos por alto da viagem que fez de Portugal ao Brasil e diz no *Prologo*: Arribou a certo ponto do Brasil *onde eu vivia*, um galleão que vinha das Américas hispanholas. Se por um lado, o mancebo que se figura vir nesse Galeão é Critillo, por outro lado, nesse porto que supomos o Rio de Janeiro por ser o mais frequentado, vivia o autor—Critillo. De modo que em 1788 Critillo se figura chegando a um porto onde realmente elle desembarcou e onde viveu por algum tempo.

Critillo era, alem de instruido, bom poeta, intransigente respeitador de leis e costumes, homem em quem todas as arbitrariedades praticadas pelos representantes do rei provocavam violentos protestos, porém, sem o mais leve descredito da monarquia. Era religioso como o eram os mais instruidos homens da época—uma religiosidade instinctiva, justificada pelos exemplos domésticos, porém, sem confrontos, sem explicações, e também sem excessos. Moço e solteiro amava a uma Nize que não nos é possível dizer quem seja; conhecia as principais personagens de Villa Rica e, pelas suas palavras se deduz que frequentava a sociedade de Gonzaga, de Claudio e outros. Seus estudos o haviam levado a admirar o povo romano em cuja história ia buscar suas comparações. Os poetas de sua predileção eram Ovidio e Horacio; apenas uma vez se refere a Virgilio nas *Cartas Chilenas* e, o que é mais admirável, não ha uma palavra a respeito de Juvenal, que, no entanto, tinha mais cabimento transcripto no *Prologo* das *Cartas Chilenas* do que Horacio. Sua poesia podia dar todos os sons do mais rude ao mais mavioso; de uma satyra virulenta a uma cena pastoril, a um lyrismo como de Claudio e Gonzaga. O verso lhe era facil, correcto e em nada castigado. As maiores bellezas das *Cartas Chilenas* são: o principio da CARTA 8.^a, o trecho da CARTA 6.^a em que fala de Nize, e ainda nessa CARTA 6.^a a descrição de um torneio. As *Cartas Chilenas* eriam mais ricas de interesse si Critillo só tivesse por fim ridicularizar abusos e despotismos que lhe issem quasi indiferentes. Collocado verdadeiramente na posição de observador, enriqueceria as artas de situações comicas e interessantes. Assim fizeram não se deu, e a nota forte, a virulencia do que, mostra que o autor era por demais interessado no assumpto para tomá-lo apenas a ridículo, trechos mais interessantes de que falamos nós transcrevemos porque vem em appoio de conclusões nossas:

As fazendas, que pinto, não são d'essas
Que tem para o cultivo largos campos,
E virgens matarias cujos troncos
Levantam sobre as nuvens grossos ramos.
Não são, não são fazendas onde paste
O lanudo carneiro e a gorda vacca,
A vaca que salpica as brandas hervas
Com o leite encorpado, que lhe escorre
Das lisas tetas, que no chão se arrastam;
Não são emilh herdades, onde as iouras
Zanadoras abelhas de mil castas
Nos concavos das arvores já velhas,
Que balsamos distillam, escondidas,
Fabriquem rumas de gostosos favos.

No meio de um palanque então descubro
A minha, a minha Nize: está vestida
Da cér mimoso com que o Céo se veste.
Oh quanto, oh quanto é bela a verde Olaria,
Quando se cobre de cheirosas flores!
A filha de Thaumante, quando arqueia
No meio da tormenta o lindo corpo;
A mesma Venus, quando toma e embraca
O grosso escudo e lança, porque vença
A paixão do deus Marte com mais força;
Ou quando lacrimosa se apresenta
Na sala de seu Pai, para que salve
Aos seus Troyanos das soberbas ondas;
Não é, não é, como ella tão formosa.
Quál o tenro menino, a quem se chega
Defronte do semblante a vela acesa,
Umas vezes suspenso, outras risonho,
Os olhos arregala e bem que o chamem,
A tesa vista não separa della!
Assim eu, Dorotheo, apenas vejo
A minha doce Nize, qual menino,
Os olhos nella fito cheios d'água;
E por mais que me chame ou me abalem,
De embestado que estou, não sinto nada.

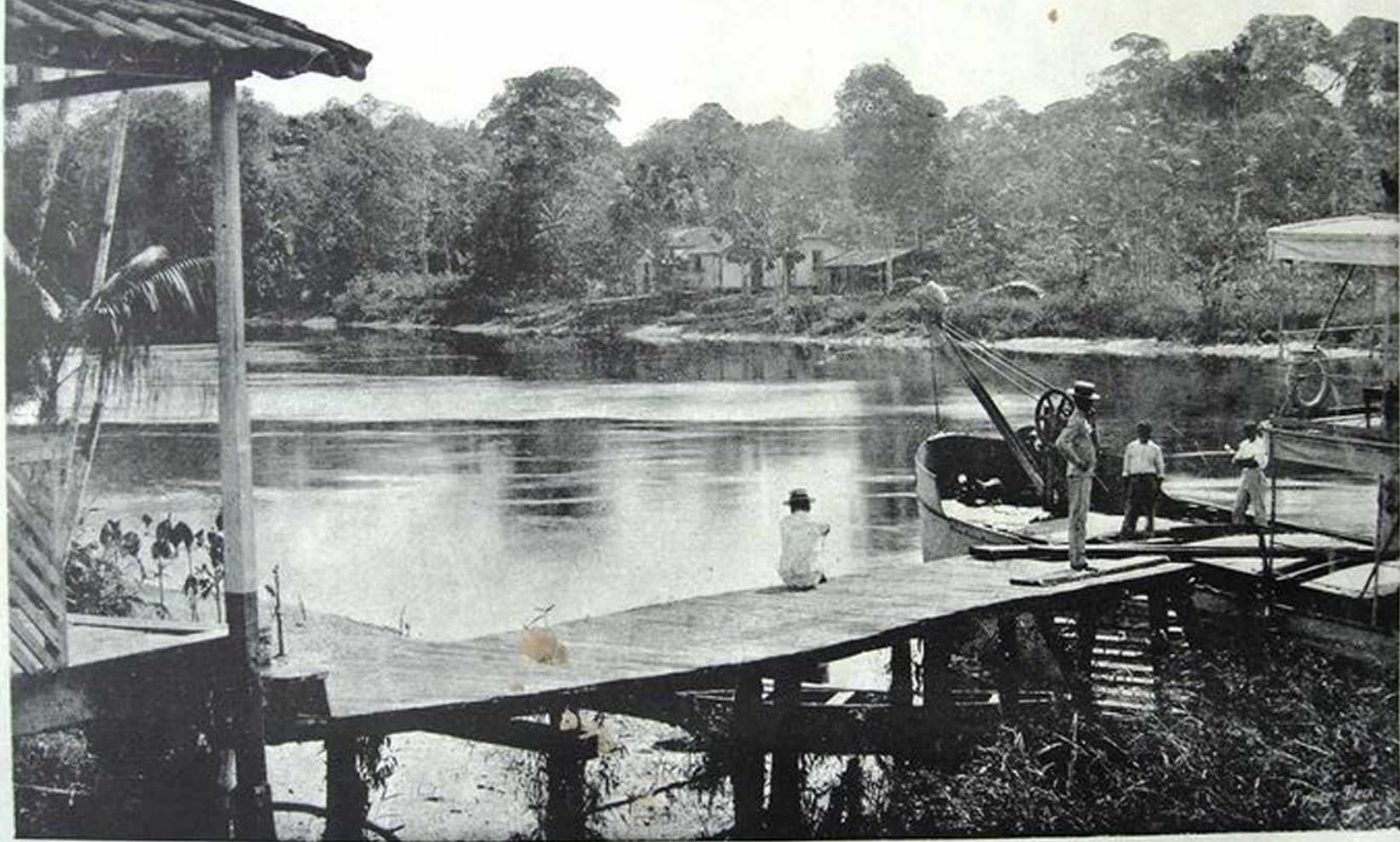
O maior defeito poético das *Cartas Chilenas* é a repetição, o que se pode chamar o proto-elmanismo porque foi exactamente esse defeito que Bocage constituiu em qualidade nos seus versos. Ha ainda hoje quem admire muito o elmanismo, esse estylo rufado e insupportavel. Repete-se a cada passo o proto-elmanismo:

Amigo Dorotheo, presado Amigo
Critillo, o teu Critillo é quem te chama,
Que cousas, tu dirás, que cousas podes
Também presado Amigo, também gosto.
Acorda, Dorotheo, acorda, acorda.
Aonde, louco chefe, aonde corres.
Não ha livre, não ha, não ha captivo.
Não são, não são morgados que fizesse.
Ah! tu piedade santa, agora, agora.
Nenhum mais bole, nenhum mais respira.
Que peito, Dorotheo, que peito pade.
Não podem, Dorotheo, não podem tanto.
O Bispo, o velho Bispo atraç caminha.
Supponho, Dorotheo, supponho ainda.
Assim, assim tambem o teu Critillo.
Talvez, talvez não fosse tão formosa.
Ainda, ainda mais que o eterno Adonis.
Qual é, qual é dos homens que não honra...

Estes e outros versos semelhantes, alguns preconceitos excessivamente absurdos e uma accusação violenta ao governador por ter perdoado um escravo condenado à morte, são as tres manchas das *Cartas Chilenas*; de todas porém é o autor um tanto desculpavel, porque seus defeitos são os defeitos de seu tempo.

—A seguir

Tito Lívio de Castro.



ACAIÁ—Interior do Pará—Phot. Oliveira

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHAO, 16 DE JANEIRO DE 1904

NUM. 58

Legenda

Vinte e um annos ! E só ! Minha alma envelheceu...
Moço e triste ! Vivi toda uma eternidade...
E em que estranha região longinqua se escondeu
o radiosso vergel da minha mocidade ?

Moço e triste ! Quem foi que a um poeta solitario,
amando a sua Dôr, como quem ama um Pae,
ajudou a levar ao cimo do Calvario
a dolorosa cruz cujo destino o attrahe ?

Moço e triste ! Ninguem... Tu, que ás mãos já vibraste
a harpa—eolia da Rima, em canções immortaes,
has de na vida ser como uma flór sem haste,
hão de zombar de ti todos os temporaes !

Tu, que um dia tiveste a barbara nobreza
de ao mundo sacudir as estrophes audazes,
cantando inutilmente a tua singeleza
verdejante e aromal, como um florido oasis;

Tu, que assim retumbaste o teu verbo potente
por sobre as multidões que encheste de pavor
e que ouviste de pé, deante de toda a gente,
gritos de maldição e gritos de rancor;

Ju, por toda esta vida, has de levar de rastros
esses teus immortaes, santissimos tropheus...
Nao terás o calor de uma benção dos astros,
não terás o calor de uma benção dos ceus !

Moço e triste ! Assim sou. Vinte e um annos passaram
e eu, inutil e vao, tiquei só: sem um grito,
os meus sonhos revéis todos me abandonaram,
deante do infido mar e do céu infinito.

Fiquei só, sem ninguem. Meu destino iracundo
era esse, padecer e rir do sofrimento,
pois o poeta, ao passar entre os odios do Mundo,
tem nos labios o riso e na alma o lamento !

Dentro de minha Dôr encerrei-me, afastado
do tumulto infernal dos homens e da vida,
audoso do sabor do ultimo peccado,
preso á recordação da ultima despedida...

Vinte e um annos ! E só ! Hei de levar de rastros
neu alaúde fiel, cantando aos escarceus,
sem cahir sobre mim uma benção dos astros,
sem descer sobre mim uma benção dos ceus !

Pará, dezembro, 1903.

Alves de Souza.

O Zé da Engracia

AO ANTONIO LOBO

—«Até á morte !»—cicou doce e chorosamente
a Jesuina, nos braços do José da Engracia, o noivo,
no momento da despedida.

—«Então juras que has de pertencer-me ?» interpellou-a o rapaz.

—«Até á morte !»—affirmou ella, com toda a
segurança e a pureza de um amor forte e sincero.
«Vae descansado, oh José ! que o meu coração é
teu, e de mais ninguem. Em qualquer tempo que
aqui voltares, ouve bem o que te digo,—procura-
me e terás a immediata certesa de quanto bem te
quero eu: has de encontrar-me firme na promessa
que te faço agora, tendo diante dos olhos o céu,
que tomo por testemunha...

E que a minh'alma não se salve á hora extrema
da vida, si eu não souber guardar com fidelidade
este juramento. Sé feliz ! E vae descansado,
que eu não te hei de dar esse desgosto. Pois que?!
Duidas acaso da minha palavra ?

Até alli a Jesuina tinha sido muito constante e
dedicada com elle. Queria-lhe tanto bem, que no
dia em que o não via logo os seus zelos se inflamavam, e ella, zangando-se toda, ralhava com elle.

—«Que máu !... Ah, é porque não me queres
bem, se assim não fosses, de certo que não sahirias
de ao pé de mim. Vê si eu me aborreço de ter-te
sempre ao meu lado, zelosa do meu thesoiro e alvorocada de alegrias; porque a tua presença, meu
querido, impõe socego ao meu coração e mais augmenta a chamma d'este immenso amor. Mas tu
preferes, José, andar por ahi, idyllisando aqui e
allí, pelos caminhos ermos e discretos, ouvindo as
falsas promessas e chuchurreando os beijos mendazes d'essas raparigas invejosas que procuram á
toda a força roubar-te á minha paixão. Não é assim?

—Nunca !—ufulava amuado o José da Engracia;
e assegurava-lhe que somente no seu amor é
que elle encontrava a verdadeira felicidade.

—Tu és a minha unica ventura, Jesuina.

E como se um máu presentimento o assaltasse
de repente, vibrando de um ciame desesperado,
disse á rapariga, segurando-a pelos pulsos:—Olha
Jesuina, se alguma vez tu me trahiress, caia sobre
mim o maior castigo do céu si eu não te rachar de
meio a meio...

Ella punha-se, então, a soluçar amargamente,
assegurando-lhe que só a elle amava e a mais ninguem. E entre lagrimas e suspiros, dizia ao José



CEARA'—Uma rua de Canindé

da Engracia que elle a offendia com essas vãs suspeitas. Pois não tinha ella até alli dado provas indestrutíveis da sua lealdade? Não o amava tanto? Porque andava, pois, a repisar sempre umas queixas e umas apprehensões infundadas, que tanto a malestavam, pondo em duvida a firmesa dos seus sentimentos?

A cada interrogação, o rapaz sacudia a cabeça afirmativamente. Cahia em si, e tinha agora uns frouxos de riso: ah... ah... ah... Arrepedia-se de ter arrancado aquellas lagrimas à namorada. Si elle não tinha razões para ao menos suspeitar ao de leve a possibilidade de uma traição...

A Jesuina era-lhe fiel tanto quanto o pode ser uma mulher. E o José começava a desculpar-se com ella. Que tudo aquillo nada mais era do que excesso de amor. Um ciume que a Jesuina podia perdoar. Também...

Era porquê amava, e muito, e invocava o nome do Senhor:—Deus sabe!

Chegavam-se as bôas, por fim de contas.

Feitas as pazes entre ambos, e todo aquele pranto da Jesuina desfeito n'um sorriso de alegria a enfeitiçar-lhe os labios rubros e polpidos como dois gommos de fructa madura, murmurava o noivo, com a voz vibrante de emoções:

—Então, querida, é até à morte?

—Até à morte! respondia ella orgulhosa e satisfeita do seu afecto.

E ainda no dia em que o José da Engracia foi-lhe fazer as despedidas, porque seguia para a guerra, a noiva, apertando-o de encontro ao peito, repetiu-lhe o mesmo juramento:—Até à morte, José!

E nessa noite, presa de uma tristeza infinita, a Jesuina sentiu no pungir de uma saudade amarga o quanto o José da Engracia era affeçado á sua alma. A vigilia abriu-lhe duas fundas olheiras, roxas como os lirios. E no seu olhar, embaciado do

pranto escaldante de um grande desgosto, a imagem do ausente reproduzia-se, dando com fidelidade não só as linhas mais delicadas do seu rosto triqueiro, como até aquella chamma de paixão que lhe subia do coração ás faces, illuminando-lhe os labios de um sorriso gentil e venturoso.

E nos 12 meses que se seguiram á partida, Jesuina foi constante ao namorado.

Quando os rapazes que a cercavam e que a amavam, empenhados em conquistar-a, aconselhavam-na a que largasse de mão o noivo e tomasse outro, porque aquelle com certeza tinha morrido na guerra, tanto assim que ninguem possuia noticias suas,—ella descoroçava os logo, fazendo ruir por terra, n'um minuto, tantos castellos de felicidade, preferindo, cheia de justa indignação e colera, o terrível:—Nunca!

Monologava consigo mesma, orgulhosa e feliz por ter sabido permanecer fiel ao bem amado: Pois não jurara ser d'elle até á morte? ! Havia de selo.

E os rapazes quasi desanimavam diante d'aquella constante obstinação.

Ao cabo de algum tempo de perseverante corte á Jesuina, vendo que ella não cedia, perdiam a paciencia e deixavam-na em paz, desilludidos e tristes.

A tia Angelica, a mãe do Miguel sapateiro aconselhava o filho, que era tambem um dos adoradores da rapariga:

—Constancia, Miguel. Um cerco bem apertad faz render mais depressa uma praça forte do que cem boccas de fogo. Não a largues tu. ...ama-a deixa que te odeie ella.

O odio faz nascer o amor... Hoje ella te repele, para amanhã cahir em teus braços, arrependid e profundamente apaixonada por ti.

E o Miguel obedecia cegamente.

Não perdia vasa para declarar-se apaixonada pela Jesuina.

—Quando quizeres... E verás como seremos felizes. Esquece o desfunto... chasquinava elle, lancando uns olhos gulosos á rapariga.

—Nunca! —lá proferia ella muito desesperada.

O José da Engracia a princípio mandava-lhe muitas cartas, que depois foram rareando, até que deixou de escrever, por uma vez, uma só linha que fosse.

A Jesuina mortificava-sé com o silencio do namorado. A tia Angelica explorava o caso a seu geito:

—Vê, minha filha. É assim mesmo. A ausencia é madrasta do amor. O seu José chegou lá, viu caras novas e... era muito que ainda se lembrasse de quem muito padece aqui, tão longe do ingrato, que tem alli á mão outras bonitas, que não lhe conhecem os compromissos, e dão-lhe beijos com esperanças de casar.

Vingue-se tambem, para que elle não lhe chame nas bochechas *tola!* Ande. Esqueça-o...

A Jesuina revoltava-se com tanta infamia.

Achava mau aquele conselho; e prohibia terminantemente que lhe fallassem mais em tal assunto, rejeitando as propostas com aquelle cruel e terrivel: —Nunca!

A velha tinha manhas. Punha-se a fingir que estava muito pezarosa, e murmurava:

—Euse digo isto, é porque muito me custa vel-a sofrer d'esta maneira por causa d'aquele ingrato. E que sou sua amiga e a sua felicidade me interessa. Não me acredita?

Pois se eu a vi assim, d'este tamanho, carreguei-a muitas vezes no collo e criei-lhe amor de mãe. Hoje me enxota como um cão leproso!

Paciencia, meu bem. Deus seja por mim e não a desampare.

Limpava umas singidas lagrimas na barra poeirenta do vestido, de grandes ramagens vermelhas. E estendendo-lhe a mão para despedir-se:

—Adeus. Eu vou-me embora.

A Jesuina in pedia-lhe o passo.

—Como? Já vae? Que não. Ficasse, —pedia-lhe. Ella ás vezes zangava-se com todos porque não queria que lhe fallassem mal do José...

Mas eu é que não estava a dizer mal d'elle, —defendia-se a tia Angelica — Olhe, Jesuina, eu estava a metter-lhe a verdade pelos olhos a dentro. Não a quer ver, paciencia.

Então se o rapaz ainda gostasse da menina deixava de escrever-lhe uma palavra que fosse, sabendo que isso ia causar-lhe prazer e dar-lhe socego? Acredita que eu é que estou enganada? Quer provas? Lembre-se d'aquella cantiga que começo assim:

Das penas do coração
Fiz pennas p'ra t'escrivere;

E gargalhando alto: eh... eh... eh... Conclúa a modinha, pedia.

Porque elle tambem não fez o mesmo? E como outros escrevem? Tire o argueiro dos olhos e verá tudo claro. O amor é cégo...

E a Jesuina, ao cabo de tanta reluctancia, se convence por fim que havia fundo de verdade no que lhe dizia a tia Angelica, e um dia terminou ce-

dendo. Passou a ser d'ahi em diante a amante do Miguel.

Quando o primeiro filho nasceu, —uma tarde em que ella estava á porta da casa, sentada num banco a amamentar a creança, —José da Engracia approximou-se e, tirando o chapéu, murmurou uma saudação. Ella reconheceu-o logo pela voz. Estava outro: quasi acabado! Uma lesão cardiaca, adquirida na vida accidentada e pesada da guerra, e augmentada com as continuas vigilias e contrariades, —ia-lhe minando o coração, enfraquecendo-o de tal modo que uma emoção de prazer ou de peso mais violenta, podia matá-lo.

A Jesuina mirava-o cheia de pasmo e receiosa de que elle tomasse agora a vingança promettida, se a reconhecesse tambem. Um nó apertava-lhe a garganta. Recordava-se da promessa d'elle: se me trahires, racho-te de meio a meio! —e tremia de susto, receiando pela vida. Empallidecia procurando com dissimulada tranquillidade disfarçar a agitação em que estava.

Tambem, a culpa era de ambos: d'elle que nunca mais escrevera e foi tomado por morto, e d'ella, que teve um coração tão fraco...

Em quanto ella se entristece, o José da Engracia sente-se contente e tem uns fruxos de alegria. Não é para menos. Si elle vai rever a namorada; —e isso é bastante para que se sinta alegre. Dominado a impaciencia e o jubilo de vél-a novamente e lhe falar com ardor, com o entusiasmo de uma paixão verdadeira, que a ausencia aumentou, do seu amor, —d'essa afseição tão grande que tomou-lhe todo o coração! E interroga a desconhecida, titubeante e risonho:

—A Jesuina, sabe dizer-me onde móra agora?

—José! este grito de jubilo explode-lhe dos labios, n'uma ancia de amor.

Elle reconhece-a agora. O timbre de voz é o mesmo... Como ella está mudada! Uma ruina do que foi!... Magra, feia e suja, os desgostos tinham-lhe arrancado a belleza do rosto e das formas, e a miseria um trapo limpo com que pudesse vertir-se decentemente. O amante por causa de quem esqueceria o noivo, batia-lhe todos os dias, e mais augmentava o seu martyrio como o suppicio da fome.

A sua tão apregoada e admirada formosura tinha-se arruinado no meio d'aqueila miseria em que se definhava aos poucos. E vendo essa mulher tão feia e a metter pena e dó —o filho da Engracia comparou com a noiva, que, ao partir elle deixára honrada, cheia de vida e de belleza. E um grito de pezar sae-lhe do peito.

—Tu! Jesuina!...

—Sim, —responde-lhe ella, pungida e envergonhada.

Mas já não sou digna nem do teu amor, nem do teu honrado nome. Lamenta-me, e sé generoso, meu amigo.

Um desalento profundo abatendo-lhe a alma, mortificou-o de dôres —e o coitado poz-se a soluçar intimamente. Ella apresentou-lhe a creança:

—Meu filho! E' o meu unico tesouro e a minha deshonra. Como eu sou desgraçada!



CEARA' - No Passeio Publico

E a idéa da vingança do noivo assaltou-lhe o espírito.

— Mas não me mates, José! implorou ella, caindo de joelhos aos pés do José. Sou necessária à vida d'este inocente. O meu castigo está na expiação dolorosa por que tenho passado. E começou a descarnar-lhe deante dos olhos encharcados de lágrimas, a vida miserável e pesada que arrastava.

O José ouvia-a commovido, sem poder articular uma palavra sequer. Maior desgraça não podia colher-lhe em seu regresso á terra natal.

A noiva perdida para sempre... Na guerra, quantas vezes no silencio das noites tristes, elle não pedira a Deus, n'uma oração fervorosa, a vida, para voltar ao seu berço querido, e estreitar nos braços a sua noiva... Fez mal? Para a sua felicidade deveria ter perecido no meio da refrega! Não o feriria agora aquelle infortunio!

A piedade desarmava-lhe o braço vingador.

Nem se lembrava mais do que promettera á Jesuina: — Racho-te de meio a meio, se me trahires!... Todas as suas idéas fixaram-se n'aquelle mulher, cuja desgraça colhia-o de assombro e enchia-lhe o peito de misericordia.

Uma ferroada aguda picou-lhe o coração. O José da Engracia levou as mãos espalmadas ao peito, comprimindo-o com força. Fechou os olhos. Os músculos da face contraíam-se dolorosamente; abriu a boca, golfou uma porção de sangue, e caiu pesadamente morto no chão.

A dor tinha-lhe feito rebentar o coração em pedaços, como uma flor muito débil que um vento mais rijo de desgraça sacudisse bruscamente na haste, arrancando-lhe as petalas.

Pará

Agostinho Viana.

Mandinga

Ao ARTHUR VIANNA

Aquella perversidade de feitiçarias lançadas á sua porta, já estava enfrenesiando seriamente o Joaquim Romano, despertando-lhe na fatigada imaginação sinistros projectos de represalias condignas de tais misérias. E olhem que não era para menos. Ao anoitecer, quem por ventura passasse pelo lumiário da caza da vítima das bruxarias, encontral-oia muito bem cuidado, limpinho que era um gosto e luzidio como um espelho; ao amanhecer, porém, fossem ver: era cinza com sal, era excremento humano de mistura com outras tantas imundícies, era pimenta moída polvilhada sobre raspas de chifre, era, finalmente, um inferno de sujidades e de signaes cabalísticos, capazes de levar um christão á pratica de algum crime.

E porque tudo aquillo?

O Joaquim Romano ignorava. Vivia completamente só, não perseguiu ninguem, a ninguem importunava, bebia e comia do producto do seu tra-

SUPPLEMENTO AO N. 58

16 DE JANEIRO DE 1904



BUSTO EM GESSO DE GONÇALVES DIAS

(Trabalho do conhecido artista argentino—J. V. FERRER).

A REVISTA DO NORTE

Maranhão—BRAZIL

balho honesto, não se tornava pesado a quem quer que fosse, que diabo! não era justo que o martyrissem daquella forma, enchendo-lhe ainda mais de dissabores a sua triste e atormentada existência.

—Cães! Bandidos! Um dia eu ensino vocês. O Romano ameaçava, mas bem se sabia que a vindicta não se realizaria, porque o pobre homem perdera há muito a sua altitude de animo e a sua vigorosa resolução de outras épocas felizes. E bem longe iam elas. Era então o Joaquim Romano um rapaz desempenado, orgulhoso e atrevido, glória e brilho da freguesia inteira.

Dotado de bellos predicados moraes, o Romano merecera sempre a estima e a consideração dos que com ele tratavam, sendo a todo momento apontado como um modelo de homem bem procedido e amigo do trabalho.

Isto demovera o doutor Madureira a fazer-lhe doação de um magnífico pedaço de terra, que elle se empenhava em possuir para plantar e edificar, formando assim um pequeno abrigo, onde se resguardasse do frio e da fome. Ali residia o estimado lavrador, tendo por únicos e fieis companheiros o *Malhado*, um velho e pirento molosso, e a *Mimosa*, uma travessa e leviana gatinha.

Entregue devotadamente ás suas preocupações de agricultor, jamais sentira a ausencia de alguém que lhe servisse de amparo nas adversidades e de consolo nas circunstâncias afflictivas.

Todavia, ao completar os seus trinta e cinco annos, aborrecido do estúpido viver a que se con-

demnára, enfatiado do desolador desterro que se impuzera, resolveu casar-se. Não podia nem devia continuar celibatário. Esse estado, que nenhum encanto oferecia, tornava-se agora para elle verdadeiramente intolerável e insustentável, apezar de por muitos annos julgar-o superior a outro qualquer menos compatível com a sua tranquillidade de espirito. Aquella vida de solteiro, certo, não lhe convinha. Nem por desgraça dispunha de uma pessoa que lhe preparasse um remediosinho nas ocasiões necessárias, arriscando-se assim a morrer p'ra lá abandonado como um cachorro sem dono, que apodrece ao sol e serve de repasto aos corvos.

Poderia conseguir uma deshonesta mulher, que vivesse em sua companhia, independente do fatim do padre e das arengas do juiz, porém não lhe quadrava isso. O que ardente ambicionava era uma desinteressada, meiga e pura mulher que lhe povoasse o lar de alegrias, de prazeres e de venturas, uma ajuizada mulher, em lhe desse filhos sadios, robustos e sobretudo legítimos, que o ajudassem na labuta diária da roça e da caça.

E deste modo pensando, o Romano fallava muito alto para que elle próprio se convencesse de que na verdade não estava embeizado já por alguma flor de ribanceira e de que somente a necessidade o obrigava a reflectir em semelhantes assumtos.

—Arre! O que eu preciso é de uma *companha* p'ra esta *saturnidade*. E tratou de procurá-la.

Como era de prever, a empresa não apresentou dificuldades irremovíveis.



PARA' Na Ilha de Marajó —Phot. amateur Jayme Nunes.

A escolhida fôra a Candinha, a caçula da tia Magdalena, do sitio Laranjeiras.

Quando a notícia circulou foi um *Deus nos acuda* em todo aquelle povoado. Ninguem se queria conformar com a resolução do Romano, porque a preferida não possuia boa fama e o rol dos seus desvarios não tinha peso nem medida.

Era claro que em taes condições a felicidade do rapaz deveria ser considerada hypothetica, o que não deixava de contrariar aos que de perto lhe conheciam as virtudes e por elle se interessavam.

—Nhô Romano, se déxe disso —dizia-lhe a Maria Thereza, comadre e ama do senhor padre Annuciada; a Candinha não lhe serve. E' uma grande sem vergonha. Vive a namorá todo mundo que lhe aparece, e olhe... com estes meus olhos que a terra fria ha de comé, eu tenho visto cousas...

O amor verdadeiro é cego, por isso o Joaquim Romano tinha sempre para todos os seus conselheiros a mesma objecção:

—Vocês já viram, não? Eu ainda não vi. Trate cada um da sua vida e deixem a gente em paz.

E os officiosos, descoroçados, batiam logo em retirada, murmurando:

—Sua alma, sua palma. Quem boa cama fizer nella se deitará.

O Romano, ao vel-os pelas costas, dava de hombros, sorria com escarneo e confidenciava aos seus botões:

—Estão despeitados porque não me apanham para genro. Pois sim, vão fallando. A minha mulher será a Candinha, com a graça de Deus e de Maria Santíssima. E foi mesmo.

Não obstante os maus auspícios sob os quais se realizou o casamento, os noivos viam os dias, as semanas e os meses deslizarem faceis e amenos, sem a menor nuvem de contrariedade, que lhes fosse toldar o risonho ceu do seu amor. Os desejos de um eram as vontades do outro. De genios perfeitamente iguaes, viviam os dois em uma constante permuta de carinhos, de finezas e de sorrisos, num commun esforço para a perduração dos seus afectos e das suas commodidades.

Nesse doce enlevo de namorados despretenciosos e modestos, circumscrevendo o mundo nos limites das pequenas braças de terrenos que habitavam, passaram elles um anno, sem desgostos, sem arrufos e sem suspeitas. Nada, portanto, parecia confirmar as previsões dos moralistas e o Joaquim Romano exultava por não ter ainda encontrado motivos para arrependêr-se do passo que havia dado.

Mas um dia, voltando elle da roça, entrou em casa e não viu a mulher. Não ligou importância ao acontecimento, na suposição de que ella tivesse ido a algum passeio por alli perto e de que não tardasse a regressar. Deitou-se e adormeceu. Na manhã seguinte certificou-se de que a coisa era mais séria do que a principio imaginara. A Candinha dormira fóra de casa. Apprehensivo e atribulado, percorreu os arredores do sitio, gritando sem cessar pelo nome da rapariga, porém, nenhum resultado obteve. Dirigiu-se á povoação, indagou dos amigos, consultou os parentes, interpellou os estranhos, e

apenas conseguiu dos interrogados um certo risinho de mofa, em que se adivinhava a malícia e um —não sei—, em que palpitava a ironia.

Depois de infrutiferamente tentar descobrir o paradeiro da mulher, o Joaquim Romano recolheu-se aos penates, triste e acabrunhado, amaldiçoando a ingrata, recordando os conselhos dos amigos antes do seu enlace, alimentando, no entanto, a esperança de que a fugitiva não tardaria a ir de novo estender sobre elle o luminoso pallio da bemaventurança.

Comtudo, tres meses esgotaram-se para o infeliz abandonado, sem que as suas magras tivessem o desejo lenitivo e sem que o socego da humilde choupana fosse interrompido pelos argentinos sons de uma voz de mulher.

Foi então quando as taes bruxarias começaram a manifestar-se, contribuindo com um enorme e terrível contingente para o agravamento das enfermidades moraes, que impiedosamente dominavam o desafortunado lavrador.

—Cães! Bandidos! Um dia eu ensino vocês.

Era a decima vez que elle formulava estas ameaças, por ter descoberto no batente da porta um grande sapo, inchado de alimentos, com a boca fortemente enlinhada, os olhos pulados das orbitas, laivos de sangue a escorrerem-lhe do nariz.

—Cães! Bandidos!

A comadre e ama do padre Annuciada, que nesse momento passava pelo atalho proximo, ouviu a indignação do Romano e apressou-se em ir saber do que se tratava.

Ao ver o nojento animal, que o rapaz lhe mostrava ardendo em ira, a Maria Thereza tremeu de espanto:

—Eu bem lhe dizia, nhô Romano; não case com a Candinha. Vuncé não quiz me ouvi. Agora está: agente c'os feitiços.

O Romano encarou-a pasmado:

—Mas antão o é ella?

—Vuncé não sabia?

—Não.

—Pois é ella. Disque é p'ra vê si vuncé morre que é p'ra ella casá com o outro.

A Maria Thereza despediu-se, e o Romano ficando só, abysmado com aquella novidade, que o ia ferir fundo nos seus brios de homem e de marido, jurou vingar-se da miserável a quem elle distinguira com a sua sympathia e a quem em tão má hora déra o seu honrado nome. Ah! A sua vingança! Como ia ser medonha! Escouder-se-ia em um lugar conveniente e, no instante em que ella apparecesse para fazer as suas diaburas, marcar-lhe-ia a chicote a desbriada cara, calcal-a-ia aos pés, matá-la-ia a murros, a pontapés, a dentadas, e quando a visse inanimada, exangue, morta, cuspir-lhe-ia o cadáver, alirando-o em seguida dentro de um valado afim de que os porcos nelie se banqueteassem, não deixando do seu infame corpo senão o esqueleto, que os cães se encarregariam de fazer desaparecer.

Queria vel-a estorcendo-se no meio de um lago de sangue, suffocando-se com os borbotões de sangue, que lhe escapasse da garganta e das narinas,

cega pelo sangue que lhe invadisse as pupilas, os seios em sangue, os braços em sangue, toda ella em sangue, em sangue todo o seu corpo.

E que prazer seria então o seu, quando a falsa, a fingida, a trahidora esposa, vendo escapar-se-lhe a vida, lhe supplicasse o perdão para as suas faltas, a misericordia para os seus erros! Qual não seria o seu entusiasmo, o seu delírio, o seu goso, ao gritar nos ouvidos da fementida:

—Não, não te perdôo. Has de sofrer, porque eu também sofri com o teu despresso. Hei de matar-te, assim como tu mataste a minha felicidade. Só então é que elle se sentiria bem, porque vingaria a sua honra espesinhada e desforçara-se das maldições nocturnas. Isto pensando e formando inúmeros planos de energicas desforras, o Joaquim Romano passou o dia inteiro, sem trabalhar, sem se alimentar, apenas preocupado em contar as horas que se iam assinalando no relógio do sol. Noite alta, ao avisinhar-se a oportunidade dos malefícios, o Romano foi postar-se no local que previamente escolhera para tocaia e esperou. Após um longo e interminável espaço de tempo, cheio de ansiedade e de inquietações para o desgraçado marido, surgiu, como por encanto, no terreiro da palaço um vulto de mulher.

Vestida de branco, os pés descalços, os cabelos soltos sobre as espáduas, tendo em uma das mãos um volumoso pacote, a estranha criatura caminhava cautelosamente, evitando os estalidos das folhas secas, que cobriam o solo, relanceando a vista ao redor de si, temerosa sem dúvida de que a surpreendessem, desconfiada dos ruidos que vinham das matas ou dos mòchos que piavam nos galhos das árvores.

O Romano, ao notar as precauções tomadas pela visitante, teve um estremecimento:

—E se não for a Cândida?

Mas a autora dos sortilegios, querendo aproveitar a sombra para agir com mais segurança, fez um imenso rodeio, indo passar justamente pelo ponto em que elle se achava.

O Romano reconheceu então a mulher.

De um salto levantou-se e, rápido, sedento de sangue e de vingança, filou-a pelo pescoço, exclamando:

—Ah! Infame! Apanhei-te!

A Cândida soltou um estridente grito de pavor e, toda tremula, nervosa, agarrou-se aos braços do rapaz, implorando angustiada:

—Pelo amor de Deus, nhô Romano, não me mate.

Estavam quasi abraçados. Os turgidos seios da Cândida, comprimidos ao peito do Romano, arfavam precipites como dous pombos transidos de frio; dos seus bastos e anelados cabellos evolavam-se entontecedores perfumes de plantas sylváticas; toda a sua fina e morena pelle estava covetosa; mo que impregnada de fortes e raras essências; os seus olhos, marejados de lágrimas, tinham fulgor que deslumbravam, e o seu busto, gracioso e flexível, arqueava-se e distendia-se, em espreguiamentos felinos de panthera.

O Romano, recebendo o delicioso contacto das

perfumadas carnes da rapariga, conturbado pelos magicos effluvios, que della se desprendiam, hesitou em ferir-a, mantendo-se indeciso sobre o modo por que devia sahir do dilemma: se vingar os ultrajes feitos à sua dignidade ou se cobrir de amorosos beijos aquellas formas, que elle idolatrava.

Espicaçado, porém, pela recordação dos supplicios que a sua má sorte lhe infligira, procurou energeticamente reagir contra esses desfalecimentos que o invadiam, reavivando com mais intensidade no seu coração as suas primitivas e lamentaveis resoluções de exterminio e de vingança.

Fôra alli para vingar-se e não para perdoar.

Elle tinha sob as mãos a infiel, sentia-lhe o halito, ouvia-lhe a voz, e, em torno, apénas existiam o silêncio e a soledade. Que importava que ella lhe pedisse que não a matasse? Sensibilizar-se com esses rogos, seria autorisal-a a mais tarde reproduzir as suas infamias e aventuras. Perdoal-a, era rebaixar-se vilmente, era preparar a sua propria ruina, era sujeitar-se à irrisão e ao menoscenso publicos.

Perdoal-a era, em conclusão, conservar-lhe a vida e elle anciava por sabel-a soffrendo dores horrificas, inconcebiveis, inenarraveis, que o compensassem do muito que por ella padecera.

—Ajoelha-te e resa a tua derradeira oração.

A Cândida, automaticamente, cumpriu a ordem do marido e balbuciou:

—Ave Maria, cheia de graça...

Estas primeiras palavras da sentida prece sahiram dos labios da Cândida timidas e amarguradas, produzindo na alma do Romano uma sensação inexplicavel e até então desconhecida para elle. Inundaram-se-lhe os olhos de pranto e sem se poder conter, avançou para a mulher, e disse-lhe com ternura:

—Ah! Cândida! P'ra que você me faz isso, Cândida? Você não sabia que eu gostava de você, Cândida?

E como a rapariga não fizesse nenhum movimento:

—Diga que você se arrepende. Ande, diga.

—Eu me arrependo, sim.

A esta resposta, o Joaquim Romano, absorto, apaixonado, quasi em extasis, movido por um certo impulso de piedade e de amor, segurou-lhe a cabeça e beijou-a na testa.

—Você me perdoa, nhô Romano?

—Tu ficas?

—Fico.

—Então eu te perdôo.

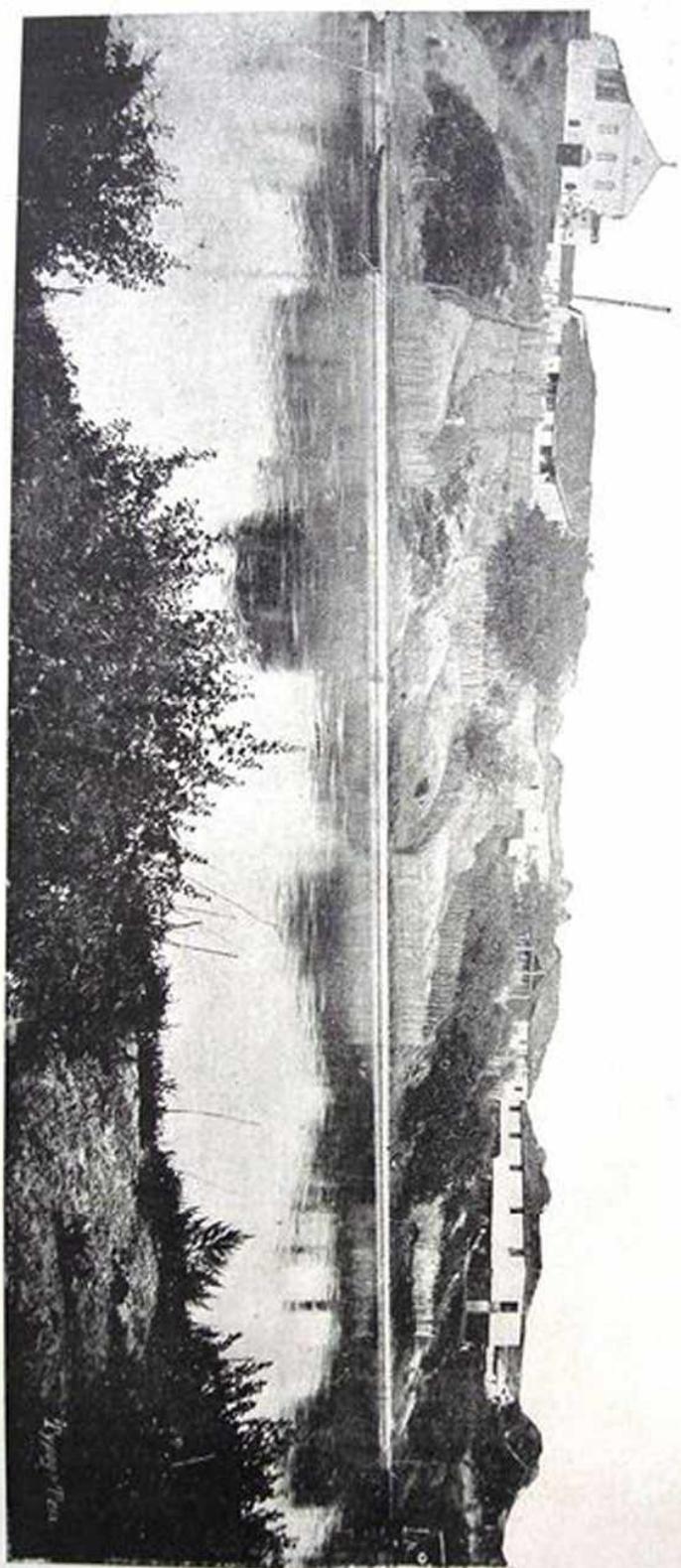
As sururinas cantavam já e ao longe, para os lados do nascente, um roseo clarão começava a destacar sobre as areias dos caminhos a caprichosa silhueta dos arvoredos e das habitações.

Pará.

João Baena.

Fazei o que quizerdes, mas procurem primeiro ser do numero dos que podem querer.

MIETSCHE.



Vista Geral do Codó.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE FEVEREIRO DE 1904

NUM. 59

Carta de despedida

Adeus ! Eu vou partir. Vou deixar-te sosinha.
O outono chegou. E como uma andorinha
Que vôle para longe, a algum paiz distante,
Onde haja sol que aqueça o seu ninho d'amante,
Assim eu vou também. A campina serena,
Já tem um ar senil, d'abandono e de pena...
Vae amarellecendo e caindo a folhagem,
Illa como um soluçar no aspecto da paisagem.
Adeus ! Tu ficas só... Recorda-te de mim
Não entristeças mais ao vér o campo assim.
Tenho medo de ti e não sei bem porquê.
Tu és tão triste já, sinto não sei o quê,
Que nenhum bem me diz... Tenho que te deixar
E vou, mas levo a alma anciada de chorar.
Meu dôce e casto amor ! minha linda creança !
Parece que fugiu, co'a luz do sol, a esperança
Do nosso coração...
Que só nos ficou como um triste legado
Tristeza sem fim, do outono ennevoado...
Luz do sol faz bem, alegra a natureza
E o scenario do verão o amor embelleza.
Ibra dentro de nós uma força maior,
Vendo em rôda o amor, como descer do amor ??
Vendo em rôda florir as sebes dos caminhos
E na gloria do sol o gorgear dos ninhos,
Se tudo em rôda é luz como pensar na treva ??
Como pensar que o sonho bom que nos enleva
Que nos faz brotar um beijo á flor da bocca
Ha-de acabar também... Oh ! mocidade louca,
Oh ! loucura d'amor que torna a gente grande
Loucura que n'un beijo e n'un olhar se expande,
Vale a pena viver, fazes a vida bella !
Vale a pena viver...

Avisto da janella,

Branca, n'dubia cór da terra núa e rasa,
A estrada, riste e só, que vae á tua casa,
(Que nunca ne pareceu tão triste como agora)
E penso que amanhã estou longe, vou-me embora
E nunca mais v'ei pela hora da sesta,
Sol a pino a doirar a natureza em festa,
Searas e oliveiras ao longe nas campinas
Moinhos no azul immóvel das colinas
Onde a vinha a sugar a erra ardente e dura
Parecia querer subir para aquela frescura
Das vellas brancas, no ar, sumovendo a calma
Onde poisaava o olhar e juntamente a alma
Eu seguia, v'elá, sem sentir o calor,
Por te saber, alem, á espeça, meu amor !
Junto a esse pinheiro enorze e tão antigo
Que eu saudava a sorrir, po vér n'elle um amigo

Tu lá estavas então, ou, passado um instante
Eu via-te aparecer... O meu olhar amante,
Avistava-te logo ao fundo da alameda,
E era como o sol surgindo na vereda !
Eu via-te avançar no teu passo miudinho
E curvarem-se as flores e as pedras do caminho
Parecerem disputar a honra, de á passagem.
Deixarem-se pisar a prestar-te homenagem.
Que diziamos nós, nos rápidos instantes
Em que estávamos sós ? Phantasias d'amantes,
Ghymeras, illusões que morriam no ar
Mas, mais que a nossa voz, fallava o nosso olhar...
E, no teu, transparente e calmo, como um lago,
Ora brilhante e serio, ora dolente e vago
Olhar como não ha, não pode haver igual,
Eu, mergulhava o meu... Vinha-nos d'um rosal
Um perfume maior que nos entontecia.
Fazia-se um silencio... e a tarde descia.
Quando eu voltava então, tu de pé e banhada
Pelo poente em luz, seguias-me na estrada
Até perder de vista...
Entardecia. O céu tinha tons d'amethysta.
Eu seguia a cantar. Vibrava-me na alma
Uma doçura igual a paz serena e calma
D'aquelle entardecer...

Vou partir, vou deixar-te !

Mudou tudo em redor... Tenho que abandonar-te.
Adeus, adeus, adeus ! O inverno está a chegar.
Começou a chover...

Comecei a chorar...

Portugal—Valle da Pinha 20—10—903.

Ramada Curto.

PALAVRAS A UM CORCUNDA

Como este homem deve ter orgulho de ser assim!

Feio, disforme sem a regularidade da linha, sem o sistema de perfil costumeiro, sem o tédio de ser como os outros o são, resta-lhe o consolo supremo de ser apenas igual a outro corcunda...

Anda nas ruas corcovado, pequenino na sua forma, de modo a ser mais pedestal do que estatua, com a sua giba de um lado, erguendo-lhe a casintra do paletot desmesuradamente, de olhar estrábico, suspêndendo um monoculo ao arco do olho direito, de pés enormes marcando direções quasi opostas.

Esse homem, todavia, é superior a qualquer outro.

Como elle é feliz e como o invejo, eu — homem



MINAS GERAES—À LAVAGEM DOS DIAMANTES

como os outros homens, tendo o mesmo movimento oscillatorio de braços, a mesma inclinação adiantada de pernas, o mesmo tregeito nos gestos e nas accções !

Reagir contra a Natureza !

Como é voluptuoso isto ! Leval-a ao anormal, dar um ponta-pé na uniformidade da linha, ser corcunda como este coicunda, ser disforme como este grande homem !

Sempre que o vejo, desbarreto-me.

E' que descubro nello o protesto anonymo e edificante contra Deus, contra a ordem natural das cousas, contra a symetria, contra a bellesa, contra a curva, instituindo a revolta do angulo, como si elle fosse uma voz que berrasse de repente uma estrophe de guerra em meio de uma estafada litania.

Por um por de sol, com os olhos verdes de te-

Dos «Pintorescos».

R. Alves de Faria.

A musa em prosa

I

Para que dos meus olhos te apagaram, naquelle desespero de um sonho, volvel e fremente ? Onde mais a delicia e o sabor do teu beijo e a ronda piedosa e casta dos teus olhos ?

Coração sem rumo, hoje busco encontrar pelas montanhas mudas, pelas choupanas tristes.
— Segue-me !

Mas como seguir-te, se o pampeiro vergasta-me sem misericordia, e, se ainda, a flamma das tuas pupillas, egoistamente, guardaram ?
— Segue-me !

Mar manso e, em floculos, o céu ! E, no entanto, o vento é surdo e os meus olhos não veem e estão fechados meus labios, para todo o sempre, para todo o sempre...

II

Tibiamente, porém, uns laivos sangrentos de lampada, giro-giram na minna retina, como se fluctuassem, reflectindo, sobre as aguas caladas dum rio, aromatisado pelo perfume das basiliscaes em flor... Tenuissimos e impollutos, como listrados pelo fluido tepido e macio do teu corpo, elles conservam, em meio ás insidias do mundo, num protesto de pureza santa, como num halo fulgentissimo, o teu nome, o teu nome, Cina, nome que evoca todo um receio biblico, nome que bruxolea, cresce, se avigora e resconde, como o orvalho cahido dos roseiraes festivos...

De tanto afago, de tanto mimo, só o teu nome, só o teu nome !

Para que dos meus olhos te apagaram ?

Francisco Serra.

15 de Novembro

Salve, ó data brillante, ó data gloriosa !
 Sublime aspiração, conquista sacrosanta,
 Que as almas engrandece e as almas eleva
 Nos pináculos da glória, aos cimos do progresso !
 Salve, mil vezes salve, aurora deslumbrante
 Que o céo de minha Pátria encheste de clarões,
 Fazendo palpitar de amor os corações
 Do povo brasileiro altivo e triunfante !

Honrae, ó mocidade, a nossa Pátria, honrae !
 Sois vós a estrela d'alva, a estrela resplandecente
 Que brilha da Nação Brasileira no oriente !
 Sois vós essa esperança embaladora e grata
 De que el a confiante e firme se alimenta.
 Olhae para o passado e vede um grande exemplo
 Nos nomes dos heróis que adornam o vasto templo
 Da história immorredoura e nobre que a sustenta.

Quando lá da mineira inconfidencia o sangue
 Banhou em borbotões da Pátria o solo amado,
 Qual horrendo penhor de um sonho abençoado,
 E esse *libertas qua sera tamem vibrando*
 Em peitos colossais, em peitos de gigantes,
 Retumbou pelo mundo em fóra como um canto
 Ingente de victoria, era pequena em tanto
 Nossa Pátria e da glória os porticos distantes !

Do sangue dos heróis, no em tanto, qual semente
 Lançada com cuidado em solo productivo,
 Brotou da Liberdade o amor inda mais vivo !
 E d'elle se elevou, garboso e altaneiro,
 O nosso glorioso e invicto pendão !
 Dos dolorosos ais dos martyres de então
 Nasceu, harmonioso, um hymno sobranceiro !

Mais tarde, quando a velha e torpe realeza,
 Minada pela febre atroz dos desvarios,
 A Pátria conduzia em sordidos desvios
 À proxima derrota, a um prematuro fim,
 De quinze de Novembro o brado inesquecível
 Echoou, ensinando à velha Europa exangue
 Uma grande lição de pugna sem sangue !
 Sublime ensinamento ! ó glória imperecível !

Estudae, mocidade ! Aos páramos da glória
 Elevae esta Pátria immensa e idolatrada
 Cuja história nos mostra a senda immaculada
 Que devemos seguir em busca das conquistas
 Traçadas pela mão dos que nos precederam.
 Trabalhæ por manter altivo e independente
 Esse lema sagrado e puro e resplandente
 Que na nossa Bandeira os mestres escreveram !

Belem do Pará.

Licinio Bastos.

Melopéa das aguas

Noite de inverno, fria e desolada.
 Na escuridão da noite morta scintillam luzes
 de vagalumes, e, de quando em vez, um pio de co-
 ruja quebra asperamente o silêncio, apavorando
 as almas timidas e assustadiças.

A caza de moinho do tio Simão fica encravada no meio da encosta do monte. O rio flui lá no alto e, por entre pedras esverdeadas e grossos troncos, rôla murmúro até à planície, enchendo os alcatruzes da azenha e movimentando-a para o trabalho da meagem.

O vento açoita implacável as árvores, contorcendo-as, arrancando-lhes as folhas furiosamente.

No seu quarto de solteira — que a luz amarellada e bruxoleante de uma candela de azeite mal alumia, — Rita escuta, sentada na cama, desamparada e quasi odiada, a ventania sibilante lá fóra, bater aterradoramente em seu postigo fechado, e afastar-se depois...

O pae não mais a ama, odeia-a talvez, depois que soube que a filha gostava do Domingos, um rico possuidor de terras e de campos cultivados. Ella era tão pobre e o Domingos adorava-a loucamente ! Falara-lhe, por mezes, em casamento. A rapariga corava deliciosamente, abaixava a cabeça, e escondendo entre as mãos pequeninas o rosto lindo, respondia-lhe num fio de voz doce: — Se o pae quizer...

— Tú é que sabes, Rita. Quando quizeres vamos à igreja; — rematava o Domingos, fitando amorosamente a filha do tio Simão, que desaparecia a correr numa volta da azinheira.

Na tarde desse dia, quando ella foi de cantar à cabeça buscar água no rio, o Domingos saiu repentinamente de trás de uma espessa mouta de bambus, onde estivera escondido, e, batendo-lhe uma palmadinha nas costas: — Então ? ! Que decidiu o velho, bemzinho ? ... perguntou, cravando gulosamente o olhar voluptuoso nas faces sadias e rosadas da montanheira, resvalando maravilhosamente da menina para a pubere ambicionada.

Rita estava assustada; mas reconhecendo o namorado, pediu-lhe que a deixasse em paz. Ella prometia falar nessa noite ao pae, e lhe daria a resposta no outro dia, naquelle sitio.

Fiel à palavra, à hora da ceia, assentado o tio Simão à meza, ella depois de arreiar o prato de sopa no logar do pae, passou-lhe o braço roliço pelo pescoço e, beijando-o no rosto queimado pelo sol, perguntou:

— Pois já não estou mulher ?

— E muito linda e trabalhadeira ! acrescentou o velho moleiro, orgulhoso, acarinhando a filha com um sorriso prazenteiro e altivo. Elle vivia para a sua «boa Rita».

Quando lhe morreu a mulher, — havia doze anos, — o desgraçado se teria suicidado sobre o seu cadáver, se não tivesse a obrigação de criar a filha, que lhe ficava pequena e franzina, com quatro anos de idade. E criára-a, — e ella estava já uma invejada rapariga ! Agora trabalhava como um mouro para lhe arranjar um dote. A perda da mulher, que elle amara com extremos, fôra um golpe profundíssimo que o pungira dolorosamente...

No dia seguinte ao do seu enterro, teve elle, porém, a prova medonha e cruel de que a esposa o enganava um anno antes de falecer... com o Domingos, o seu melhor amigo ! Uma carta achada na sua cesta de costura revelara-lhe esse horrível segredo. Ella calou-se. O Domingos desapareceu



DR. HENRIQUE LISBOA

d'aquelles sitios, sem que ninguem mais o visse. E de que lhe serviria escalar o muro de um cemiterio, violar uma sepultura, cuspir nas faces tumefactas e denegridas de um cadaver, e bradar-lhe impiedoso:—Tu foste uma mulher vil, indigna do meu honrado nome!...

Silenciou,—calando os mais justificados protestos de vingança,—só porque não queria comprometter o futuro da filha, nascida ainda quando a mulher o idolatrava com os ardores dos primeiros annos de casada.

— E que estou em idade de casar?... ajuntou ella, ruborisada, olhando o pae com os grandes olhos negros, cheios de immensa ternura e de uma tão grande bondade.

O tio Simão tinha a filha aconchegada ao peito, desfazendo com os dídos callosos e rudes os bellos frisos dos seus cabellos louros.

— Inda estás muito criança, murmurou elle velhacamente:

— Criança, repetiu ella—com 16 annos de idade? ! Bôa! E ria-se ás lagas, nos braços paternos.

— Criança... criança, não! emendou o velho moleiro. Estás... quasi mulher; mas ainda é muito cedo para andares a pensar nessas cousas. Quando tiveres vinte e quatro annos, e muito juizo, eu mesmo procurarei um noivo...

Como! E o seu casamento com o Domingos? Pois elle não lhe jurara um grande amor? ! Quando ella o via, perturbava-se toda, córava, e sentia-n'uma onda de afecto—o seu coração e os seus pensamentos voltarem-se para elle apaixonadamente. Amava-o. E Rita tinha de sacrificar o Domingos, que a queria tanto, pelo outro, que o pae lhe impuzesse e por quem ella não sentiria o minimo afecto? De突to, porem, teve um impeto de revolta.

— Mas... eu gosto do Domingos! disse, afectuosa e humilde, procurando descobrir o efecto da phrase no animo do pae. Eu quero casar-me com elle!

E logo empallideceu, sentindo todo o sangue refluir-lhe para o coração, que batia descompassadamente. A imperativa daquelle «eu quero» podia desgostar e indispor o velho Simão contra ella; e começava a arrepender-se...

— Com o Domingos? exclamou moleiro, n'um ululo de raiva.

Nunca! Ah! o canalha!...

De um salto, agitado, tremulo como um junquilho, o tio Simão poz-se de pé, no meio da sala. Seu olhar tinha um brilho de aço, crû, ameaçador e cortante.

A filha cain-lhe aos pés chorosa suplicante:

— Meu pae!

— Já te disse. Não has de casar com elle. Patife! Amanhã vaes, para um convento, professar. Quero fazer-te freira. E estas terras, o moinho e tudo o que era teu dote,—deixo-os, em testamento à nação, quando eu morrer com a cabeça despedida pela roda da azenha... Já não tenho familia a quem faça falta.

— Meu pae! repetiu a coitada.

— Tu não és mais minha filha! Levanta-te d'ahi E segurando a Rita pelo braço:— Recolhe-te ao tet quarto, arruma o que te pertence, e amanhã toca a andar.

Depois, foi tambem deitar-se, agitado, enfebrido, muito mal humorado.

No seu quarto de solteira—que a luz amarellada e bruxoleante de uma candela de azeite mal alumia—Rita escuta assentada na cama, desamparada e quasi odiada, ouvindo a ventania sibilante bater agourentamente em seu postigo, e affastar-s depois.

SUPPLEMENTO AO N. 59



REVISTA DO NORTE

Editora
Revista do Norte

I DE FEVEREIRO DE 1904



MARANHÃO—*Brazil*

POST CARD



MINAS GERAES—LAVAGEM DO OURO

O pae não mais a ama. Odeia-a talvez! Nunca mais, ai! nunca mais seus lindos olhos veriam o Domingos. Vae amanhã entrar para um convento, para sempre, para sempre! Numa escura cella amortalhará então a sua belleza, a sua mocidade e esse tão grande amor que o pae acabava de amaldiçoar.

Rita sente um desespero mortal anavalhar-lhe a alma, numa afflition crudelissima, torturante.

Onde estava o Deus de immensa bondade que não a vinha soccorrer nessa penosa situação?

Ergueu-se do leito. Canta, caminha sem fazer o minimo rumor até o fundo do aposento. Ha uma janella que deita para o rio, e que ella abre. O vento amainará. A desditosa espia a tremer com o frio da noite e o medo de que o pae a venha encontrar ali,—o céo escuro e fundo.

Deus?! Onde estava elle, e para que não vinha alliviar a magua que a torturava tanto?

Em baixo as aguas faziam um ruido enorme, na azenha.

Rita teve então uma idéa. O pae não disse que iria suicidar-se amanhã, ali, n'aquele lugar terribel? Prometteu-lh'o. Está bem. Não lhe resta mais a esperança de ver o Domingos, o pae não mais a ama odeia-a talvez! E uma desgraçada! Chora.

A filha do Simão acaba de galgar o parapeito da janella. Está suspensa ás bordas do abysso; é uma alucinada, não a apavora o escachoeirar grosso da cascata... Benze-se, cruza as mãos sobre

o peito e solta-se no vacuo...

Nem am ai! um grito que seja, escapa dos seus labios.

Apenas o estrondo que arranca o corpo de encontro á porta de ferro da repreza—vae despertar o velho moleiro que dorme.

O tio Simão, de um salto, chega ao mirante e grita sobresaltado:—Eh... Eh!...

Ninguem lhe responde. Vem deitar-se, de novo, tranquillo, mais calmo.

À agua dos alcatruzes da azenha n'uma dolorida melopéa, grugrudejava, cahia em soluções fundos, pondo na mansuetude da noite fria e sem estrelas, o estertor sombrio de uma estranha magua, apavorante e cava.

Agostinho Vianna.

O Poeta

A MIM MESMO

I

Quando pensas vencer essa enorme batalha,
Cae-te a espada da mão e a derrota é completa;
E se a tentas erguer, em um esforço de athleta,
N'ella pisa o inimigo e o plano teu se falha.

Então nesse teu peito uma lucta secreta
Como louca rebenta e o coração retalha;
E assim como um ferreiro em ferro frio malha,
Não te fogem do crâneo as illusões, poeta.

Sejas mesmo na guerra e na paz perseguido,
Cantarás na tua alma uma ilusão—a musa—
Que nunca morrerá, embora caias morto.

E assim tu levarás, no coração vencido,
Essa amiga fatal que a morte atroz recusa,
Quando fores viajar para o último Porto...

II

Mais ilusões abrigas no teu peito,
Quanto mais dor, mais sofrimento e pranto;
Tenhas, embora, o coração desfeito,
Ri tua boca lírica, no entanto.

Todos despresam teu fiel conceito,
—Folha cahida de modesto acantho,
E embora preguem o ideal—direito
Nunca serás ouvido, nem teu canto.

Quebra, por isso, as cordas dessa Lyra;
Deixa que soffra a musa a dor profunda
Que o coração prostrado do Indeciso.

E tu, poeta, mente, que a mentira
E' o pôlen que a vida nos fecunda
E faz do pranto interminável sorriso.

Pará.

ROMEU MARIZ.

As Cartas Chilenas

(CONTINUAÇÃO)

Recapitulemos.

Critillo era um brasileiro de vinte e três anos, de família respeitável e pobre. Bacharelou-se sob a direção dos padres, foi a Portugal e lá formou-se em direito na Universidade de Coimbra. De volta ao Brasil, demorou-se algum tempo no Rio de Janeiro, seguindo depois para Minas, fixando-se em Villa Rica. Nessa cidade exerceu a advocacia e não só por esse facto, como por ser homem instruído e poeta, travou relações com os principais da capitania. A administração do governador Luiz da Cunha Menezes, pela má direção que imprimiu nos negócios da capitania, chamou contra si muitos homens influentes. Por outro lado o governador feriu o melindre e interesse de muitos mineiros; naturalmente despota como costumavam a ser os governadores, reduziu todas as leis à única lei de sua vontade, desrespeitou e desconceituou as autoridades que lhe eram subalternas, praticou actos de manifesta oposição aos costumes estabelecidos, e assim alarmou a capitania que já começava a cansar-se da ganância metropolitana.

No número dos descontentes de então, que mais cresceram no ano seguinte, estavam os grandes lyricos brasileiros que deram ao protesto um carácter mais solene. Critillo achou-se indubitablemente relacionado com esses descontentes, e quando já era de notar-se o espírito de revolta traido em 1786; mas ainda não estavam de todo assentes as bases da Conjuração, elle, moço, mais moço que qualquer dos que mais tarde foram acusados da direção do movimento, elle, por interesse e sentimento inimigo desses pseudo-reis que

podiam de tudo dispor a seu grado, desabafou em violentas satyras contra o governador que acabava de passar a outro o cargo de despojador dos colonos.

As satyras de Critillo visavam outrem que Cunha Menezes, lançando à execração pública o passado governador; elles envolviam no mesmo quadro odioso mais governadores. Como o indivíduo apparentemente impotente para abater o adversário que, vendo-se desprestigiado, descobre o meio poderoso de que pode dispor, Critillo, para que não pareça ridículo o seu desafio contra os potentados enviados do reino, ameaça-os e ameaça-os com essa revolução que prepara. Foi uma irreflexão e poderia ter funestas consequências. Assim, porém, não aconteceu; estava reservado ao Brasil não lastimar uma imprudência, porém, macular sua história com caracteres de lama... Silverio, Pamplona etc.!

Para evitar a tremenda vindicta a que seria submetido por tão audaciosa obra, o autor desfigurou-se, tomou um nome em nada relacionado com o seu, aparentou traduzir obra estranha, fez de Portugal-Hespanha, de Minas-Chile; de Villa-Rica Sant'Iago. O nome do governador e de seus predilectos foi levemente alterado, de modo, porém, que não dificultasse a compreensão para quem estivesse afeto aos negócios da Capitania. Assim Menezio é o governador Luiz da Cunha Menezes; Ribeiro é Manoel Joaquim Ribeiro, o poeta palaciano da caricaturada corte; Marquezio é José Pereira Marques, capitão de cavalaria, protegido escandalosamente pelo governador. A esse Marques foi dada preferência quando se tratou da arrematação do contrato em 1785.

Thomaz Gonzaga protegia Antonio Ferreira da Silva que foi preferido contra o parecer da Junta. Sobre este facto se estende bastante o documento histórico—*Instrução para o Visconde de Barbacena*. Pelas *Cartas Chilenas* se deduz que ao mesmo Marques foi dado o contrato, ainda contra o parecer da Junta.

Infelizmente nada consta a este respeito em documentos. A ser assim, e nem de outro modo se pôde entender, bastava esse facto para fixar a data da composição das *Cartas*. Diz assim Critillo:

As leis do nosso Reino não consentem,
Que os chefes deem Contractos, contra os votos
Dos rectos Deputados que organisam
A Junta da Fazenda, e o nosso Chefe
Mandou arrematar ao seu Marquesio
O contrato maior, sem ter um voto,
Que favorecia fosse aos seus projectos.
As mesmas santas Leis jamais concedem,
Que possa arrematar-se algum contrato
Ao rico lançador, se houver na praça
Um só competidor de mais abono;
E o nosso General mandou se déssse
O ramo ao lançador que apenas tinha
Uns vinte mil cruzados, em palavra,
Deixando preferido outro sujeito
De muito mais abono, e a quem devia
Um grosso cabedal, o regio Erário.

Até aqui está tudo de acordo com a Instrução ao Visconde de Barbacena. O capitão de cavalaria, auxiliar protegido pelo governador, é preferido contra o capitão de ordenanças Antonio Fer-

reira da Silva, que é o competidor de que fala Critillo. Foi portanto o biennio de 1785 a 1787 dado a José Pereira Marques. Porem Critillo continua assim:

*Mai acaba Marquesio o seu triennio,
Outro novo triennio the arranca
Sem que um membro da Junta em tal conceha*

Está evidentissimo este facto: Marques foi o contractador dous triennios seguidos; terminando o primeiro em Dezembro de 1787 só em Janeiro de 1788 se podia proceder a nova arrematação. Além desses, ha mais nas *Cartas Chilenas* muitos nomes, alguns dos quaes só podem ser decifrados por quem correr os raros documentos que ainda existem d'aquelle tempo; ha: Matusio—Mattos ou Mattoso, que devia ser algum companheiro do governador, empregado a seu serviço; Alberga, presidente do Senado em 1786—Braga; Roquerio—Roque; Ribeiro, parente de um contractador—Ribeiro; Thomasine, capitão—Thomaz; Lobesio, major—Lobo; Padella, capitão com soldo de major—Padilha; Ludovino—Luiz; Saonio—Sá? Saula; Jelonio que se casa com uma ex-amante do governador—Julio ou Jeronymo; Meiro (?); Silverino—Silverio dos Reis—o infame. Alguns nomes estão sem alteração: Cata-Preta; Capanema, Maximino, Albino e Macedo, naturalmente João Rodrigues de Macedo que foi contractador dos dous triennios, de 1776 a 1781. Os amigos ou conhecidos do autor são designados por nomes que hoje são desconhecidos: Dirceu, Floridoro, Alceu, Lauro, Floncio, Simplicio, Frondelio, Josefino, Damiao... Desses sabe-se que Dirceu é Thomaz Gonzaga, e acredita-se que Alceu é Claudio. O tal Silverino, militar que prendia seus devedores e que sendo devedor do Erario mandava presentes ao governador, é o torpe Silverio Reis que em 1782 fora o contractador e muito ficara a dever. A traição valeu-lhe uma riqueza porque, alem do que ganhou, alem do titulo de Fidalgo da casa real, alem da mercê da Thesouraria Mór da Bulla de Minas, de Goyaz e do Rio de Janeiro, alem de ser armado Cavalleiro da Ordem de Cristo, e duzentos mil reis de tenca, lhe foram entregues seus bens no valor 167.553.870 sequestrados pela Real Fazenda.

Nas *Cartas Chilenas* falta Critillo de uma sentença dada por um proposito magistrado contra Severino e a favor de Macedo. O magistrado era Thomaz Gonzaga que de 1789 a 1788 foi ouvidor de Villa Rica e membro da Junta da Fazenda. Talvez em vingança a essa sentença e ferido pelas satyras que alguns atribuiam a Gonzaga envolvendo o Silverio na delação que fez ao governador em 1789. E nem é esta a primeira vez que se apresenta a hypothese de uma vingança pessoal da parte do futuro cavalleiro da Ordem de Cristo, que melhor o seria da de Judas que, parece, elles devião crear. No canto III do poema Gonzaga, poema que por coincidencia também é anonymo e que foi publicado pelo Sr. J. M. Pereira da Silva, encontrão-se estes versos no mesmo sentido:

*Deste feito ruim a causa indigna
Recentemente foi envelhecido
De não poder vergar para seu lado
O fiel da balança justiciera,*

*Que em rija mão Gonzaga sustentava,
Quando o vil delator injusta lide
Por cubica no fôro sustentara.*

Devia ser um bello spectaculo o que se passou em Lisboa a 20 de Outubro de 1794. D. João 6.: esse protótipo de perfeições cantado por Castilho a lançar por sua mão regia o habito da Ordem de Cristo sobre Silverio dos Reis! Para o rei, Silverio era o tipo da probidade; para Castilho, o rei, era um heroe, um Nume!

*Dos vassalos o bem, o bem da Patria
Se a Patria exulta, se alargando o luto
No throno assenta dos Avós herdado
Magnanimo João que só devia
Do Imperio Universal sustar as rédeas
Não podera eu tambem negar meu canto
Ao grande, Augusto Herde, ao Pae da Patria,
E mais que ao Pae da Patria ao Nume, della.*

D. João 6.: heroe! Não. A 20 de Outubro Lisboa via cousa mui diversa: um perdido vendeiro—no throno, um Judas, na Ordem de Cristo. A vingança do futuro fidalgo da casa de D. João 6.: explica o como se achou Gonzaga envolto com os Conjurados. A posição de Gonzaga o seu genio inflexivel, porem, brando, a sua idade, inhibiram-no de tomar parte na Conjuração, os seus sentimentos, o seu melindre ferido, as suas amizades, prenderam-no aos que tramavão. Posto em difícil contingencia pela confiança que do segredo lhe fizera os amigos, elle procedeu do único modo que lhe era permittido, absteve-se de tramar e guardou o segredo. Os Conjurados embora o não tivessem a seu lado entre os mais activos não duvidaram servir-se de seu nome como mais um incentivo para aquelles que naturalmente vascillavão. Foi assim que alguns simplesmente conhecedores do projecto, capacitararam-se de que Gonzaga era um dos chefes. Desde que os Conjurados se viram trahidos, briamente impugnaram a cumplicidade de Gonzaga. Era tarde. Silverio o havia incluido na denuncia. O governador e o vice-rei entenderam que homem tão instruido, tão honesto, tão respeitado, ao menos de coração, não podia ser dos seus. Concluiram bem. Não admira que a calunia tanto possesse. Ella podia contra Claudio, cujo assassinato foi intitulado suicídio. Qual a causa desse assassinato? É difícil saber. E porem bom lembrar que por muitos as *Cartas Chilenas* eram atribuidas a Claudio; os governadores assim pensavão.

Tito Lívio de Castro.

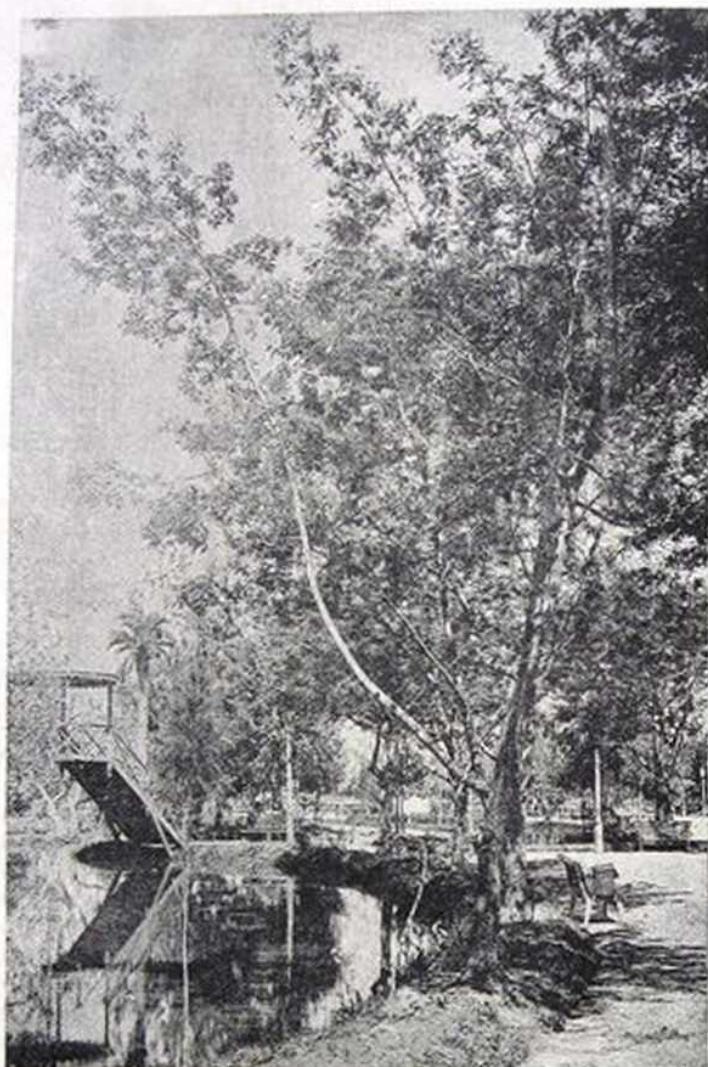
(Conclue no proximo numero)

O lar doméstico existe em todas as partes onde o filho se sente amado, instruído e respeitado.

L. DESCAVER.

O casamento só é digno d'este nome quando é determinado pela afiliação, pelo desinteresse e pela dedicação. Quando lhe faltam estas tres qualidades elle nada mais representa do que uma prostituição ignobil.

PAUL ET VICTOR MANGUENTE.



CURYTIBA—PASSEIO PÚBLICO

Soneto

Quando minha, Eleonor, sómente fôres
Que pudermos viver nós dois, sosinhos...
Iremos nós viver, nós dois, juntinhos
Num doirado chalet de luz e flores...

Virão deixando a tepidez dos ninhos
Nos despertar, aos matinaes fulgores,
Do nosso sonho rutilo de amôres,
Azas flebeis de luz, os passarinhos...

E andaremos á luz das madrugadas
Plenas, correndo pelos campos fôra,
Tendo no peito um mundo de alvoradas...

Ao voltarmos, os teus cabellos pretos
Virão loiros dos osculos da aurora
E os meus labios reflectos de sonetos...

Maranhão Sobrinho

Noite de amor

A ANTONIO LOBO

Vaporosa visão, branca, radiante,
Bella do luar na tunica de neve,
Do jardim entre as áleas palpitante,
Vai desvalando, sonorosa e leve.

Vai quasi aérea, porque não se eleve
O rumorar do passaro vacillante...
Deslisa, e escua... Ouvi um murmurio; e, breve,
Ramos se afastam farfalhando, adeante...

Estaca... E, entanto, alongam-se dois braços,
Que a arrebatam nuns vividos abraços,
—E ella vai, sonhadora e languorosa...

Bailam, cantando, uns tremulos rumores...
Depois...

Banhada em virginaes brancóres
Segue a lua mirifica e saudosa!...

Alfredo Assis.

Parece-me absurdo ser uma mulher banida
da sociedade por ter um amante ao passo que
nella se tolera as que são avaras, falsas e per-
versas.

MERRIMÉE.

—:—
Não sei se o primeiro amor é o mais arden-
te; o que posso afirmar é que o ultimo é cer-
tainamente o maior e o mais profundo.

MICHELET.

—:—
O casamento de nada vale se não represen-
tar o acordo entre duas almas.

J. H. ROSNY.

A um blasphemó

Dessa bocca mendaz a desvergonha salta,
Pois que só pelo mal teu ser vaga e rasteja,
Por mais que te enalteça os imbecis e a malta
Dos doutores venae em ti um genio veja.

Blasphemó, restas só da irrisoria peleja
Enraivado e a espumar! Sanioso odio te assalta
Ante a idéa feliz em que o genio lampeja,
A que não chegarás, zoilo, região muito alta!

Mas a *claque* te céga, a ambição te reclama,
E bom ser nullo assim dentro de outros vivendo,
E bom ser aguia real entre pavões e lama...

Este consolo basta! e aos poucos vaes descendo
Furioso, a sanfonina ás pregalhas da fama,
Aos cretinos da scena e aos possessos tangendo!

Francisco Serra.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE FEVEREIRO DE 1904

NUM. 60

Colombo

De pé, no tombadilho, olhos fitos no espaço, Colombo, palpitante, estende o forte braço, aos capitães mostrando, ao longe, sobre a esteira dos negros vagalhões a luz de uma fogueira... Ha tres noites velava, ha tres noites sentia a esp'rança abandonar-lhe o peito, e a fantasia fugir-lhe já também. Rugiam os porões de fome e de cansaço... e ócas conspirações iam lentas mudando á bruta marinhagem o amor do commandante em amor à carnagem.

E ha tres luas partira a frota de Castella; e em cada uma lufada a enfunar a vela, em toda a aurora nova, em todo o novo occaso, mais a patria fugia, e mais e mais o ocaso, impavido matava as velhas tradições, mostrando a cada instante aos crentes corações que o Cabos inda era a luz, que o Abysmo inda era o mar!...

Jamais se vira um monstro, um só, se levantar por sobre os vagalhões, grandiloquo, medonho, Como a Grecia sentio nesse homérico sonho que os templos levantou e fez as Odysséas. Esse MAR TENE BROSO, esse mar de Sereias, de serpentes sei, fim, de colossae Chimeras, que nas azas crueis arrastavam as feras, indo povoar, além, as florestas marinhas, e estrangulando as náos co'as perfidas gavinhas; esse LICORNE hirsuto a vomitar procellas, a lança espiralada em riste, ás caravellas a proa trespassando... os Tritões... as Harpias... tudo isso se mudará em longas calmarias. Não se viram, jamais, as fabulosas lendas: as aguias infernaes, bicipites, horrendas, nas garras suspendendo as veleiras fragatas. Por mais que navegassem a frota, as columnatas doiradas, colossae, fantasticas do Eden, não descobriria ao longe, e ondas que não se medem, levando-as para o azul, que estrelas fluctuantes teciam para o Solnum throno de diamantes. O KRAKEN não surgira, a ilha misteriosa, brotando de repente à fave sonorosa do pélago revolto, e na ilharga escarpada as prós entreabindo em subita guinada... E quando, sobre a tolda, os clarins retiniam á alvorada saudando, e as flammulas subiam dos mastaréos ao topo, a cruz do Salvador fazendo desfraldar nas ondas, o terror da maruja brutal se desfazia logo, e buscando o horizonte imerso todo em fogo,

ainda lá não via aquella NEGRA MÃO, anathema cruel, symb'lo da maldição, tolhendo o passo ao mar, disforme, colossal, como a sombra de Deus pairando sobre o Mal, e ao viator mostrando, esqualida, espalmada, que o Cahos estava alli, que alli estava o Nada!

Só Colombo sonhava... Em pé no tombadilho, Não pensava no amor, não pensava no filho... Mesmo as superstíciones, essas crenças ridículas, não lhe agitavam da alma as mínimas particuladas... E nem sentia aos pés roçarem-lhe os punhaes... Via apenas no céo, gloriosos ideaes, confundidos num só, sagrados pelo povo, o vulto de Isabel—a Santa e o Mundo Novo. E quando em um crepusculo, ululante, fanatica, toda a tripulação ajoelhou-se extatica, os meteóros vendo, em chuva deslumbrante, tornarem todo o céo fantastico, irradiante, elle não se moveu, e disse: E' ELA, ó Gloria, que assim faz Deus traçar-me a palma da victoria.

Mas nessa longa noite, a ultima talvez que lhe dava a traição, alli, sobre o convez, ao divisar ao longe aquella luz sumida, como uma alma a vagar na chamma de uma vida, no Genovez mais forte a esp'rança se renova do santo pavilhão fincar na Terra Nova, na coroa engastando a mais brillante estrella da raiuha guerreira, o archanjo de Castella. E alta, loira, viril, na excelsa formosura, olhos de verde-mar, collo de lactea alvura, a imagem de Isabel surgiu-lhe nesse instante, tal qual a vez primeira a vira deslumbrante de Malaga no cerco, á frente das phalanges, com o gladio affrontar a furia dos alfanges, e ao peito feminil justando a ferrea algema da cota e o capacete ao regio diadema, salvar a Christandade em nome de Jesus, dobrar o Mouro audaz aos santos pés da Cruz.

E quando veio a aurora, e aligero, sarcastico, o sol se espadanou, e num iris fantastico, sob o ceruleo pallio, aureolou-se o mar, e ouviram-se uns clarins, metalicos, rezar uma alvorada mais... no tombadilho ainda, de pé, sempre a fitar essa visão infinda, Colombo, erguendo as mãos para o infinito horto, num fundo mysticismo, extatico, absorto: — *Salve, Regina!* exclama.. e a maruja s'inclina, e unisona murmura a prece matutina...

Dormia ainda o mar. Doiradas pela aurora, semi-núas, as náos pareciam ness' hora,



Tyogr Tex.

VISTA GERAL DE PARANAGUÁ

sob as vergas em cruz, altares fluctuantes,
o baptismo levando em orações constantes
á alma azul e pagã dos vagalhões revoltos...
Mas subito um canhão atrôa... Gritos soltos
de alegria e de espanto estrugem nas cobertas...
Desertam-se os porões... E, frontes descobertas,
toda a maruja adorna a cortadora prôa,
e a frota toda um hymno altisono resôa...
—Terra!... terra!... gritára em voz vibrante e

rispida
velho lobo do mar sobre uma verga hispida;
e aos bravos capitães que bradam — ferra, ferra,
responde uma só voz em um só eco — à Terra!

Só Colombo ficará estatelado e mudo...
Bê pé, no tombadilho, e como estranho a tudo,
postos em prece as mãos, olhos fitos nos céus
na angelica visão, num extase profundo,
sempre orando por ELA, ainda orava — a Deus,
que a elle déra a Fé, dando-lhe, a ELA, um Mundo!

E a capitanea orçava altiva para o sul...
E no horizonte em fogo, aro immenso no azul
engastando do mar toda a esmeralda espherica,
a SELVA, seios nus em plena puberdade,
das espumas nascendo em epopéa homérica,
inda virgem, fetiche,inda não sendo a America,
como a Venus pagã, já era a Liberdade.

DUNSHEE DE ABRANCHES.

A prisão da Josephia

Tudo era silêncio e paz naquela praça aterradora e calma. Chamavam-na de Praça do Mercado, por ter no seu centro, suja e sebenta, a feira da cidade. Era um vasto quadrado, de grades de ma-

deira formando angulos nos cantos, com largas portas, coberto de telhas de barro. Já nessa hora havia passado a alegria da compra, os ditos picantes das mulatas, o batido retinido e pausado das facas dos açougueiros nos balcões e o tilintar das balanças, marcando o peso do infeliz Apis.

Os legumes, as fructas, as bugigangas, as mil e uma vendas já se haviam retirado. Sómente o silêncio reinava agora.

O sol do meio dia, que entorpece e vigorisa, na sua cambiança ardente e vivificadora, derrama na soturna e melancólica cidade as serpentinas douradas e radiantes da sua luz clara e intensa.

De raro em raro um garoto passava, trotando, a apregoar, num clarim ensurdecedor e rouenho, o «pão da tarde»; e com a sua cesta de vime às costas ia parando de vez em quando, para aviar este ou aquelle freguez. Uma ou outra rapariga de saute curto, sandalias estaladeiras e apressado e miúdo andar sacudido, chegava, olhava e retrocedia, dando um largo gesto de beiços, por já se ter acabado a carne, que, apenas como recordação, deixara uns laivos de sangue pendentes dos enferrijados ganchos dos talhos, onde um enxame doujante de moscas esvoacava, sugando aquelle resto putrido e pestilento, que, por decencia, o estômago humano rejeitara.

No meio da feira, como que para desinfetar o morno ar fetido que saía dos cubículos, onde se vendia carne ao povo, um chafariz esguichava uma lympha cristalina. E os vastos taboleiros, enfileirados e vazios, no quadrado da feira, aumentavam ainda mais o seu tom de tristeza e de abandono. Num dos compartimentos, à direita, uma taboleta de madeira, pintada de verde, com inscrição em letras brancas, indicava a vida do poder municipal e uma balança azinhavrada, que furtiva briza embalava,



ESPIRITO-SANTO - VISTA GERAL DA VICTORIA

parecia a ultima esperança do que se vae para a eterna treva, tendo vivido na eterna lama...

Era essa a grande senhora que desempatava as questões do pezo, quando entre o comprador e o vendedor qualquer divergência surgia.

Ao longe, muito ao longe, uma voz sonora e vibrante cantarolava a doce e sensível melodia do *Ainda uma vez adeus*, que para o observador formava um profundo contraste de morte e de vida!

Num dos angulos uns cães esfaimados, esqueléticos, disputavam com os urubús—negras aves de passo cadenciado—a posse do corpo asqueroso e deteriorado dum gallo grande e gordo, que ali fôra posto por um dos moradores distantes.

Duma das janellas fronteiras, de gradil de ferro, uns pétizes, estridulamente rindo, atiravam ás pobres aves carnívoras pequenas pedras, que as faziam sacudir as azas, retrocedendo dois passos, para de novo, vagarosamente, retomarem o primitivo logar, a emular com os cães.

Intempestiva e empolgante, uma torrentuosa embriaguez de phrases loucas e barbares irrompeu num dos lados da açaçapada feira; e logo, de todos os recantos, caras aberrativas surgiram para o escândalo, assombradas.

Era uma altercação de mulheres vendedeiras, que disputavam o *homem*, na voluptuosidade e incandescência do sexo. Os palavrões subiram; os olhos cravaram-se; as mãos, em defensiva, dedos entrançados, uniram-se e, num assomo de bode no cio, agarraram-se num balanceio mudo e selvagem e os alvos e tratados dentes premeram as polpas e placidas carnes alaranjadas, enquanto rozarios purpureos dum sangue novo e quente rebentaram. O povo havia formado um círculo em toda, que ia aumentando à proporção que os ociosos e esmerilhadores cangaceiros chegavam.

Mudas, com a expressão da raiva nos olhos, prosseguiram.

Um surdo e cheio sopapo marcou, como um braço de arte porca, o rosto esbravejado e moço da Josephá. E Amelia, radiante, com um garbo vencedor, cheia dessa victoria, retrocedeu, como dando treguas á companheira insultada. E ambas, dois passos separadas, na posição lancinante da dor da affronta, esperavam.

A turba começou a clamar e a chacota cruzou em cordas paralelas o círculo que as envolvia.

— Eh! Não pode! Não aguenta!

Tá conhecendo, Josephá! Tu pensa que é bom ir buscar *home* alheio! Quem não pode, não se mette, já meu avô dizia.

— Ahí, Ameliasinha damnada, dá-lhe uma tunada de mestre, esborracha essa negra atrevida, p'ra que conheça se é bom «bulir em casa de moribundos»...

— Isso é mesmo uma negra atrevida. Já citurdia ella andou mettida com o *home* da Otilia e foi aquela graxa: tapona e pescocão que a negra se viu zonza. E se não fosse o Caroba da Joanna pé de pau que desapartasse as duas e ella hoje, muita vez, estava lá no Gavião do Zé Furtado! Que isso de beliscá *home* dos outros não é brincadeira. E coisinha a que eu tenho muito arrepiamento.

— Sae-te d'ahi, «pé de jaca», tu também é outra que não tem mais vergonha e até Holophote já te lambuzou a fuça!

Lembra-te de que a Antoninha Peixeira, lá no Sant Iago, quasi te esfolou toda com o ferro de goma e que tu pediu socorro ás vizinhas que te acudiram! Ah! disso tu não te alembra mais?

As chufas e os ditos continuaram e passado um instante as contendoras, armadas novamente de uma coragem apanhada nos aplausos da roda, engalfinharam-se, tombaram os seus corpos no chão numa queda rouca e formando um só corpo.

Ahi com mais furor se assanharam os animos e cada qual mais enraivecida, ofegando como um



AS CARNAUBEIRAS NO CEARÁ

oiro em corrida, procurava subjugar a outra.

E de ambos os lados o esforço crescia, a raiva subia e os filetes de sangue escorriam com mais intensidade. A roda continuava:

—Eh! Viva Amelia! Ahí, cabra forçuda, dá-lhe uma marcha, p'ra ella não ter mais o desaforo de desencabeçar o *home* da outra.

—Esbofeteia essa negra, que tu me *vinga*, Amelia. Esbofeteia essa cara impostora, que vive cubiçando os *macho*...

Ah! tu pensava que não me pagavas o que fizeste? Agora toma p'ra teu tabaco, negra, e aguenta o balanço...

Finalmente a Josephina, no ardor da sua destemdez cruel e brutal, num largo hausto de alegria, subjugou a outra; e, sentando-se-lhe no baixo ventre, que furiosamente apupava com impropérios immorais, arregaçou-lhe as saias e, num assomo de raiva, louca na vingança e naquelle exforço extremo de quem é fraco e sente chegar-lhe a última esperança salvadora, fechando a mão empurrou-lh'a toda até ao antebraço, louca, louca, louca, retirando-a a gotejar um sangue rubro e forte.

E, numa gargalhada sinistra, largou-a, ficando extática na contemplação da sua obra de ódio...

Amelia soltou um gemido profundo e lancinante, de um moribundo nas vascas da agonia. E o povo, então, condómo agora, animava-a, chamaava-a, encorajava-a...

Todos, num afan de misericordia mentida e dum carinho artificial e deshumano, lhe acudiram.

Das suas entranhas o sangue escorria pelos regos dos paralelepípedos, formando num descalçado pedaço uma pasta endurecida pelo sorvo da terra esbraseada.

De todas as bocas, no gozo daquella cena cruenta, fingidamente agora saiam palavras de conso-

lação e doestos bestiais. Uma, por fim, num rasgo de caridade sincera, suspendendo as mangas do casaco vermelho, todo salpicado de ramos pretos, convidou a que carregasse a vítima.

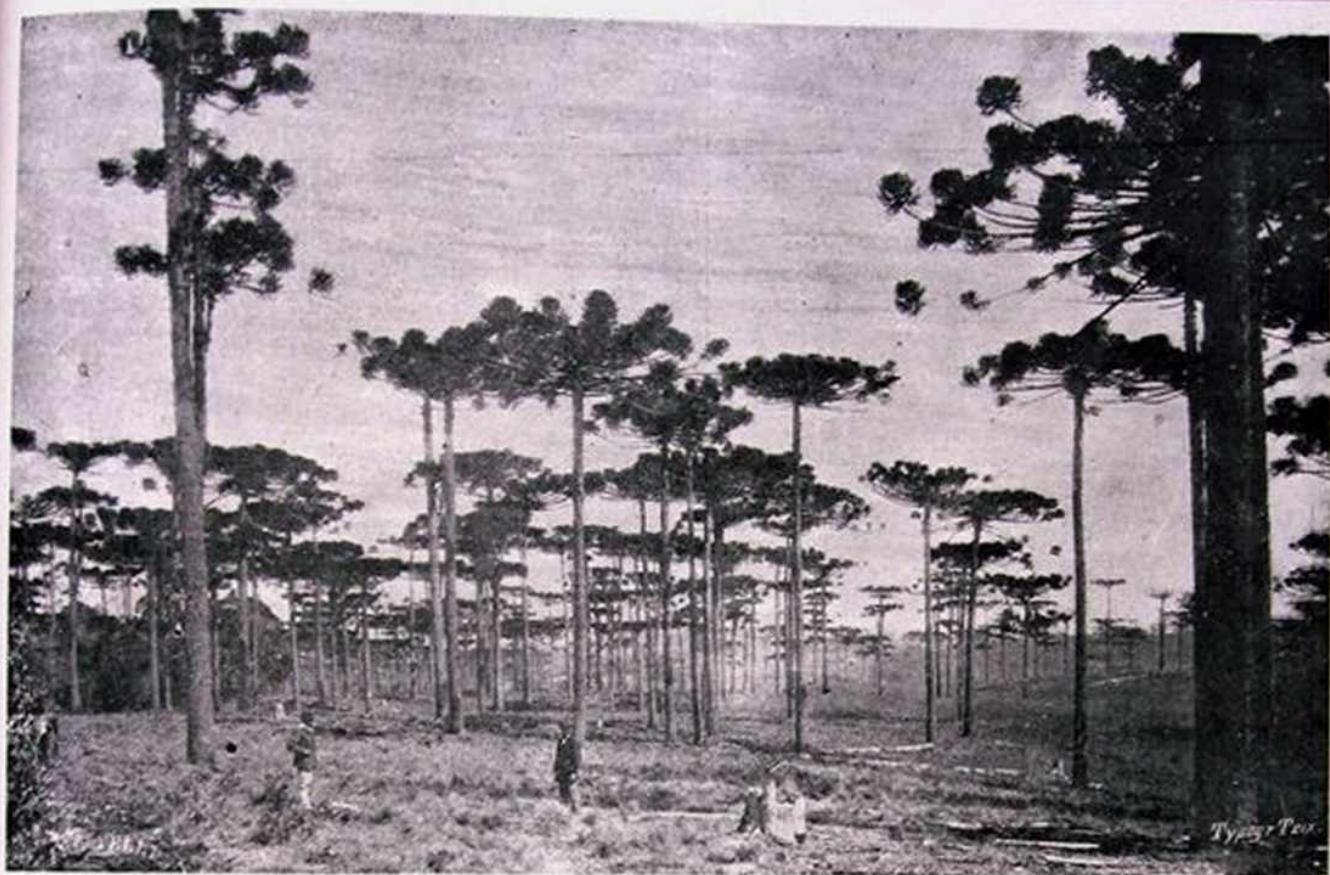
E, numa azafama de animal irracional, que só obedece pelo mando e pelo imperio, a *corja* movimentou-se toda. Protestos de amisade partiram e queixas e condolências se espalharam pelo abafado círculo tristonho.

Numa rede terrosa, segura nas duas extremidades pelas cravelas collocadas nos furos de uma taboca de classicismo fidalgo, foi collocada a Amelia, que, exangue, ali estava, molle, inconsciente, enquanto a vitoriosa Josephina, na mesma posição, olhos fixos, rosto impassível, hirta, continuava. Uns mantinham-se em religioso silêncio esmerilhando o caso e outros riam desabaladamente.

Disposta na rede, pelos retezados músculos ferreos das mais compadecidas, foi-se a Amelia, carregados os extremos da taboca por dous latagões amulhatados que de boa vontade se ofereceram.

Da ingreme e lixosa Travessa do Theatro, finalmente um policial, na sua roupeta azul, com frisos encarnados, com a sua macilenta cara e amarelos botões embaciados, atroou matraqueando as patas ferradas dum cavalo queimado, galopeador e sendeiro. E os arreios novos, lucentes, rangiam sob o peso do rotundo e bilioso mantedor da ordem. Logo o povoleu abriu alas, respeitoso e submisso. E o bellico apparato despertou do sonho profundo da vingança a vencedora, que, soberana e excelsa, esperou pela prisão.

O soldado, depois de ditos ignorantes e torvos, chegou-se à heroína sanguinaria, laçou-a pela cintura com uma brava intrepidez de cobarde, punhou soffregamente a corda e, depois de um brusco



AS ARAUCARIAS NO PARANÁ

e malcreado *vamos*, esporeou o animal, que saiu espinoteando num relincho de dor !

Dez passos avançados e a mulher cançara daquelle trote macabro e mortal e, num estertor angustiado, deitou-se, suplice, rebolando-se toda.

Ao alto, como um escarneo áquelle sol fecundo e quente, rebrilhou a argentea espada policial e um surdo bater de ferro em carne humano soou !

A heroína, rebaixada, com aquelle mesmo vigor que a havia elevado tanto na disputa da vida, cravou os mudos e coruscantes olhos negros no seu algoz e d'um salto, maravilhosa e sinistra, desfechou-lho uma sorda e raiosa bofetada.

Como uma rosa, que florisse um pantano insensivel, a turba ignara, indignada agora, clamou em imprecações desabridas :

—Pernambucano ! Não pode, não pode dar na criminosa ! ...

—Tratante, faquista, esbirro, assassino !

—Dou em todos e é já, canalha desenfreada ! E, desnudando de novo o ferro luminoso, com fúria, largando a corda da infeliz criminosa, espadeirou o povo, que se dispersou mágicamente, correndo e gritando em altos protestos de impotencia e de subordinação...

Em seguida, virando-se para a pobre desgraçada e apanhando a corda do suplício do barbáro costume implantado, puxou outra vez do chanfallo, que dardojou ferozmente nas ancas bamboleantes da subjugada, que se foi na doce resignação de um choró fundo e soluçado, ora arrastada e ma-

lhada pelo instrumento inquisitorial, ora tristonha e humilhada...

Depois os desocupados energicos volveram à ociosidade e a praça voltou à placidez habitual daquelas horas de calor sombrio e estupendo, enquanto o sol caminhava...

Francisco Serra.

As Cartas Chilenas

(CONCLUSÃO)

Estudamos as *Cartas Chilenas* e estamos convictos de procedermos com todo o rigor exigido nas investigações. Partimos da obra para o autor de acordo com o grande princípio crítico de que a obra revella o autor e o autor explica a obra. Está claro que se não tem até hoje dado muita importância às *Cartas Chilenas* e muito menos a seu verdadeiro autor. Aceitando-se a obra não se fez muito cabedal da origem, nem do momento de sua execução. Como conclusão deste estudo vemos que nenhum dos poetas até agora inculcados pode ser o autor de taes *Cartas*. Partindo-se de alguns delles seria possível chegar a uma conclusão erronea como sucede a toda observação precedida por uma ideia ou teoria que se deseja demonstrar. Partindo do desconhecido não há possibilidade desse transvio effectuar-se. Foi interpretando todas as ideias de Crítilo que chegamos a determinação de sua personalidade. Retrocedemos agora



RIO DE JANEIRO—IGREJA DE S. FRANCISCO DE PAULA

ao modo de ver de até agora. Por serem os poetas contemporâneos da Conjuração mineira e seus representantes: Thomaz Antonio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Claudio Manoel da Costa, a esses foram atribuídas as *Cartas Chilenas*, já pelas classes populares, já pelos governadores, já pelos críticos e literatos que d'ellas se ocuparam. Houve mesmo quem as atribuisse, em falta de melhor explicação e para conciliar todos os críticos, a todos tres em colaboração. E das opiniões a mais erronea, mais falsa. Não tem a seu favor um argumento, uma ideia, uma suspeita. E mais um fruto do ecletismo, esse modo novo de uma nova escola sophistica que sabe conciliar em todas as qualidades o sim e o não.

Em todas as *Cartas Chilenas* não ha divergência de ideias, nem de estylo; ha o mesmo rhythmo, os mesmos defeitos, as mesmas comparações, o mesmo sistema de argumentação, os mesmos preconceitos, é o mesmo Critillo de principio a fim. Vejamos como não podem ser as *Cartas* de qualquer dos poetas apontados como autores. São elles Gonzaga, Peixoto e Claudio.

Gonzaga não pôde ser o autor das *Cartas*: 1.º Porque todas as devassas, todos os depoimentos, o estudo de um carácter feito sobre suas poesias, tudo mostra em Gonzaga um homem que se sub-

mette embora desgostoso, um conspirador por pensamento mas nunca de facto, um reaccionário passivo, mas nunca um propagandista de revolta, e Critillo incita à revolta, ataca os que toleram o governador, revella um carácter energico em ação. 2.º Porque em 1788 tinha 41 annos e si com tal idade não era um velho, estava muito longe de ser um moço como tudo prova que era Critillo e elle proprio o diz. 3.º Porque Gonzaga se confessa já avelhantado:

Já me vae, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa:
Este mesmo que alveja vai cahindo
E pouco já me resta...

As faces vão perdendo as vivas cores,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza de meus olhos,
Tudo se vai mudando.

Julgando-se elle avelhantado e amando não pôde ser Critillo que rediculiza um velho que se quer fazer amar, e ridiculiza acremente. 4.º Porque Gonzaga se ia casar com Maria Dorothea de Seixas Brandão e nas vesperas do casamento não faria a uma—Nize—os versos que se leem nas *Cartas Chilenas*. 5.º Porque Gonzaga que não tinha as irreflexões de um moço inexperiente, estando na posição de ouvidor de Villa-Rica, tendo sido nomeado ouvidor para a Bahia e estando para constituir família, seu mais ardente desejo, não se arriscaria a inutilizar tudo isso por um meio que não estava em sua natureza. 6.º Porque no poema se falla em Dirceo. Dirse-ha que podia ser um meio de encobrir-se.

Não ha tal. Para encobrir-se caso fosse elle, Gonzaga não fallaria em umas questões de Dirceo com Lauro por causa de sua amasia. Si a causa da questão fosse sua noiva, nem elle traria o caso a publico, nem chamaria amasia á sua noiva. Si fosse outra mulher elle não seria o primeiro a se desmerecer ante o publico, por quem era muito considerado, nem ante sua noiva e parentes. Muitas e muitas outras razões impossibilitam essa hypothese. Reenviamos o leitor ao estudo biographio que fizemos de Critillo. O facto de Saturnino da Veiga, o dono de uma copia das *Cartas* asseverar que ellas são de Gonzaga, nada prova. Saturnino da Veiga esteve em Villa-Rica de 1788-1789; tinha então 19 annos. Podia então colligir as *Cartas* que tornassem publicas, podia attribuir-as a Gonzaga como algumas pessoas o faziam, como outras faziam a Claudio. Só o que não podia era saber o nome do autor.

Alvarenga Peixoto foi por muitos apontados, e embora os que o fizessem não dessem as suas razões, ha factos que poderiam induzir a essa conclusão, quando superficialmente considerados. O carácter de Alvarenga Peixoto explicaria a violencia do ataque, elle era de uma natureza franca e facilmente impressionável. Era fluminense, fizera o curso de Humanidades, formara-se em direito, note-se di-



RIO DE JANEIRO—FORTALEZA DE SANTA CRUZ

reito canonico; ha um soneto seu a uma Nize, soneto bello que reproduzimos:

ESTELLA E NIZE

Eu vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querela-a;
Mas vi depois a Nize, e é tão bella,
Que me parece igualmente o meu cuidado.

A qual escolheriai, se neste estado
Não posso distinguir Nize d'Estella?
Se Nize vir aqui, morro por ella,
Se Estella agora vir, fico abrazado.

Mas, ah!... que aquella me despreza amante,
Pois sabe que estou prezo em outros braços,
E esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me destes laços
Ou faz de dous semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dous pedaços.

Entretanto o autor das Cartas não pode ser Alvarenga Peixoto: 1.º Porque Alvarenga Peixoto era coronel de milícia e preferia esse cargo ao da magistratura, ao passo que Critillo é de prolissão e corração um homem de leis e tão adverso à milícia que depois de muito falar contra elle diz:

Ora ouve, Dorotheo, o como o chefe
Os castigos reparte aos seus guerreiros,
Não ha, não ha disturbio nesta terra
De que mão militar não seja autora...

Meu caro Dorotheo, o nosso Chefe
É muito compassivo: sim bem pôde
Opprimir os paisanos inocentes
Com pesadas cadeias; pôde ainda
Ver o sangue esguichar das rótulas costas
A força dos zorragues; mas não pôde
Consentir que se dê aos seus soldados,
Por maiores insultos que commettão,
A pena inda mais leve...

Conhece, Dorotheo, o proprio Chefe,
Que vai passando muito a liberdade
Das fardas atrevidas...

2.º Porque Alvarenga Peixoto era rico, bastante rico, ao passo que Critillo não o era. 3.º Porque Peixoto, íntimo de Gonzaga, não se exprimira a respeito delle como se exprimiu Critillo quando falla na questão de Dirceo com Lauro. 4.º Porque em 1788 tinha 44 anos, mais velho ainda que Gonzaga. 5.º Porque era casado, tinha quatro filhos, entre os quaes a princesa do Brazil de lendária beleza, com nove annos de idade, ao passo que Critillo era solteiro; amava uma Nize que nada tinha de comum com a mulher de Peixoto, a poetisa Heliodoro Guilhermina da Silveira. Claudio Manoel da Costa não pôde ser. É verdade que tinha o estudo do bacharelato em letras de então, que era formado em Direito, que habitava Villa-Rica, que exercia a advocacia a princípio e foi mais tarde (1780-

1788) secretario do Estado, que tinha uma amante Nize, e também Marilia—si é que nisso não anda uma especie de reprodução do que se deu no século XVI na Italia, cada poeta, ou prosador mesmo, crear um tipo feminino e apaixonar-se idealmente. Com tudo Claudio não pôde ser Critillo. Já não levando em conta a maviosidade do verso de Claudio, é impossível: 1.º Porque Claudio era íntimo de Gonzaga assim como Peixoto e portanto cabe aqui a mesma ponderação que foi feita a respeito desse. 2.º Claudio não era pobre. 3.º Claudio tinha 59 annos era velho e Critillo não, e com 59 annos, apaixonando ou dizendo-se como tal, Claudio não podia excarcerer de um homem sexagenario que amasse, não o chamaria de caduca Adonis, como faz Critillo. A este ligão-se muitos outros argumentos que evitamos repetir. O que de alguma sorte transviou os criticos foi o nome de Nize nas poesias de Claudio, esse porém nada indica. Ha tantos nomes arcadios de mulher nas poesias de Claudio que é impossível que todos occultem nomes reaes; o próprio Claudio é Claucestre, Alfeo, Alceo, Tido etc. etc. Neste soneto que reproduzimos elle é Tido.

Ha quem confie, Amor, na segurança
De um falsissimo bem com que dourando
O veneno mortal, vais enganando
Os tristes corações numa esperança!

Ha quem ponhainda cego a confiança
Em teu fingido obsequio, que tomado
Lições do desengano, não vâ dando
Pelo mundo certeza da mudança !

Ha quem creia que pode haver firmeza
Em peito feminil, quem advertido
Os cultos não profane da belleza !

Ha inda, e hade haver, eu não duvido,
Em quanto não mudar a Natureza
Em Nize a formosura, o amor em Tido.

Um poeta que não tem sido apontado pelos críticos mas em quem poderiam pensar caso se demonstrasse a sua vinda a Minas depois de formado é Silva Alvarenga. Com efeito, ha versos de Alvarenga, principalmente no «Deserto das Letras» e nas «Artes», que podem se confrontar com alguns das *Cartas Chilenas*. Alvarenga era pobre, mestre em artes (bacharel) formado em direito, tinha 37 anos, era natural de Minas. Não ha porem a mínima dúvida sobre a impossibilidade de ser elle o Crittolo: 1.º Porque Alvarenga não residiu em Minas durante a administração do governador Cunha Menezes, nem depois. Esteve no Rio de Janeiro e só ahi. 2.º Alvarenga até essa data não tinha razão de queixa contra os governadores, era estimado e considerado pelo vice-rei que até o auxiliou na formação de uma sociedade literaria. 3.º Alvarenga homem de cor não seria capaz de escrever os versos que se lêem nas *Cartas Chilenas* e que constituem um estúpido preconceito ainda não de todo morto entre nós:

Escreve trovas que os mulatos cantem
.....
Ordena-se tambem que nos theatros
Os tres mais bellos dramas se estropiem,
Repetidos por bocas de mulatos.

Ha versos ainda mais concludentes, porem estes bastam. Deste estudo resulta que nenhum dos poetas inconfidentes é autor das *Cartas Chilenas*. Parecerá a alguns uma tal conclusão sem valor e irrisoria, por isso que é negativa. Não é porem pouco saber-se que Crittolo não é nenhum desses poetas. Assentado este facto, as investigações que até hoje tem sido dirigidas para esse lado podem tomar outra direcção que seja mais proveitosa. Sabido que não é qualquer desses poetas escusaram-se os investigadores de penosas explicações torcendo o sentido de versos que não quadram bem às suas hypotheses. É um assumpto curiosíssimo este, como todos os que se prendem mais ou menos à grandiosa concepção revolucionária de 1789. Esse movimento tão pouco do sabor de nossa história retineira porque não se consumou e não ficou vitorioso, esse movimento que se immortalizou pela literatura e que forma um ciclo na nossa literatura, apesar dos valiosos e innumeros estudos que d'elle se tem feito, continua a oferecer incalculaveis riquezas. Si para o poeta é uma fonte perenne de inspirações o conjunto d'aquellas al-

mas sonhadoras, si para o historiador crítico é um acumulado de phenomenos a investigar aquelle conflito desigual de poetas e patriotas contra soldados conquistadores, para quem acompanha o desenvolvimento moroso de nossa cachetica literatura é uma época de esplendor e grandezas que nos faz entrever a que alturas em um futuro longínquo poderão chegar as letras brasileiras que contam um tal passado.

Tito Lívio de Castro.

Pensativo ante o destino

(VICTOR HUGO)

Tudo que pensa e vive e respira e perpassa
E tudo que palpita e morre—pede graça.
Sobre a terra não ha um homem que não tenha
Uma falta; e não ha um só a quem não venha,
—Sobrinho de Japhet—, o rude sofrimento.
Cada qual solta um ai, um acerbo lamento:
A mãe que perde o filho, e o filho na orfandade.
E porque tanta angustia e atroz calamidade?
Porque tanto martyrio ao coração magoado?
Porque este marulhar do abysmo illimitado?
Porque o negror do dogma e a bíblia terrível?
Porque peccamos. Ah! D'ahi a sombra horrivel
E essas religiões constituidas de infernos,
Que abysmos só nos dão e barathros eternos.
Eleusis diz—Terror! Condemnação! diz Roma
Desde a fera cerval á besta que se doma,
Do soldado ao galé, do servo ao imperador,
Tudo é vingança, assombro, odio, calumnia, horror.
E a criação só tem por destino a desgraça.
Na escuridão lhe estende os punhos a ameaça.
Avança—não vê luz. Recua—o inferno é seu.
E Lucifer, si é anjo; homem, é Prometheo.

Fernandes Bello.

Não ha um só paiz em que a Egreja tenha dominado como senhora absoluta que não seja um paiz morto, onde a ignorância, o erro e a credulidade grosseira reduzem o homem à impotencia absoluta do crente fanatizado, incapaz de um só esforço e de uma unica iniciativa, sempre à espera da intervenção opportuna da Providencia.

Emile Zola.

Ha quem ponha ainda cego a confiança
Em teu fúngido obsequio, que tomado
Lições do desengano, não vá dando
Pelo mundo certeza da mudança!

Ha quem creia que pode haver firmeza
Em peito feminil, quem advertido
Os cultos não profane da beleza!

Ha inda, e hade haver, eu não duvido,
Enquanto não mudar a Natureza
Em Nize a formosura, o amor em Tido.

Um poeta que não tem sido apontado pelos críticos mas em quem poderiam pensar caso se demonstrasse a sua vinda a Minas depois de formado é Silva Alvarenga. Com efeito, há versos de Alvarenga, principalmente no «Deserto das Letras» e nas «Artes», que podem se confrontar com alguns das *Cartas Chilenas*. Alvarenga era pobre, mestre em artes (bacharel) formado em direito, tinha 37 anos, era natural de Minas. Não ha porém a mínima dúvida sobre a impossibilidade de ser elle o Críollo: 1.º Porque Alvarenga não residiu em Minas durante a administração do governador Cunha Menezes, nem depois. Esteve no Rio de Janeiro e só aí. 2.º Alvarenga até essa data não tinha razão de queixa contra os governadores, era estimado e considerado pelo vice-rei que até o auxiliou na formação de uma sociedade literária. 3.º Alvarenga homem de cor não seria capaz de escrever os versos que se leem nas *Cartas Chilenas* e que constituem um estupido preconceito ainda não de todo morto entre nós:

Escreve trovas que os mulatos cantem

.....
Ordene-se também que nos theatros
Os tres mais bellos dramas se estropiem,
Repetidos por bocas de mulatos.

Há versos ainda mais concludentes, porém estes bastam. Deste estudo resulta que nenhum dos poetas inconfidentes é autor das *Cartas Chilenas*. Parecerá a alguns uma tal conclusão sem valor e irrisória, por isso que é negativa. Não é porém pouco saber-se que Críollo não é nenhum desses poetas. Assentado este facto, as investigações que até hoje tem sido dirigidas para esse lado podem tomar outra direção que seja mais proveitosa. Sabido que não é qualquer desses poetas, escusaram-se os investigadores de penosas explicações torcendo o sentido de versos que não quadram bem às suas *hypotheses*. É um assumpto curiosíssimo este, como todos os que se prendem mais ou menos à grandiosa concepção revolucionária de 1789. Esse movimento tão pouco do sabor de nossa história recente porque não se consumou e não ficou vitorioso, esse movimento que se immortalizou pela literatura e que forma um ciclo na nossa literatura, apesar dos valiosos e inúmeros estudos que d'ele se tem feito, continua a oferecer incalculáveis riquezas. Si para o poeta é uma fonte perenne de inspirações o conjunto d'aquelas al-

mas sonhadoras, si para o historiador crítico é um acumulado de fenômenos a investigar aquelle conflito desigual de poetas e patriotas contra soldados conquistadores, para quem acompanha o desenvolvimento moroso de nossa cacheira literária é uma época de esplendor e grandezas que nos faz entrever a que alturas em um futuro longínquo poderão chegar as letras brasileiras que coptam um tal passado.

Tito Lívio de Castro.

Pensativo ante o destino

(VICTOR HUGO)

Tudo que pensa e vive e respira e perpassa
E tudo que palpita e morre—pede graça.
Sobre a terra não ha um homem que não tenha
Uma falta; e não ha um só a quem não venha,
—Sobrinho de Japhet—, o rude sofrimento.
Cada qual solta um ai, um acerbo lamento:
A mãe que perde o filho, e o filho na orfandade.
E porque tanta angústia e atroz calamidade?
Porque tanto martyrio ao coração magoado?
Porque este marulhar do abysmo illimitado?
Porque o negror do dogma e a bíblia terrível?
Porque peccamos. Ah! D'ahi a sombra horrível
E essas religiões constituidas de infernos,
Que abysmos só nos dão e barathros eternos.
Eleusis diz—Terror! Condenação! diz Roma
Desde a fera cerval á besta que se doma,
Do soldado ao galé, do servo ao imperador,
Tudo é vingança, assombro, ódio, calunnia, horror.
E a criação só tem por destino a desgraça.
Na escuridão lhe estende os punhos a ameaça.
Avança—não vê luz. Recua—o inferno é seu.
E Lucifer, si é anjo; homem, é Prometheo.

Fernandes Bello.

Não ha um só paiz em que a Egreja tenha dominado como senhora absoluta que não seja um paiz morto, onde a ignorância, o erro e a credulidade grosseira reduzem o homem à impotência absoluta do crente fanatizado, incapaz de um só esforço e de uma única iniciativa, sempre à espera da intervenção oportunista da Providência.

Emile Zola.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE MARÇO DE 1904

NUM. 61



DR. VICTOR GODINHO

O amor á vida

I

Hontem, sem viço, a Mocidade ria
No letifero seio da Indolencia !
Fraco, faminto, o espirito morria,
E a Mocidade, languida, vivia,
Sem força e intelligencia !

Um velho athleta lhe clamou, de perto:
«—Mocidade sem animo e energia,
E' preciso que deixes o deserto
Desta soturna e lugubre atonia.

Como queres ter vida, se ao Trabalho,
Que é mensageiro unico da vida,
Não dás, sequer, o minimo agasalho,
Não concedes a minima guarida !

Se não queres morrer fraca, indolente,
Busca o vigor dos musculos no sport:
E' bom ser forte e ser intelligente,
E assim serás intelligente e forte !»

II
Hoje, bem longe do lethal marasmo,
A Juventude--do heroismo o escol,—
Nos inermes rebenta grande pasmo,
E o espirito, a cantar, co'enthusiasmo,
Fulgura como um sol !

Amanhã—quando a Patria, em reverencia,
Cingir-lhe a fronte de reaes laureis,
Os amantes eternos da Indolencia
Invejarão a força e a intelligencia
Desses soldados fracos e lieis.

Quando á Vellice chegar essa cohorte
Dentro das azas aurorae da Gloria,
E bello vel-a, ainda fieme e forte,
Seu nome olhar, num intimo transporte,
No engaste azul e rutilo da Historia !

VESPASIANO RAMOS.

O Trabalho

Ah ! o Trabalho—a vida, o movimento,
Firme ideal que nobilita os povos,
Faz nascer o vigor do Pensamento,
Florindo sempre pensamentos novos.

Ele, o phanal da humanidade inteira,
Tem entre as raças o mais *franco* ingresso,
Porque é do mundo a seiva, a semementeira
Donde se gera o broto do Progresso.

Fiel a gente ao labutar, á lida,
O Trabalho conduz á perfeição,
Dando saúde ao corpo, dando vida
E amor, e muito amor, ao coração.

Seja o Trabalho o verdadeiro Norte,
Se a Patria necessita do Talento,
Necessita tambem do Braço *forte*,
—A Força avigorando o Pensamento.

S. Luiz—18 de fevereiro—904.

Agostinho Reis.

LENHO NOSTALGICO

Foi feito de pranchas largas cortadas a uma arvore, por um dia de nevoa, no coração da floresta.

O machado cantou sobre o tronco a sua aria desolada de destruição.

Primeiro a casca, depois o amago.
E ruia com estrondo essa arvore gigantesca,
que tinha folhagem, que tinha ninhos.



MINAS GERAES—NOVA TRIBURGO

Passaros bohemios, que moravam ahí, chegaram, á tarde, descuidados, trauteando uma aria em flôr.

E como não encontrassem o ramo nodoso onde o seu cuidado havia feito o *edredon* para o filhinho gracioso e implume, converteram a alegre aria que traziam no bico em uma nenia dolorosa de gritos...

—Quem o tirou? quem o tirou?

E no chão, como um longo signal de lucta, ramos nostálgicos das ventanias de Outubro, pedaços partidos da folhagem, deserta agora, espalhavam-se em abandono, largamente talhados, com o branco sangue da seiva a correr das feridas.

Hoje a arvore, convertida em barco, vai sobre a onda. Levemente emballado, ao afiar da agua azul, com marinheiros de Sevilha dentro, cantando villancetes, o lenho é nostálgico. Lembra-se das aves que abrigara com gosto e dos homens que o amputaram sem pena.

—Quem estaria agora no seu lugar? que rama faria sombra e balancearia ninhos?

Ah! como esta vida é semelhante a todas as vidas.

E não podendo conter a longa saudade que o inflava e morrendo da nostalgia que o melancolia-sava, afogou-se...

R. Alves de Faria.

Dos «Pintorescos».

Mestre Oceano

Nessa terça-feira violacea da Magua como a borrasca fôra temerosa na vespera, Mestre Oceano acordara estremunhado.

Como avistasse de longe a terra, tranquilla e enflorada a seus pés, e a curva branca da praia molhada da salsugem, correu para ella e cuspiu-lhe á face um vomito branco de espuma.

Um rochedo pequenino começara a espiar curioso, a distancia, á flôr das aguas.

Enraiveceu-se e sepultou-o numa onda bravia. Olhou para o horizonte. Um barco perdido, desavorado, errava á tona, como uma casca de noz. Mestre Oceano riu gestosamente pela boca das rochas cobertas de limo.

Investiu para o largo, ás marradas, como dodo, erguendo as vagas brancas de colera e de espuma, como arietes, parando um momento, a olhar o esqueleto do barco, investindo de novo, aos rodões, epileptico, voraz!

Desconjunctado, ferido, o casco afundou.

Gritos selvagens, ais de agonia, desesperos ultimos succederam-se. Depois o silencio tomou tudo e apenas ficou boiando um vulto, agarrado a tábua.

Mestre Oceano foi vér. Era uma mulher. O seu cabello louro emergia da onda, tinha nos dous olhos chorosos a expressão piedosa de um terror infinito.

Olhava a praia distante num ar de supplicio desenganado do resto, querendo alcançá-la.

Estava semi-nua e os seus dous seios virgens tinham a cor opalina das perolas e o bico rosado lembrava o sangue de uma punhalada unica. Mestre Oceano, embevecido, apiedou-se. Foi levando-a, pouco a pouco, vagarosamente, como um amante caricioso, até a praia, onde ella desmaiou como uma náyade e recouu depois, alisando a verde cabelleira esparsa, para olhar-a melhor...

R. Alves de Faria.

Dos «Pintorescos».

Hymno á Integridade Corporal Humana

PELA EDUCAÇÃO OU CULTURA SYSTEMATICA DA NATUREZA PHYSICA, INTELLECTUAL E MORAL, DO HOMEM

Tarapões acrostico-onomasticas sobre o Lemma da Gymnastica,

"Firme, Forte, Franco, Fiel".

(VERSONS EM CONCURSO)

"Mens sana in corpore sano".

Feliz o que, ao nascer, de um par virtuoso e forte, igual destino herdou e o cumpre até à morte.

Rei, na Terra, não ha, que o vença em realeza; Mesmo plebéo, de casta,—é Rei, por Natureza.

Esse, tendo alma nobre e tendo pulso firme, Fará tudo o que sente e pensa e quer ou afirme.

Ostenta impavidez, que o torna, altivo e austero, Rival dos Immortaes—um semi-deus de Homero.

Tem tudo quanto aspira; e, vencedor da sorte, E o Heróe verdadeiro, inquebrantavel, forte.

Força não ha que o dome ou pena que o esmoreça, Reside, no seu corpo immune, alma indefesa.

Amor que indul-o a bem servir o objecto amado, Não cessa de o alentar nem trâ-o assoberbado.

Como Cid ou Bayardo, o Boer ou antigo Franco, O verdadeiro Athleta é generoso, é franco.

Faz-se mister, porém, que o tenha, para tanto, Intensa educação!—Schöereber feito um Santo,

E feito Augusto Comte um'alma á Miriel: Lemma vivo, Esse é firme, é forte, é franco, é fiel.

Rio, 4-12-1903.

GENERINO DOS SANTOS.

O Conflicto Russo-Japonez

As mal conhecidas e sombreadas dobras da tunica da virgem Europa, como a imaginação poetica dos geographos da Renascença denominava a Russia, ondulam neste momento sopradas de rijo belo halito quente das metralhadoras japonezas, enquanto que o coração da virgem—a França, a bella namorada do imperio moscovita, pulsa tachycardico numa espectativa de receio ou de contentamento talvez.

Ha dias effectivamente o governo do Mikado,

ainda com o saibo de sangue na bocca e a mente pejada de recordações das suas recentes victorias, fez annunciar ao mundo inteiro, pela voz dos seus canhões, que o Japão decidio impedir que a Russia prolongasse mais ao longe os seus tentaculos.

De ha muito é sabido que o Japão forte, culto e bem armado conquistara sua autonomia e, não contente com isso, resolvera despertar a China da profunda lethargia em que jazia.

E vendo que a sua conducta, correndo ao occidente onde assimilou com rapidez todos os elementos necessarios para ser apontado como potencia de primeira ordem, não servira de exemplo ao imperio do Meio, flagellou-o desapiedadamente. Baldados esforços. Continuou a China em sonniação hypnotica sem comprehender o alto penamento do Mikado que a queria forte e culta tan bem para firmarem ambos, e uma vez por todas a hegemonia da raça acafoada no extremo oriente.

Como não seria bello e agradavel aos glabros japonezes ver a China estremecer no centro da Asia e, desentorpecida, extender seus membros, activados por novas funcções, além dos rachiticos picos do Altai e, si a sorte assim quizesse, não seria possivel mergulhar um dedo chinez no esguio mar Vermelho, enquanto que a outra mão podesse acariciar as ilhas Alencianas, no extremo nordeste?

Mas a friorenta Russia, por sua vez, ia avançando desejoosa de saber, porventura, si além das nascentes do seu rio Lena não estaria a explicação do preguiçoso deslizar das suas aguas, como aconteceu na Africa, onde a descoberta dos lagos centraes ajudara a comprehender o segredo das milagrosas e periodicas cheias do Nilo, o velho pae das aguas do continente negro. Mas a gente do Czar, avida de possuir todas as origens do rio Amur, ia descendo para o Sul e preparando novas trilhas para as ramificações da grande arteria transiberiana.

Deste choque de interesses resultou o encontro dos navios de guerra das duas nações, os quaes, a medida que quebravam a placidez das ondas do Mediterraneo Sinico, borrafavam com o sangue das suas equipagens as paragens do Norte do mar Amarelo.

E até hontem o placido canal de Suez que o escaravelho de Lesseps, amputando a Africa do tronco asiatico, abriu para, encurtado o caminho, tornar mais facil a comunicação dos povos de todos os pontos da Terra, assiste hoje a passagem das fortalezas fluctuantes da Russia, que sanhudas e cheias de ira vão se aggregar á esquadra de Vladivostock, onde uma latitude de 43° N. e sem a influencia do Kuro-siwo os gelos paralysadores retardaram a desafronta.

Quaes serão as consequencias desta novajusta?

Os japonezes flexiveis intelligentes e disciplinados, bons marinheiros, como quasi todos os insulares, para quem o oceano é campo de batalha e perenne fonte de recursos, teem em seu favor o mal disfarçado apoio albionesco, já desvelado pelas inicias dos gorros da maruja ingleza, embarcada em novos cruzadores japonezes, no porto de Genova.

As terras japonezas, extendidas em simi-círculo



RIO DE JANEIRO—BARRA DE PIRAHY

no meio dos mares, como uma esquadra em linha de combate, teem em seus filhos excellentes soldados de marinha. Os filhos do Japão conhecem todos os sentimentos e virtudes do oceano que os cerca; já viram sua colera quando, em seguida ao terremoto de Simoda, os seus vagalhões foram em arremetidas constantes abalar as costas da Califórnia; conhecem sua mansidão quando muitas vezes plangente e amoroso elle vem beijar as plantas das suas ilhas.

Do mar e das montanhas tiraram os japonezes grande parte da sua força e do seu poder e pelo mar, pensam alguns, hão de firmar, como ilhas britânicas da Ásia, seu predominio decisivo.

Os Cossacos, com quem talvez nos primeiros encontros em terra firme tenham os japonezes de justas suas primeiras contas, barbudos e athleticos tangidos da região do Don para o oriente do império, onde se fortaleceram vencendo ás brutalidades da natureza, habituadas as baixas temperaturas homicidas que, quando não matam, fazem perder o medo da morte, são soldados que nunca recuaram.

Pela estrada transiberiana pode a Russia despejar em catadupas educados soldados de todas as armas na extremidade oriental do percurso desta via ferrea colossal.

Elementos de guerra de especies diversas podem ser vehiculados por innumerias locomotivas que de S. Petrusburgo à Mandchuria, voam com tal celeridade a não deixar o homem sentir as aguadas do frio por entre as planícies siberianas atraçadas, sem que talvez o mercurio tenha tempo de obedecer nos capillares thermometricos ás injuncções da temperatura. A Russia de hoje não será ainda a valente e poderosa nação que se fez admirar em Sebastopol, diante dos exercitos colligados?

Não ha na Russia, por toda parte, ribeiras como

a Berezina, promptas para tragare, aos montões, os estrangeiros ousados e invasores, como se viu acontecer aos companheiros de Bonaparte?

Existirá um soldado russo que não saiba mostrar, nas emergencias de guerra, que o exercito improvisado que venceu em Pultawa a gente exercitada de Carlos XII será o mesmo, enquanto perdurar na sua memoria a lembrança do passado?

Quem sahirá vencedor?

Divergem as opiniões e cada um responde dominado pelas suas sympathias.

O Japão forte, novo e vigoroso, afirmam uns, com as poderosas unidades da sua marinha de guerra, fortificado em todos os pontos do rendilhado litoral das suas ilhas, dispondo de um exercito modelado pelos melhores, tendo em cada chanfradura das suas costas inexpugnaveis fortalezas e por traz das trincheiras dos seus rápidos cruzadores os heróis dos combates navaes da pendencia Chino-Japoneza, vencerá, não ha que duvidar.

A Russia, dizem outros, a immensa patria de Fedro o Grande, leal e soberana, que scube formular um convite de desarmamento geral em Haya, saberá também mostrar pelo extermínio completo do irrequieto vizinho, que não foram o medo e a fraqueza que a fizeram falar em primeiro lugar em um congresso de paz.

Ah! como seria bello e desejável, falam os apaixonados da França, a união dos slavos com os franceses, como seria melhor o mundo si a Russia, depois de haver submetido ao seu domínio os amarelos do oriente, viesse se approximando lenta e gradualmente da França, de modo a se ver em breve tempo, tremular sem interrupção de Finistere á ilha de Nippon os pavilhões tricolor e moscovita.

Quanta insensatez, quanta cobiça desmedida,

SUPPLEMENTO AO N. 61

1 DE MARÇO DE 1904



Rio de Janeiro—Rua do Jardim Botanico

A REVISTA DO NORTE

Maranhão—BRAZIL



RIO DE JANEIRO—ENTRE RIOS—(Vista Geral)

medita um reduzido numero, e para que as vidas e as energias que se estão consumindo no oriente não são empregadas em proveito da humanidade?

Em vez de tumultuar as aguas dos mares asiaticos com as proas giganteas dos seus couraçados, em vez de retalhar em todos os sentidos as superficies das aguas salgadas, com as quilhas cortantes das suas velozes torpedeiras, não seria melhor que os contendores estacassem e destes mares, que elles querem transformar em campo da morte, procurassem tirar os elementos da vida prodigiosa que elles conteem nas suas algas, nos seus calcareos e nos seus molluscos, nos accidentes do seu leito e nas suas ondas? Por que não ensinar aos homens validos que se gladiam nos confins do velho mundo, que nos *fucus e varechs* destes mares, que lhes vão servir de tumulo, ha o iodo, ha os chloruretos e outros principios salutares que enrijam os organismos depauperados.

Dizei em tempo, inimigos da paz, a estes homens que se espalham sobre os mares que estes não precisam da seiva d' seu sangue, que elles são um reservatorio sem igual de forças e de vidas e que d'elles sahem as nuvens, as fecundantes chuvias que vagueiam e que por fim cahem por sobre os continentes para vivificar a terra em todos os seus recessos, para fazer resumir de todos os flancos do solo a luxuriante vegetação que deleita e avigora a humanidade.

S. Luiz, 27—2—904.

Sylvio Villaça.

Colonial

I

Mathias d'Azevedo clamava:

— Nada de jesuitas! Fora os homens de saia! Temos ou não temos necessidade de braços? Para

fazer render o erario portuguez é que trabalhamos, fazendo que os selvagens trabalhem... Reho nelles, nos bugres e nos padres, na malandragem e na corja!

E voltando-se, interrogador, para o grupo:

— E' ou não é?

— V.º S.º tem razão, disse o velho Gayoso, bugre não é gente.

— E tenho! E toda a razão! Num gesto de fúria, Matheus d'Azevedo bufava, espumando.

Em roda o grupo, attento, aparteava-o, aplaudindo, a cada insulto vociferado contra os jesuitas. Os «é isso mesmo» choviam; lascavam e esquartejavam os sacerdotes da Companhia com os «máraio te parta».

A mulher do Mathias, ás vezes, chegando á porta, lembrava, penalizada:

— Homem, quem nos fez casar foi o padre Anunciação! Estás a te esquecer desse grande beneficio que lhe devemos. Nossas almas ardião nas caldeiras do inferno, em vida, como elle nos dizia. Quem nos salvou foi elle, foi um padre. Amarra a lingua, meu rico filho! Nossa Senhora está a te ouvir falar dos bons dos padresinhos!...

— Sae-te, mulher! T'arrenego, mulherzinha tagarella. Antes vae cuidar da tua obrigação e limpar a venta áquelle petizes que se estão a esporjar na lama, ali no quintal, que vir-me aqui pregar sermões sem encommenda.

Então a gorda Maria, vendo que perdia o seu tempo, desapparecia, levida, no interior da habitação, pedindo no íntimo, à Santa Virgem a salvação daquella pobre alma desencaminhada.

A reunião silenciava: estavam em postas a padeccida canalha e os seus amigos.

A noite avançava. A lua vinha subindo, como

uma bola incandescente, o espaço sem uma nuvem, derramando nos rudes corações dos colonos ignorantes a saudade da sua terra distante, que era o seu lar, que era o seu rei, onde deixaram algures os paes que os exilaram, em busca de oiro, nessa terra tão rica, quasi virgem, tão verde de arvores, tão doirada de fructos, tão alada de passaros, em que a onça deixa o seu rosto temido e a cascavel acorda com o seu chocalho ruidoso, em cujo céo as setas indigenas se cruzam, tamanhas, minimas, segundo o braço que o arco maneja.

Em breve, porém, a poesia da natureza brasileira deixou de repicar no seu intimo as lembranças ingenuas da sua vida e a Ambição, o morbus de sempre, eterno, tomou-lhe o pensamento, inteiro.

Ganhar o mais que fôsse possivel !

E os lucros fabulosos se lhes antolhavam: os pés de meia cheios, as cuias, os potes, os bahús, saccos e saccos, em rumo, em monte, enfim, toda a casa cheia de oiro, do muito oiro que dá horas e glórias, saber e consideração, e, nisto pensando, os seus olhos abriam-se a mais que o natural, scintillando como brilhantes negros, de cubica.

Oiro, muito oiro, muitissimo oiro !

A lua subia, subia; chegou ao alto do espaço, no meio do céo, mostrando-se aos colonos como uma grande moeda de oiro puro, que brilhava, a calentando a sua imaginação cubica.

E o grupo quieto, vendo-a sobre as suas cabeças, onde riquezas estranhas turbilhonavam, enxergava-a—assim—um bom agoiro aos seus desejos ambiciosos.

Porlim este, aquelle, aquelle mais, bocejavam com sono; o proprio Mathias resonava.

Um por um, todos retiravam-se, afinal.

Maria, não ouvindo mais o vozear das imprecções dos colonos, chegou-se, timida, á porta, de onde avistou o marido deitado sobre duas cadeiras, a mão direita de travesseiro sob a rude cabeça, onde, quiçá, fervilhavam, tilintavam, saltando das mãos da Fortuna, moedas de cobre, de prata, de oiro, como um fio interminavel...

As cadeiras, dispostas em meio circulo, dormiam, quietas, ao vento que as esfriava, com as pernas enterradas na terra frouxa, esguias, levemente curvadas as de detraz até ao espaldar, desenhando no solo, á perpendicular da luz sobre a palhinha dos assentos, um crivo circular que, pouco a pouco, insensivelmente, mudava de poiso, crescendo, crescendo.

Maria approximou-se, tocou, de leve, o rosto do homem adormecido. Mathias nem se moveu: o sonno dos que moirejam das seis ás seis é uma como catalepsia.

—Mathias ! clamou a mulher. Mathias ! bradou, ainda, com mais força, e puxou o braço que elevava a cabeça do marido. A cabeça cahio pesadamente, sobre a cadeira e, num estremecimento, praguejando, espreguiçando-se, Mathias d'Azevedo retornou á vida real. Levantou-se, tomou em rumo a mobilia e penetrou na casa.

Silenciou tudo, tudo dormir parecia; somente o luar brasileiro velava, formoso, fazendo scintillarem chispas prateadas nas esmeraldas das folhas das arvores, centelhando a areia do chão, empres-

tando-lhe as fulgurações das pedras de preço.

II

A lei de 1652, que proclamava a liberdade dos indigenas que viviam sob dura escravidão, dominados pelos colonos, agricultores na maior parte, e que muito mal lhes faziam, ao chegar ao conhecimento do povo de S. Luiz do Maranhão, excitou os animos dos senhores, que nisso viam abuso inqualificável da parte do monarca portuguez, e olhavam a humana lei como estupida, «porque os indigenas não eram gente e sim animaes de carga, que só poderiam deixar de escoicear a troco de espora e de chicote».

Rebellaram-se e reunidos na praça do Mercado, deram o grito de revolta. O Governador Balthazar Pereira, temendo maiores danos, que os praticados já muitos eram, fez suspender a execução da regia lei, cortando o mal pela raiz, e serenando, por isso, os animos. A infamia da escravatura vermeila persistiu, porque assim o queriam os habitantes do Maranhão, que, então, se tinham abalancado a grandes emprehendimentos commerciales, cujo resultado parecia não corresponderia á sua primeira expectativa.

O castigo dos escravos extremava-se pelo açoite barbáro e pela morte, á mais pequena falta, mesmo a qualquer noticia, viesse desta ou daquella fonte, verdadeira ou inverídica, que se soubesse da sua negligencia, de que um se houvesse furtado á labuta costumeira, sob pretexto de molestia.

III

A casa de Mathias quedava-se no calmo misterio da noite. Nas cercanias nem viva alma se mostrava.

Subito um indígena pulou da coberta do casarão do Mathias para o solo, lesto, sem um suspiro e deslisou, collando-se ás paredes, ao longo da rua accidentada e tortuosa, sumindo-se além.

Em breve, um vulto manchou, distante, a cal das casas, esgueirando-so, cauteloso, aproximando-se. Era o indígena. Trazia o selvagem enorme braçada de ramos secos, que depôz, espalhando-os, sobre as soleiras das portas e no peitoril das janellas da casa de Mathias d'Azevedo, num grande rastilho que se comunicava. Desapareceu de novo, trazendo, apôz, nova braçada de ramos, que estendeu sobre os outros. Abaixou-se. Fez fogo e tocou-o no malto, que estalou; uma pequena chama vacillou, distendeu-se, cresceu, subiu, cresceu mais, subiu mais e crepitou, então, num apice, em forte incendio.

Ouviu-se um grande alarido. O povo do Mathias acordara.

Vingança de escravo !

O povo da cidade despertou.

—Incendio, incendio ! clamou-se.

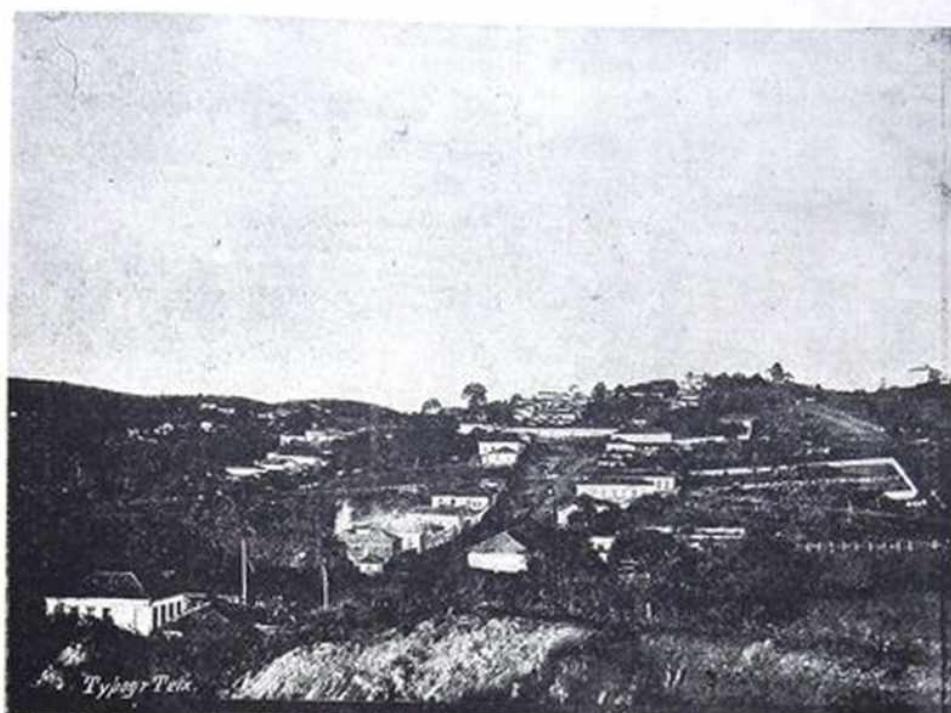
A populaçā endoidecia, hesitante.

—Lá está a cidade a arder; que desgraça, Santissima Virgem !

Encontravam-se, atropelavam-se, curiosos interpelavam-se:

—Onde é o fogo ?

—Está a queimar-se a casa do Mathias, disse-me a Joanninha do Manoel ?



MINAS GERAES—BARBACENOS

— Que Mathias ?

— Mathias d'Azevedo, o ricaço da freguezia de S. Antonio.

— Ah ! o Mathias ? Coitado ! Que lhe será da mulher e dos petizes ?

— Parece que se apaga o fogo.

— Todo o povo está a apagar-o... Ah ! meu rico, o dinheiro é mola real. Quem tem dinheiro, quando morre, nem cheira mal, como os outros defuntos.

— Não ha-de cheirar ? A terra é que sabe— come pobre e come rico, come até os indios selvagens.

— O' Joaquim, ouvi rosnar por ahí que está na terra o padre Antonio Vieira... E' certo ?

— E' Por signal vae elle pregar, amanhã, um sermão na egreja de S. Antonio.

— Vou ouvir-o. Dizem de Lisboa que o padreco dá o seu recado.

— Vae falar sobre a liberdade dos bugres.

— Ora, Santa Maria, que toleima ! Esses brutos a entenderem que bugre é gente como nós... Pois se até lhes fazemos beneficio, ensinando-os a trabalhar ! Os homens de saia estão mesmo contra as leis de Christo, que mandam ensinar os ignorantes.

IV

Estava apinhada de povo a igreja; fervilhava-n, englobados, crentes e curiosos.

Anciosos, os colonos esperavam a hora em que o missionário da Liberdade pregasse a Liberdade, nivellasse o fraco com o forte, o ignorante com o instruído, o selvagem com o civilizado.

A figura do padre Vieira assomou no pulpito. Tudo ficou em silêncio; somente, em pequenos estalidos, crepitavam as velas de cera nos altares.

res, lacrimejando um pranto morno; diminuia os cirios e a sua luz crescia.

O jesuíta falou do índio, falou do colono, falou da terra, dos céos, dos mares, dos rios, das arvores, falou da alma, do inferno, do fogo, do rubro e do branco, do azul e do negro e falou da Liberdade e da Igualdade christã, falou, falou.

Mais pesada tornava-se a mudez do auditório. Mugiu um toiro, perto. Antonio Vieira falou do boi e da charrúa, do lavrador e da enxada.

Os colonos ouviam e pasmavam, pasmavam e pensavam. A alma de cada um era a alma de todos: oscilavam os seus pensamentos como caravelas sobre mares furiosos. Às vezes, o pensamento é como um relógio, cujos ponteiros marcam uma certa hora e o timpano anuncia uma hora diversa. A luz de um cirio cresceu, num último arranque, e extinguiu-se.

Vieira falou sobre essa outra Luz que se apaga, sobre a Morte.

O terror entrou no peito dos simples, amoldeceu toda a sua rijeza física, cravou-lhes os dentes no coração, chegou às suas almas e dominou-os.

Fóra, a noite sem luar enegrecia. A chuva tombou.

O jesuíta falou da chuva, que encharca a terra e faz inchá o germen, que faz do germen o arbusto tenro, que faz do arbusto a árvore, que enfloresce a árvore, que faz da flor o fruto, o fruto que mata a fome, o fruto que encobre a semente, de onde brotarão novas árvores que serão novas flores, que serão novos frutos.

Disse que é preciso Ser para Produzir. Ser Bom para espalhar o Bem. A mangueira só dará mangas, o espinheiro só produzirá espinhos... O

Padre Antonio Vieira ajoelhou-se, rezou e desceu do pulpito.

Estrepitosamente o povo saiu do templo. Nos mais fracos espíritos perdurava a convicção da palavra do Inspirado, os fortes vacilavam.

As mulheres choravam a sorte postuma dos seus maridos e as crianças riam, inconscientes do valor da Syllaba, da Palavra e da Phrase.

Simultaneamente tomavam os cerebros opiniões de todo diversas; o coração dos deveis magoava-se e o seu pensamento andava atraçada Bondade e da Justiça, ancião, na anciedade de quem procura e desespera de corporificar uma idéia ou um sentimento.

E seguiam todos rumo de casa, silenciosos, ouvindo ainda, dentro dos seus ouvidos, as doces e piedosas phrases de paz e de perdão, ou as duras e severas do juiz que condena, do justo, como por um éco interminável repercutidos no seu íntimo.

Mas o assombro não é eterno, o sol não brilha nas vinte e quatro horas do dia sobre o mesmo hemisferio.

Antes, porém, da derrocada da Verdade, ainda sob o influxo do assombramento, reuniram-se os colonos e resolveram a libertação geral dos indígenas. A portaria, então, eram alforriados os selvagens, que, indiferentes, não tinham consciência da mudança inopinada do seu estado, «consequência da espontaneidade de momento de um malentendido altruístico», como, empôz, o disseram as pessoas mais gradas da coionia, arrependidas...

O missionário da Liberdade, comprehendendo assim, que impossível era a abolição inteira da escravatura vermelha, tratou de amenisal-a.

Soube-se, entanto, em S. Luiz, que os emissários enviados a D. João IV, assim de conseguir a revogação da lei que instituía livres os índios, haviam sido attendidos. E, a coberta da revogação do instituto, os colonos recomeçaram, então sem freios, na faina de apprehender os selvagens, reduzindo-os ao que eram pouco antes, no abuso que ameaçava tornar-se eterno.

Voltou Vieira á Lisboa, onde obteve do rei a nomeação de André Vidal de Negreiros para Governador do Maranhão, com o qual contava para levar a bom fim os seus intuitos altruísticos.

O homem vermelho perdia a qualidade de homem para tornar-se besta de carga.

Trabalhavam, entretanto, os padres da Companhia, inoculando no espírito acanhado dos selvagens a Civilização, falando-lhes de Deus, o seu Tupan, que mudava de nome e se tornava mais brando, mais admirável, e por isso mais divino, mais digno do seu fervor religioso. E elles convertiam-se, aceitavam a nova crença e conjuntamente o mel saboroso da Civilização, que é o progresso do espírito...

V

—V.º R.º viu?

—Ora, se vi!... Com estes que a terra fria lhe de comer, com a graça de Nosso Senhor Jesus Christo. A letra era do padre Antonio e os dizeres haviam o seu estylo. Diziam tão mal desta colonia as suas epistolas, que se eriçavam os nossos ca-

bellos, parecia vermos esta terra, tão piedosa e tão hospitaleira, uma terra de impenitentes furiosos, onde reinasse Satanaz com a sua corte de demônios cornudos e de azas de lama e sangue. Vejo, porém, que nos enganavamos: a terra é boa, os seus habitantes são ordeiros e excellentes cristãos. Havia exagero nas revelações do padre Antonio... O padre Antonio é cego pela fé, disse, apóz, emendando-se.

—Cego, rev.º? Mentirosa, diga antes! Tão bom nos parecia aquelle saia-negra! E uma desgraça apreciarmos qualquer coisa pela apparença.

E, revirando os olhos, Mathias disse, prolongadamente:

—As apparenças enganam muitas vezes!... Tão santinha a cara d'aquele frade!

—Não julgues assim, filho! Foi pela fé de Christo que os seus olhos se enevoaram e elle viu o que não poderia ver com os olhos do indiferente. Antonio Vieira é um santo padre.

—Ora, rev.º, não me venha com essas... O desafôro do jesuíta hypocrita! Quer tirar-nos o pão da boca, padre, quer tirar-nos o pão da boca! E quer V.º R.º que fiquemos de braços cruzados? Livra! Isto para as mulheres e o rapazio e a petizada que lhe beijam as mãos, que lhe beijam a roupa, que ficam tremulos quando elle passa. Para mim não!

—Filho, olha o céo.

E seguiram caminho adiante. Os que passavam por elles ouviam a conversa que denegria o missionário da Liberdade. E isto estendeu-se pela colonia, invadiu lares e corações, preparando e incitando os colonos á revolta. Incendiou-se o rastilho e a bomba foi rebentar no collegio dos jesuítas, que foi assaltado e destruido.

O povo andava assanhado pelas ruas, apunhando os sacerdotes da Companhia de Jesus, fazendo-os sofrer vexações de toda a casta.

Porfim, até as mulheres clamavam contra o jesuitismo e com os seus maridos, com os seus irmãos, com os seus filhos, tomavam parte nos tumultos provocados pelos detractores dos padres. O povo reuniu-se em massa e escolheu juizes, aqui e ali, desordenadamente; prendeu os jesuítas, decretou a sua deportação.

Sujeitaram-se os jesuítas, resignadamente, à tamanha iniquidade, aprontando-se para deixar a cidade. A hora da partida, mulheres em grande numero choravam no logar do embarque e um sem numero de indígenas espojava-se no solo, soluçando. Iam-se os seus bemfeiteiros, iam-se, iam-se. Os homens de alma fraca, de coração sensível e compassivo, não continham o pranto, tamanhas eram a piedade e a resignação que se desenhavam nos olhos dos deportados.

Os fortes mal sustinham o pranto, quando os barcos, que levavam os sacerdotes de Jesus, deslizavam nas inquietas vagas de um verde desmaiado e se agitavam no ar os lençóis dos deportados, brancos, muito alvos, como bandeiras de Paz, de Perdão e de Piedade.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE MARÇO DE 1904

NUM. 62



DUNSHÉE DE ABRANCHES

Santa Theresa

E porque o amasse loucamente, ardenteamente, com toda a pureza e a paixão exaltada do seu impetuoso coração de criança, e todo o carinho e o ciúme da sua alma delicada e extremosa de amante, —encerraram-na um dia, os seus algozes, na escura e estreita cella de um convento, lugubre e sombrio, alcantilado sobre agreste monte, entre penhascos abruptos e figueiras bravas, que o vento sul fustiga sem piedade, enchendo o ar calado da noite de um murmúrio triste de gritos, de gemidos, e de queixas amarguradas das pobres virgens recusas.

Cortaram-lhe os bellos e flavos cabellos, que as rosas da campina cuidadosamente banhavam de aroma; depois, amortalharam a aurora primaveril dessa carne rosada na desolada treva de um hábito negro de freira. E nas suas mãos pequenas e minhas puzeram, religiosamente, piedoso Christo, esculpido em marfim e pregado numa cruz: o corpo, alanceado e roxo, retorcido nos espasmos de uma agonia espantosa; as costellas salientes sobre os músculos fortemente repuxados e a pelle queimada pelo sol e róta pelos espinhos dos caminhos percorridos desde Belém, risonha e florida, até o cimo doloroso do Golgotha; a cabeça cabida sobre o ombro, do lado daquelle coração de ouro; os

olhos mortos, e a barba caprina ensombrando a docura de um rosto feminil e bello...

«Ama o filho querido de Maria, Mãe de Misericordia, vida e esperança nossa!...» disse-lhe austero e venerando frade, que fôra chamado para salvar do erro aquella alma fragil, presa das chamas do odioso Amor!

E ella esqueceria aos poucos essa paixão fúnesta e amaldiçoada.

A solidão e a asperesa da cella, o rigor do convento, os cilicios e os exorcismos, quando não fosse bastante a desesperança de nunca mais tornar a ver o moço seu bem-amado, certo fariam desaparecer do seu espírito atormentado os pensamentos de afecto e carinho com que ella o lembrava sempre, saudosa e solicita.

Dizem que muitas vezes a formosa freira, nas torturadas noites em que mais lhe apertavam no coração as saudades do escolhido, deitada sobre o catre miserável e velho da cella, tomava—presa de um delírio hysterico—entre as mãos nervosas, o alvo Christo crucificado, cravava morbidamente o olhar incendiado e desejo no corpo nua e sagrado do santo judeu, que a luz da lampada decorava de uma luz esbatida e suave, e beijava, anciando de amor, aquella divina bocca que se enflorava para ella num ineffável e amoroso sorriso de goso e de perdão!...

AGOSTINHO VIANNA.

A distancia

Ah! porque hâde a distancia, essa fatal distancia, que outra angustia acrescenta aos meus desejos e áancia

De te possuir um dia, existir vitoriosa,
Existir sem que eu possa abatê-la, existir?
Ah! distancia cruel, negra, triste, horrorosa,
Zombas da minha dor, oíço que estás a rir!

Zombas da minha dor como infame garoto,
Que persegue um mendigo enlouquecido, rôto,
Com gritos de chacota e meneios perversos,
Pelas ruas além, sem o querer deixar...
Eu te castigo, só, na mudez dos meus versos
Porque humano nenhum te pôde derrocar!

Humano engenho audaz, que o navio inventaste,
E sobre o mar ondeante, à ventura, o confiasse,
Orgulhoso de ti, consciê da tua força,

Impando de altivez diante do teu poder,
E que o viste a marchar como ligeira corcea,
Onda acima, onda abaixo, a saltar, a correr;

Tu, que intentas vóar, como os gaviões selvagens,
Para além do teu lar, ir, por outras paragens,
Conquistar, descobrir na ambição impassível
De um velho vencedor, que ainda nada abateu,
E que não julgas outro animal no teu nível,
Nível em que a natureza insular-te entendeu;

Pódes aproximar as distâncias ? Os mundos ?
As terras ? Um paiz doutro paiz ? Os fundos
Rios ? Homens ? As mães dos filhos que se somem
Traz da curva do mar, dentr' do teu vapor ?
Vê a tua invenção como é estupida, ó homem,
Que inventaste a distancia e inda uma nova dor !

FRANCISCO LISBÔA FILHO.

quando em vez a roda de um *coupé* em desfilada salpicava-lhe o rosto de lama. E a triste, sem um gesto de protesto, sem um aceno vago de recriminação, seguia submissa e humilde, oppondo á ferocidade innata dos irracionaes e á perversidade consciente dos homens a barreira passiva da sua resignação inoffensiva e doce.

Apenas, quando sentia mais visinhos os dentes aguçados dos cães e a berraria ensurdecedora dos garotos, uma lagrima furtiva rebrilhava ao canto dos seus dois olhos azuis onde perennemente luzia um grande e dorido clarão de saudade...

Conhecera talvez em tempos o calor bemfazejo da fortuna, sentira-se talvez em outras épocas embalada por afectos acrisolados e caros... Mas tudo isso sossobrara inesperadamente um dia numa dessas catastrophes bruscas da vida que aniquilam as crenças mais firmes e as mais arraigadas esperan-



PERNAMBUCO—ALFANDEGA

Hora da Morte

Como eu me lembro d'ella !

Todas as tardes, morresse o sol na gloria ensanguentada e rubra de um poente de verão, ou descesse velado e triste para um accaso nebuloso de inverno, lá vinha ella, engelhada e tremula nos seus farrapos de miseria, arrimada ao bastão nodoso e tosco, arrastando pelas ruas da cidade a sua velhice desamparada e faminta.

Passara o dia inteiro a esmolhar de porta em porta, estendendo a mão envergonhada á caridade indiferente dos felizes; e agora, sobracaçando a recolhença magra da sua jornada de penuria, seguia caminho da palhoça infecta para onde a jogara impiedosa e rude a inclemencia surda do destino.

Os cães ladravam-lhe ao encalço, a garotagem perversa cobria-a de chocarrices e de apupos; de

cas. E agora, torturada e sosinha, com um mundo de saudades na alma e um diluvio de tristezas no coração, caminhava para o sepulcro, a pedir aos sete palmos de terra que lhe enguliram a carcassa o esquecimento e o descanso.

—Hora da morte ! clamavam os garotos, de uma esquina.

—Hora da morte ! repetiam como um eco impiedoso os que na esquina seguinte se agrupavam.

E eu, da sacada da minha sala, abeberava-me de desalento e de magoa ante aquelle desmentido irresponsável ao pregão mentiroso da caridade dos homens e da justiça de Deus...

Uma tarde deixei de ve-la. Sumira-se já o sol, os lampões ponteavam de luz mortiça e baça a penumbra densa da noite que se avisinhava e a rua permanecia livre d'aquelle confrangedor espetáculo de miseria. Deixei-me ficar à janella até que

a escuridão se completasse, na esperança de ver ainda desfilar o vulto apagado e tremulo da velhinha. Mas tudo debalde; uma enfermidade inesperada, um contratempo qualquer prendera-a de certo nesse dia em casa... Na tarde seguinte, porém de novo a veria, engelhada e tremula, arrimada ao seu bastão nodoso, a arrastar pela minha rua a sua velhice desamparada e faminta.

Mas a expectativa inútil continuou por todas as tardes que aquela se seguiram. Sumia-se o sol, acendiam-se os lampiões de gaz, vinha a noite e os ecos da rua não mais acordavam aos apupos sinistros da garotagem e ao ladear enfesado dos cães.

Impressionei-me com o facto, cheguei mesmo a pensar em pôr-me à cata da velhinha, indagar o paradeiro que levava, saber o motivo por que se ausentara da minha rua. Mas em breve outros espectáculos me atraíram a atenção, preocupações diversas me empolgaram o espírito e eu esqueci a infeliz.

E agora, transcorridos tantos anos, não sei por que obscuro fenômeno de associação de idéias, de novo me acode ao espírito a imagem da velhinha Hora da Morte, ao ler o resumo do sermão de um Padre em que se afirma que o Christo viera ao mundo para encher todas as lágrimas e confortar todos os desamparados...

Alberto Figueira.



(*A Francisco Serra*).

Quero subir contigo ao sul sem fronteira
e bebedo de sol ter orgulho da vida.
olhando com desdém a funebre guarda
onde a miseria esmaga a humanidade inteira.

Quero ter um momento a ilusão passageira
de que homem nunca fui e sim ave aguerrida,
que fita o sol em cheio e a procella sem brida
affronta e o mar transpõe, destemida e guerreira.

Asa leve e gracil que nos espaços erra,
Asa do corvo negro, asa da garça branca,
asa ardente do verso, asa que o sonho encerra,

bemdicta sejas tu, leve e rija alavanca !
Graças à tua força, o corpo foge à terra
e, da terra, ao paulo o espírito se arranca.

6—3—1904.

A. J. ALVES DE FARIA.



POR AMOR

«Vés? Fui como aquela árvore secca!

Para ella o inverno é o refrigerio do amor, a canção violenta da carne, na luxuria pomposa do desabrochamento.

Na sua desolação a festa trepidada dos passaros corta-lhes os membros crestados e, se ainda vivos, vivos somente pelo último carinho recebido na es-

perança alanceadora da volta... No flagelo da sua saudade poisaram-lhe corvos matus, mas a sua resignada espera aviventou-a a combater esses daminhos mensageiros da separação...

Fui como aquela árvore secca, confirmaste. Sem ti não me encantava a carícia do vento, o gaguejo da natureza, o maravilhoso fastigio da luz e a disputa guerreira dos corvos...

Hoje retornas, entanto! Bem vés como refloresce toda aos teus olhos, como o lume dos meus olhos cresce, como cresce o aroma do meu corpo e é mais impetuoso o mel do meu labio. E a música do inverno que chega!»

E eu senti, como minha amada, que chegara o diluvio do amor...

ERNESTO VICTOR.



RIO DE JANEIRO—EGREJA DA CANDELARIA

A UM BLASPHEMO

Do teu labio servil a desvergonha salta,
(Pois que só pelo mal teu ser vaga e rasteja),
Por mais que te enalteça os imbecis e a malta
Dos doutores venas em ti um genio veja.

Blasphemo, restas só da irrisoria peleja
Enraivado e a espumar! Sanioso odio te assalta
Ante a idéa feliz em que o genio lampeja.
A que não chegarás, zóilo, região muito alta!

Mas a gloria te céga, a ambição te reclama.
E bom ser nullo assim dentro de outros vivendo,
E bom ser aguia real entre pavões e lama!

Este consolo basta! E aos poucos vaes descendo,
Furioso, a sanfonina ás pregalhas da fama,
Aos cretinos da scena e aos possessos tangendo!

Francisco SERRA.

O incesto

Ha tres noites que elle velava á cabeceira de Zila. E o mesmo mal que lhe estrangulava o instinto, quando se via em frente de qualquer enferma, rebentava-lhe agora de novo em frente do corpo de sua propria irmã. A sua alma de sacerdote

tando o silencio. Na claraboia do telhado, de minuto em minuto um relâmpago bruxoleava. O vento frio do inverno, lá fóra, baloiçava afotamente o mangueiral copado rebulindo os galhos. Perto, na lagôa, sapos resingavam numa voseria desconcertada, incomoda e confusa.

Na cama, Zila mexia-se de vez em quando, titilando de febre. Languidamente abria as palpebras morbidas de canção, — olhava mollemente o quarto e caia depois num sonno agitado, cheio de arrepios, sem fechar de todo os olhos, respirando forçada e rouquenha, como se abalasse a caixa do peito para sorver o ar.

Elle fitava-a. E, sem despregar os olhos do corpo cadáveroso da tuberculosa, a sua imaginação degenerada debatia-se bebida no estonteamento ardente de um desejo brutal.

Arregalado o seu olhar palpava as formas descarnadas e os labios mesmo de longe estremeciam, para babuja-las ao contacto fogoso de uns beijos tontos. Tinha vontade de revolver aquelle corpo



RIO DE JANEIRO—ARCOS DE SANTA THEREZA

escaldava-se estonteada em barathros medonhos, remoendo-se hybridamente na idealização embrutecida de um desejo insolito.

O quarto largo do casarão sertanejo dormia silencioso na quietude misteriosa das taperas. Baça, amarellenta e triste, em cima da meza do santuário antigo crepitava melancolicamente a luz medrosa da candeia de azeite. De cima da commoda cincinzenha evolava-se um cheiro activo de remedios em frascos, espalhando pelo ambiente abafado, numa aromatização enjoativa de enfermaria de hospital. No tecto, por entre as ripas um grilo zunia, cor-

ossudo, aperta-lo de encontro aos braços, machucá-lo de afagos e de arrochos e trincar-lhe as carnes enfebrecidas.

Caia depois em si. Revolta-se cheio de terror, considerando a aberração do seu instinto. E empalidecia, vendo que ali, no silencio gelido daquelle quarto de moribunda, elle, que velava os ultimos momentos de vida de sua propria irmã, era o primeiro, o unico, a profanar aquella alcova sempre honesta e sempre virgem, anhelando no capricho rebelde dos seus desejos impuros a mesma que em criança bebera com elle o leite de um mesmo seio.

Aquillo doia-lhe por dentro, espesinhava-lhe o sentimento de padre virtuoso, trespassando-o de vergonha e de assombro. Por entre as dobras negras da batina caseira, apertava o crucifixo d'ouro de encontro aos dedos frios, muito contrito e crente de um perdão dos seus peccados.

E resava. Mas o seu espirito doentio desprendia-se do idéal da prece, para voar bem longe, pelas alturas voluptuosas de um mundo quente de lascivias, fraquejando sempre. Afastava, repelia com fúria o pensamento monstruoso que lhe emporcava-lhava a alma, assanhando-lhe o sangue, entorpecendo-lhe a idéa. Em vão, tudo em vão. A sombra tentadora do Peccado lá vinha cheia de encantos e de goso encher-lhe de novo o cerebro de anceios carnaes e torpes, incendiado de bestialidade.

E, sentado junto ao leito, em pensamento procurava pelas dobras dos lençóis nevados as formas emmagrecida do corpo da irmã. Depois tremia cheio de pudor e de medo, horrorizado de si mes-

messe nos seus peitos o ardor da sensualidade. Lembrava-se de que em Charcot e Magnan tivera que desde criança, certo indivíduo se apaixonara por uma touca de dormir de uma velha e todas as vezes era necessário invocar a imagem detestável da sua primeira tentação, para que ao lado da esposa sentisse o verdadeiro amor que o fizera casar. E vinha-lhe a certeza quasi completa de que o seu mal era o efeito da degenerescencia adiantada do seu temperamento libidinoso.

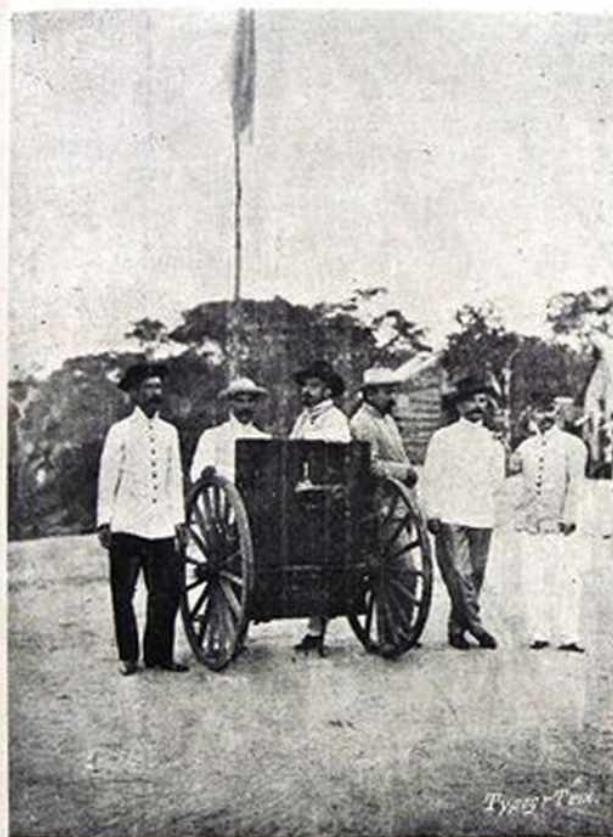
E insensivel recordava-se ligeiramente de como essa enfermidade cruenta viera se anicular nas cogitações do seu cérebro, arrancando delas tudo de bom e de santo que a religião e a sociedade lhe haviam dado. Como um relâmpago, tudo lhe chegava à memória. Era ainda estudante do Seminário. Uma noite, fóra de horas, o reitor viera ao dormitorio acorda-lo, ordenando-lhe que o acompanhasse.

E saíram. A cidade dormia, preguiçosa e muda, o sono pesado de quem moireja ao sol. O luar, rolando de cima embranquecia o infinito de uma claridade alvíssima. As ruas estiravam-se tranquilas na imobilidade exquisita das serpentes que dormem. Lampeões piscavam ligeiramente, como se cochilassem. Ao longe, em serenata, trovadores modulavam brandamente uma canção tristonha avelludada e nostálgica, que loava a princípio como o farfalho misterioso dos ciprestes e subia, subia, num trimado vibrante de sabiá choroso, para perder-se depois ao sopro da ventania, placida, sereia, doce, como o último arrulho de pomba que morre. Além, mais ao longe ainda uma flauta suspirava à lua.

Embrulhado na capa negra de seminarista, ia procurando recordar-se do sonho que horas atrás tivera. Resava a Ave-Maria na capela do Seminário. Do altar-mór um anjo surgiu espanando as asas brancas em semi-círculos pelo tecto. Depois veio descendo aos poucos, em giros suaves, espada luzente em punho e a tunica de neve flammulando nos ares. Pisou no chão, das mãos tomou-lhe o Breviário aberto e sumiu-se.

Elle ficou sosinho, muito espantado a procurar o livro. Revolveu os altares, desarrumou os castiças e as toalhas julgando encontrá-lo.

Os cirios esmoreciam timidamente, apagando-se. Um só ficou accezo. A luz cresceu enfumaçada e dilatou-se pelo ambiente, em globulos de fogo. Um delles girogiou pelos altares e caiu no solo, explodindo. O Raphael saltou das chamas, prendendo-o pela batina. A tunica cor de jaspe tinha manchas rubras de sangue desmaiado, nas pontas longas das asas brancas duas penas vermelhas agitavam-se. Arrancou o Breviário d'entre as pregas setinosas do manto e sacudiu-o no chão. O livro distendeu-se repentinamente pelo infinito afóra, até perto das nuvens, e uma paisagem olímpica desenrolou-se por cima da capa. Era uma planicie lindissima, muito alta, cheia de flores e de perolas, pedregulhada de rubis, terminando por um descontínuation de nuvens, onde se via entre blocos de espuma o Padre-Eterno, de frente enrugada e barbas longas, ao lado do Christo e o Espírito-San-



NO ACRE - O CORONEL CUNHA MATTOS E UM GRUPO DE OFICIAIS

mo, com nojo do seu próprio capricho.

E via naquillo as asas luridas do Diabo, rufando pela sua alma enfraquecida, para arrasta-la sem piedade às labaredas ardentes das fogueiras do Inferno. Mas ao mesmo tempo recordava-se de que tinha visto algures modelos exquisitos de uma anomaliade de instinto chamada azoopholia em que homens degenerados preferiam o tom lugubre de um quarto mortuário, forrado de preto, tochas acecas, para que ao lado das apaixonadas se accen-

to em cima, em forma de pomba, ruflando as azas.

—O Céu! Sigamos! disse-lhe, apontando o fim do planalto.

E subiram.

A aurora vinha pelo infinito desabrochando as palpebras de rosa. D'entre os rubis lucentes, flóres se despregavam das hastes, esteirando de pétalas o caminho macio. Chacaras pitorescas encobertas de rosas surgiam de quando em quando. Por entre as folhas aves pipilavam em festival ao dia. Rosas, em bandos, pelos galhos arrullavam aos beijos.

E foram subindo.

Garças, muito juntinhos, uniam os pescos compridos em carícias amorosas. Cisnes, nos lagos lizos, aos pares, deslissavam, beijocando-se. De uma arvore enflorada, uma serpente estendeu-lhes nos dentes um fructo vermelho.

cauda rubra da asa esquerda, vibrou-lhe a foice. Uma explosão de chamas lambeu a tunica do cherubim, e as vestes rolam pela areia, crepitando incendiadas. O santo desapareceu.

—Quem és? interrogou medroso, recuando um passo.

O arcanjo nú, completamente nú, sorriu-lhe tentador:

—Sou a Carne, vem!

E estendeu-lhe os braços, em forma de cruz, mostrando os pomos tumescentes, brancos, estremecendo nas carnes rijas.

—Vem!

Elle, absorto, o olhar vidrado, estacou, sedusido. Aquelles olhos bíblicos, satânicos, relusindo peccadoramente nas palpebras alvíssimas; a cabellera loira, de um loiro immaculado e diabolico caida em rolos pela espadua eburnea; os seios tur-



PERNAMBUCO—CAES DA COMPANHIA PERNAMBUCANA

—Come-o! murmurou-lhe em segredo o arcanjo.

—Que é? interrogou corando, aconchegado ao seio do companheiro.

—Crescei e multiplicai-vos! respondeu sedutoramente. E, apanhando o fructo dos labios da serpente, trincou um pedaço.

—Agora come o resto!

Elle, corado, mastigou depressa.

E subiram, subiram muito.

Mais adiante um santo Isidoro velho, de foice em punho, revolvia a terra plantando couves. Reverente, correu contricto a beijar a tunica do lavrador divino.

—Sé me beijas, mato-te! rugiu-lhe o santo, de foice erguida.

Recusou. O anjo atravessou-lhe na frente, desafiando o velho, com a espada em fogo. E houve um tilintar de ferros, de duelo em meio. Finalmente, o Raphael rolou por terra. Santo Isidoro, na

gidos, inebriantes, deliciosos, tentadores, sacudindo-se nervosamente; o torneado feminino dos quadris brunidos, desnorteavam-lhe a razão, afogando-o de desejos.

E caio em cima, tonto, bebedo, aos beijos e ás dentadas.

—Ai, que me feriste...

E a voz da Carne tinha uma queixa de musica, de amor e de beijos.

Olhou. Ella desfalecia. Um fiosinho de sangue descia pelo pescoço pallido manchando os seios.

—Mataste-me! Estou morta!... E as faces afundavam-se, os olhos amorteciam-se e todo o corpo emmagreceu aos poucos.

No alto da planicie chamas vermelhas entolavam-se nas nuvens incendiadas. Pela areia os rubis explodiam, sacudindo faiscas. Do céu aberto mangas escarlates, em cataractas, rojavam para baixo. Tudo foi ficando mole, líquido, frio, como se uma montanha de gelo se derretesse. Sentio-se

afundar vertiginosamente, julgando cair do alto de algum despenhadeiro. E achou-se em pleno mar de sangue, onde o frio parecia quebrar-lhe os ossos. Nadou. A correnteza atirara-o para longe. Alguma coisa boiava á superfície crespa das aguas. Estirara o braço e prendera. Era uma mulher desfalecida. E nadou com mais fúria, seguro as roupas da naufraga. Chegaram a uma praia. Hirta, gelada, ináime a mulher permanecia. Soprou-a com beijos. Ela abrindo os olhos amortecidos fitou-o. Reconheceu-a. Era a Carne.

As faces agora muito fundas tinham uma palidez de morte; o collo descarnado, ossudo, ofereava de canção e no olhar doentio uma sentinelha de goso rebrilhava ardente. E olharam-se, olharam-se vivamente, a princípio como dois inimigos que se encontram, depois foram-se chegando um para o outro como que atraídos numa mesma corrente de desejo, até se unirem braço a braço, labio a labio, peito a peito, num beijo agudo repassado de luxuria.

E quando sentia os fremitos deliciosos do seu corpo ao contacto daquela carne estranha, o rei-

Acompanhado do reitor saiu da cidade, entrando num caminho desconhecido. Chegaram a uma chacara. Cachorros latiram. Alguém abriu a cancela. Num quarto fechado uma moribunda gemia. Entraram.

Elle recuou. Aquelle mesmo abandono de vestes, aquella mesma placidez de corpo, aquelle cheiro doentio de enferma, assemelhavam-se aos da mulher que amara na fantasia do sonho. E o seu cérebro em desequilíbrio começou a trabalhar maquinamente, impudicamente, de forma que no momento em que o reitor o mandara sair do quarto, para confessar a doente, já elle tinha visto o mesmo labio que cobrira de beijos, o mesmo seio que mordera, a mesma carne que gosara no estonteamento fantasmagórico do pesadelo.

A paz angelica do seu coração de católico fervente fugiu para sempre. De momento a momento surgia-lhe na imaginação o retrato esquelético da Carne agonisante. E todos os dias ajoelhado aos pés do altar, no arrebatamento sublime da fé religiosa, erguia alucinado a oração palpante de crença que o coração lhe dictava, pedindo ao



PERNAMBUCO—LINGUETA

tor tocoulhe na cama e elle d'um salto poz-se de pé, prompto para seguir. Ao lado do mestre, na recordação completa daquelle sonho exquisito vinha-lhe vontade de ver-se de novo estirado na cama, fragando febril e doido a ambrosia daquelle beijo voluptuoso e bom.

E no meio da rua, ouvindo a voz plangente dos trovadores ao longe, sentiu-se arrependido de ter até áquelle momento passado a vida enclausurada, curvado sobre os livros, entre as paredes branquecentas do Seminário. Teve inveja da vida libertina dos homens que cantavam em serenata, ao sopro lento da ventania aquella canção melancólica, morna de soluços e quente de saudades. Idealizou remar com elles o escaler, agua abaixo, enquanto a lua lá por cima deslissasse prateada e serena cantando alguma musica magoada ou alegre, conforme a voz que lhe dictasse a alma.

E quiz ter a liberdade dos vagabundos, para percorrer de principio a fim aquellas ruas extensas que se deitavam ali descansadas e dormentes e, depois de estropiado por completo cair nos braços de alguma mulher, prostituta embora, que o esperasse febrilmente de amor sujeitando-se aos caprichos doidos da sua imaginação degenerada.

Christo, que ali se erguia ensanguentado e morto, um consolo para a sua alma peccadora e deshonesta.

Na cela sombria de seminarista, de joelho em terra, o Breviário aberto, noites e noites passava em penitências longas jejando e martirizando o corpo. Muitas vezes nessa posição penitente, estrebuchava pelo chão refestelado de luxuria, idealizando a visão do seu primeiro amor. E desde aquelle tempo, sempre que se via em frente de qualquer enferma, subiam-lhe á cabeça fremitos implacáveis de gosa-la impiedosamente, bestialmente.

E agora, em frente do corpo da sua própria irmã, sentia-se de novo aniquilado como dantes, sem ter uma única parcella de força para sacudir para longe o pensamento mau que lhe roia a consciência, embrutecendo o instinto.

Era impossível que não fosse um degenerado!

Mas ao mesmo tempo que considerava tudo isso, o seu espírito educado nas concepções dos dogmas católicos vacilava, vendo no todo da ignorância do seu instinto a imagem vermelha do Diabo, governando traidoramente os demônios da sua razão. E quanto mais o tempo se escoava,

mais o sofrimento recrudescia, domando-lhe o juizo, humilhando-o por completo. Só via no corpo da irmã que ali se estendia tremulo de febre, traços latejantes da figura enferma do sonho que lhe vestira o pensamento de uma molestia extraña encarcerando-lhe a alma tão angelica e tão santa na esplêndida lurda do Peccado.

E sentia vontade de avançar para ella, gosa-la febricitante, rude, aspirando-lhe o cheiro doentio dos labios quentes e apertar-lhe o corpo cadaverico, num abraço de serpente, luxurioso, longo... Espantava-se, coberto de pejo, pallido de terror, pela idealização que lhe incendiava o cerebro. A sua irmã!... Virgem mãe que horror!

—Tende piedade, tende piedade!...

O pensamento maldito fugia por um instante, mas depois voltava mais impulsivo e mais impuro.

Zila gemeu.

E elle ouvio naquelle gemido a voz magoada do arcanjo, quando nos seus braços, as faces fundas, os olhos mortos, desfaleceram. E, medroso e tremulo, apertou de encontro ao peito o Breviario, levando-o aos labios, como se encontrasse na cruz doirada que se desenhava na capa do livro o contra-veneno santo para a tortura intermina que o abrasava por dentro. Resava, resava na esperança de que a oração subisse nas azas idéias da crença até as barras do infinito, e lá molhasse os pés de Christo, pedindo para a sua alma prostituida o perdão das almas santas.

Elle, o padre bondoso, que no Seminario fôrava sempre o modelo dos companheiros, tendo nos labios o consolo para os desgraçados, o perdão para os criminosos, o sacerdote de vinte e oito annos que sonhara ha muito repellir os impetos sensuas da sua mocidade até o ultimo quartel da vida, desejava agora o corpo de sua propria irmã!...

—Tende piedade, Virgem Mãe, tende piedade!

Quantas vezes nas locubrações dos seus senhos de catholico, não lhe viera à idéa o anhelo de, um dia, cheio de luz e de pureza, em revoadas de anjos, ao ceu subir sereno, como um santo da religião!

E via agera ~~des~~ esses castellos, ha tanto construidos, desmoronarem-se como o carvalho secular que se carbonisa ao primeiro raio que o fere.

E resava. Mas o fervor da prece resumia-se no balbucio dos labios, porque o seu espírito insiste, sequioso, pairava no corpo da irmã querendo prende-lo e dum trago gosa-lo... Procurava render o pensamento mas os olhos pregavam-se no leito, tentando desvendar da branura dos lençóis as formas da virgem. Era a imagem do sonho, a doente da noite da confissão que se accentuava traço a traço nos contornos de Zila. E os seus olhos pregavam-se cada vez mais no leito. A cabeça escaldava como se alguma coisa lhe fervesse por dentro; um suor gelado molhava-lhe a testa e todo elle titilava como se estivesse com febre. Cerrava os dentes; a lingua seccava.

No telhado o relâmpago iluzia pela claraboia. A candela de azeite, perto do santuario, desmaiava pallidamente, querendo apagar-se. Longinquo, muito longinquo, o trovão gaguejava, rouco, quasi imperceptivel.

Elle ouvia e sentia tudo aquillo.

Os sapos na lagôa pareciam-lhe o córo dos Diablos que em festa vinham trazer-lhe a palma do Peccado. O grillo, por entre as ripas, trilava agudo como uma flauta do Inferno que lhe festejasse o Crime.

Atraz, no quarto contiguo, alguém resonava. E elle escutava. Era a sua mãe, a pobre paralítica que ali dormia, estafada de velar. E pensou nunhaquella velha bondosa, que mesmo dormindo parecia vigiar a vida quasi extinta de uma filha desdosa e a desgraça eterna de um filho que se perdia. E viu, na barafunda incessante das suas ideias o seu instincto, a religião e até a propria sociedade, que elle julgava depravada, surgirem ferozes como carrascos para punirem o incesto que ele entabulava na imaginação. Depois olhou para o altar. Lá estava o Christo, silencioso, triste, os braços estirados na cruz, ensanguentado, nú, como se despissem para cobrir a Humanidade com as suas roupas de Misericordia.

E orou, orou fervente, apertando mais ao peito o livro de resas. Mas viu-se abandonado, só, no desespero de naufrago que sacode, sem ser visto, farrapo branco, da praia desconhecida para o horizonte que passa ao longe.

Zila remecheu-se na cama. Os braços magnificaram esquecidos para os lados; a cabeça pendendo banda abandonando os travesseiros e o lençol de linho repuxado pelo tremor do corpo, descornou-lhe um pedaço cadaverico de collo virgem.

Elle via agora, sem diferença alguma, o abandono exanime do corpo, a figura lasciva e da sua primeira culpa. E desejou prender os braços e, bebedo de goso apertá-los, muito, nervosamente, num frenesi de ferocia.

Zila remecheu-se de novo. O lençol caido vendou-lhe por completo a saliencia morbida dos seios de tuberculosa; a cabeça quedou-se de lado no colchão macio e os braços tremeram, esticaram-se e caíram abertos, hirtos, mortos.

—Elle estremeceu. E viu de repente a imago do anjo, os braços estendidos, a cabelleira sorridente convidando-o:

—Sou a Carne, vem!

E foi-se chegando, vagaroso, os olhos esbugalhados, gelido, doido e rolou pelo leito, rilhando.

Viriano Correia

A grande força nas reconstruções sociais reside na mulher, quando ella é feita de verdade, justiça e de amor.

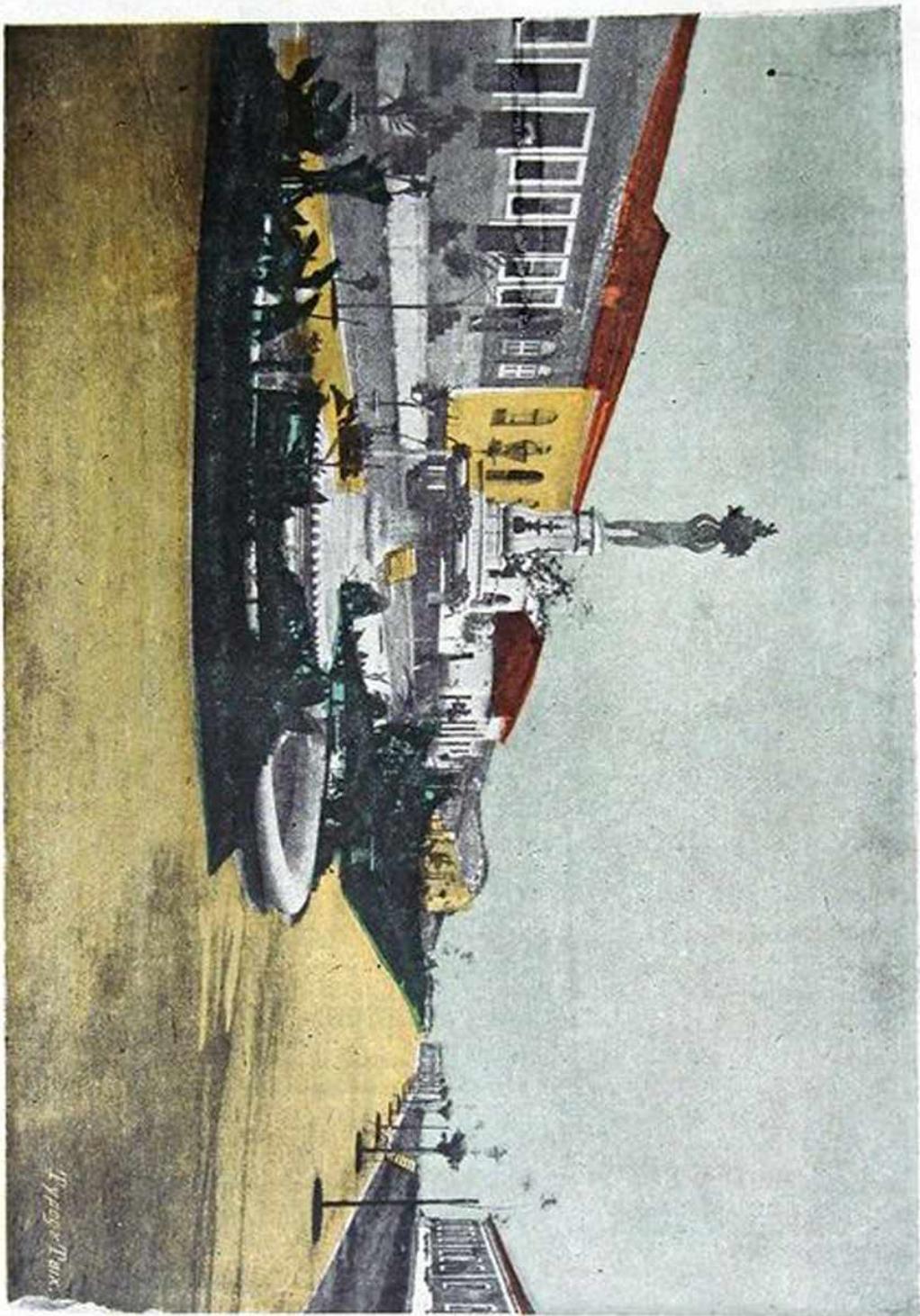
Emile Zola,

Cada discípulo a quem o mestre ensina verdade, é mais um cidadão para a justiça.

Emile Zola.

SUPLEMENTO AO N.º 63

1 DE ABRIL DE 1904



Avenida Silva Maia

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE ABRIL DE 1904

NUM. 63

O velho Faustino

A Antonio Lobo.

Era o velho Faustino um dos poucos exemplares ainda existentes da geração que se ultimou com o desaparecer do século XIX.

Decrépito, rheumatico e compendiado nas largas e vetustas fórmulas do *modus vivendi*, não exhibia o antiquário primata traço algum de physionomia alegre e jovial, prematuramente extinta, capaz de o animar a um *tour de force* pela conceção de modernas idéias e classicas liberações.

Pesava sobre a fronte do velho neve de quasi noventa invernos.

Ou porque a longa experiência os annos já o tivesse acostumado à diferença, ou porque o seu coração, refeito já ás intempestivas contrições da vida, não mais vibrasse emoções exteriores, sempre parcial na sua pose de ancião respeitável, não se lhe enfloravam os brios nas mais francas manifestações de hilaridade, nem mais cerrava-se-lhe o sobr'olho ante as ocorrências mais luctuosas.

Sevér o risrido era o velho austino nas suas opiniões e ordens, quaes eram, sem reluctancia ou ntradicta, religiosamente ouvidas e fielmente executadas.

..

Não mais ditoso e privilegiado que seus pares, havia, forçosamente, de ter tambem o bíblico velhote a sua *contribuição*, representada pelos cuidados dispensados a um endiabrado neto, e com a qual havia de saldar a *lettra* que assignou na casa bancaria de myss Morte para a frucção de uma velhice relativamente bonançosa e deleitável.

Desde o principio, entregue aos carinhos e desvelos de seu avô, era Carlos o neto querido e ido-



A GUERRA RUSSO JAPONEZA—OS DOIS CHEFES DO EXERCITO E
ESQUADRA RUSSAS NO EXTREMO ORIENTE—O GENERAL
KOUROPATKINE E O ALMIRANTE MAKAROF.

latrado do velho Faustino, o ponto capital das suas attenções, o objecto unico das suas preocupações.

Quinze annos contava o Carlos e de aspecto sympathico e insinuante era facilmente conquistado

pelas pequenas, com as quais, naturalmente, não furtava ao competente *rendez-vous* cavalheiro e amavel.

Dotado de intelligencia e vivacidade, interpretava alguns idiomas, sabia com acurado apuro haver-se nas rodas da *élite* e dava o seu cavaquinho pela arte photographica cujos encantos e attractivos tinham para elle a valia superior das elevadissimas concepções do Genio, fielmente reveladas nas rossas e assetinadas faces de uma bella e gentil photographada.

•••

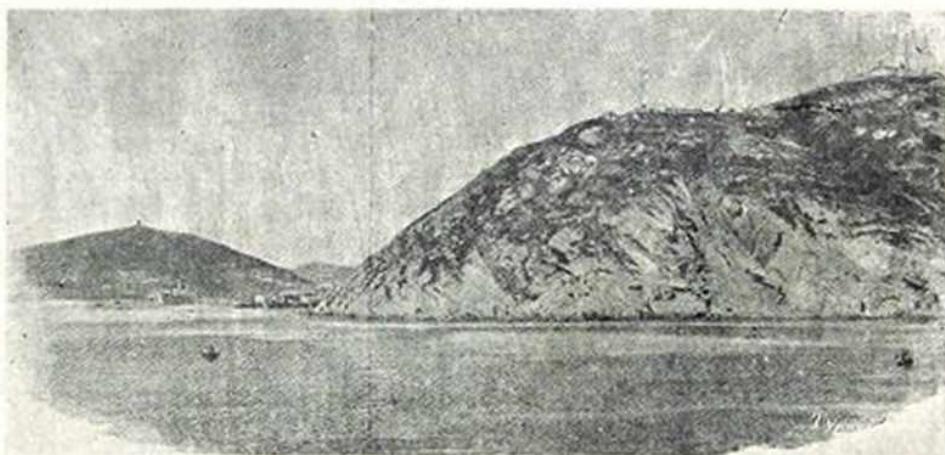
Feliz o velho Faustino pela prenda que possuia, della não pretendia cedo desfazer-se, não só por constituir-lhe o seu adoravel *ai Jesus*, como ainda por ser o Carlos muito novo e *ingenuo*, o que induzia o velho a não querer-o ainda alistado na grande miticia de *voluntarios* á valorosa lucta pela conquista do *conjunto-vobis*.

Ora, não era o Carlos feito de outro barro diferente do de Adão, tarde ou cedo havia, forçosamente, de explodir a bomba da sua concentrada beatitude, e conseguintemente lá iria em pandarécos a philosophia rançosa do archeologico Faustino.

E, (ó manes de Lavoisier e Newton, eis mais um preito ás vossas imperecíveis memorias!), apenas breves dias haviam passado, rugia o velho Faustino em forte saraivada de ameaças e increpações ás faces túmidas do neto na soberana hegemonia de tel-o como filho duas vezes, ao que o Carlos submisso e reverente se sujeitava com humilde indulgência por já ser tambem pae, embora... *inconscientemente...*

Pará — 1904.

R. TRINDADE.



A GUERRA RUSSO-JAPONEZA—A ENTRADA DE PORTO ARTHUR VISTA DA BAHIA EXTERIOR.

Doutrinador e conselheiro, não perdia oportunidade o original avô para alinhavar ao neto a camisola do mundo, ora discreteando sobre o seu proximo desaparecimento do seio dos vivos, ora digressando em ponderações sobre as futuras dificuldades que por ventura adviessem em estorvo ao incontestável direito de seu legado; nunca esquecendo, porém, (pois era esse o tema primordial e constante de suas dissertações), de bem fundo gravar na caraminhola de Carlos o propósito inviolável da obstinação radical por tudo quanto cheirasse a Cupido, sob qualquer ponto de vista que para a *hypothese* se quizesse tomar.

Como se vê, não agia o nobre mancebo sob o livre domínio de sua vontade, o que, de certo explorava a bem crúas provações, maximé quando é sabido que se lograva o Carlos gozar dos folguedos e distrações a que atraímos nos referimos era as occultas, nos apoucados momentos que a tolerancia do avô lhe concedia aos passeios domingueros.

— «Ai delle, o dia em que eu souber de qualquer *aventura* sua com lambisgoias de trunfa! Hum hum!» rosnavia o celibatario Faustino num excesso de gelo duplamente paternal.

DE LONGE

A minha querida Eulina.

Se Deus ouvisse a minha triste prece,
flor de pureza, ó candida irmãinha,
a quanto tempo eu estaria asinha,
bebendo o riso que teu labio aquece!

Não avalias mesmo o que padece
esta minh'alma por aqui, sosinha!
Quem me dera voar como andorinha!
Ah! quem me dera! sim... que se pudesse

eu romperia a vastidão do espaço
Seguindo só do meu desejo o traço,
como o condor nas regiões serenas.

Mas ah! que morro de lutar cançada!
Com penas é que vôle a passarada
e eu não posso voar com as minhas penas!

(Maceió)

Rosalia SANDOVAL.

Uma decepção

Numa das saccadas das janellas da redação d'*O Globo* e à porta da estação do telegrafo nacional havia sido afixado um Boletim noticiando a organização, no Rio, do governo provisório, bem como as medidas tomadas a respeito do embarque para a Europa, no paquete *Alagoas*, escoltado pelo coirado *Riachuelo*, do monárca recém-destronado.

A Camara Municipal, composta de conservadores, na sua maioria, receberá a nova como se fosse um dôce maná caído do céo. Os seus membros, excelsamente transportados de alegria, pouco se importavam que se lhes exprobasse de não confraternisarem com os liberais, ajudando-os a sustentar o trono baqueante. E ainda menos ligavam importância aos que os acusavam de não terem fé monárquica, pois, consideravam: não fôra essa monarquia, agora por terra, que promovera a li-

lacete do chefe de partido em cujo poder expiraria a monarquia; no largo do Carmo, trepado no Pelourinho, um oradôr concitava os monarquistas e curiosos, em magotes, a revestirem-se da precisa calma para aguardar os acontecimentos; no quartel do 5.º batalhão tronitroava o sinal de reunir e, logo depois, o de avançar ladeira do Vira-mundo afôra, a caminho d'*O Globo*, donde haviam pedido garantias para evitar o ataque do populacho desenfreado; um ex-deputado geral, conservador, colocára-se (e fôra o único) ao lado dos liberais que queriam dar cabo da vida dos redactores do jornal do Paula Duarte e do Casimiro Junior.

Na frente da redação da fôlha ameaçada fervilhava a aglomeração. Os motineiros, numa atitude guerreira atiravam chupas nos jornalistas «sitados». E, à proporção que se ia avolumando a massa, cresciam as vaias e as ameaças. A força que, ao chegar, foi recebida a pedradas, fez despejar flammejantemente sobre os «reivindicadores do trono»



A GUERRA RUSSO-JAPONEZA -- PORTO ARTHUR EM 31 DE JANEIRO.

bertação dos cativeiros, sem indemnização? Era por demais azada a ocasião de tomar uma desforra, e a ninguém mais do que aos vereadores, dizia um destes, compete, como representantes dos municípios, soltar o grito de adhesão.

E opulentamente trajados, dirigiram-se à casa do vereador-presidente, que, ouvindo-os religiosamente, concordou com os seus considerandos e fez convocar incontinenti uma sessão extraordinária.

Reunidos os gestores dos destinos municipais, depois de serem sugeridos mil projectos e idéas, foi resolvido que a camara se constituísse em sessão permanente «aguardando ordens do governo provisório» e que a este se passasse um telegrama congratulatório, ao mesmo tempo, dando satisfação do deliberado. Isto feito, retiraram-se os vereadores aos seus penates, deixando dois beleguins prontos á primeira voz, substituindo-os na permanência.

Entardecerá já.

A cidade apresentava um aspecto bellico. Havia um presidente, Conselheiro e Guarda-roupa de Sua Magestade o Imperador, que não presidia, pois, abandonando o posto de honra, abrigara-se no pa-

umas dezenas de balas Comblain, que, zunindo por entre os atacantes, os dispersou produzindo a morte em cinco e ferindo uns vinte, que passaram á posteridade como victimas da mais céga abnegação por Izabel, a Redentora, e deram motivo ao Maranhão ser considerado a «única província heroica» que resistiu á implantação do novo regimen.

Ja já alta a noite quando se estabeleceu a calma. No dia seguinte, logo ao amanhecer, um telegramma vai ter á Camara Municipal. Os beleguins correram pressurosamente a chamar aos seus postos os vereadores néo-republicanos, que num momento se acharam todos reunidos, com exceção dum único que estava no interior. Para uma sessão ordinária não se reuniriam com tamanha presteza.

Confortavelmente installedos nas suas poltronas, ao trocar do timpano, apresentavam na sua fisionomia uma atitude magestosa. E quem sabe se nos cerebros d'aqueles depositários dos poderes municipais a idéa da palavra «República» não se apresentava como sendo todos elles o mesmo que «majestades»!

Foi na antevisão de seguirem dali para o palácio governamental, então abandonado, que o presi-

dente da municipalidade, tendo a pairar suspenso sobre a sua encanecida cabeça, ricamente emmol-durado, um retrato de D. Pedro II, disse em voz alta e sonora:—Está reaberta a sessão!

Em seguida, com um sorriso de satisfação, puxou do bolso o telegramma recebido, fechado ainda tal qual lhe entregara o beleguim.—Aqui temos a resposta, senhores, disse; virá, provavelmente, seguida de altas e importantíssimas ordens, que, espero, cumpriremos todos com devotamento e patriotismo.

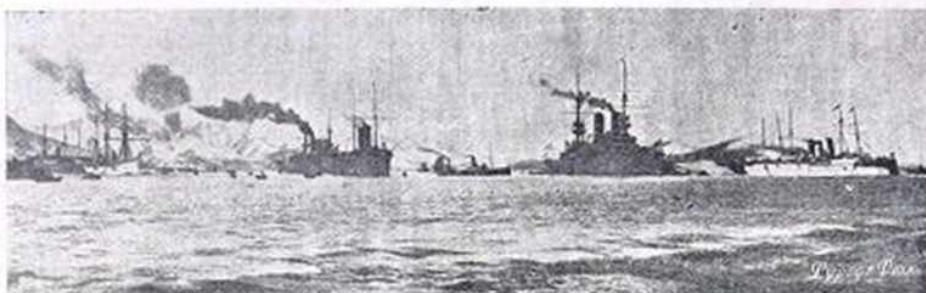
E preparando-se para ler o despacho como se fosse um evangelho, cavalgou a luneta sobre o aquilino nariz e abriu o envolucro. Os vereadores olhavam soturnamente para o papéisinho em que con-

tavam viria escrita a palavra de ordem, isto é, a ascenção ao poder dos conservadóres metamorfoseados em republicanos «da gemina». O presidente com voz tremula, procedeu à leitura do pelúcio que fizera palpitar ansiosamente tantos corações. Dizia: *Rosário, 18 de novembro de 1889. — Camara Municipal, S. Luiz. — Que ha de novo? — (Assinado) Ferreira de Moura.*

Era do vereador ausente.

Nesse mesmo dia a Câmara foi dissolvida, e o telegramma esperado quem o recebeu foi já a Intendência nomeada para substituir a agremiação conservadora.

ALBERTO MOURA.



A GUERRA RUSSO-JAPONEZA—*Porto Arthur—o CANAL VISTO DA BAHIA INTERIOR.*

Crença

A's vezes interrogo a mente sublevada
Porque se apaga n'ella a maga luz da crença,
Como desmaia ao longe na amplidão immensa
A palidez da lua á luz da madrugada;

Porque se rebolcar no lodo da descrença
Quando é feita de luz, de luz purificada,
É banhou-se na fé que o lar materno incensa,
Como incensa a manhã a estrella da alvorada?

E a mente não responde, e o silencio apaga
A ultima centelha, a ultima esperança
Na crença que bebi no lar, quando creanç...

Mas eu preciso crer, porque a descrença esmaga;
Preciso ter a alma á luz d'un sol banhada,
Que a duvida é de treva e a crença é de alvorada !

Nereu Bittencourt.

Casteldamor

CASTELDAMOR, por fadas construido,
No seio verde e secular da mata.
Muros de jade, lambrequins de prata,
Por minha alcova ao centro é bi-partido.

Duas portas abertas estão n'ella
Sobre elegante varandim marmóreo;
Abertas sempre ao bafejar egúoreo
E ao leito meu de sandalo e canella.

Uma,—enfrenta o clarissimo Nascente
Que arde, em mil togos, dos vitraes nas cōres;
Outra,—enfrenta negerrimos travores
—Olha da vida as sombras e o Occidente.

Quando do sonno despertando vejo
A luz do sol que invade a porta dextra,
—Os sons festivos da volante orchestra,
De viver—n'alma ateiam-me o desejo;

Mas, se á sinistra miro e a vista anceia
Pelo argenteo luar que, além, deslumbra,
Sob o maximo—circulo, em penumbras,
Que o novo sol conjuga á lua cheia,

Se á porta do poente os olhos volvo,
—Miragem, sonho, é tudo alli desfeito...
E de cingir-me a parca busca geito
Com visgosos tentaculos de polvo !

Assim tambem, na torre da minh'alma
Duas ventanas ha, duas janellas:
N'uma,—sol, vida, passaredos, calma;
N'outra,—morte e negror baldo de estrellas.

Como na alcova em que meu corpo dorme,
Alli tambem concorrem Noite e Dia;
Que á lua nova o velho sol se allia,
Por grato anel de amor fecundo, enorme.

E quem as abre és tu, doce consorte;
São teus olhos sem par, teus olhos razos;
Se alegres,—vida, amor, poemas claros;
Se tristes,—amargor, dolencia e morte !

Pará.

ANTONIO DE CARVALHO.



O Marechal conde NOZOU, commandante do primeiro exercito japonez.



O commandante ZAIONCHKOVSKY, o primeiro oficial ferido em Porto Arthur, no combate de 9 de fevereiro.



O capitão de navio G. P. BELAIEF, comandante da canhoneira *Koreietz*, submersa pela sua guarnição em Tchemulpo com o *Variag*.



O capitão de navio GREGOREVITCH, comandante do encoiracado *Cesarevitch*, torpedeado pelos japonezes na noite de 8-9 de fevereiro.



O almirante japonez TOGO, comandante em chefe da frota operando contra Porto Arthur.



O capitão de navio V. A. STEPANOV, comandante do *Ienissei*, o navio porta-minas submerso na baía de Talién-Onan.



O capitão de navio RONDNIEF, que comandava o *Variag* em Tchemulpo.

A promessa

No Anil estava tudo preparado, assim de quada faltasse ao Joca e à sua comitiva, que, no trem da manhan, aportariam áquelle suburbio. O Trancoso executava com a maior proficiencia «as ordens» que do Alto Amazonas, donde viera há meses, recebera do seu bom amigo e compadre Joca, que, conhecendo o Maranhão apenas «pelas tradições e pela lhaneza e fidalguia do trato dos seus

filhos», o vizitava pela vez primeira, em cumprimento dum voto a S. José de Riba-mar, de cujos milagres tivera notícia, trazendo como companheiros um sobrinho e dois amigos.

O Trancoso, que recebera dinheiro e carta branca para organizar uma romaria, de cuja fama se falasse por muito tempo, convidara muitos rapazes e algumas «raparigas da pandega» da cidade, incumbindo o Flodoardo de convidar algumas pessoas da Maioba, do Cururuca, do Paço do Lumiá e de outros lugares da Ilha, que deveriam encor-

porar-se à romaria em S. José dos Índios ou do Lugar.

Foi contando com um regular numero deromeiros, na «dóce e soridente companhia do Joca», que o Trancoso encomendou ao Lourenço e ao Alzir um «balaio» farto e variado, no genero do que elles preparam para a «festa de Santo António dos Prazeres», mas ainda mais ampliado, devendo os dois dirigir o serviço no santo lugar para que se encaminhava a romaria.

Era esse farto e variado «balaio» que o Trancoso accommodava da melhor maneira, num dos quatro carros que do Cururuca foram mandados pelo Xavier, tirados cada um por quatro juntas dos bois mais gordos que existiam naquelle sitio.

pois tendo sido a promessa para ir-se a pé, ninguem, salvo o que incorresse naquelle caso, iria trepado, visto que os bois «eram de carne», explicava o Trancoso.

Estava tudo pronto. Ouvia-se já o silvo agudo da locomotiva, cujo eco vinha do lado do Cutim. Muitas pessoas que faziam parte da romaria já lá se achavam, tendo ido, diziam, com a fresca da madrugada, o que dava motivo ao Alzir para comentar tanta prontidão: «receio de perder tão piramidal festa e tão fina boia».

E aquella gente, confundindo-se com os operários da fabrica do Anil, concorria para aumentar o costumado movimento do lugar aquellas horas. Um prolongado silvo, seguido dum chiar de vapor,



RIO DE JANEIRO—LARGO DA CARIOCA.

Tudo bem disposto, sob uma meia-sabá estendida sobre a mesa do carro e depois coberto com um encerado, que o Trancoso obtivera no armazém do Bastos, onde, na sua infância, fôra caixeiros-vassoura, com o fim especial de impedir que o sol «derretesse o gordurame dos suínos», o infatigável homem passou a instalar noutro carro a bebida, a «alma de todas as festas», cuja provisão, feita na casa do Rocha, usava-se o Trancoso, não invejava a do «baile à Esquadra», de que até hoje se admirava, com a diferença de que naquelle tempo comprava-se tudo por dez reis de mel cada, ao passo que hoje era tudo pela hora da morte.

Preparado o segundo carro, num terceiro o incansável Trancoso accommodou as malas com roupas, e uma cesta em que iam algumas garrafas de «bebida branca», para se ir «molhando o bico» pelo caminho.

No outro carro iriam os dois *Manézinhos* e o Novaes, conduzindo cada um o seu violão, e mais «algum fraco» que desse o prego pelo caminho,

ranger de ferros, toques de sinetas e dum grande algazarra:—E o trem que chega. E o Joca, com os seus companheiros, trajando um terno de brim pardo e chapeu do Chile, vinha no ultimo carro, sendo logo recebido pelo Albino, que lhe foi solícito em oferecimentos.

E o Trancoso dizendo não haver tempo a perder, por causa do sol que «vinha forte», puzeu-se em marcha. Era mais quem quizesse dar explicações ao Joca, no decurso do caminho, e elle ouvia tudo mui prazenteiramente e agradecia.

Sete horas da manhan. A romaria passava alegra pelo Oiteiro do Giz. Atravessaram o estirão e a ponte do Saramanta, benzendo-se o Paulo Pequeno ao passar por esta, por se haver recordado de que naquelle lugar «morrera estuporado», ha mezes, um romeiro que se fôra banhar no rio sob a mesma ponte. E avançavam, animada e apressadamente, afim de que estivessem no rio de S. João á hora do almoço.

O sol ia subindo e escaldando cada vez mais, e achava-se quasi no zenith, quando descansaram

sobre a ponte do rio, que estava liso como um espelho. As suas aguas, pardacentas, não impediam que nesse se reflectissem os ardentes raios solares. E, todos extenuados, pediam o almoço. O Alzir e o Lourenço dirigiam o serviço, comendo-se e bebendo-se fartamente.

Terminada que foi a refeição, combinaram que só partiriam ás duas horas; uns embrenharam-se pela mata, outros pela povoação troçavam com as caboclas, embora o Paulo Pequeno os previnisse de que elas, além de serem ariscas, tinham todas donos, os quais eram «muito desconfiados».

Num banco em frente á quitanda do João Ferreiro sentaram-se os dois *Manézinhos*, o Novaes, o Leopoldo flautista e outras pessoas; o Paulo Pequeno, cujo fraco é cantarolar e recitar, sinalou ao Novaes e ao Leopoldo, e, num subito arrebataamento de extase, chamando do fundo da sua recordação trechos da lenda *S. José de Riba-mar*, que escrita por Gentil Braga, ouvira dizer que corria impressa nas *Tres Iuras*. Não lhe compreendera bem o sentido, mas naquelle momento apareceu-lhe numa clareza luminosa, e pôz-se a cantar:

Se ahí fôrdes sosinho algum dia,
Tendo alguma promessa a cumprir,
Bem fareis a fiel romaria,
Nada, nada tereis que sentir
Levae cera, não crua, mas benta.

Já o sol «havia quebrado». O Trancoso verificando se estava tudo em ordem, não se esquecendo das velas, que, com «os baques do carro», se poderiam partir, e encontrando-as intactas, puzeram-se de novo em marcha. Às quatro horas da tarde chegavam a S. José do Lugar ou dos Indianos; pararam apenas o tempo necessário para «beber agua», e fazer as apresentações ao Flodoardo, que com a sua gente, umas seis pessoas, ali aguardava a romaria a que se ia incorporar, seguindo todos, para entrarem no «santo lugar» ainda com «dia claro», e «sem confusão».

O Flodoardo fizera-se logo amigo do amazonense, informando-o detalhadamente de todos aqueles sítios e caminhos que ficavam ás margens da estrada. Indicou-lhe o caminho que ia ter ao *Pau Deitado*, sítio em que a Amância, de parceria com o Rodrigues Pagé, exercia a profissão de *curandeira*, e concluiu:

—Muita gente boa, e só da cidade, tem pizado este caminho, senhor meu. Só da cidade, é preciso que note, pois que, se nhá Amância, p'ra viver, fosse atraz de gente cá destes sítios, então... já tinha morrido de fome.

O Joca trocou algumas palavras em que exprimia a sua dúvida sobre se haveriam doentes que deixassem os facultativos por uma *curandeira*, o que fez que o Flodoardo retorquisse:

—O homem! o senhor nem parece ser do Amazonas, a terra da bruxaria, de onde se vem descascando. Acredite no que lhe digo: Muita gente boa e ilustrada, da cidade, tem pizado o caminho do *Pau Deitado* p'ra fechar o corpo!

O amazonense, não querendo levar longe a

discussão com o Flodoardo, mudou de conversa, passando a lastimar a pouca largura da estrada por que seguiam. E andavam. Passaram o Miritiuá, a entrada do sítio do Apicum, a Moropoia, e debaixo do frondoso cajueiro descansavam, sacudindo-se do pó, para não entrarem no arraial «naquelle estado». O Leopoldo flautista trepou no carro em que iam os dois *Manézinhos* e o Novaes, e, formada a orquestra, executava a valsa *Moropoia*. E assim entravam no arraial.

São cinco horas e meia da tarde. Era o mez de novembro, em que são frequentes as romarias a Riba-mar, quer por terra, quer por mar. As praias estavam literalmente cheias de barcos, que haviam conduzido os romeiros do Rosario, de Alcantara, de Guimarães e da «outra banda» (Munim, Icatú, Manga, Morros). Esses romeiros, em numero avançado, concorriam para o desusado movimento do suburbio. Da capital mesmo era grande o numero de famílias que tinham ido confortar-se com os banhos salgados.

Foi por entre grande multidão, que se alvorocou com o chiar dos carros da roça, os sons harmoniosos da orquestra, e os festivos repiques, ritmicamente impulsionados pelo João Miranda, anunciadores da chegada da romaria do Joca, que este e a sua comitiva passaram radiantes, sem cumprimentarem, pois, dizia o Paulo Pequeno, o primeiro dever a cumprir era ir á Igreja. O grosso da multidão encaminhou-se atraz dos romeiros que chegavam, ao mesmo tempo que os curiosos percutiam os carros, donde se exalava um picante cheiro de assados e bebidas.

O amazonense entrou na Ermida, fez uma ligiera oração, guardando-se para no dia seguinte, em que realizaria o pagamento da promessa, vizitar a Igreja minuciosamente. O Trancoso, auxiliado pelo Lino, o ermitão, já havia preparado agazalho, destinando-se a *Casa Grande* para o Joca, o sobrinho, os dois amigos, o Paulo Pequeno e elle Trancoso. Os demais abrigar-se-iam por outras casas, para o que o Alzir, que era amigo do Tiago, o inspector do quarteirão, tomara as providencias precisas.

O crepusculo deixa já cair lentamente as suas cores indecidas sobre um calmo campo, onde jaziam inúmeras moitas de mato seco, que, devastado pelas enxadas e pelos facões, aguardavam a occasião da queima; o dia agonisa docemente no delicioso sorriso da noite que decece.

Do campanario, alvo e esguio, partem as vibrações do sino, que só a Ave Maria; um sino de voz cançada, de timbre um pouco triste, que acresce a melancolia da tarde tranquilla, apesar do João Miranda querer torna-la festiva.

A fadiga da viagem fez que, servido um ligeiro jantar, adormecessem todos muito cedo.

Alvorecia. Manhan brilhante, ainda allumiada por urna argentea fita lunar. Ouve-se ao longe o chiar dos carros da roça. E o mesmo sino, que na vespera bimbambala tristemente, matinava agora alegre e festeiramente. As portas e as janellas abriam-se apressada e atabalhoadamente, eno adro era uma invasão enorme, sedenta de curiosidade. A porta da *Casa Grande* apeava-se do seu soberbo cavalo um frade capuchinho, que vinha para cele-

brar os actos constantes do voto do Joca, o que concorreu para tornar a despertar a curiosidade da multidão pela romaria do seringueiro. Aquelle homem, commentavam, que ia pagar uma promessa com tão grande pompa e tão grande aparato, não era, certamente, nenhum João Ninguem. E os mais sofregos em saber da verdade foram ter com o Lino, que os informou satisfatoriamente. Então foi uma leva constante de vizitas ao Joca, empênhando-se todos com o Trancoso e mesmo com o Lino para uma apresentação.

Chegara a hora da missa, o primeiro acto por que o amazonense ia demonstrar o seu reconhecimento ao milagroso Santo; a Ermida estava cheia. A caboclada da Villa e os romeiros que atravessa-

da melindrosa situação em que o meteram pelo *frei* Lucas, um rapaz da comitiva, que tomou o lugar do Lino. Chamavam-lhe *Frei*, por haver aprendido a tocar piano com um frade, e ser muito religioso.

Houve communhão, correndo ao banquete espiritual, com gaudio do Paulo Pequeno, do Quintino e do *frei* Lucas, quem também commungaram, dezenas de pessoas. Terminado o santo ofício, o capuchinho fez uma ligeira prática, terminando por exortar os fieis a seguir o exemplo d'aquele amazonense, que, rico de dinheiro e mais ainda de Fé, viu de tão longinquas paragens, numa «santa e doce peregrinação», agradecer ao milagroso Santo o ter satisfeito os seus desejos.

O Paulo Pequeno, maravilhado, segredou ao



RIO DE JANEIRO—JARDIM DO PALACIO DO CATETE

ram do lado do Munim não se queriam misturar com a gente do Joca, por um instinto de respeito ao voto deste. E o Raimundo Papudo, escrivão na villa da Manga, imaginando e pondo em prática essa resolução, assim concluía:

— Não nos devemos aproveitar das graças que sobre o illustre sr. Joca cairão dos céus.

Também era essa a opinião do Trancoso, do Paulo Pequeno e do religioso Quintino, da Villa do Paço do Lumiar.

Da família do Mafra, lavrador no Icatú, três mocoilas haviam-se oferecido para acompanhar a missa a orgam; e o Trancoso sugeriu a idéa da missa ser cantada. Sendo um só celebrante, para o não fatigar, cantar-se-ia a missa do *D. Ratinho*, dum «bella execução», em que o seu autor puzera o que de «mais puro e suave ia na alma», quando a compôz.

Ao começar a cerimónia o capuchinho teve que ouvir do Lino a «triste, mas verdadeira confissão» de que elle «não sabia ajudar a missa», nem rezada quanto mais cantada. O oficiante, porém, foi salvo

Trancoso que «sermão como aquele», só pregava o Frei Doroteu, na Igreja de Santiago, isto em «tempos que não voltam mais».

Era uma amostra geral de alegria em todos os rostos, sendo o Joca alvo da contemplação de todos. E, enquanto na sacristia, o capuchinho se desvestia dos hábitos ceremoniais, o amazonense, no adro, distribuia esmolas aos pobres. O Atanazio, um habitante do lugar, aprimava-se nessa ocasião do Joca, e, rendendo-lhe homenagem em frases engrossativas, convidou-o para padrinho dum barco de sua propriedade, que naquele dia, à tarde, seria lançado ao mar, ao que o seringueiro acedeu; «com muito prazer», disse meigamente.

O Trancoso, que havia ido esperar as cantoras no patamar da escadaria do coro, cumprimentou-as pela «belleza da voz», e, oferecendo-se «para o que quizessem», disse que — quando qualquer delas se casasse elle estava pronto para «levar as almoçadas à Igreja».

— A seguir.

ASTÓLFO MARQUES.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE ABRIL DE 1904

|| NUM. 64



SENADOR BENEDICTO LEITE

Da conservação integral da produção literaria de um povo

A obrigação modernamente imposta na maioria dos países civilizados a todo o editor ou impressor de qualquer livro, brochura, jornal, etc., de enviar um ou mais exemplares à Biblioteca Pública do lugar em que a sua publicação é feita, é ainda um vestígio, embora obedecendo a outro princípio e visando fim diverso, do antigo direito de censura, em pleno vigor na Europa a partir do século XVI, entre os povos adstritos à soberania



Type-Town

BAHIA.—VILLA OPERARIA.

espiritual de Roma. Surgindo numa época turbulenta e agitada, quando a Reforma protestante começava a abalar as consciências, semeando às mãos-cheias o germen das idéas revolucionárias que viriam mais tarde subverter todo o mundo do Ocidente, a imprensa vinha fornecer aos adeptos das doutrinas novas uma arma poderosissima de propaganda e deveria, portanto, aparecer como um espantalho apavorante à Igreja, que tremeu pela segurança da fé e pela integridade do dogma. Impotente para suffocar nobre a revolução religiosa que explodia, procurou necessariamente attenuar-lhe os efeitos, cortando-lhe os meios de propagação; e foi assim que o papa Alexandre VI, por uma bulha de 1501, prohibiu aos impresores a publicação de qualquer escripto que não fosse antes submetido ao exame e aprovação do arcebispo e dos seus vigários ou delegados, tudo sob pena de excommunicação e de uma multa, fixada em cada caso pela autoridade eclesiástica.

Esse terror da palavra escrita, esse panico do papel impresso transmitiram-se também às autoridades civis, e a bulha, ampliada e completada alguns anos depois pelo concilio do Latrão, foi secundada por diversas ordenações reais e decretos das Universi-

sidades, que vinham em auxílio da Igreja nessas tentativas de repressão da liberdade de pensamento. Era a guerra, guerra sem tregos, systematica, intransigente, feroz, declarada ao pensamento humano, todas as vezes que se guindava ás regiões defezas do livre exame e sempre que procurava reagir contra essa vergonhosa submissão das consciências, sobre a qual assentara as suas bases, durante longos séculos, o sombrio edifício do despotismo católico feudal. Os primitivos censores eclesiásticos vieram juntar-se outros civis, por toda a parte constituíram-se tribunaes incumbidos de examinar previamente as produções intellectuaes antes de serem entregues á imprensa; a Universidade de Paris organiza um *Index* dos livros proibidos, entre os quais figuram as obras de Rabelais; na Espanha é vedada pela censura, durante algum tempo, a impressão da segunda parte do *D. Quixote*, de Cervantes, por conter uma frase de orthodoxia duvidosa acerca das obras de caridade feitas com tibieza e fruixidão; em 1624 o Parlamento francês proclama a infallibilidade de Aristóteles e puniu com a pena de morte os que atacassem a doutrina dos antigos; em Portugal exigem-se para a publicação de um livro três licenças, precedidas de outras tantas censuras: a do Dezenbarço do Paço, a do Ordinário e a do Santo Ofício; na própria Inglaterra, onde as idéias protestantes tinham desde logo fructificado, esse tribunal arbitrário e sanguinolento, conhecido pela denominação de *Star Chamber*, estabelece a censura dos livros, por um decreto que ficou celebre, por ser como diz o erudito professor da University College de Londres, Augustine Birrell, um dos primeiros

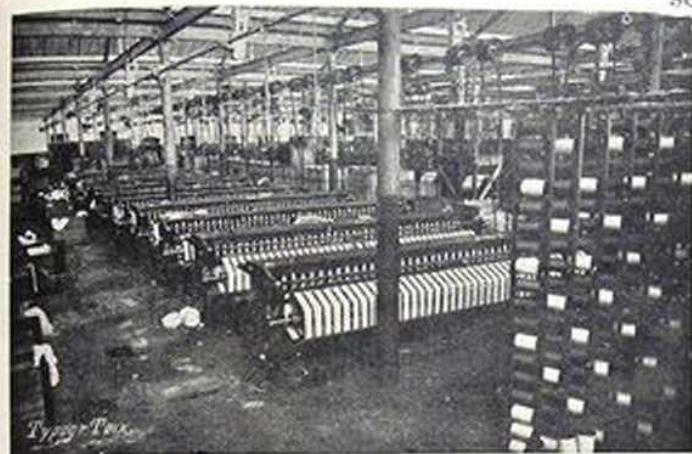


BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Salão de Leitura.

exemplos de tentativa para codificar num corpo uno toda a legislação esparsa sobre um dado assunto; e, despeito dos energicos protestos de Milton na sua *Areopagitica*, denunciando a aprovação previa como uma obra de inquisição papista e indigna de ser ad-

mitida por uma comunidade protestante, continuou esse decreto a servir de base a todas as leis posteriores. Para dar uma idéia do excessivo e deshumano rigor com que eram punidos os infractores dessas disposições, basta citar o martyrio de Geoffroy Valée, enforcado e queimado em Paris, em 1573, pelo facto de haver publicado a *Béatitude des Chrétiens ou l'Étau de la Foi*, sem declaração de logar e nome de impressor.

Além da obrigação de submeter à aprovação dos censores os manuscritos, antes de serem transformados em livro, ficavam ainda os impressores obrigados a depôr nas mãos dessas mesmas



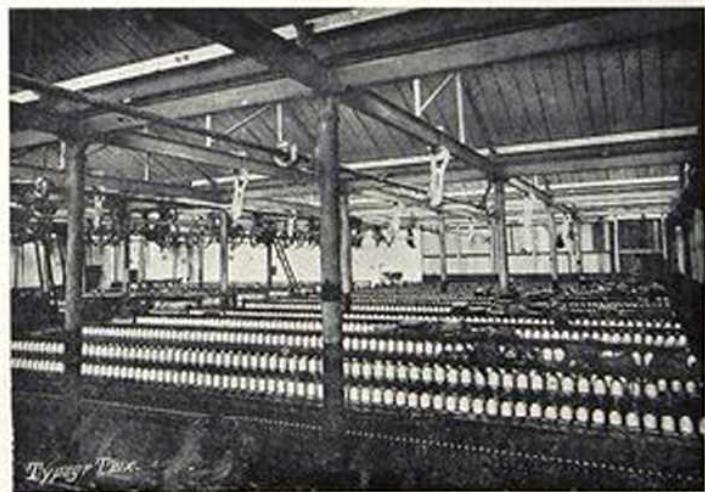
BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Salão das Meadeiras.

autoridades um exemplar da obra impressa, assim de que por elas fosse verificado se estava em tudo de acordo com o manuscrito que havia recebido o *imprimatur*. Esse exemplar foi denominado de *censura*, assim de distinguir-se do *exemplar de privilegio*, cujo depósito era também obrigatório aos editores de certos livros, gozando de privilégios especiais, concedidos pelos monarcas e outros dignitários, que os punham ao abrigo de reproduções ilícitas.

Quando mais tarde, com os progressos da civilização, que iam pouco a pouco libertando o espírito humano dessas peias da intolerância teológica, do despotismo real e do dogmatismo científico das Universidades, o direito de censura e os privilégios especiais foram substituídos pelo direito de vigilância, exercido principalmente sobre a imprensa política, e pelas leis garantidoras da propriedade literária, desapareceram, como era natural, os exemplares de *censura e privilegio*, substituídos pelos de *vigilância e proteção*, sendo que ao depósito deste último apenas eram obrigados os que queriam salvaguardar os seus direitos de qualquer contrafação. O primeiro desses exemplares veio também a desaparecer em alguns países com a consagração nos códigos modernos da liberdade plena de imprensa; o depósito, porém, do segundo ainda hoje existe e é entre nós exigido pelo art. 43 da Lei n.º 496, de 1 de Agosto de 1898, como con-

dição indispensável para o gosto pleno dos direitos autorais, nessa mesma lei definidos e garantidos.

A multiplicação rápida dos livros, em consequência dos acelerados progressos da arte typographica, que cada vez mais lhes facilitavam a aparição, fez que se cogitasse desde logo na escolha de um lugar apropriado para receber e conservar esses numerosos exemplares de *censura, privilegio, vigilância e proteção*; e nenhum mais no caso de preencher semelhante fim do que as grandes bibliotecas públicas, que então se começavam a formar. Depois, por uma associação de idéias naturalíssima, diz o dr. Armin GRÆSEL, veio a pensar-se se não seria de grande utilidade, não só no interesse das bibliotecas, como do público em geral, obrigar os editores a entregar ao Estado um exemplar de todas as obras que publicassem. Essa idéia, uma vez lançada, suscitou logo longas e calorosas discussões, que ainda hoje perduram. As opiniões dividiram-se: de um lado os que sustentam a sua incontestável utilidade, pois que permite, além de outras vantagens, reunir e conservar de um modo completo e integral toda a produção literária de uma época, produção que constitue, como o reconhece o próprio Konrad WEIDLING, um dos mais estrenuos adversários do depósito legal, o patrimônio intelectual de cada povo; do outro, os opositores, os que consideram esse depósito um imposto injusto, entre os quais figura Albert KIRCHOFF citado por Jules LAUDE, denunciando-o como *la dernière des prestations en*



BAHIA—VILLA OPERARIA—Salão das Fiadeiras.

nature qui existe encore. A este último grupo incorporaram-se os editores, que vêm na obrigatoriedade desse depósito uma extorsão odiosa, um sacrifício que injustamente lhes impõe o Estado. Esquecem-se, porém, como muito bem pondera o dr. GRÆSEL, de que todos aqueles que estão ao corrente dos serviços typographicos bem sabem que não são alguns exemplares de mais ou de menos que podem sensivelmente influir no preço da tiragem de um livro e

de que o reclamo indirecto que fazem as bibliotecas publicas das obras que recebem, anunciando-as nas listas das suas acquisitions, inscrevendo-as nos seus catalogos e comunicando-as aos estudiosos nos seus salões de leitura, é de um resultado muito mais efficaz para a sua venda do que os artigos criticos que aparecem em certos jornaes, as mais das vezes pouco lidos. E, no entanto, continua o douto bibliothecario da Universidade de Berlim, a que trabalho se dão os livreiros para obter desses jornaes alguns *comptes rendus* favoraveis e de quantos exemplares fazem presente ás respectivas redacções!

Além disso, diz ainda DZIATZKO, no prefacio



BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Salão de Preparação.

de um trabalho publicado em 1889, por Johannes FRANKE, historiando a origem e evolução do deposito legal em todos os paizes, é uma injustiça censurar o deposito legal e os editores que delle se queixam deveriam antes comprehender que o limitado numero de volumes, que assim dão ao Estado, apenas representa uma fraca compensação á protecção que este lhes concede contra os contrafactores.

—A seguir.

Antonio Lobo.

Perfis doentes

I

Dezoito annos apenas.

Franzina é loura, cabeça romântica de Madona e grandes olhos scismadores, onde um vago clarão de saudade perennemente reluz. Nos labios, de um roseo desmaiado, esvoaça por vezes um sorriso fugaz, e quando fala, vibra na sua voz, de um tom brando e doce, uma humildade indecisa de supplica.

Adoram-na os paes, perdidamente, pondo na della a unica razão da sua existencia. Cercam-na de carinhos e de affagos, buscam fazer-lhe da vida

um leito de plumas, macio e morno, onde ella durma embalada peia melodia suave do grande e incomparavel amor que lhe votam.

Deram-lhe um noivo, o que ella entre todos os que a requestavam preferiu. Os seus menores desejos são ordens, os seus mais insignificantes caprichos fazem lei.

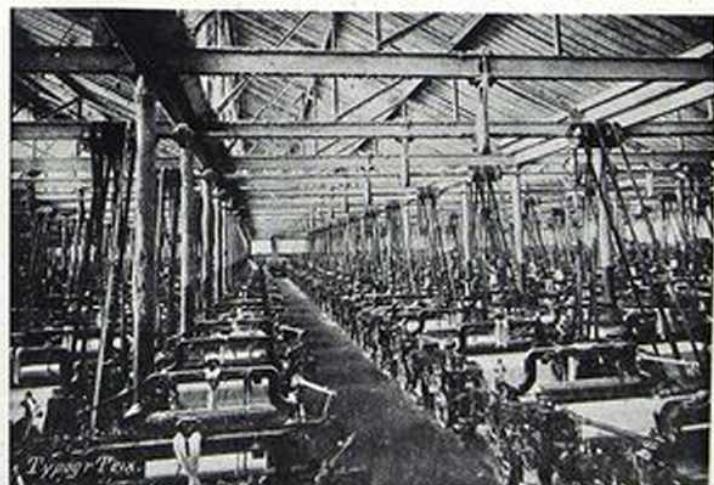
E no entanto ella é infeliz. Passa as noites em claro, surprehende-a quasi sempre a aurora de olhos abertos, na solidão casta da sua alcova de virgem, presa de uma tortura infinita, de um fundo e alanceador martyrio.

Que lhe falta na vida? O amor dos paes? Mas seria impossivel ser por elles mais querida do que é. A ternura de um noivo? Mas é inequivalvel aquella que a envolve, num nimbo resplandecente de adoração e de respeito. A riqueza? Mas seria até um crime desejar-a maior do que a que possue.

Que é que a faz então sofrer? Que veneno subtil é esse que se lhe infiltra nas veias, que lhe apaga o sorriso nos labios, que lhe rouba a alegria do coração, que lhe faz n'alma dorida uma noite tão desesperada e tão negra?

Ah! é que ella se sente incapaz de amar o noivo como ella suppõe, como elle crê que se deve amar aquelle com quem se vai partilhar a vida. Pensa, analysa, reflecte e cada vez mais se convence de que, apesar de sentir-se capaz de dar por elle a vida, não o ama contudo como ella deveria e como elle mereceria ser amado...

E de tal forma a persegue essa idéa que num bello dia rompe o noivado, deixa partir, o noivo com a morte n'alma e o desespero na



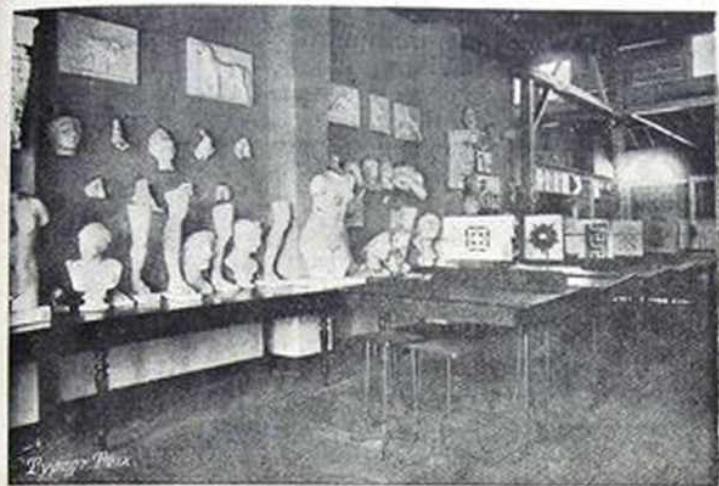
BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Salão com mil teares.

coração, sem que nada a demova do seu inconcebivel proposito.

Ah! como ella se sente atingida pelo gelo d'aquelle morte, como ella tambem se debate nas vascas d'aquelle desespero! Mas nada pode para evitar a primeira, recurso nenhum se lhe antoilha para acalmar o segundo...

O que ella deseja, o que ella aspira, o que ella pede ao céu é a *perfeição no amor*. Mas o céu impassível cerra os ouvidos à sua supplica... Mil anos que ella viva, ha de sempre requeimar lhe a alma aquella sede desvairada, aquella louca e insaciável sede...

Germano Lopes.



BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Escola de Desenho e Pintura.

A patente do Severo

Fóra sempre aquele o sonho dourado da sua vida. Havia quem ambicionasse riquezas, posições políticas, amores facéis e mais uma infinidade de prendas que vulgarmente passam como os melhores aceipipes da existência humana; elle não, cifrara desde o uso da razão as suas ambições apenas naquillo: num galão de Alferes da Guarda Nacional.

Quantas vezes, no seu banco humilde de sapateiro, com o busto inclinado, a martelar a sola, pela imaginação enfebrecida lhe não desfilavam infundáveis teorias de Alferes, bárbaros uns, imberbes outros, estes rotundos e graves, aquelles esguios e gingadores, ostentando todos no punho do dolman o faiscante galão tentador.

Pouco a pouco um calor belicoso punha-lhe o sangue a refervor nas veias e o Severo, abandonando a modinha que estrebillava em assobios, entoava uma marcha vibrante em cujas notas passavam guinchos de clarins e rufos de tambores.

Mas nunca confessou a ninguém o seu sonho, nem mesmo à mulher, à Gertrudes, casusinha delgada que em quatro annos de matrimônio já o havia mimosado com quatro fedelhos, cada qual mais preto e de carapinha mais dura.

Também que lhe adiantava confessar as suas ambições à Gertrudes? A sua estupidez congenita, a vida reclusa que levava, da cama para a cosinha e da cosinha para a cama, de certo lhe não permitiam comprehender todo o alcance do sonho em que se inebriava.

Queria a patente, mas não rogada, nem sequer

solicitada. Só se sentiria satisfeito com ella quando lhe viessem espontaneamente oferecer, como já haviam feito a tantos dos seus camaradas.

Para semelhante fim, pôz-se a cultivar a amizade política do Coronel Ramalho, votando sempre nas eleições na chapa patrocinada pelo figuraes comparecendo inviavelmente a todos os comícios por elle convocados, buscando em todas as ocasiões salientar-se, chamar para o seu zelo inexcedível e para a sua incondicional dedicação a atenção do chefe.

Finalmente logrou o seu almejado intento. As ultimas propostas de nomeações remetidas para o Rio incluiam o seu nome no numero dos alferes de uma das brigadas da Capital.

O pobre homem, desde que foi informado disso, não dormiu mais, não comeu, não teve um só momento de sosiego, contando os dias, anseando doidamente pela chegada do paquete portador da suspirada nomeação.

A Gertrudes extranhou-lhe os modos e por diversas vezes interrogou-o acerca d'aquella repentina mudança.

Mas elle obstinava-se no silêncio, prometendo para mais tarde a explicação de tudo.

E assim decorreram os dias, até que afinal *O Diário Official* estampou o seu nome, Severo



BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Edifício das Escolas.

Romano da Annunciação, na lista dos Alferes recentemente nomeados.

O homenzinho quasi cai com um ataque de aploxeia ao ler a nova, e foi por um esforço sobrehumano que conteve os impetos que o assaltavam de correr aos pulos para junto da Gertrudes que na cosinha lavava a loiça tosca do jantar e confiar-lhe o portentoso acontecimento.

Mas aquelles açodamentos não lhe ficavam bem, a elle, um alferes da 3.ª brigada da Capital. Compoz por isso o semblante do modo mais grave que poude e num ar marcial e de circunstância dirigiu-se à cosinha.

A Gertrudes ao vel-o entrar assustou-se um pouco com aquella apparencia que lhe não conhe-

cia e quiz correr para elle interrogando. O Severo, porém, jogando a cabeça para traz e cerrando ligeiramente as palpebras, deteve-a com um gesto superior da mão estendida:

—Sabes, mulher? Sou Arferes da Guarda Nacional.

A Gertrudes arregalou os olhos:

—Cum, seu Severo?

O belicoso oficial repetiu a afirmação, carregando um pouco mais na voz.

—Sou Arferes da Guarda Nacional.

Mas a Gertrudes não percebia bem a coisa.

—Mas, seu Severo, o que é Arferes da Guarda Nacional?



BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Uma das oito avenidas.

O Severo encarou-a espantado, como se ouvisse ali a maior blasphemia do mundo.

—Tu não sabe o que é ser Arferes da Guarda Nacional?

—Eu não, respondeu parvamente a mulher.

O Severo afastou-se um pouco mais, endireitou altaneiramente o busto, franziu os sobrolhos e numa voz de trovão cresceu para a mulher, ferrando-lhe fortemente o braço:

—Teje presa!

A Gertrudes cada vez mais assustada encarava embasbacadamente o marido.

—Teje presa! repetiu o homem, engrossando ainda mais a voz e apertando-lhe mais os pulsos.

—Seu Severo, pela mór di Deu, não me faça mā, regouga a infeliz, desta vez quasi louca de terror.

O Severo então, desanuviando o semblante, afrouxou-lhe o braço, empurrando-a ligeiramente para traz:

—Teje sorta!

E em resposta ao olhar cada vez mais interrogador e mais embasbacado da mulher, soltou a frase explicativa de tudo:

—Isto é que é sé Arferes da Guarda Nacional!

Eusebio Ribas.

A paixão do Ambrosio

Decididamente, aquella ficaria sendo para sempre a grande paixão romântica da sua vida, o afecto soberano e exclusivo, feito de todas as ternuras castas e de todos os desinteressados devotamentos de que se sentia ainda capaz a sua alma gasta de sceptico e de blasé!

Das varias e inúmeras intrigas amorosas que até então lhe haviam povoado a existência inutil de dissipado e de ocioso, apenas buscara retirar a satisfação dos sentidos, o prazer baixo e animal da carne e, umas vezes por outras, um relativo goso espiritual, para logo suffocado pela aancia bruta da animalidade. Que lhe importavam os estragos que as borrhascas da paixão semeavam nas almas incautas que se deixavam deslumbrar pelo brilho irresistivel da sua elegancia e do seu espirito? Que interesse para elle poderiam ter os dramas intimos de desillusão e de tortura das pobres victimas que a sua victoriosa saciedade sensual atirava ao pelago anonymo das esquecidas? A mulher, para elle, apenas representava uma machina de prazer, a escrava docil e submissa dos caprichos do homem. Offerecer humildemente á concupiscencia do ultimo o seu corpo e a sua belleza phisica, sem o direito de exigir em troco a mais leve paga, a não ser uma palavra vaga de amor atirada ao vento ou uma caricia ligeira que apenas vivesse com o desejo que a ditava, eis ahí a sua missão unica, a sua função exclusiva na terra.

E assim, praticando á risca esse evangelho cynico de corrupção e de egoismo, vinha elle



BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Jardim da Infancia.

caminhando pela vida, despreocupado e feliz, na inconsciencia de quem nasceu para dominar e vencer, sem nunca ser vencido, nem dominado. Mas agora, repentinamente, surgia-lhe aos olhos aquela perfil suave e fino de virgem, de longas tranças sedosas e olhos rasgados e ternos, onde peren-

mente se espalhava a mais immaculada pureza d' alma.

Vira-a pela primeira vez, por um mero acaso, numa Igreja humilde, onde entrara por desfastio, para matar umas horas de aborrecimento mortal. E fôra tal a impressão que lhe produzira no animo que no dia seguinte, às mesmas horas, penetrava de novo no templo e ia estupidamente, como os devotos parvos que enchiham a nave, postar-se junto ás grades de um altar a encher os olhos com a imagem radiosa della.

Quem era? Dnde vinha? Como se chamava? Tudo isto ignorava o Ambrosio e pouco se lhe

ração. E se ella não voltasse mais? E se elle nunca mas a visse? Estupido que fôra em ceder a umas basofias tolas de presumido, em deixar fugir tantas ocasiões que se lhe offertaram de descobrir a morada do seu ídolo.

Ah! elle daria agora uma fortuna inteira, annos e annos de vida feliz, para poder, por um só momento que fosse, vê-la, encher os olhos com a sua imagem adorada e casta!

E com os olhos febris e raivosos encarava um padre obeso e velho que genefluxo nos degraus do altar móre entoava em voz desenxabida e chilra um latim barbaro e desconchavado.

De repente, uma pressão leve comprimiu-lhe o braço ao mesmo tempo que um bafio de dentes pôdras lhe feria o olfato e uma voz fanhosa balbuciava:

—Faça favó de mi dá um lugasinho?

Voltou-se bruscamente, e... oh! céus! que horror! Quem lhe havia de surgir em frente?

Ella, a adorável desconhecida, cuja imagem tão obstinadamente o perseguia de alguns dias a aquella parte!

O que se lhe passou no íntimo naquelle instante elle nunca pôde explicar ao certo. Quando deu por si estava no Largo, sorvendo a plenos pulmões a viração fresca da noite e buscando num passo estugado pôr entre si e o templo a maior distância possível.

Não, decididamente, a sua norma primitiva era a única racional e segura. Aquela decepção curava-o para sempre dos amores pláticos. E pela mesma bitola da desconhecida do templo passou a julgar todas as virgens de



BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Escola Ruy Barbosa

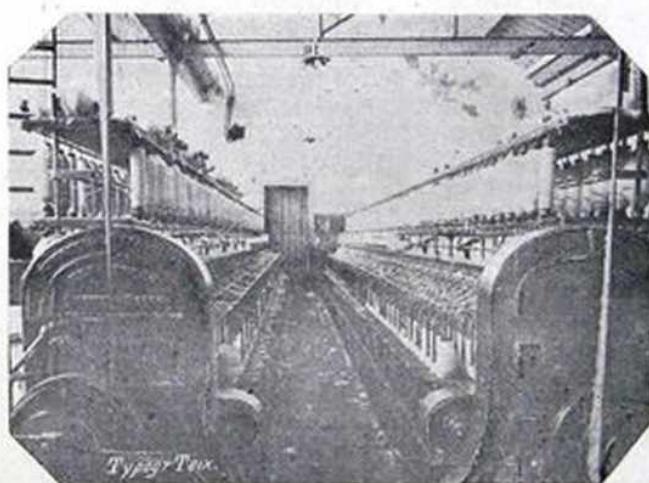
dava por enquanto aprofundar semelhantes questões. Seria fácil segui-la quando saísse do templo, interrogar um conhecido, tomar informações de uma vizinha. Mas um mixto de pudor e de orgulho inhibia-o de pôr em prática qualquer desses alvitres. O que elle queria agora, ou melhor, o que uma força desconhecida o forçava a querer agora, era simplesmente vê-la e adorá-la de longe, num recolhimento apaixonado e terno, numa deliciosa e adorável submissão de que nunca se supuzera capaz.

E repassando pela mente todas essas idéas, o Ambrosio penetrou no templo literalmente cheio, porque nessa noite terminava a novena que andavam a resar a um milagroso santo, cujo nome não tivera a curiosidade de indagar.

Depois de muito empurrão e muita dificuldade, conseguiu chegar ao seu posto predilecto. Mas ali aguardava-o uma dolorosa decepção. O logar habitualmente ocupado por ella mudara de dono. Uma negra velha, de faces encovadas e capricha immunda, pavoneava-se na extremidade do banco onde tantas vezes os seus olhos adoraram a simplicidade casta da desconhecida.

Debalde o Ambrosio percorreu com o olhar toda a nave... Nada! Em parte alguma conseguiu obrigar aquele perfil fino, aqueles olhos rasgados, aquelas tranças sedosas...

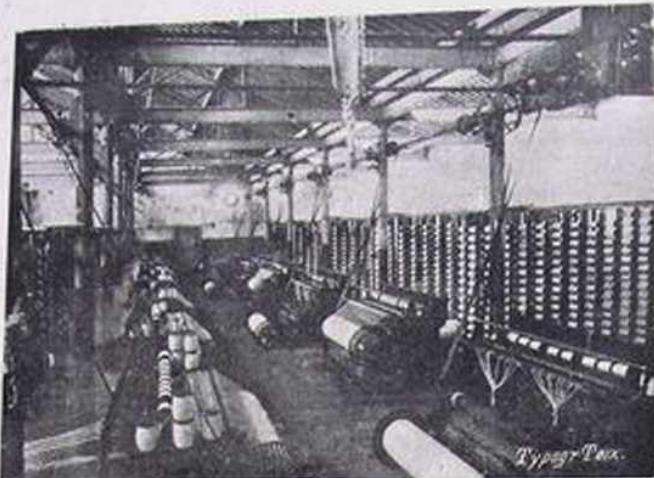
Uma apavorante angustia empolgou-lhe o co-



BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Salão de Estiragem

perfis suaves e finos, olhos rasgados e ternos e tranças sedosas e bastas. Sim, senhor, muito puras, muito idéas, muito immaculadas. Mas no tocante a dentes e a gramática, uma podridão naufragada e infecta.

Não! Mil vezes as impuras!



BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Salão da Urdideira n. 1

MAIS DO QUE A FORÇA—O AMOR

A MIGUEL HOERHANN

O esforçado paladino da educação physica em Maranhão

Offerecendo-lhe o «Hymno á Integridade Corporal Humana» por elle laureado em concurso com uma coroa de ouro.

Amor, suprema força d'alma humana!
Regra e ideal supremo da existencia !
Tudo Elle move, e, quanto move, irmana:
Educa?—E arte. Ensina a amar? E Scienza.

Da Epopéa Humana.

Tu, que só tens por lemma, na existencia
E arte, o ser forte e firme e franco e fiel,
Pondo nisso—e educando—toda a sciencia
De um Blondin a escalar esta Babel;

Vê que a força não tem a transcendencia
Do amor: com ser egoista, ella é cruel.
Porque crês nossa raça em decadencia ?
Vence a Ruy de Bivar Guilherme Tell?

Mas, ei na força muscular se escuda
O amor, qu'em bem servir põe todo o egoismo,
Em cavalheiro o athleta se transmuda.

E São Bernardo, amando a Eloisa, vale
O Cid, que á Ximena enfeuda o heroísmo,
Como Hercules fiando aos pés de Omphale.

*Generino dos Santos.***Helvetica**

Os olhos verdes teus, onde florescem
As frondes jaldeas do meu verso, estranhas,
Aos desolados olhos meus parecem
Duas verdes Helvecias sem montanhas...

E quando, como um plesilulio, descem
Do santo amor ás bíblicas entradas
Os outomnos das crenças ressuscitam,
Reflorindo na luz das seivas ganhas.

Nas sombras tristes dos seus longos cílios
Passam misticos faunos deslumbrados
Na poeira inefável dos idílios...

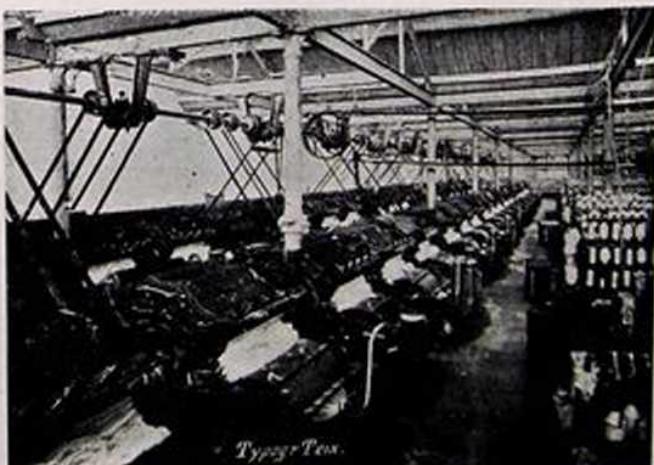
—Seus olhos verdes de caricia e mel
Nos longos alvos das paixões, doirados,
São como as flechas de Guilherme Tell.

*Maranhão Sobrinho.***O amor**

E o velho tema immorredoiro. E o tema
Que eternamente os séculos agita.
O extremo goso e a desventura extrema,
A alegria que canta, a dor que grita !

A este levanta á abobada infinita
De azas nos hombros, nuns clarões de Poema !
E faz daquelle a misera e maldita
Mumia da Magoa intermina e suprema !

Deus, grande Estheta illuminado e mago,
Fero inimigo da Monotonia,
Fê-lo sol, fê-lo seiva e treva e estrago,
Porque não fosse da Existencia a via
A agua parada e sem rumo de um lago
De superficie eternamente fria !

Alfredo ASSIS.

BAHIA.—VILLA OPERARIA.—Compartimento das cardas.

Um homem que se humilha ante outro homem
faz á especie a mais imperdoável das injurias.

P. Herdy.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE MAIO DE 1904

NUM. 65



MARANHÃO—AS MARGENS DO BACANGÁ ILHA DA MAGUA

Paysagem nua, de uma tristeza eterna, com arvores sem sombra, enrugada como um coração de velha.

Fica no Oceano da vida.

Ficará muito longe ?

Ilha que a Maré da Dór trouxe para alli, fragmento do largo coração amoroso da Terra, que um braço de onda arrancou num momento de tédio, não tem sombras de arvores, pois não conhece a sombra.

Nú, como o corpo de um afogado, esse trecho sáfarro de rochas e tem habitantes, todavia.

E' a geração dos Desolados, dos que deixaram o coração num canto da Terra, onde viveram, muito além do Mar.

Mordem ahí um pomo eterno e sombrio que a onda lhes traz, numa piedade de irrisão.

Porque esse pomo é amargo, como os fructos do Mar Morto.

Cheio de cinzas... Cheio de cinzas...

Querem olhar e pelas orbitas vasias olham o vacuo infinito das coisas.

Teem sede e bebem, atravez do ceu, na taça azul que se volta para elles, rios de magua, estuários largos de pesar.

E o que é peior, o que é mais amargo, é não terem coração, que esse lhes ficou na Terra do Riso; é não serem, ao menos, como esse Mar que os cerca e tem um largo coração tão verde, com veias de algas muito enramadas, muito difíceis, boiando à tona.

R. Alves de Farias.

Tem tres annos tão somente
Elda, mas toda a meiguice
de um cherubim que sorrisse
á gente.

Traz o sol pelos cabellos
que lhe emmolduram a face.
Pensam todos que o sol nasce
ao ve-los.

Nos olhos o azul celeste,
desse azul que sem desmaio
o ceu nas tardes de maio
reveste.

Que lindos labios vermelhos
e o rostinho, que regalo !
só deve a gente beijal-o
de joelhos.

Começa a fallar apenas
da bocca as palavras nascem
como se accaso cantassesem
avenas.

Já vai ensaiando o passo
de olhar assustado e terno.
Tropeça... cai no materno
regaço.

A noite, quando adormece
em flocos de renda fina
mais anjo do que menina
parece.

Elda lactea e rosicler,
pluma que me acaricia,
cuido que fôra mister
em bem da minha alegria
que nunca fôsses um dia
mulher.

Maranhão—1904.

A. J. Alves de Farias.

(Do «Cancioneiro Infantil»).



CAPITAL FEDERAL—Desembarque—Caes dos Mineiros

Da conservação integral da produção literaria de um povo

Felizmente, porém, apesar de toda essa celeuma e de toda essa oposição, a idéia caminhou triunfante e quasi todos os países civilizados a tem hoje consagrado na sua legislação, como uma medida sabia e útil, «aprovada pelo *consensus gentium*,» —pois não só centraliza e conserva toca a produção intelectual de uma região, como também constitue uma rica e perenne fonte de augmento das colecções de uma biblioteca pública. E os exemplares depositados em vista dessas novas disposições são denominados por FRANKE *exemplares de estudo*, «porque contribuem para o desenvolvimento da instrução e para o progresso da ciencia.»

Na Alemanha, a lei de 7 de Maio de 1874 confere a cada um dos Estados que compõem o império o direito de estabelecer o depósito legal sobre as bases que mais vantajosas e favoráveis aos seus interesses lhes pareçam. Essa lei, porém, não tem trazido, na prática, resultados satisfatórios; as disposições tomadas pelos Estados, que de semelhante faculdade se quizeram utilizar, não satisfazem plenamente às necessidades do serviço, e a consequência de tudo isto tem sido a impossibilidade da conservação num depósito público de toda a produção intelectual alemã. Para obstar a continuação desse mal, alguns escriptores lembraram a idéia de ser qualquer das grandes bibliotecas do paiz transformada em biblioteca imperial, e que ao mesmo tempo uma lei unica, regulando o depósito legal para todo o império, concedesse a essa biblioteca o privilégio de receber os *exemplares de estudo*. Quasi todos foram concordes em reconhecer a immensa conveniencia da execução desse plano;

mas, quando se tratou de escolher a biblioteca que deveria gozar de semelhante privilegio, surgiram as dificuldades: uns indicavam a de Leipzig, outros a de Franckfort e assim successivamente. A associação geral dos escriptores alemães optou pela escolha da Königliche Bibliothek de Berlim, sugerida anteriormente por Karl KEHRBACH, e, numa assembléa reunida em Weimar, a 26 de Setembro de 1880, decidiu por unanimidade enviar uma mensagem ao Chancellor, pedindo o seu interesse por esta medida. Não teve, porém, essa mensagem o resultado que era de esperar e a mesma sorte coube a todas as tentativas posteriores, de forma que a questão permanece ainda hoje insolvida e o serviço de depósito no mesmo pé em que d'antes.

Na Hespanha, uma lei de 1830 exigia o depósito de nove exemplares. Na Italia existem disposições quasi idênticas em favor das bibliotecas universitárias. Nos Estados Unidos todo o editor é obrigado, sob pena de multa, a enviar a biblioteca do Congresso dois *exemplares de estudo*. Na Russia existe também a obrigatoriedade do depósito no comité de censura — como condição essencial para a circulação de qualquer livro, embora não se destine à venda — de nove exemplares brochados, que são depois distribuídos pelas bibliotecas públicas do paiz. Esse depósito deve ser feito pelo impressor, mas à custa do editor.

Na França o depósito legal é actualmente regulado pela lei de 29 de Julho de 1881, que estabelece no seu art. 3.º: «No momento da publicação de qualquer impresso será feito pelo impressor, sob pena de multa de 16 a 300 francos, um depósito de dois exemplares, destinados às colecções nacionais. Esse depósito será feito: em Paris, no Ministério do Interior, nos *chefs-lieux de départements*, na Prefeitura, nos *chefs-lieux d'arrondissements*, na Sub-Prefeitura e nas outras cidades na *mairie*. O acto de



Typogr Tex.

CAPITAL FEDERAL — A FLORESTA DA TIJUCA

deposito mencionará o título do impresso e a cifra da tiragem. Exceptuam-se desta disposição os boletins de voto, as circulares commerciaes e industriaes e as obras chamadas *de ville e bilboquet*. Sob esta ultima designação são comprehendidas, segundo uma circular do *Directeur de la Librairie*, de 15 de Junho de 1830, as obras que, impressas por conta da administração ou destinadas a usos privados, não são susceptíveis de serem espalhadas no commercio. Desses dois exemplares, um será remetido à *Bibliothèque Nationale* e o outro ao ministerio da Instrução Pública.

Camille COUDERC, sub-bibliothecario do departamento dos manuscripts da *Bibliothèque Nationale* de Paris, analysando essa Lei e discutindo o modo por que é feito o serviço, diz que ambos apresentam graves inconvenientes, sob o ponto de vista da formação das colecções nacionaes. Em primeiro logar, commette o legislador a falta de dirigir-se ao impressor, deixando o editor de parte, não attingindo, por consequencia, o livro tal como é exposto à venda. O impressor, para satisfazer a obrigação que lhe incumbe, nada mais tem a fazer do que ir depositando as folhas, à proporção que as vai imprimindo; o cuidado de reuni-las em volume e fazê-las depois brochar ou encadernar fica a cargo do Ministerio ou da Bibliotheca. E este inconveniente não é ainda dos mais graves. Não é raro o facto de ser a tiragem de uma obra feita em más de uma typographia, chegando por isso as fo-

llas separadamente ao ministerio, o que dificulta o trabalho de reuni-las convenientemente. Estes factos são ainda mais frequentes no tocante às capas e títulos de volumes luxuosos, gravuras e mappas fóra do texto, que constituem a especialidade de certas casas, distintas das que se incumbem da impressão do livro. Cada uma delas faz o seu depósito em separado e em épocas diferentes, tornando por vezes impossível constituir o volume.

Além disso, continua COUDERC, os *bureaux* da livraria são muitas vezes levados, em consequência de uma demora, de uma falta de indicação e mesmo de um esquecimento bem comprehensivel, a considerar esses mappas e gravuras como publicações separadas. São então recolhidos ao departamento das estampas ou à secção dos mappas da bibliotheca, enquanto o texto segue para o departamento dos impressos, dando como consequência ficar a obra inutilizada. Nenhuma destas faltas se daria, se recahisse sobre o editor, e não sobre o impressor, a obrigatoriedade da remessa.

O legislador commeteu mais, diz ainda COUDERC, um imperdoável descuido, nada dizendo sobre o estado em que se devem achar os exemplares depositados, porque certos impressores tomam esse silêncio em seu favor e apenas depositam exemplares sujos ou impressos em papel de má qualidade, cuja deterioração é rapida. Já se tem mesmo dado o caso de serem depositados volumes impressos em papel de prova, ao passo que a edição inteira é tirada em papel de Hollanda. No tocante às estampas, então, os resultados dessa negligencia são muito mais lamentaveis. Os gravadores, na maioria dos casos, apenas enviam *planches en noir*, quando as expostas à venda são coloridas.

Neste mau estado é que foram depositados o *Tableau des Pavillons Maritimes*, de Legras, a *Histoire de la peinture sur verre*, de Lasteyrie e outras publicações idênticas, cujo interesse principal reside nas cores das respectivas gravuras. Os delitos de imprensa prescrevem em tres meses e este prazo é materialmente insuficiente à bibliotheca para collectionar, e ás vezes mesmo receber os volumes, de forma que é impossível, em certos casos, obrigar o impressor a substituir o exemplar imprestável.

O eminent director da *Bibliothèque Nationale* de Paris, Léopold DELISLE, nas suas *Notes sur le Département des Imprimés*, constata exuberantemente os resultados de todas essas faltas apontadas por COUDERC. «A questão das reformas a fazer no serviço do deposito legal, diz o eruditio escriptor frances, é por demais complicada para ser abordada incidentemente. Basta lembrar aqui que, apesar da frequencia das nossas reclamações e do solicito concurso dos *bureaux* do Ministerio do Interior, muitas publicações francesas não chegam à Bibliotheca, ou ahí são representadas apenas por exemplares mais ou menos defeituosos. O mal seria ainda maior, se muitos autores e editores, para garantir a conservação num deposito publico de todos os productos da livraria francesa, não prenchessem



MARANHÃO—RUA DOS REMEDIOS

frequentemente as lacunas existentes, umas resultantes da negligencia dos impressores, outras dos processos actualmente empregados para a constituição dos livros à *planches* e das obras de grande folego, nas quaes entram elementos por demais diversos».

Nenhum desses inconvenientes se dará na Inglaterra, porque aí a lei que organizou o depósito legal, como aliás qualquer outra d'esse povo modelo, previu todas as hypotheses, curou de todas as eventualidades.

Data de 1662 a primeira lei ingleza estabelecendo o depósito legal em favor de uma biblioteca: o *Licensing Act*, promulgado pelo Parlamento de Carlos II, que dava á Bodleian Library o direito de receber um exemplar de todas as publicações que no reino se fizessem. Pouco depois começaram agosar de identico privilegio as Universidades de Cambridge, Edinburgh, Glasgow, St. Andrews, Aberdeen, King's College, King's Inn, Sion College, Advocate's Library, Trinity College e British Museum. Em 1836 as seis primeiras foram privadas dessa regalia, mas começaram a receber em compensação uma certa somma annualmente paga pelo Tesouro.

Presentemente o serviço do depósito legal é regulado pelo Copyright Act de 1842, que estabelece: — «That a printed copy of the whole of every book which shall be published after the passing of this Act, together with all Maps, Prints, or other Engravings belonging thereto, finished and coloured in the same manner as the best copies of the same shall be published, and also of any second or subsequent edition which shall be so published with any additions or alterations, whether the same shall be in letterpress, or in maps, prints, or other engravings belonging thereto, and whether the first edition of such book shall have been published before or after the passing of this Act, and also of any second or subsequent edition of every book of which the first or some preceding edition shall not have been delivered for the use of the British Museum, bound, sewed, or stitched together, and upon

the best paper on which the same shall be printed, shall, within one calendar month after the day on which any such book shall first be sold, published, or offered for sale without the bills of mortality, or within three calendar months if the same shall first be sold, published, or offered for sale in any other part of the United Kingdom, or within twelve calendar months after the same shall first be sold, published, or offered for sale in any other part of the British dominions, be delivered on behalf of the publisher thereof at the British Museum.

In the construction of this Act the word «book» shall be construed to mean and include every volume, part or division of a volume, pamphlet, sheet of letterpress, sheet of music, map, chart, or plan separately published.

Every copy of any book which under the provisions of this Act ought to be delivered as aforesaid shall be delivered at the British Museum between the hours of ten in the forenoon and four in the afternoon on any day except Sunday, Ash Wednesday, Good Friday, and Christmas Day, to one of the officers of the said Museum, or to some person authorised by the Trustees of the said Museum to receive the same and such officer or either person is required to give a receipt in writing for the same».

Da simples transcrição dessa Lei, resaltam, evidentes e palpáveis, todas as suas inapreciáveis vantagens, e será, por consequência, ociosa qualquer consideração a tal respeito; basta lembrar que, quando no futuro algum curioso rebuscador de antigualhas desejar conhecer o modelo dos *Valentines*, *Christmas Cards*, *Children's Toy Books*, etc., em uso na Inglaterra durante qualquer época, a contar da última metade do século XIX, encontrará na Biblioteca do Museu Britânico todos os exemplares de que careça para satisfazer essa curiosidade.

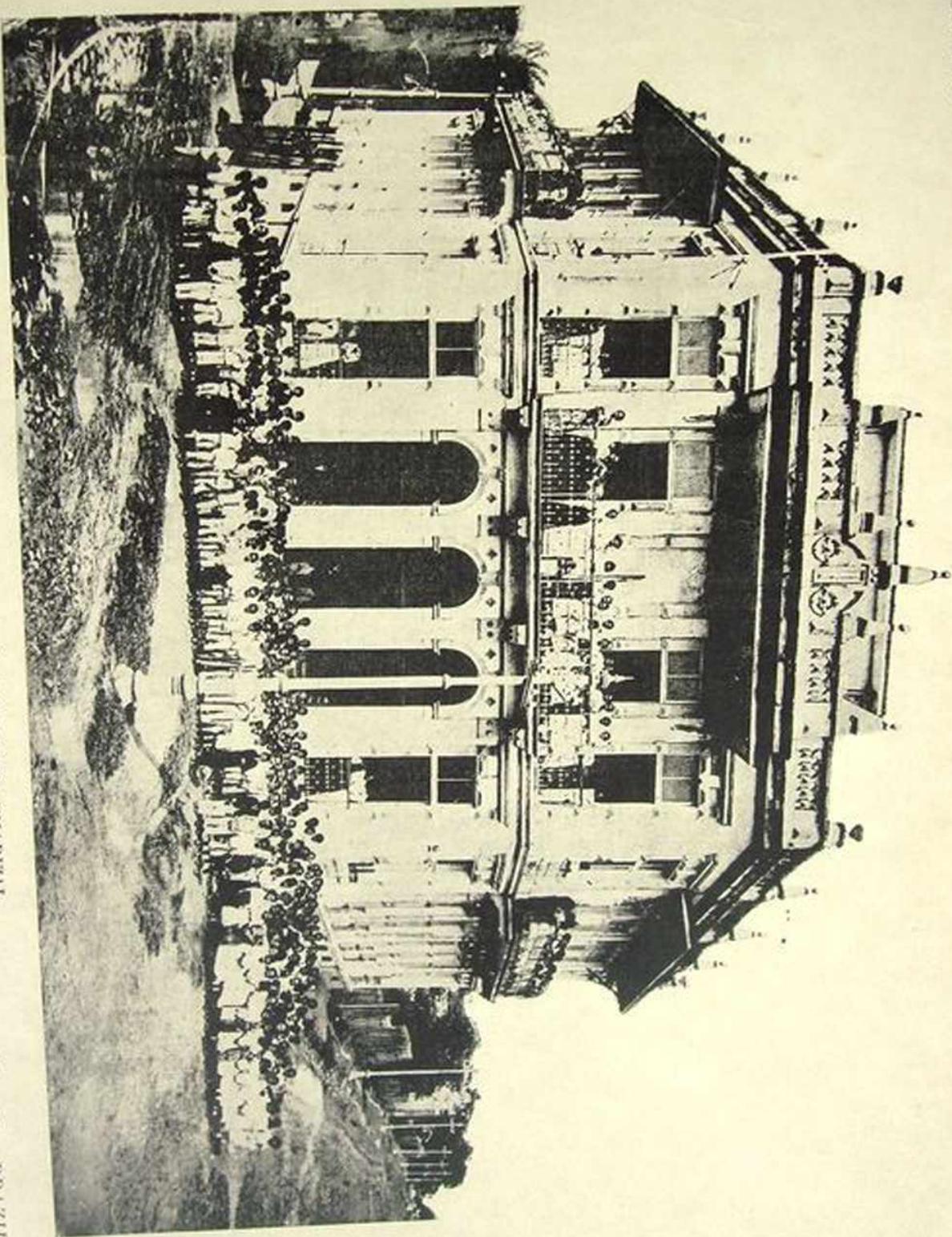
Alem do Museu Britânico, tem também direito a receber um exemplar de todos os livros publicados no país, mas mediante requisição dos respectivos directores, dentro de um anno, a contar da data da sua exposição à venda, as bibliotecas das Universidades de Oxford e Cambridge, Trinity College de Dublin e Advocate's Library de Edinburgh.

Em virtude das disposições do Copyright Act citado, só estão sujeitas ao depósito as publicações feitas no Reino Unido, não sendo por consequência atingida pela lei a produção literária do vasto império colonial inglez, que, como se sabe, já é riquíssima e numerosa; e seria, diz John MACFARLANE, um projecto magnífico tornar o British Museum, não sómente *nacional*, mas também *imperial*, nos sens privilégios de *copyright*.

Mas essa reforma grandiosa quasi que já está feita de facto, porque todas as colônias inglezas, com pequenas exceções, remetem para a biblioteca nacional de Londres todas as suas publicações, conscientes de que reverterão sempre em seu favor todos os esforços que empregaram pela gran-

SUPPLEMENTO AO N.º 65

4 DE MAIO DE 1904



PARÁ—GRUPO ESCOLAR 3.º DISTRITO, UMARIZAL.

Morando—BRAZIL

A REVISTA DO NORTE



MARANHÃO—IGREJA DO CARMO

deza dessa nobre raça, que, na frase de Erskine May, em todos os territórios adquiridos, por conquista ou por tratado, respeita sempre os costumes existentes da população, até que ella se torne apta a partilhar as liberdades tradicionaes da sua patria.

—A seguir.

Antonio Lobo.

TRES QUADRINHAS DO SR. TOBIAS BARRETO

Quem tiver tido a ventura de ler o flamante livro do sr. Tobias Barreto, «Dias e Noites», publicação postuma dirigida em 1893 pelo sr. Sylvio Romero sobre os manuscritos do auctor, terá encontrado á pagina 180 as tres deliciosas quadrinhas que me dou ao gaudio de transcrever:

Do beijo que tu me deste,
primeiro beijo de amor
toda tremula e convulsa
cheia de mimo e candor,

nasceu esta flicidade
que me enleva e me extasia
que outr'ora de longe em longe
somente em sonhos eu via...

O orvalho do sol cahido
em floreo seio acha abrigo;
minh'alma dorme na concha
cheirosa do teu umbigo...

(1884).

Que mimo! que graca! que perfeição da forma! que suavidade de sentimento! Tudo ahi é encantador e original, desde a *flicidez* do poeta, vis-
ta outr'ora, de longe em longe, em sonhos, a qual
a *flicidez* actualmente o enleva e extasia depois do
primeiro beijo que lhe deu a amada, *toda tremula e
convulsa, cheia de mimo e candor*, até ao somno dor-

mido pela alma do talentoso sergipano na
concha cheirosa do umbigo della!

Força é confessar que a alma do poeta en-
controu um albergue nocturno de primeira
ordem! C. de Figueiredo define *uribigo*: «cica-
triz deprimida ou saliente, resultante do corte
do cordão umbilical», abrangendo nesta defini-
ção os dous tipos: umbigo em concha e
umbigo em bola.

Isto prova que o delicadissimo cultor das
musas não phantasiou e quando diz *concha cheirosa do teu umbigo*, mostra claramente que
viu e que *cheirou* esse umbigo. A meu ver, porem, foi indiscreto, vindo trazer a publico o facto; e eu, mesmo que tivesse o umbigo em concha, nunca daria a um poeta a confiança de hospedar-lhe a alma: essa gente não sa-
be guardar conveniencias.

Alfredo Telles.

(Das «Glorias Nacionaes»).

Alma de poeta

E a alma do poeta a loura borboleta
Vaporosa, idéal,
Que sonha co'uma nesga azul do firmamento
E desce até ao val,
Buscando de uma flor na petala cheirosa
Da vida o dôce alento.

E a alma do poeta a flor que desabrocha
Aos osculos d'aragem;
A brisa que suspira, a brisa que murmura
No seio da folhagem;
Candido rouxinol das matas silenciosas
Tão cheio de ternura!

Ella não é da terra! imagem peregrina
De coisas transcendentais,
Só vive de sonhar; as suas esperanças
São todas ascendentes!
Desconhece da vida as putridas vinganças
E quasi que é divina!

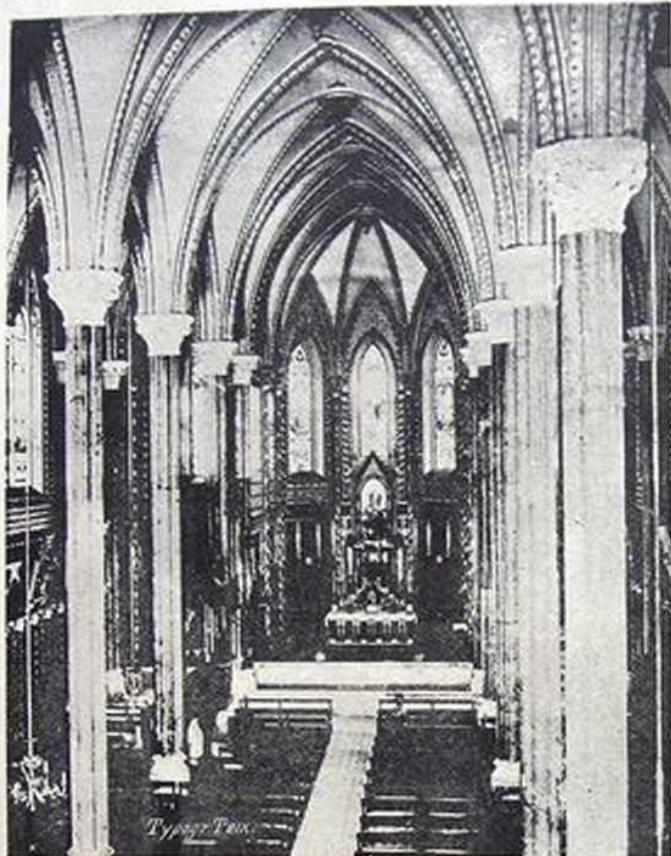
E dôce como o som das sacras melodias
De um côro angelical!
Ella tem sobre a fronte a aureola inapagavel
Que a torna sem igual,
E na lyra que empunha inventa, incomparavel,
Sublimes harmonias.

Construe na sua mente immensos himalayas
De sonhos e de amor,
E deixa-se embalar das vagas do oceano
No languido estertor.
Mas se sente pungir-lhe o seio a dor profunda
De um grande desengano,

Então, ella retrai-se como a sensitiva
E torna-se sombria!...
Nunca mais que murmura essas canções tão bellas!
E como a penedia,
Contra a qual vão bater as frias gargalhadas
De todas as procellas!

Pará.

Licínio Bastos.



CAPITAL FEDERAL - INTERIOR DA IGREJA DE BOTAFOGO

A promessa

(Continuação)

O sol era já abrazador. E não permitindo o santo lugar, despidos de arvores, que se estivesse agora ao ar livre, o Trancoso lembrou já serem horas do almoço. Encaminharam-se para a casa que haviam destinado exclusivamente para nella se servirem as refeições. Era logo junto á rampa — uma espaçosa casa de propriedade da Joanna Passos, que a cedera ao Trancoso, seu compadre.

Já o Alzir havia preparado a mesa com todos os requintes. Sentaram-se os maiorões da comitiva, o Joca tendo aos lados o capuchinho, o frei Lucas, que o acolitaria na missa, o Thiago, como a primeira autoridade do suburbio o Atanazio, o novel compadre do amazonense e as tres moçoilas que se haviam oferecido para cantar na missa. As outras pessoas não tinham lugar especial: era à vontade, dizia a Trancoso.

O Lourenço, esmerando-se por levantar cada vez mais a sua fama na arte culinária, apresentaria um extenso cardapio, de que se destacavam dois pratos: «lombo de porco à Amazonas» e «fritadas à italiana», como homenagem ao Joca e ao capuchinho. O Alzir prepara uma «salada à maranhense».

E o almoço corria por entre conversas sobre

multiplos assuntos. O Joca elogiava a cosinha maranhense, só lamentando a ausencia da sopa de tartaruga, a «sopa de tartaruga», o prato predilecto da sua terra. O capuchinho não tinha razão de queixa, pois, dizia elle, bebendo aquele vinho Barbedo e comendo aquelle macarrão de forno, preparado com tão bom paladar, experimentava uma «doce recordação» da sua patria, que deixara para vir servir a Deus, o que não fôra, acrescentava, reconhecido por «aqueles infelizes selvagens» que massacraram, no Alto Alegre, os seus irmãos e amigos. E fitando os céus, dizia:

— «Il Ministri de Cristo sé stesso per propagare nella do mon Religione, et tu, o popolo sacrifica il mondo per conservarla in te stesso.»

La animada a prosa um banco em frente á casa transformada em refeitório. Tinham-se servido já umas duas ou tres mesas. O Alzir convidava todas as pessoas para entrar e comer «sem cerimonia», que não se iria deitar á praia o que poderia «acamar-se no estomago».

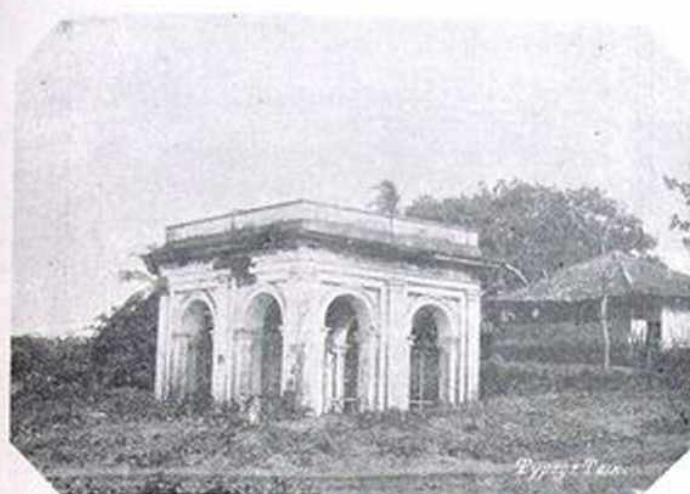
Entardecia. E o Atanazio lembrava ser chegada a hora do baptizado do barco. Encaminharam-se todos para a praia. Já lá na frente do povo, que ia assistir a cerimonia, estava o Lino, tendo no braço o sobrepeliz e a estola do capuchinho e a caldeirinha de agua benta com o hissope.

O Atanazio, dirigindo-se soridente ao Joca, pediu licença para apresentar-lhe a Xica do Rôxo, a madrinha do barco, a sua comadre, portanto. A Xica para aquella cerimonia, estava «metida nos pannos», como commentava o Tiago. Com uma saia de barra, camiza rendada, chale de seda, cordão d'ouro de tres voltas ao collo e africanas tremeluzindo nas orelhas, tinha nas mãos, «só por compustura», uma rica toalha, que sómente servira uma vez, — no baptizado da sua neta Martinha. No meio da cerimonia o Alzir irrompeu da multidão com uma pequena garrafa de rotulo dourado, das «seis especias» da adega, entregando-a ao Joca. Desamarrado o batel, devidamente aspergido, o amazonense, com mão certeira, sacudiu a garrafa á proa do *Flor dos Mares* (era esse o nome do barco), que deslizou contornando a parte da costa em frente á Ermida, galhardamente enfeitado, o Atanazio ao leme, como um triunfador, e a tripulação erguendo vivas ao «sinhô S. José», aos padrinhos, ao Amazonas, á classe marítima, e voltou direito ao ancoradouro.

Anoitecerá. E os sinos badalavam chamando os fieis. Ia-se cantar uma ladinha, promessa do Atanazio, em regosijo ao baptismo do novo sulcador dos mares. Logo atraç do capitulante genuflexavam-se — o frei Lucas, os padrinhos e o dono do *Flor dos Mares*. E a ladinha foi rezada por entre o mais religioso silencio, o Atanazio esforçando-se por tornar saliente a sua voz no *ora pro nobis*.

— Era delle a promessa, dizia, e ninguém mais do que elle tinha obrigação de orar.

Terminada a ladinha, promessa do Atanazio, rezou-se, acompanhada a harmonium, outra, promessa do Joca. Terminado o acto, reuniram-se



MARANHÃO — AS FONTES DO APICUM

defronte da *Casa Grande* tocadores de harmonicas, reque-reques, pandeiros e violas. Os dois *Mauézinhos* e o Novaes, tomado o «lugar de honra» no alpendre à direita da residencia do Joca, dedilhavam nos violões e no cavaquinho com maestria, e o Leopoldo esforçava-se por tirar as mais «agudas notas» da sua flauta. Fizeram-se fogueiras, acenderam-se «cabeças de breu», que, na opinião do Trancoso, com a sua luz mesmo fumosa supriam a falta de luar.

E o Joca, cachimbo no queixo, esticado numa cadeira de lona, contemplava extasiadamente aquele folgado. Dançava-se «familiarmente». Corria a verdinha, munim, genipapo e, do barril de decimo dum bom Collares, encanteirado junto ao alpendre, sorvia-se a «preciosa pinga», que o Cantidio, sobrinho do seringueiro, já um «pouco timbrado», distribuía franca e insistente.

Na entardecer e os folgazões já se iam num debandada geral, deixando o ambiente saturado dum acre cheiro de álcool.

No dia seguinte, logo cedo, o Joca, dirigia-se à igreja, para vizitá-la minuciosamente, acompanhado, além da sua comitiva, pelo Lino e pelo Mariano, um antigo residente do lugar, que lhe iam prestando as devidas informações.

O Mariano fizera ao seringueiro um muito rápido histórico sobre a Ermida, outr'ora muito damnificada, sem torre e sem frontispício, que eram agora novos, um padrão de «arquitetura bizantina». E o amazonense admirava no interior do templo: os quadros de fina pintura, vindos da Alemanha, representando a vida do orago; o pulpito de ferro, «esmerado trabalho» do Zé Tomaz; o candelabro que pendia do centro da igreja, oferta duma devota, e os quadros representando a Sagrada Família. E, à proporção que ao Joca e à sua comitiva iam sendo feitas essas narrativas, o cumpridor do voto ia de altar em altar genuflexionando-se ligeiramente.

Chegando ao altar-mór, onde se ergue a Sagrada Família, o amazonense demorou-se numa prece, em que o balbuciar sobresaia aos estalidos das

velas que ardiam no cirio e ao crepitado do azeite da lampada. Depois de permanecer muito tempo nesse recolhimento religioso, o Joca ergueu-se, tirou da carteira um envelope, que depositou na salva de prata que fica sob o altar. Em seguida transportaram-se à sacristia, a observar «os milagres». Foi o Lino quem os introduziu.

Na primeira sala havia um grande numero de pequenos barcos de buriti, feitos com esmero e arte, carregados de velas de cera: vinham de diversas partes da Ilha, impelidos pela correnteza; pequenas caixas de papelão, com cartas em regular quantidade, que, por «ordem do vigário», eram queimadas à proporção que se iam acumulando: encerrava a maior parte delas pedidos a S. José para «um bom casamento», outras para «fazer Fulano se casar» com a missivista; umas mais para «ter fortuna»; ainda outras solicitando do milagroso Santo a «tranquillidade no lar»; outras, enfim, com um churrilho de asneiras.

Passando á outra sala, ahi a vista confundia-se diante da porção de objectos de cera, desde a de cér mais alva té á mais amarela. Havia pendurados nas paredes, modelos de todos os membros do corpo humano: braços, mãos, pernas, pés, dedos, orelhas, seios, narizes, cabeças. E o Lino indo ainda buscar outros, que estavam encerrados em bahús, continuava a informá-los:

— Pessoas doentes, de tal ou qual parte do corpo, prometem, se ficarem boas, trazer o modelo em cera para o santo.

Também havia: caixões de velas de todos os formatos; grande numero de garrafas de azeite de mamona e de cúc, destinado á lampada; uma camisa de flanella azul, com que um devoto naufragara, além de outros muitos objectos que ainda havia nessa sala. Tamanha quantidade de cera era o total do que entrara por «aqueles dias». De tempos a tempos, informava o Lino, mandava-se para a cidade caixões e mais caixões, cujo produto da venda era aplicado na «despesa com o culto». O Joca fez pesar algumas libras de velas e, pagandas, pediu que as acendesse conjuntamente as que trouxera já.

Terminara a visita ao templo. E o amazonense, depois de agradecer ao Lino as informações que lhe prestara, retirava-se, dizendo ao Trancoso admirar-se como o ermitão explicava as provenências «daquelles milagres», como e quando lá chegavam, tudo minuciosamente, e, no entanto, não sabia «ajudar á missa»! Era isso o que «mais o intrigava».

Chegara a hora do almoço. O Atanazio havia levado ao *sinhó* compadre Joca dois grandes camorins, um preto e outro branco, que o Lourenço preparou logo: um, recheado e assado no forno, — «camarin a Flôr dos Mares»; outro, em postas, foi frito e, em escabeche, guardado para a «volta da romaria».

— A seguir.

Astolfo Marques.

Rede Telegraphica do Estado do Maranhão

I.

Linha tronco e linhas ramaes. Estações compreendidas. Distâncias intermediárias, número de condutores, e desenvolvimento dos mesmos.

A rede telegraphica do Estado do Maranhão comprehende a linha geral conhecida sob a denominação de «linha tronco», sete ramaes e um subramal.

A linha tronco, de três condutores, extende-se desde a margem esquerda do Parnaíba, em frente à Therezina até ao valle do Itapicurú, servindo as estações de Caxias, Codó e Itapicurú-mirim; d'ahi volta sobre os mesmos postes até à Bissecção, perto de Cachimbos, de onde segue para oeste do Estado, servindo as estações de Bacabal, à margem esquerda do Mearim, Engenho Central, à margem direita do Pindaré, os postos telephonicos de Balsas, Alto Alegre, Alto Tury e S. Joaquim do Poroá, a estação de Maracassumé, à margem esquerda do Maracassumé; d'ahi segue até o rio Gurupy, limite dos dous Estados, em frente do porto de Curucáua.

Os sete ramaes são: Caxias a Picos, servindo a estação de Picos;

Itapicurú-mirim—Codó a Coroatá, servindo a estação do Coroatá intercalada no 3.^o conductor;

Itapicurú-mirim a S. Luiz do Maranhão, servindo as estações de Rosario (Norte) e S. Luiz do Maranhão;

Itapicurú-mirim—Bacabal a Piqui, intercalada no 3.^o conductor;

Bacabal a Grajahu, servindo as estações de S. Luiz Gonzaga, Pedreiras, Barra do Corda e Grajahu, as três primeiras à margem direita do Mearam, a ultima à margem direita do Grajahu;

Engenho Central a Pinheiro, servindo as estações de Penalva, (telephonica), Vianna, S. Vicente Ferrer, S. Bento, Palmeira (telephonica urbana) e Pinheiro;

Maracassumé a Tury-assú, servindo o posto telephonico de colônia Amelia e a estação de Tury-assú.

O subramal extende-se de Cutim a S. Marcos, servindo a estação de Anil (urbana) e a de S. Marcos (telephonica e semaphorica).

A exceção dos ramaes de Coroatá e Piqui, todos os demais tem linha propria.

DENTRA

TRONCO

Therezina a Caxias.....	3 cond. com	65.850 m de ext. e	197.550 de desenv.
Caxias a Codó.....	3 " "	79.193 " " " "	239.379 " "
Codó a Itapicurú-mirim.....	3 " "	90.668 " " " "	393.204 " "
Itapicurú-mirim a Bif.	3 " "	40.4 0 " " " "	121.200 " "
Bif. a Bacabal.....	3 " "	86.919 " " " "	260.730 " "
Bacabal a E. Central.....	3 " "	109.290 " " " "	327.897 " "
E. Central a Maracassumé.....	3 " "	212.240 " " " "	639.720 " "
Maracassumé a Curucáua.....	3 " "	46.200 " " " "	138.600 " "
		731.360	2.318.280

RAMAES E SUBRAMAL

Caxias a Picos.....	1 cond. com	170.962 m de ext. e	170.962 de desenv.
Itapicurú-mirim—Codó a Coroatá.....	2 " "	13.050 " " " "	26.100 " "
a Rosario.....	4 " "	52.227 " " " "	208.908 " "
Rosario a Cutim.....	4 " "	56.054 " " " "	224.216 " "
Cutim a S. Luiz.....	5 " "	8.400 " " " "	42.000 " "
Itapicurú-mirim—Bacabal a Piqui.....	2 " "	5.650 " " " "	11.300 " "
Bacabal a S. Luiz Gonzaga.....	1 " "	22.000 " " " "	22.000 " "
S. Luiz Gonzaga a Pedreiras.....	1 " "	16.000 " " " "	26.000 " "
Predeiras a Barra do Corda.....	1 " "	144.191 " " " "	144.191 " "
Barra do Corda a Grajahu.....	1 " "	120.000 " " " "	120.000 " "
E. Central a Penalva.....	1 " "	43.309 " " " "	43.309 " "
Penalva a Vianna.....	1 " "	39.765 " " " "	39.765 " "
Vianna a S. Vicente.....	1 " "	31.200 " " " "	31.200 " "
S. Vicente a S. Bento.....	1 " "	21.400 " " " "	21.400 " "
S. Bento a Palmeira.....	1 " "	10.200 " " " "	10.200 " "
Palmeira a Pinheiro.....	1 " "	26.400 " " " "	26.400 " "
Maracassumé a Tury-assú.....	1 " "	88.400 " " " "	88.400 " "
Cutim a S. Marcos.....	1 " "	13.300 " " " "	13.300 " "
		892.208	4.269.351

Do exposto se vê que a rede telegraphica do Estado do Maranhão tem a extensão total de 1.623.568 metros com o desenvolvimento total de

3.587.531 metros para seus fios conductores.

Maranhão—1904.

A. J. Alves de Farias.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE MAIO DE 1904

NUM. 66

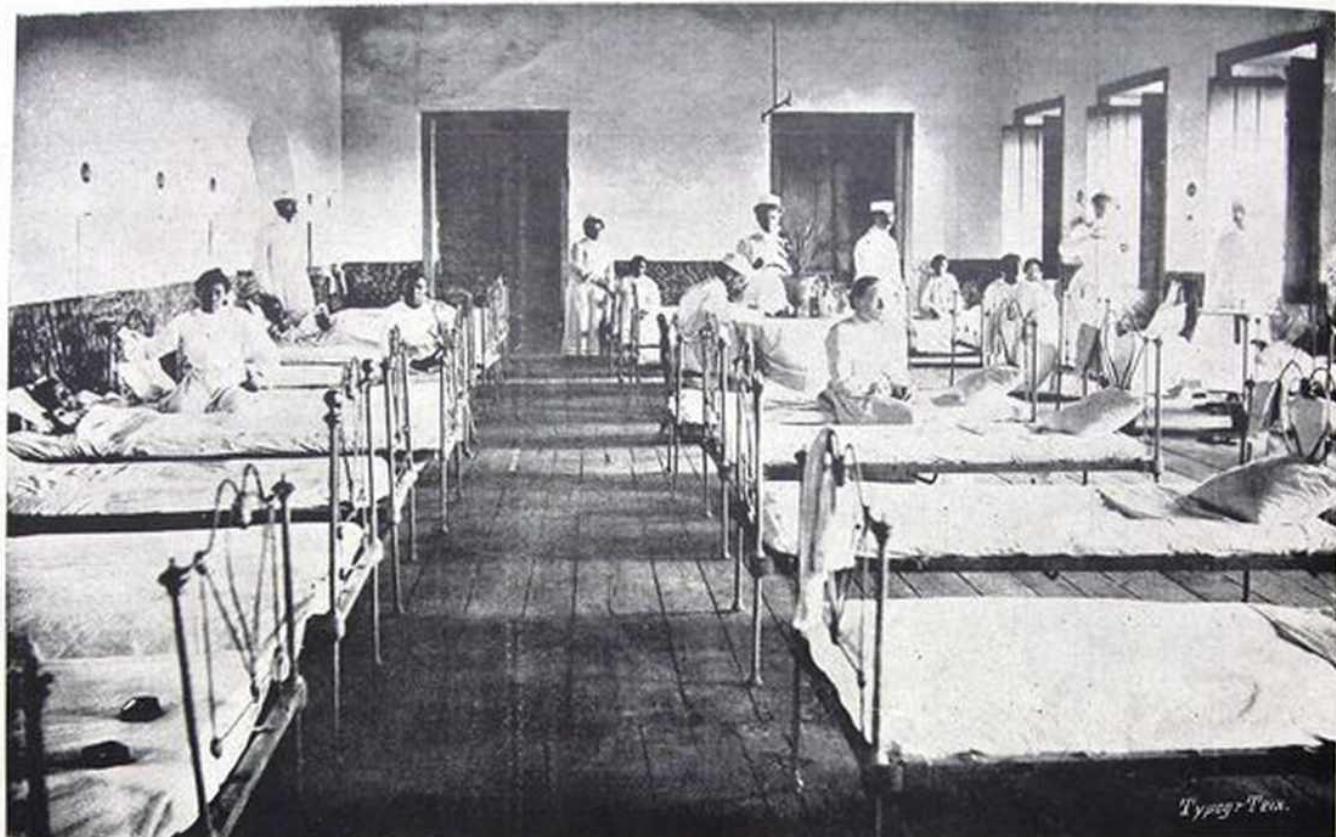


ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DO HOSPITAL DE ISOLAMENTO
Violet Small Mary Biggott

Dr. Alfredo Soárez

Dr. Victor Godinho

Dr. Gomes Pernas



Typogr Tex.

ENFERMARIA GERAL DAS MULHERES

O novo hospital de isolamento do Maranhão

A organização definitiva do serviço hospitalar só teve logar depois de transferidos os doentes para o Hospital Militar. Antes disso, porém, foram necessárias a intervenção do GOVERNADOR do Estado, coronel ALEXANDRE C. MOREIRA JUNIOR junto do governo federal e a do Senador BENEDICTO LEITE junto do Ministro da Guerra para que fosse cedido provisoriamente ao Estado aquelle próprio da União.

Alcançada essa cessão foram gastos cerca de 12 dias em reparos e limpeza indispensáveis à instalação do serviço, ao mesmo tempo que eram feitas aquisições de camas, mobília, roupas brancas e todo o material indispensável.

Nesse período de organização do Hospital de Isolamento o dr. V. GODINHO, que dirigia os trabalhos, foi auxiliado pelo sr. coronel NUNO PINHO, Intendente Municipal.

Dez dias antes da inauguração do hospital seguiram para elle duas enfermeiras, MISSES MARY BAGGOTT e VIOLET SMALL que puzeram ao serviço do Maranhão a sua prática de administração hospi-

tal e de tratamento de doentes.

O novo hospital, situado no extremo da Rua S. Pantaleão, é um edifício de dois andares dos quais sómente o andar superior era ocupado pelos doentes.

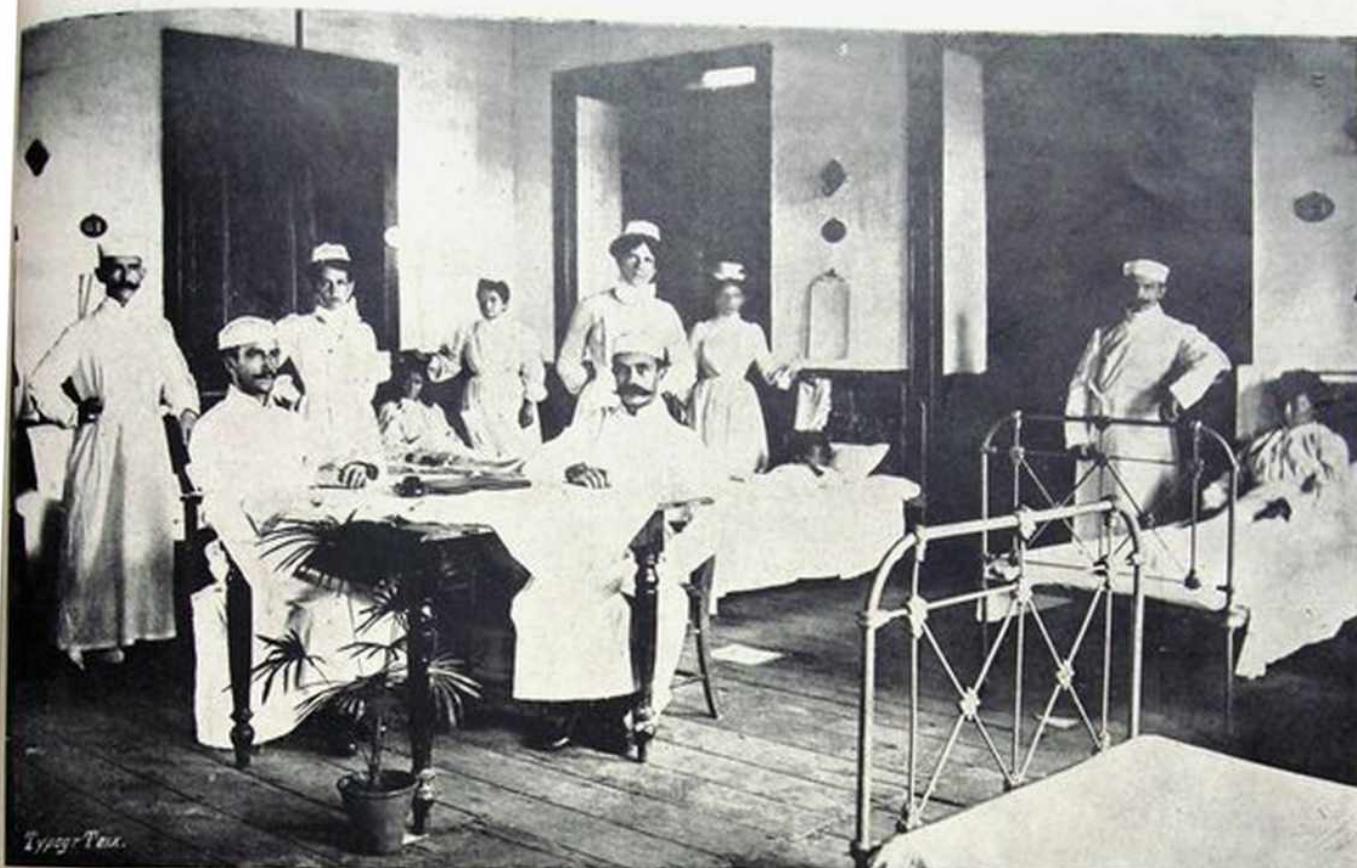
Ao alto das escadas encontrava-se uma pequena sala para o porteiro e mais adiante a sala dos médicos. Junto desta ficava uma sala de jantar para as enfermeiras e para os doentes de classe em convalescência.

As enfermarias propriamente ditas eram em número de quatro: uma para homens, de classe, uma para mulheres, de classe, uma geral para homens e outra geral para mulheres.

A primeira dispunha de 15 leitos, a segunda de 12, a terceira de 30 e a quarta de 32.

Além destes existiam 4 quartos reservados com 2 leitos em cada um para doentes de classe que se fizessem acompanhar por pessoas da família, de sexo diferente. Ao todo dispunha o hospital de 97 leitos, número que poderia ser elevado a 147 em caso de necessidade.

Entre as duas enfermarias de mulheres ficava o quarto das enfermeiras.



ENFERMARIA DE CLASSE PARA AS MULHERES

Como dependencias do hospital existiam ainda no andar superior: a dispensa, o almoxarifado, colocado em uma sala que, caso fosse preciso, podera ser transformada em enfermaria com 20 leitos e mais dois quartos para serventes mulheres.

No extremo do corredor foram installadas tres latrinas de syphão, com agua canalizada.

O andar terreo do estabelecimento era occupado na parte anterior á esquerda pelo quarto do porteiro, quartos dos serventes homens, e lavanderia; á direita, pelo salão para a guarda do serviço quarentenario, podendo ser adaptado se fosse necessário em enfermaria de observação, com capacidade para 30 leitos mais.

Aos fundos do andar terreo ficavam: um quarto fechado para roupas infectadas, uma sala de jantar para o pessoal inferior, e a sala de engomados e mais 2 latrinas.

A cosininha ficava em casa aparte, disposta atraz do hospital e em que havia commodos para o pessoal respectivo.

Em casa tambem inteiramente aparte, porém ligada internamente ao hospital, foi installada a residencia dos medicos.

As dependencias dessa casa eram: quatro saões, uma sala de jantar, cosinha, copa, quintal e latrina.

A capella do hospital foi aproveitada para deposito mortuario; o cório para sala de agonisantes (circundados os leitos de biombo) e a sacristia guardava os caixões funebres.

O serviço foi estabelecido do modo seguinte:

O dr. ALVARO DE SOUZA SANCHES incumbiu-se do tratamento de doentes na enfermaria de classe para mulheres e geral para homens.

O dr. ADOLPHO tomou a si a enfermaria de classe para homens e geral para mulheres.

O pessoal de serviço, colocado ás ordens das enfermeiras, era composto de dois serventes homens e duas serventes mulheres para o serviço de dia, e outros tantos para o da noite, tendo cada um 12 horas de serviço (de 8 da manhã as 8 da noite) e trocando de serviço de 8 em 8 dias.

Para o serviço de cosininha, copa, lavagem de roupas, etc. existiam: uma cosinheira para os medicos, uma cosinheira e uma ajudante para todo o hospital, uma copeira, um servente para serviço externo, duas lavadeiras e duas engomadeiras. O



COMISSÃO SANITÁRIA

Dr. Júvenal Matos
Mário Inácio

Dr. Crisânto Filho
Dr. Augusto Pachoco

Dr. Gómez Peres
Dr. Augusto Pachoco

Dr. Crisânto de Toledo
Dr. Gómez Peres

Dr. Afonso Soárez
Dr. Lindenberg

Dr. Raulino Vassalli
Vicente Sampaio

porteiro completava o pessoal.

Ao chegarem os doentes ao hospital o porteiro dava no sino 1 ou 2 badaladas, conforme o sexo do enfermo, comparecendo então à portaria a enfermeira de serviço e os serventes necessários ao transporte dos doentes. Estes eram conduzidos em padiola até o leito, onde trocavam a roupa que traziam pela do hospital. A roupa do doente era arrrolada e metida em sacos fechados a cadeado e enviada ao Desinfectório. A enfermeira tomava em seguida a temperatura e o pulso, consignava as

Estes mesmos biombo serviam para as operações.

Todas o serviço no hospital era indicado por meio de sinalas no sino.

As dietas ou refeições diárias dos convalescentes eram em número de cinco. As 6 1/2 horas da manhã, café, leite, café com leite, pão e bolachas; as 10 horas almoço; á 1 hora, café ou leite, ou café com leite pão e bolachas; as 4 horas, jantar; as 6 1/2 horas da noite, café ou chá, pão e bolachas.

Para os doentes graves a dieta era sempre



ENFERMARIA GERAL DOS HOMENS

suas indicações nas papeletas que acabava de preparar e em seguida avisava o médico da entrada do doente.

Os doentes, além da cama, colchas, travesseiros, fronhas, dois lençóis e camisola, tinham também ao seu dispor uma caneca esmaltada para água, um calix para remedio dispostos em uma mesinha de cabeceira, uma toalha de rosto, um balde com solução de creolina, vasos de noite, etc.

Todas estas coisas de melhor qualidade para os doentes de classe.

Os doentes graves tinham mais um encerado na cama e o seu leito era separado dos vizinhos por meio de um biombo portátil.

constituída por leite ou caldo, sendo que, eram servidos também á meia noite.

As dietas do hospital tinham quatro variedades: 1^a caldo e leite; 2^a canja simples; 3^a canja, galinha e pão; 4^a variada para convalescentes e quarentenários.

As roupas dos doentes depois de desinfetadas eram guardadas em armário apropriado com divisões numeradas, correspondentes aos números dos leitos.

O tratamento médico consistia em injecções intravenosas, subcutâneas e peritoneais, de soro sendo as primeiras preferidas quasi sempre. Além do tratamento específico, era feito o tratamento sympathetic.



ENFERMARIA DE CLASSE PARA OS HOMENS

tomatico, e o local constituido pelo debridamento ou extirpação do bubão e curativos consecutivos.

Os serviços de plantão á noite nas enfermarias eram ajudados e fiscalizados por duas serventes vindas de S. Paulo, que faziam o serviço alternadamente, sendo chamada, por qualquer motivo de maior responsabilidade, a enfermeira de plantão, a qual por sua vez mandaria chamar o medico em caso de necessidade.

Nas enfermarias havia a mais completa separação de sexos, não se fazendo exceção senão para os pensionistas que ocupassem quartos particulares.

O isolamento hospitalar era garantido por um piquete de 6 praças.

Os próprios serventes só sabiam do hospital em dias determinados e com licença especial.

As roupas de todo o pessoal eram também lavadas no estabelecimento.

Tratando este numero da *Revista do Norte* de assuntos referentes ao serviço de hygiene, pedi-

mos ao dr. VICTOR GODINHO que nos fornecesse alguns dados sobre o movimento epidemico, hoje extinto.

São estas as notas que nos foram fornecidas:

Pode-se calcular que o numero total de doentes não excedeu de 800, a contar de 17 de Outubro a 20 de Abril.

O numero de casos conhecidos oficialmente pela hygiene até hoje, anda por 648, sendo que destes 195 faleceram em domicilio 453 foram tratados nos Hospitais de Isolamento.

E' natural que fosse superior a 100 o numero de pessoas que tiveram peste em casa e se restabeleceram. No entanto o numero oficialmente conhecido teve certa confirmação nas visitas domiciliares. Effectivamente, durante esse serviço os Inspectores Sanitários indagaram de casa em casa quantos doentes de peste e quantos óbitos se tinham dado em cada uma das casas visitadas, e o resultado alcançado é que tinham existido 659 doentes de peste em toda a cidade.

Divididos os doentes por meses e por quinzenas verifica-se o seguinte quadro:



ATBIO: JABDIM E VABANDAS INTERNAS

9	2. Quintana de Novembre
10	1. Quintana de Novembre
11	2. Quintana de Novembre
12	1. Quintana de Pombeiro
13	2. Quintana de Pombeiro
14	1. Quintana de Justino
15	2. Quintana de Justino
16	1. Quintana de Figueira
17	2. Quintana de Figueira
18	1. Quintana de Ariño
19	2. Quintana de Ariño

O dia em que houve maior numero de doentes foi a 4 de Fevereiro em que se verificaram 18. Houve 15 doentes nos seguintes dias: 18 de Janeiro, 30 de Janeiro, 7 de Fevereiro.

O dia em que entraram mais doentes para o hospital foi o dia 16 de Janeiro.

Nesse dia, anterior á organização do Serviço Extraordinario, entraram 13 pessoas sendo que quasi todas eram levadas em rédes.

Dos 453 doentes recolhidos aos hospitais faleceram 179, o que dá uma mortalidade de 39,50 %.

A mortalidade na peste em domicílio foi de

81º- conforme dados colhidos pelo dr. PACHECO-

O combate à epidemia só começou a fazer-se, regularmente, no dia 9 de Fevereiro, data da instalação do Serviço Extraordinário de Hygiene do Maranhão.

Para fazer-se uma idéa do que foi esse serviço até a extinção da peste, nada há mais eloquente do que os seguintes dados:—Foram feitas 302 remoções de doentes e cadáveres, em carro. Fizeram-se desinfecções de 6043 casas. Desinfectou-se systematicamente toda a cidade. Foram expurgados todos os fócos em via de formação e os antigos, em numero de 1398. Com o pulverizador a vapor, foram desinfetadas 667 predios. A estufa funcionou 162 vezes, tendo sido desinfetadas 4614 peças de roupa.

Para auxiliar a defesa do interior contra a invasão da peste, fizeram-se desinfecções systemáticas em todas as embarcações que d'áqui partiram em numero de 1462; igualmente em 10523 volumes



FACHADA DO HOSPITAL

de bagagens e em roupas de 8299 passageiros.

Por outro lado, foram vacinadas 8200 pessoas, das quais cerca de 6500 com vacinação pura e 1700 com a mixta, sendo que das primeiras apenas 8 contrahiram a peste, da qual só faleceu uma, ao passo pelo processo da vacinação mixta contrahiram a molestia 19 pessoas e faleceram 4, sendo o numero muito inferior de vacinados.

Foi feito o policiamento sanitário de toda a cidade, tendo sido visitadas 4284 casas, pelos médicos do serviço, sendo encontradas 879 fechadas, que não figuram n'aquelle numero.

Alem disso foram feitas mais 1930 visitas em domicílio, cujos moradores estiveram debaixo de vigilância, por terem-se comunicado com focos de peste, ou por estarem na vizinhança d'elles. Foram fechados, em virtude de intimações, 174 pre-

dios, que ficaram interditados até reforma completa.

Foram trazidas à Repartição 521 notificações de doentes e 297 de óbitos. Dos primeiros verificaram-se 204 doentes de peste ou suspeitos de tal, que foram todos removidos para o hospital de isolamento. Das 297 notificações de óbitos, verificaram-se 116 por peste, sendo 40 em domicílio e 76 no isolamento, 179 por molestias communs, e 2 notificações foram verificadas falsas.

Terminado esse serviço, foi elaborada a lei que estabelece a organização definitiva do Serviço Sanitário do Estado, composta de uma lei orgânica propriamente dita e um código sanitário, que vem colocar o Estado do Maranhão, nessa matéria, em 2.º lugar, na Federação Brasileira, onde até agora só o Estado de S. Paulo possuía uma legislação completa de construções higiênicas.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE JUNHO DE 1904

NUM. 67

Esfôrço inútil

(A ANTONIO LOBO)

I

Galgando a asa do vento, à borda de um talude
caíra uma semente e logo germinara.
Fadada a breve exílio, angustioso e rude,
do humus fértil haurira uma opulência rara.

Nos recessos da terra immigra-se-lhe o eixo
radicular, buscando as condições de vida
e as radiculas logo em complicado entrecho
estenderam-se á roda em sucção desmedida.

O caule de uma planta o reforçado collo
da raiz foi deixando a procurar o espaço,
como a quem que estivesse enterrado no solo
e fosse levantando um dedo e após um braço.

A folhagem vidente, a basta e verde coma
o caule revestiu à borda dessa escarpa
e o vento que da malta ao descampado assoma
uma aria modulava em nova e ductil harpa.

Correra breve o tempo. O caule audaz e recto
agora é tronco esbelto a dominar a leiva.
Medulla, cerne, casca, é tudo ora repleto
da mais alimenticia e exhuberante seiva.

E a raiz,— a retorta em que se manipula
o alimento sugado ao úbere da terra
mergulha mais e mais numa esfaimada gula
e indomita e voraz nesse úbere se enterra—

II

Correra breve o tempo. As rudes invernias
fizeram desabar a base do talude.
Do inverno que resiste às coleras bravias?
Que ha que a mão do tempo indomita não mude?

No cimo dessa escarpa a terra pouco densa,
achando protecção na trama das raizes,
resistira e debaixo a abobada suspensa
mostrava a quem passasse esplendidos matizes.

E a arvore? Tal desastre a morte lhe traria,
pezar de tanto ter, como em plena floresta,
mergulhado no solo a raiz que fazia
a seiva circular pelos vasos em festa.

III

Espirito sedento, a angustia da verdade
um dia te arrastou ás alturas supremas,
em que se degladiava, em vã tenacidade,
a vã philosophia em luta de systemas.

Com febre mergulhaste em selva de argumentos
e a logica levou-te ás altas culminâncias.
Apezar de afflícções e de duros tormentos
não podesse aplacar da tua sede as ancas.

Por fim te pareceu que a verdade fulgia...
a angustia dissipou-se. Acháras a verdade!
E firme e resoluto, em mascula energia
como um clarim vibrou a tua alacridade.

Rijas armas terçaste em prol desta conquista,
systemas combatendo, ardores espalhando.
A razão te levava em carreira imprevista
e á mente a paz descia em dilúculo brando.

IV

Correra breve o tempo. Um dia novo raio
de luz atravessou-te o espirito já calmo,
frechando-o com vigor, tal como o sol de maio
um espesso nevoeiro em terra baixa espalmo.

Derruiu-se o teu sistema. A verdade não era!
pezar de teres tanto aprofundado o estudo!
O inverno pareceu-te a clara primavera!
Em nevoas de illusão mendaz desfez-se tudo!

Porque tentas em vão sondar esse impalpável
campo onde não vai a luz da experiência?
Deixa de vez o sonho e o vacuo imponderável
do azul. Busca a verdade aqui onde a ciencia

entra de facho em punho em noções positivas,
buscando utilizar o que se toca e pésa.
Da natureza estuda as grandes forças vivas,
onde o presente um psalmo de victorias résa.

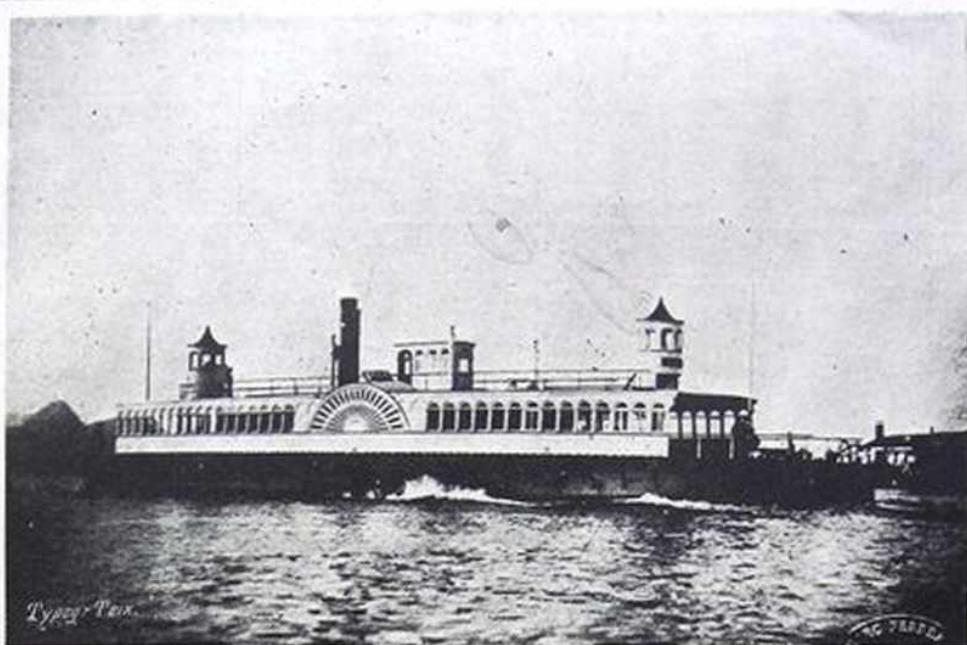
S. Luiz—1904.

A. J. Alves de Farias.

A promessa

(Conclusão)

Já o sol «havia quebrado mais», quando o Tran-
coso disse achar conveniente reencretar as visitas
aos lugares que elle reputava mais importantes.



RIO—BARCA FERRY

Começaram pela nova Igreja, cujos trabalhos de construção, que só duraram quatro meses, estavam paralizados. O Mariano explicava que naquela área, de trinta e cinco metros de comprimento sobre onze de largura, onde se erguiam paredes de três metros de altura, se via um sonho que, «para muitos», seria irrealizável. E lamentava a falta de gosto dos maranhenses, que não se esforçavam por seguir os trabalhos «daquelle templo», que, concluído, seria o mais bello do Maranhão e um dos mais lindos «padrões arquitectónicos do Brasil».

Os nossos templos, continuava elle, edificados sem a mínima preocupação de estilo, apresentam um *barroquismo* só compatível com o estado de «ignorância dos tempos que se fôram». E tempo já do Maranhão ser dotado com alguma coisa que o recomende em «materia de arte», o Maranhão tão illustre pelo mérito literario dos seus filhos. E lastimava não ter tão «tradicional terra» nenhum edifício que nesse particular o recommendasse, a não ser algumas fabricas de fiação.

—É preciso, dizia ainda, que deixemos de atestar tristemente o nosso gosto artístico e os nossos sentimentos estéticos, conservando aquella velha Igreja acaçapada (e apontava para a Ermida) e deixando que se pérca o que já está solida e artisticamente feito nesta. Mas felizmente, concluiu, daqui sairá um monumento sublime e sem igual.

Vizitaram o Cemiterio Velho, em que se suspendiam os enterramentos, havia pouco, por insuficiencia de tamanho, muita proximidade de Igreja e má collocação; e, em seguida, vizitaram tambem os dois poços: o da Saúde e o de S. José, este, de agua potavel e aquelle, de agua mineral. Dirigiram-se ao Cemiterio Nôvo, a duzentos metros do arraial, que causou admiração ao Joca pela «sime-tria» e pela «limpeza».

Nesse mesmo dia, pela manhã, chegara a Ribamar, na sua vizita mensal, o Zé Lins, o «infatiga-

vel» membro da commissão da Santa Causa das Aguas. Fôra elle quem convidára o amazonense para uma vizita a Moropoia, «ás bellas fontes». E o Joca, com a sua gente, deixando os poços e os cemitérios, chegaram a uma porteira, onde se via gravada numa columna, a inscrição:—«Romeiros! Entrae e admirae os vastos rezervatorios das bellas e cristalinas aguas!»

Já o Zé Lins lá se achava, aguardando a vizita. E acompanhou-os, informando-os de tudo, o mais minuciosamente possível. Começou historiando a constituição da empreza da Santa Causa, na casa do Arthur das Virgens, à Fonte das Pedras, a exposição do «magistral cofre» na praça do Mercado, a celebre «carta animadora» dum honrado negociante, a construção dos rezervatorios e a quantia nella despendida, a «solemne inauguração» do primeiro delles, precedida de «benção eclesiastica» e, depois, a distribuição de imagens, garrafinhos d'água do rezervatorio, pães, todas essas ceremonias «acompanhadas de orquestra». E disse ufano:

—Já se fêz muito, se compararmos com as obras da igreja dos Remedios, que «não dão sinal de vida».

Explicava ao Joca que da propria Amazonia virá «muito auxilio espontâneo», e a isso se devia o adiantamento das obras dos rezervatorios. Só faltava agora o encanamento, que levaria agua ao arraial, o qual já poderia estar pronto, se não fosse o «lado economico» por que a commissão levava a empreza. Quer esta que o referido encanamento seja de calhas de cantaria que «durarão séculos e séculos». Num cofre, collocado em frente a um dos rezervatorios, tendo por baixo a inscrição:—«Quem neste cofre um vintém botar—São José o hade ajudar»,—o amazonense, com gaudio do Zé Lins, colocou o seu cíbulo. O Zé Lins continuou a prestar informações ao romeiro, e dizia-lhe:

—Não parta, senhor, para a sua terra, sem ir admirar o «magistral cofre», na cidade, em casa



RIO—PONTE DO SILVESTRE (RAMPA 25 %)

dum dos mais distintos membros da comissão. É uma obra d'arte, em que o *merito* do artista se revela admiravelmente. Construído especialmente para vizitar os maranhenses residentes em outros Estados, aguarda para isso a occasião oportuna. Ha também o «cofre infantil», que vizitará proximamente o interior do Estado nos «lugares ribeiros».

O Jóca, já um tanto fatigado, pediu licença para retirar-se. E o Zé Lins continuava a falar aosromeiros.

—Temos trabalhado, senhores, temos trabalhado com afinco. *Labor improbus omnia vincit*, sem dar valor às duvidas de uns, à incredulidade de muitos e até aos sarcasmos de outros, a comissão tem seguido impávida. E muita coisa temos conseguido. Venha de todos o fraternal concurso! Ha justiça e faça-se a luz! A Cézar o que é de Cézar! E teremos tudo.

E transportadamente, num indomável jubilo, rompia de salto a espalmar a mão sobre o ombro do amazonense:

—E que bella paizagem! O *Colibria*, que aqui veiu, fotografou-a e vai scenografa-la.

—Coliva, Coliva, seu Zé Lins, emendou o Trançoso.

—E *Colibria* o nome, senhor! E italiano! E a pronuncia...

—Qual o quê! Você, como impinge latim, querer se impinge italiano. Coliva é que é o nome.

—Bom, bom, já não está cá quem falou.

E saíram do sitio. O Zé Lins chamando ainda a atenção do «romeiro amazonico» para os rezevateiros, que eram divisados de longe, dizia:

—Querer é poder! Edificante exemplo! Venha de todos o fraternal concurso e teremos a Santa Causa triunfante!

Deixaram o sitio, tendo o Zé Lins prometido ir jantar com o Jóca, e que então «conversariam à vontade».

O Alzirô e o Mariano sugeriram a idéa dum *Carimbó*, para «aquella gente se divertir». Já o seu compadre Geraldo havia cedido a casa, que dispunha dum enorme avarandado e a rapaziada estava avisada. Chegada a hora já era impossível ter-se entrada nas «quintas do Geraldo», como chiamava a casa desse o Mariano. Os dansarinos, convidados ou simples espectadores, tornavam impossível a entrada, pelo que o Jóca teve que entrar pela casa do Florencio, cujos fundos eram communs com os da do Geraldo.

Não faltava mais ninguém e o Mariano anuncava ser chegado o momento de começar a função.

Os dois *Mauézinhos*, o Novaes, o Leopoldo flautista e outros amadôres afinam candidamente os instrumentos. A primeira pessoa a pular na rôda é a Malvina, que, com uma saia de chita cor de rosa, muito rala, apresentava toda a sua nudez venusta e perfeita. Em seguida salta o Alzirô, que, batendo palmas, «para animar a coisa», deslumbrado e aturdido, já não se satisfazia em galantear a Malvina. Rebolava-se todo para a Carlota, que, antes de entrar na rôda, disse baixinho ao Novaes que «apimentasse o carôço». E, cantando dulcorosamente, reuniu-se ao Alzirô e à Malvina.

—Esquenta, minha gente, esquenta! Requebra quarto, finca pé! Gostoso, gostoso! animava o Rubem, que agora se reunia à trilogia dansante.

O João Eleuterio, atordoado, doido e inquieto, arremessou ao centro da rôda uma colher de pau. E o Alzirô, vendendo-a, entoou:

Ajunta colher do chão,
(côro) seu canção;



Typogr Tex.

PORTO DO RIO GRANDE

Quebra o cangote grôsso,
seu colosso;
Requebra co'os quartos bem,
ó meu bem;

Ajunta colher co'a bôca,
minha cabôca.

A Malvina, depois de muitos requebros, erguera-se firme com a colher presa à bôca. Foi então um chuveiro de palmas e hurras, e os dois *Manézinhos*, também cantavam extasiados. O amazonense, diante daquillo, estava arrebatadamente inflamado, e também bamboleava ritmicamente. O Trancoso sinalava ao Lourenço que «corrésse a pinga». E ao Jóca dizia estar com impetos de «afogar no alcool» as incomportaveis tribulações do seu víver, e que com isso sentiria um dôce e emancipador alívio.

A Rita, uma cabôela dos Perizes, com uma saia de chita rôxa, casaco à mandrião, caindo-lhe os cabellos ao longo do sulco dorsal, numa trança cingida por um laço de fita verde, que, dizia o Euclides Kuruassú, parecia «periquito quando ia para o leilão», era agora o alvo da curiosidade, com os seus requebros.

E o samba proseguia. Dirigia-o agora o Felicio Cabrito, um rapaz que viéra na romaria do Rosario, e que nesta villa «fazia furor nos Carimbós». O homenzinho gritava tronitoantemente:

—Cerra, cerra, rapaziada! Entrem, minhas mulatas. Nada de acanhamento! Cada um mostra o seu serviço!

E puxava pelos braços á Cótó e á Olimpia, que, obedecendo-lhe, entraram. E dansavam, com os olhos injectados de sangue o suor a escorrer gotejante pela fronte, graduando progressivamente o rebolar. O Felicio Cabrito, batendo nas mãos o compasso, ia dizendo:

Descaróça, minha nêga,
(côro) s'tou descaroçando,
Cóça o fio do lombo,
p'ra tirá calombo.

E a Roberta, do S. Simão, num supremo arranque de entonação, conseguia sobressair naquella delirante festança a sua voz:

Nêga você não me dá,
(côro) eu dou!
Eu aqui não tenho sinhô,
eu dou!

E outras pessoas iam tomando parte no «folguedo». E agora uma sarabanda boleada de quadril, num desbragado porfiar, causava a admiração e o jubilo do seringueiro, que, sentado no parapeto do avarandado, esfregava ruidosamente as mãos e bamboleava as pernas. O festim seduzia-o com uma violencia abrazadora.

A Malvina, toda torcendo-se em deaguices, fugindo da rôda e acompanhada pelo Alziro, por sua vez seguida pelos olhares dos curiosos, vae-se embrenhando pelo espesso matagal existente no fundo da casa.

A Pública, com uma garrafa sobre a cabeça, e a Luiça Batalha, que deixava ver os seios impudicamente desabrochados no decote, e a Amalia da Barreira, ocupavam aggra o centro da rôda. A animação da dança tocava ao auge, quando se ouve uma grande assoada, vinda do lado da estrada geral. E era um debandar infrene, quedas, gritos de socorro! acudam! fujam! Ahi vem o homem! Corram!

Era o Antonio Neves, que, evadido da cadeia da capital, se internara na Ilha, causando terror por onde passava. O homicida, diziam, acabara de



RIO—NO CAMINHO DO CORCOVADO—HOTEL DAS PALMEIRAS

perpetrar novo assassinato na pessoa do Manuel Maria, um encanecido caboclo, que morava sózinho numa palhoça, na Moropóia; e agora, doida e esbafidoramente, corria a bom corrêr pelo santo lugar, empunhando uma faca ensanguentada. E do meio daquela multidão não partia uma pessoa que se dispusesse a desarmar e prender o delinquente, que desapareceria seguindo, constava, lá p'ras bandas do sítio do Apicum. Só depois de se ter a certeza do esconderijo do Antonio Neves é que o Tiago, sentindo a sua autoridade de inspector do quartelão «desmoralizada», com a voz estertorada e olhar tório, perverso e ameaçador, dizia querer ir no encalço do criminoso. Os companheiros oprimiam-se.

— Não vê, dizia o Tiago, que fico desmoralizado! Eu prenderei o touro!

Dissuadiram-no, porém, do intento, convencendo-o do risco a que se ia expôr, segredando o Atanázio ao amazonense que «aquele perturbação» do Tiago nada mais era do que «medo por todas as juntas».

La anoitecendo. E o suburbio adormecia já docemente, entre os últimos fogos do dia que lhe punham na fronte uma coroa de ouro. No adro onde passeavam, semelhando os suspiros da brisa, a tarde desce lentamente e como saudosa. O céu é dum transparente leitoso; o ar é doce e perfumado. E os ruídos do tumulto vão-se pouco a pouco extinguindo e morrendo. Poucas pessoas eram vistas; à tarde cheia de alegria sucedera uma noite triste, silenciosa e até inquietadora. O medo impedia naquela suburbio dum modo indescritível.

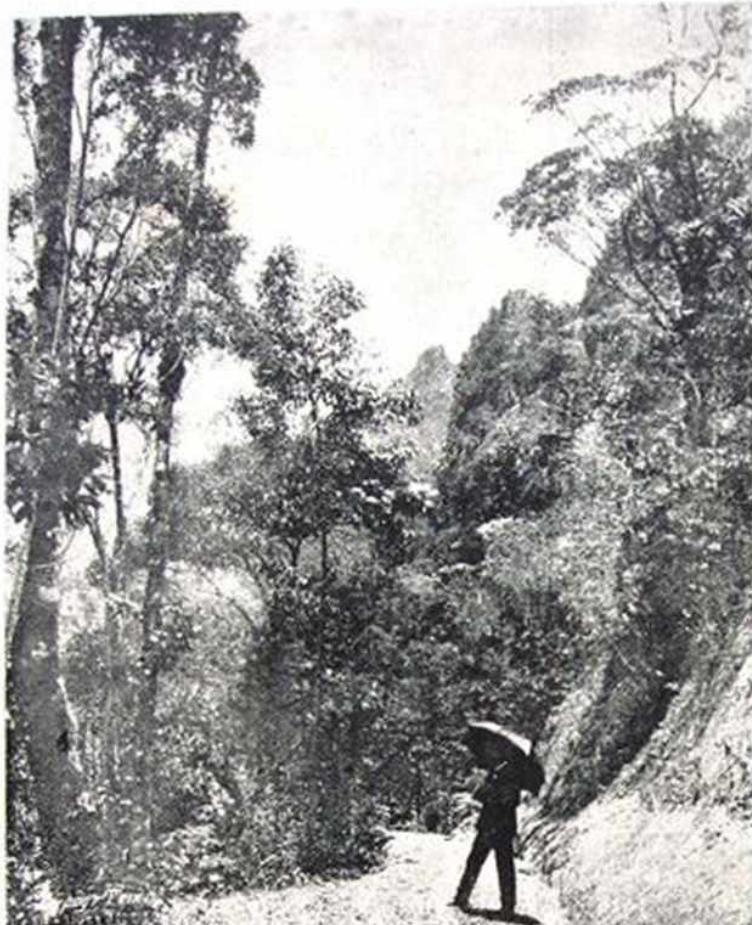
O amazonense e a sua comitiva recolheram. O Zé Lins não tendo aparecido para jantar, como pro-

metéra, tomaram uma leve refeição, que correu friamente, e deitaram-se. Todos conciliaram o sono, menos o Jóca, que, farto de coragem e inquieto, ingeria calices e mais calices de cognac, a ver se lhe abrandavam a violenta crise de dor. Via «naquela desastre» um mau prenúncio á sua vida, até então sempre feliz. E culpava o Alziro e o Mariano, que tinham inventado o tal Carimbó. Fóra, com certeza, dizia, castigo do santo por «aquele profanação». E, assim pensando, sacudiam-no tremores de frio, e elle passeava desencontradamente, agitadamente pelo aposento, sem saber mesmo o que tinha, o que queria.

Tirou-o dessa aflição o capuchinho, o qual regressava da palhoça em que houve a terrível tragédia de sangue, tendo ido dar a extrema-unção á vítima do famigerado Antonio Neves, a qual, na ocasião em que este lhe vibrara a mortifera facada cairá sem sentidos, tornando a si, quando já todos o julgavam morto, pedira que desejava confessar-se e perdoar ao assassino. Vieram então chamar o frade, e este, ao chegar á palhoça, achou o moribundo, que já não falava, em estado de só ser unido.

O capuchinho dissuadiu o Jóca das apreensões que se lhe haviam incutido no cérebro, e recolheram-se ao leito. O Jóca dormia sozinhamente, enquanto o frade, de minuto a minuto, ia servindo o cognac, cuja garrafa o seringueiro deixara a menos de meio. Terminada esta passou para uma outra de munim, esvaziando-a também. E depois roncou.

Alvorecerá. Era o dia do regresso do Jóca e des seus companheiros. Já os carros da roça estavam sendo carregados de bagagem, e os animaes



RIO—Tijuca—PICO DO PAPAGAIO

a postos, para serem atrelados. No fundo da bella baia de S. José, do lado dos Mosquitos, avista-se um fumo como que partindo dum vulcão.

E' vapor! E' vapor! gritaram todos alegremente.

Foi um rebolço extraordinario. O Jóca, que no seu íntimo estava receoso de encontrar-se no caminho com o Antonio Neves, ficou radiante de satisfação. Estava resolvido: despacharia os carros e iria por mar; quem quizesse ir por terra, acompanhando o Flodoardo com a sua gente, que fosse. E elle é que «não era lorpá». Fez que o Trancoso providenciasse para as bagagens irem seguindo para a rampa.

E o vapor, aproximando-se, silvava estridentemente. Fundeu. Havia voltado do Icatú, e como tivesse de aguardar o «repolto da maré», no Estreito, os passageiros lembraram ao commandante que mais valeria ir até aquele santo lugar, donde partiria quatro horas depois. Estas informações foram dadas ao Trancoso pelo Feitosa, maquinista que havia ido a terra comprar melancias.

Trataram logo do embarque. E o capuchinho, que, com o *cognac* e a *mumim*, tomara uma tremenda carraspana, não se queria levantar. Foi com muita relutância que tal conseguiram, e foi quase arrastado que o frade entrou na Ermida,

onde balbuciou ligeiramente a sua prece, seguindo para embarcar entre os braços do frei Lucas e do Paulo Pequeno. Todos se riram do caminha tropeço do frade; até os dois *Manézinhos* e o Novaes, cegos, consideravam, gaudicamente, com «que cara estaria o frade». Já estavam todos na rampa, quando deram por falta de Alziro. Esperaram ainda um bom tempo; mas, fazendo-se tarde, seguiram para bôrdo, todos concordes em que o «pres-tável rapaz» partira por terra.

O vapôr deslizava calma e serenamente pela vasta bahia, o frade vendo na coagulação de barcos, que nella havia, gondolas nas praias italianas. E o Alziro, com grande satisfação dos romeiros, aparecerá também a bôrdo entre elles. Fôra o primeiro a embarcar, assim que o vapôr fundeu. Ainda tinha recordações, dizia, da carreira que o Torquato Milhão lhe déra, e do susto que a *Mangáda* lhe causára. Por isso, sabendo que o Antonio Neves rava pela estrada, não se iria expôr a dar uma terceira carreira, ou quem sabe? — a ter a mesma sorte do pobre velho Manuel Maria, da Moropoia.

Enquanto iam todossatisfeitos no veloz barco, o Atanázio, o Mariano e o Tiago, na rampa, contemplavam-o a fumar, já quase imperceptível. E o Flodoardo, com a sua gente, tornava ao «seu cantinho», de onde, dizia, não saíria tão cedo, temendo a faca do Antonio Neves.

Astolfo Marques.

Da conservação integral da produção literária de um povo

(Conclusão)

Entre nós, a primeira disposição de que tenho conhecimento, exigindo o depósito legal em favor da Biblioteca Nacional e dos estabelecimentos congêneres das províncias, é o Decreto n.º 433, de 3 de Julho de 1847, que assim estabelece, no seu Art. 1º: — «Ficam os impressores obrigados a remeter, na Corte à Biblioteca Pública Nacional e nas Províncias à Biblioteca da Capital, um exemplar de todos os impressos que saharem das respectivas typographias».

O sabio bibliothecônomo brasileiro, Dr. Benjamin Franklin RAMIZ GALVÃO, quando Director da Biblioteca Nacional, teve occasião, num dos seus relatórios ao Ministro do Império, de apontar os inconvenientes dessa Lei e pedir a sua renovação.

«A lei que actualmente rege esta matéria (o depósito legal), disse elle, é a toda a luz deficiente, como já tive occasião de ponderar a V. Exc. em outras oportunidades e ainda uma vez neste mesmo relatório. Em nenhuma parte se faz como aqui



RIO—ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES

e por isso em nenhuma parte vi biblioteca tão deserta de publicações nacionaes como a do Rio de Janeiro. Este estabelecimento, por sua posição na Corte do Imperio e pela riqueza dos seus depositos, é forçosamente o centro obrigado das produções literarias e scientificas do paiz. A prova está em que temos constantes pedidos, ora de folhas politicas, ora de outras obras publicadas nas provincias, e a Biblioteca passa quasi diariamente pelo dissabor de confessar: *não temos, ou temos a colleção truncada, porque não nos remettem com pontualidade.*—Isto é verdadeiramente doloroso, por dois motivos: 1.º, porque assim fica privado o leitor de um documento que poderá ser-lhe de auxilio valiosissimo para o estudo ou trabalho a que se dedica; 2.º, porque desta arte vai cada vez sendo mais difícil e até impossivel a organisação de uma bibliographia brasileira,—trabalho que não pôde ser feito senão aqui, ou senão com os materiais desta casa, porque, não obstante todas as suas lacunas, é ainda o deposito mais rico de todo o paiz.

Rogo, pois, a V. Exc., com a maior instancia, que se digne propor à Assembléa Geral a modificação da Lei de 3 de Julho de 1847, que obriga só os typographos da Corte a semelhante contribuição. Cumpre que ella se estenda a todo o Imperio, e que a nova Lei não deixe de compreender as seguintes

clausulas:—1.º, que se faça o deposito, não só de quaisquer obras impressas, como de estampas, mappas, planos e até photographias; 2.º, que venham indicados, á parte ou não, os nomes dos objectos ou pessoas representados pela photographia, assim como o preço por que entram no commercio todos os objectos referidos na clausula 1.º; 3.º, que o deposito seja duplo, afim de que um exemplar fique na Biblioteca Pública da província, e outro possa ser remetido pela respectiva presidencia a esta Repartição; 4.º, que este deposito duplo se entenda, não só em relação às estampas e mappas em si, mas ainda a todos os estados de uma mesma estampa (com e sem legenda) e de um mesmo mappa (colorido ou não); 5.º, que se cominem penas severas para o caso do não cumprimento da lei.

A 1.º e a 2.º destas clausulas exigem explicação.

Convém que nesta Biblioteca se façam colecções até de photographias, a exemplo do que se pratica em Paris, para constituir as colecções de retratos nacionaes e estrangeiros, e de vistas panorenicas do paiz, que são de utilissima consulta em casos especiais, e que não poucas vezes prestam valioso subsidio ás artes.

Occorre desde logo a objecção tirada da pouca durabilidade das provas photographicas; mas é insubstancial o argumento, já porque no estado actual da photographia as provas tem uma duração de annos, já porque ella tende visivelmente a attingir a inalterabilidade, como se deprehende dos trabalhos ultimamente expostos na Exposição Universal de Vienna. E esta, a meu ver, uma simples questão de tempo; dentro em pouco as provas photographicas terão a fixidez da gravura, e serão monumento perenne dos objectos que copiaram.

Convém tambem que nos seja conhecido o preço por que todos estes objectos—livros, mappas, estampas e provas photographicas—chegam ao mercado, porque esta indicação será d'ora avante lançada nos registos da Biblioteca a respeito de tudo quanto entrar para os seus depositos.

Com semelhante medida avalia-se exactamente no fim de cada anno o que adquiriu a Repartição, e, o que mais é, archiva-se para os estudiosos do porvir um dado bibliographic interessante.

Ao que me consta nunca foram attendidas as justissimas reclamações do emerito bibliothecario, assim como muitas outras medidas que nesse mesmo relatorio propunha.

O novo Código penal da Republica, no Capítulo—*Do uso illegal da arte typographica*—art. 386, assim se exprime:

—Deixar de remeter á Biblioteca Pública, nos logares onde a houver, um exemplar do escripto ou obra impressa—Penas—de multa de 50\$000 a 100\$000.

Essa nova disposição está inquinada dos mesmos defeitos apontados na Lei de 47 pelo Dr. Ra-

MIZ GALVÃO, e deixa além disso dubios certos pontos que deveriam ficar plenamente esclarecidos e de outros de não pequena relevância nem sequer cogita.

Em primeiro lugar, dos proprios termos em que está redigido esse artigo, claramente se comprehende que todas as publicações feitas em qualquer ponto do interior do Estado, onde não existam bibliotecas publicas, escapam ao deposito da capital. Ora, isto é ir de encontro ao proprio princípio inspirador do deposito legal, a que já por vezes tenho alludido e que é uma das suas mais soberanas justificativas:—reunir e conservar, de um modo integral e completo, toda a produçao intellectual de um paiz, porque, nem sequer, como nos Estados Unidos, por exemplo, seguem essas publicações para a Biblioteca Nacional.

Em segundo lugar resta saber sobre quem recae a obrigaçao de semelhante deposito.

A publicação de um livro qualquer presupõe a existencia de tres entidades distinctas, que na sua factura cooperam: *autor*, que o concebe e escreve, *impressor*, que o executa materialmente e *editor*, que promove, dirige e provê a essa execução e o expõe à venda, tornando-se assim, como diz ROUVEYRE, um intermediario entre o auctor e o comprador. Qual desses tres deve depositar na biblioteca publica o exemplar que a lei exige? Parece, em face da disposição penal, que é o proprietário da typographia; mas isto equivale a fazer recair, como na França, a obrigatoriedade da remessa sobre o impressor, trazendo por conseqüencia os mesmos inconvenientes que a lei daquelle paiz acarreta e que tão magistralmente foram assignalados por COUDERC, como atraç se vio.

Não é raro entre nós o facto de ser a tiragem de uma obra feita no estrangeiro, ou por uma razão de economia ou pela impossibilidade material de executá-la no paiz, devido ao atraço da nossa arte typographica; e, se não fosse a boa vontade e solicitude dos respectivos editores, ficariam dessa obra desfalcadas as colleções nacionaes, porque a lei obriga ao deposito o impressor e este é estrangeiro. Devemos, além disso, contar com a fraude, pois nada impede a um editor pouco escrupuloso de fazer passar como impresso no estrangeiro um livro tirado no paiz, para furtar-se à obrigatoriedade do deposito do *exemplar de estudo*.

Quanto ao estado em que se devem achar os exemplares depositados o nosso código commeteu o mesmo imperdoável descuido que COUDERC censura na lei da França: nada disse a tal respeito. E este ponto é de tão alta importancia que o douto bibliotecario em chefe da Universidade de Halle, OTTO HARTWIG, sustenta forte e insistentemente que o Estado deve exigir dos editores que o *exemplar de estudo* seja impresso em papel sólido e durável, mesmo no caso de ser toda a tiragem da obra feita em papel inferior. Esta exigencia, longe de ser descabida, justifica-se plenamente, porque, como faz notar Jules LAUDE, o papel empregado actualmente pelos impressores, para as publicações baratas e sobretudo para os jornais, é de tão má qualidade que, dentro de muito pouco tempo, desmancha-se em poeira.

Outro ponto de que não cogitou a disposição penal foi do prazo para a remessa do *exemplar de estudo*. Esse prazo deve existir claramente definido na Lei e ser estabelecido de acordo com as distâncias em que se acharem os editores da biblioteca em que tem de fazer o deposito, afim de evitar toda e qualquer complicação, assim como deve ser tambem exigido, como criteriosamente demonstrou o Dr. RAMIZ GALVÃO, que o acto do deposito designe a cifra da tiragem e o preço de venda de cada volume, porque essas declarações fornecem ao estudioso do futuro curiosissimos dados bibliográficos.

Todos esses pontos devem ser convenientemente aclarados por uma lei geral, regulando até os seus mais insignificantes detalhes o deposito legal e cuja benefica influencia se faça sentir por todos os Estados da Republica garantindo de vez a conservação integral e completa de toda a produçao intellectual brasileira. Para modelo dessa lei poderão, por exemplo, ser aproveitados o *Copyright Act* inglez e as indicações do Dr. RAMIZ GALVÃO, atraç transcriptas, combinados com a proposta de OTTO HARTWIG, em um artigo publicado no «Post», de Berlim, de 19 de Março de 1880 e reproduzido depois no «Anzeiger», ns. 456 e 570, desse mesmo anno, pedindo que o deposito legal seja considerado como um serviço de interesse geral e, como tal, regido por uma lei unica e applicável a todos os paizes que constituem o imperio alemão, ficando por um decreto todos os editores obrigados a depôr entre as mãos do Estado dois exemplares, impressos em papel sólido e duradouro, de todas as obras que publicarem, e que seja um desses exemplares enviado à biblioteca do Reichstag e o outro depositado na biblioteca da província onde o livro tiver aparecido. E, para evitar qualquer engano ou demora na transmissão dos volumes, pede ainda o illustre bibliotecario que fique o proprio correio encarregado de semelhante transmissão.

Antonio Lobo.

Olhos de amor

— — —

Volve-me os olhos limpidos! que um raio,
Vindo do sol dos teus olhares, canta
Nos meus sonhos, assim como a garganta
De uma ave dentro do calor de Maio.

Ha dos teus olhos, sob os cílios, quanta
Luz ha nos céus em que, te vendo, caio...
Vives em mim num limpidão desmaio,
Santa nos beijos e nos olhos santa!

Trazes no olhar em milagrosos traços,
O romance irlal do meu passado
Feito de beijos, lagrimas e abraços...

Volve-me os olhos de saudades cheios!
Vivam os sonhos meus encastellados
Nas torres de marfim dos teus dois seios!

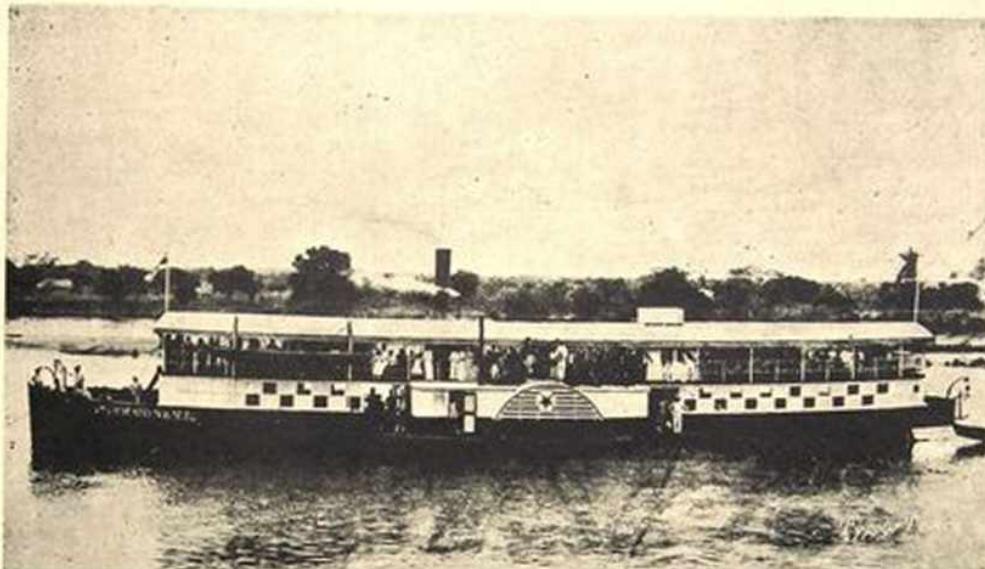
Maranhão Sobrinho.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE JUNHO DE 1904

|| NUM. 68



THEREZINA—VAPOR THEREZINENSE

Intangível

(Ao Alfredo Assis)

Venero a força audaz e incognita que ao sopro
do mais amplo poder soube um dia moldar-te
as perfeições do corpo. A maior obra de arte
excede, firme-a embora o mais soberbo escopro.

Fico diante de ti em extasis immerso,
miserrima sentindo a gloria dos artistas !
A rara perfeição primorosa do verso
que vale, comparada a tão nobres conquistas ?

Deslumbras todo o olhar que sobre ti se crava,
olhar que fica atado a seduccões supremas.
Vista que te descubra, é livre ? faz-se escrava
e beija com fervor as queridas algemas.

Deves ter summo orgulho, ó marmore perfeito,
da correção da linha audaz que te ennobrece.
Procura a inveja humana o minimo defeito,
em vão, achar em ti, numa insidiosa reféce.

Conserve o teu orgulho o prestigio e a nobresa,
salvando-te do amor procaz que tudo apouca.
O amor te levaria á impudencia e á torpesa
do deliquio, a trismar-te estranhamente a bocca.

Não descas, flor de carne aprimorada. Fica
longe das vis paixões e dos pantanos. Olha
com supremo desdém desejos de homem. Rica
de santo orgulho, o amor entre os dedos esfólfha.

Has de ver quanto a turba de homens te respeita,
olhando-te como olha os intangíveis astros,
das misérias captiva, ás perfidias affeita,
amando-te por medo, odiando-te de rastros !

Mas deste lodaçal has de ver levantar-se
alguma cousa tenue a supplicar-te abrigo,
subindo, como um fumo, em helice, a evolar-se
desse, nojoso e vil, prostibular jazigo.

Has de ver levantar-se o prolígero culto
dos espíritos sãos, poetas e sonhadores,
anciosos do Ideal, sempre longínquo e occulto,
organautas do Bello, esmagados de dores.

Recebe-o e delle faze uma aurea illuminura
a circundar de um halo a gloria que te veste !
As ancias lhes minora, ó fragil criatura,
trocando por um culto o goso que lhes deste.

Maranhão—1904.

A. J. Alves de Farias

Um esteio da moral

—Tudo isso que andam vocês p'ra ali a berrar ha mais de uma hora nada adianta. Eu cá por mim guiaava a coisa por outro lado... O homem é empregado público, pois não é?

—E sim, é professor do Gymnasio Estadoal...

—Pois então está tudo arranjado:—destaca a gente uma comissão para ir ao Governo reclamar a demissão do patife a bem do serviço público, o homem roda num abrir e fechar d'olhos e manda-se depois a creançada apedrejar-lhe a casa. Ora ali está!

—Mas olha que o Filgueiras é vitalício, é professor de concurso...

—Qual vitalício nem qual concurso! A honra da família maranhense antes de tudo! Pois então ha de a gente consentir que um biltre d'aquelles, um miserável que não tem onde cahir morto, venha para a imprensa a pregar immoralidades, sem que nada lhe aconteça? Nesse caso, para que serve a nossa Sociedade? Ora esta é muito boa! Por isso é que eu digo todos os dias:—panos quentes nada adiantam; é lenha p'ra baixo! E neste caso a lenha é a demissão do bandido. Senhor Presidente, peço que ponha a votos o meu alvitre.

E o Bezerra encarava os colegas, num ar triunfante e de desafio.

Era na séde d'*Os amigos da moral*, associação limitada que havia pouco se incorporara no Maranhão, assim de velar pela honra das famílias e pelos bons créditos da terra, combatendo por todos os meios a propagação de certas idéias innovadoras se-meadas pela República.

Motivara a reunião um vibrante artigo do Manoel Filgueiras, professor de História do Brasil no Gymnasio, inserido na véspera em um dos diários da Capital, sob a epígrafe:—*Uma lacuna da legislação brasileira*. A propósito da publicação de um romance franz recente, advogando o divórcio, estendia-se o articulista em várias considerações de ordem moral e social, tendentes a provar a palpável e indiscutível necessidade de tornar o casamento dissolúvel, se se quizesse erguer a família à cultura de uma instituição digna de respeito e de acatamento de todos. E num appelo final, eloquente e audaz, conclamava os verdadeiros patriotas a se empenharem nessa cruzada de redenção, dignificadora e nobre, donde brotaria por fim, como um rebento vidente e consolador, a paz e a tranquillidade domésticas.

Não era esta a primeira que fazia o patife. Não havia muito ainda, por occasião do barbáro morticínio do Monte Branco, em que uma horda sanguinária de indíos reduziu a pedaços meia duzia de franciscanos pacatos que lhes andavam a ensinar o cathecismo e a Cartilha de Padre Ignacio, animou-se o excommungado a vir pela imprensa, senão applaudir, pelo menos justificar a monstruosidade, affirmando que ella nada mais representava do que uma represália justa à ganância sordida e egoísta dos capuchinhos. D'outra feita, quando a Irmandade da Glória aventou a idéia de ser aberta em todo o Estado uma subscrição popular para reconstruir a sua Igreja e erigir-lhe ao lado um

Palácio para a residência Episcopal, surgiu igualmente o biltre a combater o projecto, declarando que em vez de reconstruir templos e levantar palácios para bispos, era melhor que se applicasse o dinheiro recolhido na fundação de um Lyceu de Artes e Ofícios ou de um Orphelinato...

E assim por diante, a querer dar leis a todo o mundo, traçar linha de conducta aos homens do Governo, reformar costumes, meter-se onde não era chamado e falar de coisas de que não entendia, como se fosse o único a ler por cima na terra e não passassem os outros de uma sucia de analphabetos e de ignorantes.

E como se não bastasse aquella ostentação jornalística constante da mais desenfreada e inevitável indisciplina de espírito, dera ultimamente o Filgueiras para pôr em prática algumas das suas idéias, com grande escândalo da gente sensata e amante dos bons princípios. Assim é que havia fundado um curso primário na sua residência, para crianças de ambos os sexos, regido por elle e pela mulher, uma sirigaita da sua laia, que nunca aparecia pelas Igrejas e nem sequer chegava à janela quando lhe passavam pela porta de casa as procissões. As aulas funcionavam conjuntamente, de forma que a petisada vivia toda misturada, a aprender boas coisas, porque isto de saias em promiscuidade com calças e logo na infância não poderia acabar bem. Quanto ao que lá ensinavam os dois então nem era bom falar... Bastava saber que o tempo que deveria ser consumido no estudo da gramática, do cathecismo e da moral era todo aplicado em peloticas e cabriolas de toda especie, como se toda aquella petisada se destinasse a algum circo de acrobatas.

Nem a inocência das pobres crianças respeitava o malvado, pois o honrado coronel Ribeiro, que a princípio se deixara levar pelas labutas do excommungado, vira-se afinal obrigado a retirar-lhe das unhas o filho, no dia em que lhe veio este afirmar, muito senhor de si, que o seu professor já lhe havia explicado como era que as crianças nasciam!

Infelizmente, porém, quando esses graves escândalos se produziram o ataque aos capuchinhos, o alvitre do Orphelinato e do Lyceu de Artes e Ofícios e a fundação do curso primário para meninos de ambos os sexos—não se tinha ainda fundado a benemerita agremiação dos *Amigos da Moral*, de forma que não foi possível pôr eficazes embargos à ligeireza corruptora de valdevinos.

Agora, porém, o caso mudava de figura. Para lhe surgir em frente a faze-lo estacar nas suas audazes investidas contra a religião e a moral pública, ali estavam aquelles virtuosos e honestos patriotas que voluntariamente sobre os hombros haviam tomado a gloriosa tarefa de «salvaguardar da onda putrefacta da corrupção moderna os imutáveis princípios da moral e da justiça sobre os quais se firmava a sociedade civilizada e christã», como resava o art. 4 dos Estatutos da filantropica agremiação.

Por esse motivo, logo no dia seguinte à publicação do artigo do Filgueiras, o Barradas, negociante fallido e que vivia clandestinamente amasiado

com a cunhada e que fôra eleito por unanimidade Presidente da Sociedade, por occasião da sua installação, convocou os quatro membros restantes da Directoria para uma reunião na sua casa—«afim de providenciar sobre assumpto da mais alta gravidade!»

E com esse efeito, ás oito da noite em ponto, presentes o Furtado, antigo cabo de eleições do partido progressista e muito perito na forgicação de actas falsas de eleições; o Cardoso, a quem a incorrigível maledicencia indígena atribuia o desvio criminoso de uns dinheiros de orphões; o Severino, despachante geral da Alfandega, processado em tempos por contrabandos escandalosos e o Bezerra, casado e pae de uma recua de pequenos que andavam a brilhar nas aulas de cathecismo do Padre Felisberto;—o Barradas, em voz pousada e grave expôz o fim da reunião.

Era a primeira occasião que se apresentava, depois da incorporação da sociedade, de pôr em prática os seus intuios e mostrar aos incredulos que não seria puramente platonica a sua accão na cruzada santa da regeneração dos costumes. Cabailles, como supremos directores da aggremiação, tomar uma iniciativa rasgada e energica, que servisse logo de exemplo, para evitar que algum outro bandido se animasse a seguir as pegadas de Filgueiras. Pedia portanto a opinião dos collegas, na esperança de que o aclarassem no rumo que deveria seguir.

O Furtado tomou a palavra em primeiro logar e sepultou o Filgueiras sob unea alluvião de insultos e de invectivas, apresentando-o como paciente das mais severas punições. Seguiram-se-lhe os outros dois, abundando nas mesmas indignadas considerações, e reclamando para o criminoso toda a serie de castigos corporaes e espirituales até hoje

inventados para punir os que se affastam do verdadeiro caminho do bem.

Mas nenhum d'elles precisava bem qual das penalidades que enumerava deveria ter applicação no caso. Applica-las todas a um tempo seria absurdo e até mesmo inexequivel, porque muitas delas eram de tal forma completas e positivas que não deixavam a mais ligeira margem ás restantes.

Foi então que o Bezerra, o mais pratico de todos, lembrou a demissão e o apedrejamento do lar do Filgueiras.

Depois de ligeira discussão, ficou assentado que a idéa da admissão seria por emquanto inviavel, pois não era crivel que o Governo se achasse disposto a passar por cima da lei ferindo com uma demissão a um empregado vitalicio pelo simples facto de haver advegado pela imprensa uma idéa, immoral era certo, mas que comtudo já havia sido posta em prática por outros paizes civilizados. O melhor era recorrer ao apedrejamento, e o Bezerra ficou incumbido da execução de optima medida de desagravo. Entender-se-ia no dia seguinte com o Padre Felisberto e na occasião da saída da classe de cathecismo, seguiriam os discípulos deste ultimo a quebrar as vidraças do Filgueiras, aos gritos de: «Morra o immoral! Morra o inimigo da família christã! Morra o corruptor da mocidade estudiosa e honesta!»

As dez horas dissolveu-se a reunião, dirigindo-se cada um dos desaffrontados da moral publica para os seus honrados penates.

O Bezerra despedio-se dos companheiros na primeira esquina e ganhou a rua da Alegria onde morava a Bertholeza, uma mulata avantajada e carnuda que—o immaculado defensor da indissolubilidade do casamento tinha por sua conta, e em cujo convívio passava as horas vagas do dia,



RIO—VISTA TIRADA DO CUME DO CORCOVADO (700 ms.)



THEREZINA—ESCOLA LAVINOPOLIS

porque a mulher raras vezes lhe permittia sahir de casa á noite.

Quando voltou a casa veio a mulher receber-lo á porta e elle bufando ainda de indignação foi logo prorompendo:

—Victoria! Custou mas sempre foi! Vae o patife metter-se numa que lhe servirá de lição! E p'ra que saiba que enquanto existirem no Maranhão homens como nós a honra da familia e a santidad do lar nunca serão conspurcadas...

E era sincero na occasião o patife.

Augusto Freitas.

O encontro

Decididamente Jorge não concluiria os seus estudos; a vida bohemia o afastava em extremo da mesa de trabalho, dos collegas de anno, das aulas da academia e, aos vinte annos, cortaria a sua bella carreira pela existencia perniciosa das pandegas e das orgias.

Assim falava uma tarde, ao canto do carrancel, o Conselheiro Sampaio que ao seu amigo e compadre o Dr. Serapião se queixava do sobrinho dias antes simplificado em uma cadeira do curso medico.

O Dr. Serapião desculpava o rapaz, provando ao tio que as dificuldades da materia, as exigencias do lente e o rigor da mesa de exame tinham sido a causa do desastre do Jorge, sempre cumpridor dos seus deveres e plenamente aprovado nas outras matérias da serie.

Mas o Conselheiro fitando o amigo por cima

dos oculos azuis, contrariava o Dr. Serapião, fazia más ausências do sobrinho em quem via um peralta, um estudante cabula constantemente na vadiagem, e afirmava-lhe que poria um paradeiro às estroinices do Jorge.

O compadre, medico antigo da casa, defendia calorosamente o moço, desculpando as suas trocas e censurando os exageros do Sampaio quanto ao procedimento do sobrinho e as exigencias suas quanto ás notas do acto.

Os dois velhos, porém, não accordavam e o Conselheiro, exaltado pelas observações do Serapião, jurára-lhe que naquella noite Jorge ouviria tremendo sermão, seguido do chicote se ousasse replicar.

O Serapião calou-se, conhecia o genio do amigo, acompanhava a educação de aferro em que levava o sobrinho e julgou mais acertado não aggravar a situação. Se podesse avisaria Jorge, dir-lhe-hia as intenções do tio e a sarabanda seria... transferida para outra occasião.

Mas, aquella hora onde encontrar o estudante? Não o sabia e, aborrecido com a injustiça que o Conselheiro ia praticar, o Serapião retirou-se ás 7 horas da noite da residencia do compadre e pôs-se a vagar pelos centros mais movimentados da cidade á cata do rapaz para narrar-lhe o propósito do energumeno tio.

O Conselheiro subiu ao quarto, mudou de traje e saiu, pouco depois, com o sangue a ferver-lhe, em busca do sobrinho. As coisas não deviam continuar daquelle feitio, pensava, ou o rapaz se

16 DE JUNHO DE 1904

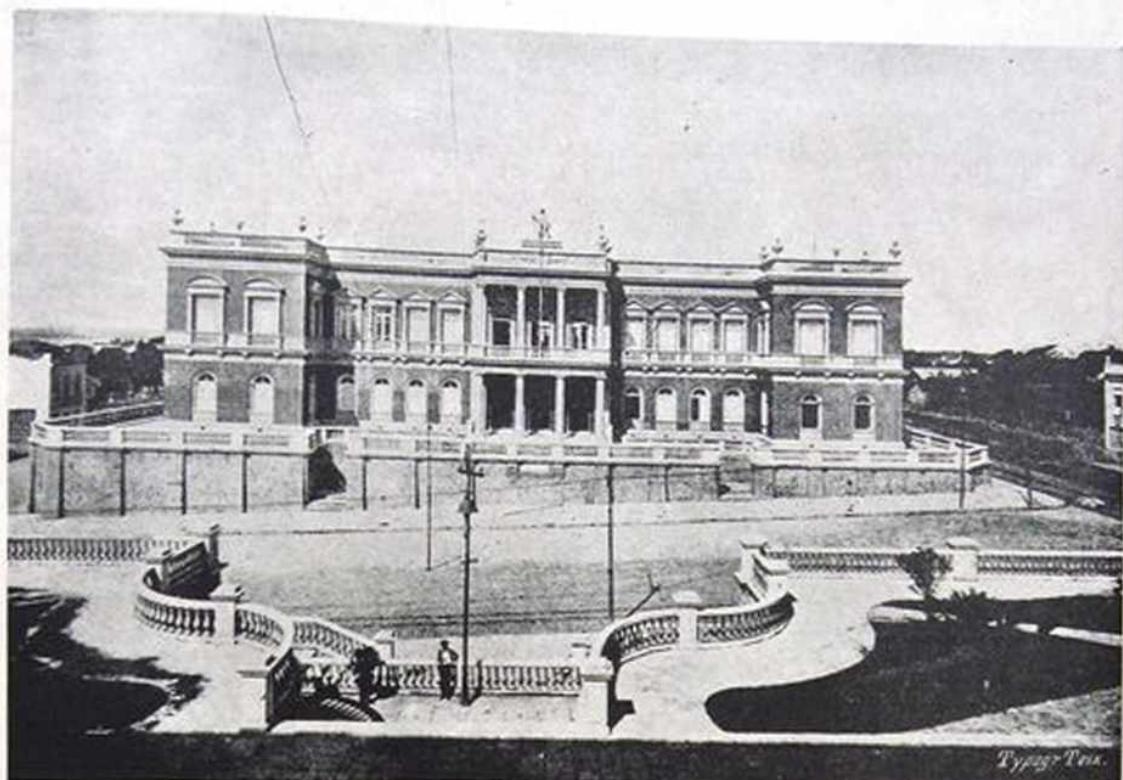
SUPPLEMENTO AO N. 68



S. Paulo--PALACIO PRESIDENCIAL

A REVISTA DO NORTE

Maranhão—BRAZIL



Tyroff-Trix.

MANAUS—PALÁCIO DA JUSTIÇA

corrigé ou suspendo-lhe a mesada, os livros, o conforto da casa e o mando para um balcão onde, penosamente, inicie a carreira commercial.—É inabalável essa resolução; aquelle *simplesmente* é o symptomá do pouco estudo de Jorge e é necessario apertar ou arrebentar.—E o Conselheiro caminhava, tendo inda viva a scena do carramachel, o bate lingua com o Serapião e a caida brusca do compadre que lhe censurava tão iniqua implacabilidade.

O Conselheiro atravessou algumas ruas, e procurou pelos cafés o *insubordinado* estudante. Não foram fructíferas as suas diligencias. Ao quebrar uma esquina esbarrou com o Xisto, um velhote rheumatico, outr'ora seu companheiro de collegio, que lhe contára as infelicidades, as molestias e os dissabores que o perseguiam. Mais adiante se distraio a examinar uns objectos expostos em uma vitrina bem illuminada. E, assim, interrompido a cada instante, com a attenção desviada por varias causas, o Conselheiro insensivelmente chegou a uma travessa escura onde residia uma rapariga, viúva inda nova, de vida pouco honesta mas recatada e sem escândalos.

O Conselheiro do sitio em que parou, perceben que havia luz no sobrado em que morava a Lili (era este o hypochoristico daquella mulher desde o tempo de solteira); verificou as horas no relógio e foi direito à casa que divisára.

O Conselheiro era um destes typos moralistas, catões burlescos que, ás caladas, não mandão o seu quinhão ao vigário. Conhecia a Lili; era freguez do chã das quintas-feiras frequentado por meia duzia de individuos, como elle, em posição elevada, apparentando pureza de costumes e apreciadores das suas patuscadas em logares retirados e pontos pouco movimentados.

Eram oito horas quando o Conselheiro consultou o chronometro, lembrou-se que lá veria o Dezembargador Xavier, o General Placido e o Dr. Pampónia, tres companheiros da roda quetodas as tardes se reunia no escriptorio do Genilicio, um rico usurario que tambem tomava parte nos cavaqueiros. Aquelle pensamento tirou-o do proposito de procurar o sobrinho; esquecerá-se do Serapião, do *simplesmente* do rapaz e, presuroso foi vêr a Lili que deveria estar na palestra com as pessoas do costume.

Não era o Conselheiro dos mais assiduos frequentadores das quintas-feiras, visitava a viúva miudamente mas *faltava ao ponto* nas noites do chã. Por isso folgou muito ao notar grande silêncio no sobrado. Lili estava só, e sempre a conversa, pensava, seria mais prazenteira.

A rapariga, recebendo-o, comunicou-lhe estar transferida para a noite seguinte a recepção daquella quinta-feira; carecia de estar só e, portanto, despedira as suas vizitas, sob o pretexto de ligeira enfermidade.

O Conselheiro Sampaio, à vista do que lhe era narrado pela viúva, lampreiro e afectuoso se des-



MARANHÃO - COMPANHIA DE FIACÃO E TECIDOS MARANHENSE

pedira e, todo caricias, do topo da escada onde o acompanhára a Lili, fazia-lhe mil protestos de amor.

O seu madrigal, porém, ficou interrompido pelas passadas de alguém que chegava à porta. Havia pouca luz, o Conselheiro desceu à medida que uma pessoa subia. Ao aproximarem-se o velho ficou attonito, ouvindo:

—Bôa noite, sr. Conselheiro.

—Bôa noite, repetiu atrapalhadamente, o moralista Sampaio.

Era o sobrinho a quem a Lili marcara uma entrevista.

4—1904.

LINO MEDEIROS.

Sobre uma these

Para assumpto de sua dissertação inaugural escolheu uma senhora, recentemente formada pela nossa faculdade medica, o interessante thema da *Educação na Família e na Escola*.

Tive somente agora, passados quiçá dois meses, de sua publicação, o enejo de ler essa monographia que folhei com a maxima atenção, avido de encontrar esboçadas as regras a adoptar na direcção da infancia e na modificação dos programas de nossas escolas. Uma especie de decepção, porém, se contrapôz ao desejo enorme com que procurei a leitura d'aquella these; almejava ali ver pullular a verdade dos factos, quando encontrei aplausos ao que é máo e deve fenercer.

Nessa agradavel monographia de ideias razo-

aveis, de conceitos acataveis, destinando-se a ser um brado em prol de um problema, altissimo quão entre nós descurado, a pena da escriptora tinha de deslizar por entre fulminações constantes para profligar a organização do nosso ensino primario e o abandono real da infancia na vadiagem das ruas. A autora, porém, é meiga e complacente; adensa-se nos themas que constituem a controvérsia dos pedagogistas, aventa organizações difíceis ou inexequíveis em nosso meio e quando, pelo tirocinio que possue, pelos conhecimentos que tem, lhe cabia o dever de ser implacável e traçar no seu estudo um caminho novo, descae e segue o bando dos pregadores de principios reprovaveis ou introductores de innovações nefastas.

Sob esse criterio, embrenha-se a A. na questão da Assistencia Pública e, como muita gente bôa, tece encomios desmesurados aos memoráveis artigos do sr. dr. Ataulpho de Paiva a quem o governo distinguiu com uma commissão honrosa, qual a da organização do Officio de Assistencia. Apezar da corrente sympathetic que se levantou em torno da publicação *A Assistencia Pública e sua função jurídica* a exm.^a doutora era forçada a revolver certa face deste magno problema, isto é, aquilatar o ensinamento de certos escriptores quando apresentam o perigo da centralização da assistencia sob a vigilância governamental, impedindo o alastramento da iniciativa particular.

Este ponto, sob todos os aspectos merecedor de estudo, a these abandonou, seguindo as pegadas daquelles que, por uma especie de corrijo se ba-



MARANHÃO—PRAÇA SENADOR BENEDITO LEITE

N'um album

De magua em magua, triste, soluçando,
O meu primeiro amor vai-se extinguindo...
Flor que a alvorada acalentou sorrindo,
Flor que a tardinha acalentou chorando...

Pobre d'esta alma ! Foi bem louca amando,
Da juventude no vergel infindo,
Um coração de argila que mentindo
Foi desperta-la quando a vio sonhando.

Oh ! coração, oh ! perfido amoroso !
Tu que roubaste o cofre precioso
Da minha esp'rança do meu sonho vario,

Faze-m'o ver apenas um momento...
Quero inda a esp'rança para o meu tormento
Quero inda o sonho para o meu Calvario.

Ataúlio Porto.

Espírito e matéria

Ao Mancel Dantas.

No ancelo, no labor do mais profundo esforço,
Homem ! Sondas debalde a Terra e o firmamento !
Podes subir ao Azul, dobrando o Pensamento.
E o lodo revolver, triste, curvando o dorso . . .

Tú, bastardo de Deus ! synthetisas, n'um escorço,
A Luxuria e a Pureza, o Sorriso e o Lamento:
Choram dentro de ti, n'um fúnebre memento,
As endeixas do Amor e os gritos do Remorso.

Materia e Protoplasma, Infusorio e Protista,
Corvo que desce à lama, Águia que eleva a vista,
Mocho que odeia o Ceu, Pomba que adora a luz,

Homem ! teu coração recorda uma balança:
N'uma concha — o Ideal do Christo e o iris da Aliança
E, na outra, — Satanaz a sorrir de Jesus !

H. CASTRICIANO.

tem pela instituição do Ofício Geral de Assistência.

O aproveitamento dos elementos esparsos da filantropia pode produzir efeitos desastrosos; a iniciativa privada talvez não medre porque com a interferência da acção governamental na caridade particular, cessam as fontes de beneficência, decrescem as esmolas dos benemeritos.

Não se veja nesse modo de manifestar, a opinião de um extremado apologeta de certa escola; penso que o Estado tem funções a preencher nas suas relações com o individuo, cujos destinos, do seu programa, deve ser uma das preocupações, sem se envolver, porém, no que está criado pela bondade do particular.

O Estado é susceptível de certos direitos e obrigações muitas das quais, entre nós, seja dito, estão para ser realizadas; si, entretanto, contrário a A por não considerar essa fase do problema, é pelo simples motivo de ver no seu trabalho desprezado o que, sem dúvida, exige toda a consideração.

As ideias do snr. Dr. Ataulpho que chega a envolver na assistência serviços que estão fora de sua alcada, só serão acatáveis de outro modo distribuídas; condensal-as sob as normas que apresenta é seguir um caminho reprovado por vários escriptores.

E é a A. de um optimismo sem limites. Julga que no Distrito Federal é «considerável a obra de assistência e protecção infantil» quando não corresponde às necessidades da vida carioca. Os Institutos Profissionaes Masculino e Feminino mantidos pela Municipalidade não comportam os candidatos áquelles ophelinatos e, quotidianamente chegam ás pretorias da nossa capital menores cujo fim é ficarem á soldadada em casas particulares.—Esta é a tristeza do facto—e lá vão as crianças, quando não perambulando nas ruas e acotadas á noite nas casernas, nas infectas casas de dormidas ou nos mais infames prostíbulos, entregues a pessoas, a mór parte das vezes desconhecidas dos próprios pretores, áquelles prestam pequenos serviços domésticos, cuja aprendizagem, nunca completa, não lhes dá mais tarde, uma profissão lucrativa.

Fisa, assim, sem um meio de vida o menor, que, costumadamente varia de tutor, e nunca se tornando um braço trabalhador, inicia a sua mocidade no vicio e na vadiagem frequentando tascas immundas, tavernas nauseantes ou casas de jogo installadas em ruas recommendáveis pelos moradores de infima classe.

Os institutos da Prefeitura e as escolas do Governo Federal, dizem os despachos constantes nos expedientes das nossas repartições públicas—não têm vagas! Despendem-se grandes sommas, realisam-se lesões aos cofres municipaes, segundo sucede por occasião da compra do edifício do Instituto Profissional de Meninos e bem limitada é a matrícula dos menores nos asilos mantidos pela Intendencia Municipal.

Da mesma sorte, votam-se verbas para a manutenção da Escola 15 de Novembro e Institutos dos Cegos e Mudos; a polícia pede aos pretores a internação de uma infeliz menor, desamparada orphã, sem vista e surda-muda, e ao juiz responde o ministerio da justiça não poder admittir a des-

venturada pela ausência de logares disponíveis naquelles estabelecimentos.

E' considerável o numero de velhas, já bem valetudinarias que vivem a explorar a caridade pública; nos nossos asilos não ha um recanto onde descansem os ultimos dias da existencia essas dezenas de desprotegidas a quem a fortuna fôra inimiga.

Não tem a elevação que a A. lhe empresta o amparo que no Rio de Janeiro, e nos Estados, os governos federal e locaes dispensam aos desvalidos. Os exemplos mencionados pela illustrada doutora dão ensejo a contrariar a afirmação exarada na sua dissertação; os factos evocados depõem sufficientemente contra a excellencia traçada pela escriptora da dissertação.

Analysando-se despreocupadamente os serviços prestados pelos nossos institutos profissionaes, cumpre reconhecer os aquem do fim a que se propõem, não correspondendo ás exigencias de nossa vida social.

O ensejo era de servir á A., comprehendendo essa verdade, para proferir uma verberação ao envez de fazer um elogio fementido. Não o quiz, porém, tocar de leve nessa falta cujos males são multiplos e reverentemente genuflectiu ante a direcção do ensino municipal a desferir lóas imerecidas.

Cegueira da realidade das cousas!

Rio, —4—904.

(A seguir).

Theodoro Magalhães.

Pombos do Mar

Nas rochas, á distancia, onde só o Oceano chega e rumora o Mar, asas brancas de Pombos abrem-se para o Azul...

Na transparencia clarissima da Manhã, curveteando, ahí vão, ahí vão, de longo bico e azas em angulo, numa linha de espuma clara, alada e virgem.

Moram ahí como burguezes honestos e pacatos, no silencio das aguas, porque essas rochas são sós, no meio infinito do Mar.

Pelas manhãs, muito cedo, o Pombo do Mar rufia as azas amorosas em redor da Outra, arrastando-as, num devaneio de artista.

Depois parte.

Vai com um enfunamento feliz nas azas pandas, para além do Oceano, para além do Mar.

E volta depois para as ramadas floridas da Ilha, que é para elle a terra da promissão, trazendo no bico fructos pendurados de um ramo.

E feito o almoço frugal, vão os dois de azas unidas, como noivos, rochas fôra sob o sol quente, em cima, até ao azul das ondas quietas em baixo...

Mas quando o vulto informe de um transatlântico atravessa dentro da Noite bufando ao rumor precipitado da helice e os acorda na gruta onde adormeceram, o noivo, como o mais forte, sae fôra a ver que rumor é esse que os acorda...

E adormecem depois muito unidos, junto aos filhos, num prolongado e suavissimo arrulho, como um casal burguez de pombos, que o são...

(Dos «Pinturescos»). R. Alves de Faria.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE JULHO DE 1904

NUM. 69



JUCA DE CARVALHO, O EMPREZARIO DE COMPANHIAS THEATRAES DO NORTE DO BRAZIL

Do Cimo duma Montanha

(ORAÇÃO DUM ESPIRITA)

A essa Luz a quem minh'alma—um seu raio
disperso—ha de um dia voltar.

Salve, ó Immensidades !
O' planetas, o' mundos do Infinito !
O' vastos céus cheios de claridades,
Onde jamais hade chegar meu grito !
Salve, ó luzente vastidão sagrada !
Salve, ó Seres no Ser Alto absortos !
O' via-lactea eterna constellada
Co'as as loiras aimas dos Poetas mortos !

Venho exangue do Chão,
Venho cançado de padecimentos
Ha de Baixo o delírio e a podridão

Abrigar na paz dos firmamentos,
Venho beber Natura no teu seio
O teu leite de luz
Beber a vida n'um supremo anceio,
Que ha espalhada n'estes céus azues !

Oh ! que concentração bella e profunda
Que silencio ! que calma !
Eis o teu ninho, ó Alma moribunda !
Eis teu Claustro, minh'alma !

Vae para o Alto ! parte !
O veu rompendo que os teus vôos veda,
Em fulgores divinos te biparte
Molha os labios nos astros: te embebenda !

Como o Espaço embriaga,
Como a Altura fascina !
O' Mão que me alimenta e que me assaga
Mão eterna ! Mão santa ! Mão divina !
O' Mão cujo carinho
De germens redemptores
Ressuscita da terra feito em linho
Rebenta em trigo e desabrocha em flores !
Deixa-me de joelhos !
Deixa-me te adorar !
Beijar-te a bocca nos botões vermelhos
Beijar-te no luar,
No azul no chão, nas plantas e nos ninhos,
E enlevo na voz dos passarinhos
Eternamente ouvir-te gorgear !

Aqui sobre esta Altura
Que a tua seiva perennal constella,
O' Natureza eternamente pura !
O' Natureza eternamente bella !
Sinto que volta a essencia antiga e rara
A purissima essencia que me dese,
Essencia que me aclara,
E o coração de perfeições me veste
E a minha'alma de Bom ao ver tão perto
O teu eterno seio descoberto
Dende a Vida sem fim desabotôa
Aos ares se levanta
E abre as azas e canta
E abre as azas e vôle.
Vôle e depois de em tudo admirar-te
Vem mansamente extatica pousar
Sobre meus olhos para enamorar-te
Sobre meus labios para te beijar.

Aqui perto das plagas silenciosas
Do abysmo constellado,
Contemplando as estrelas—essas rosas

Aereas, luminosas,
Desse jardim no azul arrebatado;
Talvez ouça algum grito despedido
Dalgum mundo nas nuvens escondido,
Dalgum vasto planeta povoado.

Ah ! parece que sobre esta montanha,
O' Natureza, ó Deus, ó Redempção !
Mergulho no luar da tua entranha
Penetro dentro do teu Coração;
Me transformo, me espelho, me disperso
Em lampejos; e a ti me indentifico
E nas tuas mil seivas submerso
Com seus raios lustraes me santifico.

Em allucinações brandas e boas
Fico aturdido mudo, sem idéas,
Ante o muzeu do espaço onde amontões
Montanhas e montanhas de epopeas.

Admiro-te em tudo rutilando
Desde as plantas aos sões
Em cada estrella vejo-te molhando
Canta uma ave e escuto a tua voz.

Vejo-te em tudo em riso em que te expandes
Tudo que faz pasmar
Desde uma flor aos Andes
Desde um insecto ao mar.
E olhando o céu e a terra
Onde tua alma, limpida se encerra,
Vejo-te em ambos multiformisada,
Num monte, num clarão, numa alvorada;
Sempre grande e piedosa
Feita luz, feita força, feita amor,
Num astro ou numa rosa
Num lyrio ou num condor.

Vives nas trevas do covil hirsuto
E no arrulho inocente dos pombas,
Alli orvalhas um pequeno fructo
E perfumas c'um sopro os roseiraes;
Alem as longas e aridas estradas
Vaes de flores e fructos esmaltando
Fondo chilros alacres nas ramadas
E oasis nos desertos semeando.

E ao ver-te nessa intrepida Beleza
Para allivio d'aquelle que padece
O' labio de arrebol que tudo beija !
O' santo Coração que nada esquece !
Que protege um leão e um passarinho
Osculo o rude Chão,
Santificado pelo teu Carinho,
Divinisado pela tua Mão.

Eu te agradeço as luctas bemfazejas
O' Caridade eterna e soberana !
Bemditia sejas para sempre ! sejas
Bemditia em nome da miseria humana !

Toda est'alma que em mim palpita agora
E ri e canta e sonha e resplandece,
Alma que não te esquece—
Que lá em Baixo é treva e aqui Aurora,
Em tresloucados jubilos desperta,

E lembra olhando a vastidão dezerta
Um alvo mundo onde habitou outr' ora;
Mundo cheio de luz e de fragancia
Bem longe deste envenenado e baço,
Onde virá numa eterna infancia
Em alegres adejos pelo espaço,
Onde ao soar dos bandolins ethereos
Voava solta nas alturas francas
E apôs de errar pelos jardins aereos.
Adormecia sobre as nuvens brancas.

E ao recordar esse jardim infindo
Maravilhoso, claro, immorredoiro,
Para onde um dia voltará sorrindo
Com duas azas de oiro
Ella que vive sobre o Pó, mesquinha
Aos ares sobe, pelas nuvens vóz.
E te buscando em tudo, te acarinha,
Te bemdiz, te venera, te abençoa.

Sinto que se ajoelha e se embevece
Dentro do esquife da materia, estreito
E louca rutilar qual se eu tivesse
Um pedaço de sol dentro do peito.

Sinto que ella renasce
Da carne corrompida, pura e nova
Como um lyrio gentil que desbrochasse
De dentro duma cova

E Ella que encontra sempre a irradiar
Na terra ingrata as tuas Mão piedosas;
Mão que para assagar
Calçam luvas de rosas;
Ella que vê num confortante espanto
Que desse teu Carinho redemptor,
Tens sempre um lenço para cada pranto,
Tens sempre um beijo para cada dôr;
Adivinando que em teus ceus gloriosos
Deves guardar aos corações chagados
Mil leitos luminosos,
Mil ninhos estrellados;
Quer fugir—sacratissima doidice—
Da existencia de lagrimas, fatal
Como um passaro branco que sahisce
Da bocca dum chacal.

Ao ver d'aqui essas tragedias loucas
Essas tragedias de infernaes tormentos
Ao relembrar esses milhões de boccas
Repletos de lamentos;
Esse combate, essa batalha insana
Rubra, sangrenta, tragica e infinita;
E os desesperos negros d'alma humana
Que gome e chora, se contorce e grita;
Sinto no peito uma invasão de azas:
Uma vontade immensa de fugir,
De pairar sobre montes, sobre casas
De voar, de voar como os condores,
E aqui deixando as lagrimas e as dores
Subir, subir, subir...

Mas ah ! mudo e impotente,
Mudo impotente e fraco;
A soluçar desesperadamente
No sofrimento opaco;

Ao ver que tenho de voltar a Vida
 Ao chão d'onde saí;
 Ao Barro, ao Barro—esse intestino escuro—
 Eu que estou cheio de ti,
 Cheio de tudo quanto é santo e puro;
 Eu que vaguei no azul dos teus espaços,
 Que com a alma vestida de gorgeios,
 Tive a ventura enorme de sem laços
 Dormir sobre teus seios,
 Sonhar sobre teus braços;
 O' minha mãe! eu sinto que cresce
 Meu desespero e sinto essa aflição,
 D'um pobre morto que resuscitando
 Visse ante si um Satanaz nefando,
 Que impassível e novicto quizesse
 Encerrá-lo de novo no caixão.
 Assim pois o' Amor, o' Luz, o' Graça!
 Que em celestes cascatas te derramas!
 Rasga, lacera, corta, despedaca,
 Este grilhão de chamas!
 E deixa-me liberto
 Eternamente pelo espaço aberto,
 Subir em grandes rotas glorioas:
 Ora vagando nas ethereas veigas,
 Ora dormindo sobre as azas meigas
 Das larvas ideaes das nebulosas.
 A alma é como a aguia, o Pó detesta
 Só pode nas Alturas habitar...
 Quero subir! quero fugir! me empresta
 Duas azas, o' Mãe, para voar!

Maranhão.

Corrêa de Araujo.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—UMA NOITE DE ATAQUE

O problema da vida ^(*)

A obra postuma de Louis Bourdeau publicada sob o título com que encimamos este estudo—sim-

^(*) Louis Bourdeau—Alg. 1901.

plas considerações sugeridas pela leitura de tão interessante e útil trabalho,—merece particular atenção de todos aqueles que procuram basear a concepção geral da vida sobre os elementos experimentais das ciências positivas.

Tendo por fim estabelecer claramente o actual estado dos nossos conhecimentos inductivos, base necessária de toda a concepção philosophica, Bourdeau apresenta-nos a sua obra como um resumo de tudo o que a ciência moderna tem dado à humanidade para esclarecer a origem e demonstrar a evolução dos fenômenos da vida.

Expondo os princípios científicos que valorizam tão bello livro e lhe dão um carácter particular e atraente, tentaremos apreciar a justeza dos seus conceitos e as conclusões tiradas por Bourdeau, confrontando o seu estudo com o desenvolvimento das modernas noções inductivas.

Cremos que deste modo ser-nos-á mais agradável e proveitosa a apreciação dos seus enunciados científicos.

Bourdeau começa o seu trabalho pelo homem, estudando-o conforme o conhecimento que tem de sua própria vida; e mostra que esta foi o princípio considerado como uma entidade misteriosa, invadindo o corpo inanimado e deixando-o no momento da morte.

Expõe em seguida as modificações sofridas por esta idéa sob a influência das descobertas grandes da ciência, mostrando, finalmente, que cada parte do organismo humano está animada de uma vida particular, e, consequentemente, que a vida total do homem (*vita communis*) é a resultante formada pela vida especial de cada órgão (*vita propria*).

Durante séculos a ciência só conhecia da vida dos órgãos as manifestações aparentes e sensíveis à vista nua; a invenção porém de apparelhos especiais permitiu observar-se os fenômenos de uma vida própria.

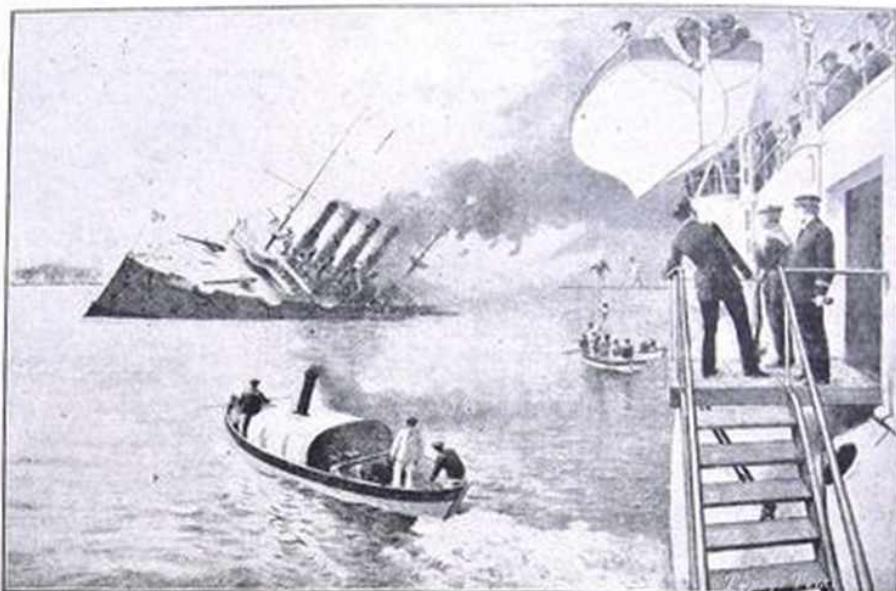
E foi assim que se passou da vida dos órgãos à dos tecidos, descobrindo-se depois que estes últimos formam-se de uma infinitade de células.

A evolução dos conhecimentos inductivos e a moderna concepção da vida, inspiraram pois a Bourdeau considerar o universo.

Elimina de vez a ilusão que por muito tempo influiu sobre o desenvolvimento do espírito humano:—la croyance à la monade mystérieuse de l'être humain, ^(*) e por conseguinte a entidade material de sua vida e a imaterial do eu; aquela separando-o do mundo orgânico e esta do mundo animal.

O estudo que a este respeito faz Bourdeau na primeira parte de sua curiosa obra, indica precisamente os múltiplos laços que ligam o organismo ao mundo exterior, prosseguindo o seu trabalho na indagação dos rudimentos da sensibilidade vital e da consciência até ao mundo inorgânico dos elementos químicos. Em seguida apresenta e estabelece as unidades: simbiose dos seres vivos dos dois reinos animal e vegetal; simbiose intracosmica dos dois

^(*) Pg. 38—Obr. cit.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—O NAUFRAGIO DO «VARIAG»

estados organico e inorganico; e symbiose intercosmica dos mundos que constituem o universo.

Depois de uma minuciosa exposição de factos e criteriosas observações, Bourdeau passa ao estudo dos laços que determinam a existencia do individuo no seio dos diversos grupos collectivos formados pela vida social.

E' este o ponto principal do seu trabalho, a parte verdadeiramente mais importante e valiosa. Entra em pleno dominio da sociologia, que nos apresenta como um ramo necessario da sciencia moderna, tendo por objecto o problema da vida.

O homem já não é considerado um *monade* segregado do mundo exterior, está perfeitamente determinado por seu ambiente e se torna assim um precioso elemento de estudo para a biologia experimental e para a sociologia.

Bourdeau atinge finalmente ao mais elevado grao dos estudos sociologicos. As diferentes syntheses da vida collectiva só adquirem uma existencia real com a consciencia precisa de que a vida individual não é uma entidade misteriosa, extraña ao mundo que a cerca, esim um aggregado de elementos biologicos, que se acham em continua e intima relaçao com o universo. Estabelecido e comprehendido que a nossa consciencia compõe-se de uma infinidade de consciencias minimas, podemos atribuir à noção de uma consciencia, alma ou espirito collectivos,—um sentido mais real que o de uma vaga analogia.

Por isso a obra de Bourdeau, contendo observações novas e enriquecendo o dominio experimental da sociologia, presta-lhe um grande serviço e establece a base logica do seu futuro desenvolvimento.

Elle examina ainda com rigoroso escrupulo e sucessivamente a vida collectiva dos grupos seguintes: Familia, Povo, Corporações, Estado, Raça e Humanidade.

Na familia, grupo elementar de onde parte toda sociologia até á humanidade, que apresenta a manifestação mais elevada da symbiose dos seres, vê-se distintamente a interacção dos individuos ou de suas series «qui influent les uns sur les autres, simultanément par des relations et des solidarités, successivement par des séquences et des reversibilités». (*)

Na familia, pois, os resultados da interacção dos elementos constitutivos manifestam-se na infancia, quando a semelhança physiologica e a hereditariade moral, algumas vezes bem complexas, constituem uma prova vehemente. E é com acerto que diz Bourdeau:

«L'ovule fécondé est une formule organique où se trouvent contenues les influences accumulées d'une suite d'ascendants et les conditions de déve loppement de l'être futur». (*)

Os traços da familia, a forma de certos órgãos e muitos outros signaes se reproduzem de geração a geração, e provam suficientemente que a sua unidade organica não é apenas uma mera expressão, mas um factor poderoso e real da vida.

O povo constitue um grupo mais vago, onde os phenomenos da symbiose estão por isso mesmo sujeitos a grandes variações; entretanto não se poderá negar que os actos de um povo são determinados por um factor imperioso, e os excessos praticados provam-se não ser da média das vontades individuais que o constituem.

A alma do povo se manifesta muitas vezes em actos de uma violencia ou de uma exaltação extremas que, apesar dessa irregularidade, apresentam documentos preciosos para o estudo da psychologia colletiva. O desenvolvimento da vida social produz agrupamentos facultativos mais estavasi,

(*) Pg. 83—Obr. cit.

(**) Pg. 84—Obr. cit.

que o povo e devem sua origem á comunidade de interesses de seus membros.

Taes são as diferentes sociedades em que os adherentes estão ligados por semelhanças de gosto, profissão ou fim, as classes sociaes constituídas pela comunidade das condições de existencia, as secções formadas pela coabitación etc.

A historia das sociedades modernas e a propria vida de cada homem contém provas irrecusáveis da enorme influencia que exerce o espirito de classe. O espirito collectivo se desenvolve em certas comunidades até um poder legal, produzindo deste modo costumes locaes ou prollisionaes, que passam ao domínio do direito.

A complexidade crescente destes laços, pois que o homem pode livremente escolher os e pertencer simultaneamente a muitos grupos, dá logo a idéa de que todos se absorvem na comunidade nacional ou política, representada pelo Estado.

Dabi deriva precisamente a questão capital, que divide os sociologos em duas escolas; si o grupo *constitue un être réel, organisé, vivant et animé, au même titre que l'être humain, ou n'est qu'une expression verbale, une métaphore du langage*. (*)

O livro de Bourdeau encerra uma grande serie de provas a favor da primeira solução, que somente se explica pelos phenomenos complexos da vida dos povos, *le prodigieux travail de physiologie sociale*. (†)

Diversos e profundos sociologos procuraram estabelecer uma comparação entre as noções dos organismos individual e social. H. Spencer reduz a quatro os traços de semelhança: *aumento, complicação gradual, inter dependencia das partes e longevidade de todo sobrevivente ao seu desaparecimento sucessivo*.

Oppõe tambem quatro diferenças principaes: *julta de forma determinada, ausencia de massa con-*

tinua na adherencia, mobilidade dos elementos individuais e falta de tecido nervoso social.

Bourdeau examina-as successivamente e conclui com Rib t: «que les ressemblances sont fondamentales, et les différences tout extérieures et, à la rigueur, contestables».

Porem a prova mais poderosa addusida em apoio de sua conclusão decorre da propria analyse biologica, que faz e mostra o organismo humano como uma das realidades collectivas, que constitue a vida do universo.

Partindo deste principio pode certamente afirmar Bourdeau que o organismo social é daquelle semelhante, tanto mais quando não se contesta ao individuo uma existencia objectiva.

Esta identidade não comprehende somente os elementos physiologicos da vida dos povos, abraça tambem as suas funções psychicas.

Com efeito, a legislação, os costumes, a poesia, o proprio idioma de um povo são productos evidentes de um poder, cuja elaboração e poder se cumpre independente de vontades individuaes. Ora isto é de uma realidade incontestável.

Reconhecemos nesse poder, identico ao que chamamos *alma humana*, e que reune em um feixe os innumeraveis momentos da sensibilidade, o constitutivo da vida humana.

Bourdeau admite «que non seulement l'homme, mais un appareil, un organe, un plastide sont organisés et vivants», e afirma pela mesma razão que uma familia e um povo são organismos sociaes.

Apenas quando diz com René Worms «que la conscience, le moi, la personnalité sont des propriétés de la société, aussi bien que l'individu», afasta-se de todo do anthropomorphismo. Ahi vê-se perfeitamente a resultante de uma somma de phenomenos psychicos unificados, provando que a consciencia de um povo e a de um individuo não são duas realidades diferentes, mas duas formas diferentes da mesma realidade.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA NA MANDCHURIA.—PATRULHAS VERIFICANDO A LINHA-FERREA

Acima da comunidade nacional encontra-se uma forma ainda mais vasta da symbiose dos seres: a raça.

As diferenças que existem entre as raças são muito mais frisantes que as existentes entre os povos e os distinguem.

O conjunto dos traços physiologicos, as particularidades da structura anatómica e muitos outros característicos, não deixam dúvida alguma sobre o poder dos factores physicos que regem a vida de uma raça; por outro lado ainda, o sistema linguístico e um complexo fundo de sentimentos, de tendências morais e religiosas são nitidamente caracterizados para não indicar um poder analógico dos factores psychicos, que René Worms chama *le génie de la race*.

Passemos a examinar o supremo grupo, o da humanidade, que parece a primeira vista estar acima de uma lei qualquer da vida collectiva.

Bourdeau porem dissipa qualquer dúvida a este respeito adduzindo provas poderosas da unidade somática e psychica da especie humana.

A primeira lhe parece fundar-se sobre a unidade de origem: «De même que tous les plastides de nos corps, quelle que soit leur diversité dans l'adulte, proviennent par duplications successives de deux cellules génératrices, tous les êtres humains proviennent d'un groupe ou même d'un couple initial que ne dément pas la théorie du polygénisme; car si elle conteste que les différents races d'hommes descendent des unes des autres, elle le suppose toujours issues d'une même souche antérieure et disparue». (*)

A realidade deste factor physiologico é evidente quando se considera a diferença existente pelo progresso da cultura entre as espécies - humana e animal, apesar da comunidade prehistórica de sua origem.

Quanto à unidade psychica, a existencia da razão, que é o proprio homem, seria bastante para provar-a, pois que ella não é um atributo *innato*, mas uma *conquista laboriosa*. Originou-se da faculdade rudimentar de perceber uma diferença e de sentir uma outra cousa e distingui-la.

Se nos embrenhamos pela historia das civilizações, encontramos a cada passo uma força que a ignorância, desconhecendo a sua verdadeira essência, chama Providencia - produzindo entre as consciencias contraditorias resultados sociaes de uma complexidade admirável. (†)

Era preciso um desenvolvimento gradual dos conhecimentos individuais para chegar-se a reconhecer nella uma manifestação da vida universal.

Esta força que domina a historia da humanidade é apenas uma parcela da que regula a evolução dos mundos na immensidão do universo.

A alma da humanidade não pode ser aceita como uma realidade concreta, no sentido metaphysico da palavra. Diz Bourdeau:

«Pour l'espèce, comme pour l'individu, le terme d'âme désigne simplement un ensemble de fonctions psychiques coordonnées». (‡)

Durante muito tempo a visão natural que o homem tinha de sua propria vida, impedia-o de conhecer a realidade collectiva de sua alma, considerando-a como uma entidade misteriosa, alheia ao mundo physico.

Actualmente porem que já não nos achamos mais dominados por uma illusão anthropocentrica, adquirimos uma orientação nova, e um novo meio científico se apresenta á exploração da psychologia.

A vida do nosso corpo e a da nossa alma não aparecem mais como substancias reaes, no sentido metaphysico da palavra, mas como resultantes de uma somma de phenomenos unificados, identicos aos que observamos na manifestação da vida subconsciente do naturesa e na vida collectiva dos organismos sociaes.

Bourdeau coroa brilhantemente os seus estudos com uma hypothese que mais tarde se resolverá em realidade.

Para elle: *L'unité somatique de l'espèce humaine, au poiéant de vue de la cohérence matérielle, s'impose même à la réflexion, car il suffit d'évoquer l'idée du cordon ombilical qui attache l'enfant à sa mère pour faire concevoir, par une frappante image, comment tous ces êtres, unis par un lien de chair, procèdent les uns des autres et forment un seul corps, dont les éléments s'enchaînent non moins strictement que les cellules du nôtre*. (§)

Persuade-se de que (une somme unifiée d'intelligences ne peut manquer d'être intelligente) e afirma (que tout porte à présumer, par analogie, qu'à l'exemple de notre moi humanitaire, l'humanité prende conscience d'elle-même, a son idéal, son vouloir-vivre, sans que nous en puissions rien savoir que par l'interprétation des faits généraux). (¶)

Se nosso pensamento concebe facilmente esta hypothese, nossa imaginação recusa-se a evocar a sua realização, mas isto exclusivamente pelo efeito do atavismo, do habito que nos é innato de considerar o homem como o unico ser dotado de consciencia e de vida individuaes.

Para facilitar a formação destes novos conceitos da sociologia, devemos considerar a evolução dos conhecimentos individuais conforme acabamos de examinal-os, estudando-os no bello trabalho de Louis Bourdeau.

Terminando estas ligeiras e despretenciosas notas, diremos como Izoulet:

(L'œuvre de Louis Bourdeau ouvre la voie aux sciences nouvelles et la sociologie lui est particulièrement redurable d'avoir formulé, avec une précision admirable, la base logique de son futur développement). (§)

MACHADO JUNIOR.

Belém - 1904.

(*) Pg. 100 - Obr. cit.

(†) Pg. 101 - Idem.

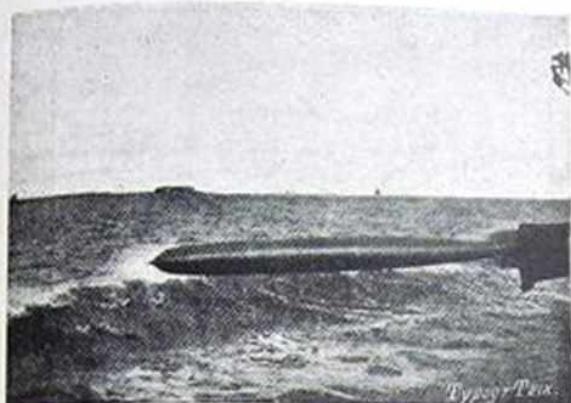
(‡) Pag. 120 - Idem.

(§) Pg. 112 - Obr. cit.

(¶) Pg. 230 - Obr. cit.

(¶) Pg. 232 - Idem.

(¶) Introd. da obr. cit.



A DESCARGA DE UMA TORPEDEIRA

Sobre uma these

(Conclusão)

Se o meio brasileiro está a pedir modificações no ensino, conforme perfeitamente escreve a A., nenhum louvor merece o actual director da instrução municipal, fabricante dos regulamentos das escolas primárias e tão thuriferado pela inteligente doutoranda.

A nossa escola primária não presta serviços ao menino que visa a carreira das letras nem, é notado pela A., para o que se apresta aos labores diferentes dos que se firmam no tirocínio dos estudos secundários e superiores.

O programma anti-pedagogico dos collegios do 1º grão, com o curso tripartido e pessimamente cumprido pelos docentes, é a negação completa do que respeita ás boas normas da instrução. Ensina-se mal á creança, e, chegando ao termo do curso complementar, ignora o alumno os elementos da grammatica, possue pessima orthographia e desconhece as necessarias operações da arithmetica.

Reconhecerá a A. que falo verdade, taxando o pouco mérito dos estudos dos collegios primários e a exm.^a sr.^a Maria Fernandes, cuja these compulso, tel-o-ha por vezes confirmado observando as queixas repetidas de muitos professores da Escola Normal, quando nas aulas apontam alumnas que deturpam a conjugação dos verbos, ou se perdem nas mais simples passagens de um cálculo ou cometem erros indesculpaveis ás portadoras do certificado das aulas do primeiro grão.

A causa deste estado de cousas toca ao magisterio primário e ao encomiado pedagogista que cheia o ensino municipal.

Os cathedraticos dos collegios primários não se preocupando com os discípulos se limitam a machinalmente enxertarem no cérebro do mesmo as respostas ás mais usuais perguntas do exame, dando-lhe um ensino balofa, e educando-o em rudimentos pouco sólidos.

O director da instrução estabelece um regulamento cuja execução produz má distribuição de horas de aulas e mesmo retrai o progresso do alumno, que perde o seu tempo na escola sem obter grande aproveitamento.

Coloca-se em posição inferior a nossa organi-

sacção escolar de que, diga-se a verdade, se não tem colhido valiosos resultados, apezar da A. ver um salvador do ensino no director da instrução.

Ha dias aquelle funcionario censurava um intendente que via sem proveitos as verbas esgotadas na manutenção das escolas; o discurso de um dos membros do Conselho Municipal, visava astutamente economizar no orçamento da instrução, mas, cumpre confessar, dispêndios inuteis se consumem na conservação das aulas de Pedagogia, organizadas em beneficio de amigos e gastos se fazem em innovações que prejudicam os cofres municipaes e não fornecem a minima contribuição ao progresso do ensino.

O assumpto da these da illustre A. é vasto e implica considerações largas para as proporções deste ligeiro commentario ao trabalho que, se algo tenho resolvido, é preciso dizer-o, encerra páginas vantajosamente traçadas e opiniões indiscutivelmente plausiveis.

Occupa-se a A. dos jardins da infancia, em tempos estabelecidos nesta capital mas com a existencia inutil das instituições estragadas pelo pomadismo. O que se installou no collegio Menezes Vieira fôra mais um ludibrio á criação de Fröbel, alimentado pelo preconicio da época, que o exercicio dos preceitos do pedagogista alemão.

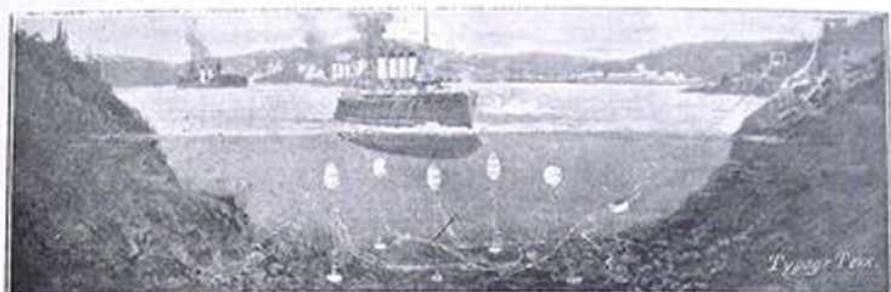
A implantação dos jardins de infancia é thema que requer grande estudo; para dirigil-os, penso, é mister um docente que se não faz nos cursos das escolas normaes nem nos estadios dos collegios primários, pois, importa-lhe reunir requisitos pouco communs e congraçar qualidades nascidas de uma convivencia continua entre as creanças de tenra idade.

Fröbel ensinou que as escolas devem ser o prolongamento do berço (phrase bonita para as theses e dissertações), aphorismo que destaca—oh! dificuldade á conta de impossível—no typo da directora do collegio infantil, a figura de uma segunda mãe.

Pela sua natureza a escola recebe o menino na phase em que o physico da creança tem de ser o objecto de todas as atenções possiveis, a intelligença ha de se desenvolver sem fadiga, a aprendizagem das primeiras noções se operar sem cansaço, em summa, instruir e deleitar o alumno sem levá-lo ao esforço; d'ahi a necessidade do professor comprender em si dotes especiaes, conhecimento da indole infantil e inspirar confiança e não temor ao menino, estimá-lo e ser estimado, dispensar-lhe blandicias e dedicar-lhe carinhos.

Eis ahi o lado elevado, bellissimo da instituição, mas, confessamos, rareará no magisterio quem seja apto para dirigil-a.

Demais, a concepção do modo de educar a creança, opposto ao processo antigo, attingiu ao exagero; a abolição completa dos castigos substituídos pela palavra doce e meiga da admoestação complacente está a fomentar as travessuras destes mesmos malreados que tanto atenazam os professores na escola, perturbando o ensino e alastrando os maus hábitos, pelo contagio, ás outras creanças.



UM GRUPO DE MINAS SUBMARINAS À ENTRADA DE UM PORTO

E eu me ia embrenhando por deduções diversas ao enfrentar o assumpto dos jardins de infancia; considero-os necessarios e de acordo sou com a doutoranda que crê a escola de Föbel imprescindivel ás classes pobres.

Não me é dado entrar em indagações desprezadas pela A. que poderia se ter estendido no assumpto, oferecendo ao leitor trechos interessantes sobre a psychologia infantil. Límito-me á externação do meu pensar, acrescentando que, antes de se fundar nesta capital os jardins de infancia e as escolas maternas, seja reformado o collegio primario, não preenchedor do triplice fim da escola moderna, o vigor do corpo, a penetração do entendimento e a rectidão do espirito, ou mais ainda, não correspondendo ás exigencias da vida do pobre.

As transformações que a escola, entre nós, reclama respeitam á educação, á hygiene não se falando do ensino cuja feição deve ser mudada.

A A. não quiz se demorar ante esse problema, deixando de apreciar a necessidade de ser investido o professor de autoridade bastante para corrigir os meninos creados na perdição das ruas ou cujos paes, distraídos por seus trabalhos, não os podem convenientemente educar. Da mesma sorte, a doutoranda se abstém de aprofundar a urgente obrigatoriedade do ensino primario e passa ligeiro sobre o thema da educação na familia por si só sufficiente para tornar volumosa uma dissertação medica.

Não agitando intensamente certas questões, abandona sensivelmente outras interessantes, qual, por exemplo, a da vigilancia quotidiana de um medico nas escolas, interpondo parecer no que se relaciona á hygiene physica e á hygiene intellectual, exercendo a sua influencia na distribuição das horas de estudo e na verificação da saúde do collegial.

Esta especie de assistencia medica que occupa a attenção de certos espíritos não foi cuidada pela A. em sua these inaugural.

Foram estas lacunas que me derramaram no espirito aquella especie de desillusão sobrevinda á terminação da leitura desse bom trabalho; eu aspirava ler um escripto de outro modo orientado e conhecí uma monographia presa á norma official e optimista em demasia ante o que é imprestavel ou deixa muito a desejar.

Essa falta, porém, propria certamente, do curto espaço de que, em occasião de actos, dispõe

a A. para escrever a sua dissertação, não deprecia o trabalho, laureado pela conceituada faculdade medica do Rio de Janeiro.

A brochura—*Da Educação na Família e na Escola* interessa e agrada, mostra estudo e convida á leitura.

Vale a pena folheá-la.
Rio, 4-904.

Theodoro Magalhães.

MORTA

Num esguio caixão da cõr dos mares,
Illuminado por funereos cirios,
Dorme a virgem liberta dos martirios,
O sonno bom das noites tumulares.

Alma impolluta, casta irmã dos lírios,
Passaste a vida sem sequer roçares
A tua alma branca com os nenuphares
No lodo vil dos mundanaes delirios.

Aves, calae o mavioso canto,
Chorae, estrellas, derramae o pranto
Brumas da noite, veus crepusculares...

Que a virgem dorme branca e macerada,
Como uma santa de marfim deitada,
Num esguio caixão da cõr dos mares.

Joaquim Belmont.

Sonhar!...

Sonhar! viver apenas de sonhar!
Embora seja tudo uma chimera
Que ao longe nos acena e nos espera
E' bom viver apenas de sonhar!

Nunca termos na vida um só cuidado!
Que doce, que ideal, que paz immensa
Vivemos simplesmente de uma crença
Que nos embala e não nos dé cuidado!

E' sublime demais, muito sublime!
A morte!... mas importa acaso a morte
Quando o Bem que nos guia é muito forte,
Mais do que tudo, muito mais sublime!

Sonhar! viver apenas de sonhar!
Mas... para que, se em breve despertamos
Para, enfim, comprehender que tanto andamos
E nada mais fizemos que sonhar?!

Pará.

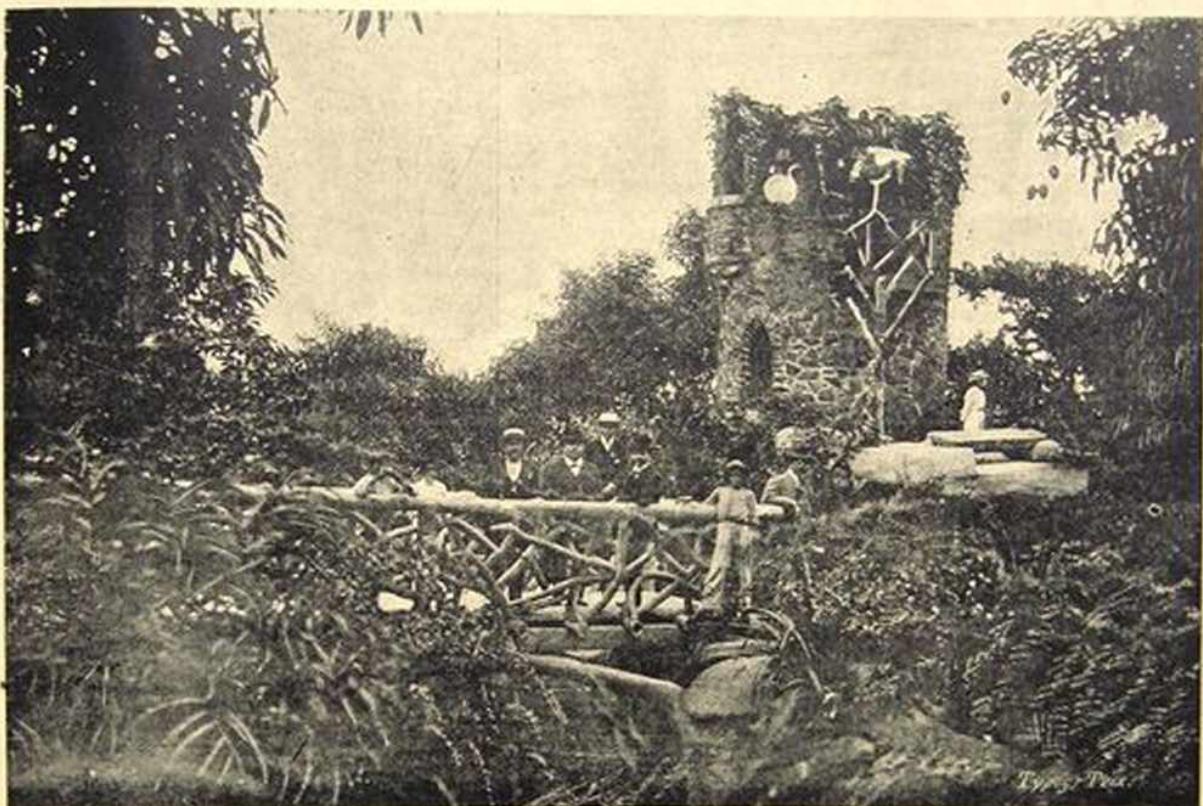
LICINIO BASTOS.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE JULHO DE 1904

|| NUM. 70



PARA—UMA VISTA DA PRAÇA BAPTISTA CAMPOS—Eduardo F. d'Oliveira Junior—Phot. amador

Um funcionario modelo

—Mas, sr. coronel, olhe que é a primeira falta na minha vida de funcionario...

Conto perto de vinte annos de serviço e até aqui não mereci ainda uma unica reprehensão dos meus chefes...

E o Tiburcio seguia por ali fóra, a traçar numa frase singela e tocante a odysséa triste da sua vida de empregado publico, carregado de miseria e de filhos, sempre com a despeza a superar a receita, quasi andrajoso e faminto para poder alimentar e vestir a mulher e a petisada. A despeito, porém, de todas essas dificuldades, nunca tocara no alheio, nunca se desviara uma só linha que fosse da pauta justa da mais estricta honestidade.

Agora, nem mesmo sabia ao certo como fóra aquillo... Tinha dois filhos doentes, com umas febres teimosas que a nada cediam... E os medicos

a exigirem a dieta, o leite condensado, as papas de alimento de Mellin, o diabo enfim... E elle sem dinheiro, devendo já ao boticario, ao mercieiro, a uma infinidade de fornecedores exigentes que se recusavam a adiantar-lhe mais um centavo que fosse sem primeiro serem embolsados das quantias em atraso... O aluguel da casa já ia no terceiro mes, e a mulher com a barriga à boca, a esperar o descanço a toda hora... Um inferno de fazer perder os miolos ao mais equilibrado dos homens...

Fóra elle então e lançara mão d'aquella somma, d'aqueles miseraveis cem mil réis que lhe havia entregue o fornecedor da repartição para ocorrer ás despezas com as lavagens de toalha, os sellos de correspondencia e outros serviços miúdos de mes. Quasi nunca despendiam a somma inteira... Era mesmo uma raridade excederem a uns trinta ou quarenta mil réis... Por desgraça sua, porém, logo naquelle mes, haveriam de aparecer aquellas elei-



RIO DE JANEIRO—HOSPITAL DE ALIENADOS

ções, a acarretarem officios e chapas para os diversos pontos do interior, de forma que o seu desfalso teve forçosamente de ser descoberto, e uns dois collegas que o viam com maus olhos foram logo metter a coisa no bico dos chefes, antes que elle tivesse tempo de recorrer a alguma alma caridosa que o salvasse d'aquelles apuros...

Mas logo que recebesse o ordenado, d'ahi a uns quatro dias, reporia tudo e nunca mais, nem que lhe morressem á mingoa a mulher e os filhos cabiria em esparrela igual... Ah ! isso não cahiria, jurava... Bem caro lhe havia custado aquelle primeiro desvio, ficava-lhe de lição...

O outro, o coronel Barradas, chefe da repartição do Tiburcio e figura saliente na polílica local, de sobrolho carregado, ouvia pacientemente as lacrimosas justificativas do infeliz... Quando este terminou o rosario das suas desgraças, a ladainha vulgar dos seus martyrios íntimos e das suas ignoradas torturas, o coronel abanou lentamente a cabeça, num gesto de piedade superior, e declarou-se impotente para tentar qualquer passo em seu favor... A coisa já se havia propagado na repartição, dentro em pouco chegaria aos ouvidos do Presidente, e, nestas condições, que fazer ? Para relevá-lo aquella falta, elle, coronel, incorreria numa gravíssima responsabilidade, seria até talvez apontado como cúmplice do Tiburcio...

—Ah ! isso não, sr. coronel, protestou o infeliz, ninguém o supporia capaz de tamanha infâmia... Quanto ao facto de já saberem da minha falta os meus collegas de Repartição, não lhe dê isso cuidado... Todos elles, mesmo os dois que não me vêem com bons olhos, são bons rapazes no fundo... De certo se apiedarão da minha desgraça e abafarão a vergonha...

—Que quer o sr. insinuar ?, prorompeu o Barradas, erguendo-se da cadeira... Suppõe-me então capaz de pactuar com semelhante bandalheira ?

Olhe, nem que fosse eu o único a conhecer a sua falta, nem por isso deixaria de puni-lo, porque ponho a minha consciência acima de tudo. Retire-se quanto antes... Arrependo-me até de o ter ouvido com complacência até agora...

O Tiburcio, livido de pavor e de desespero, teve um gesto vago de supplica... Mas o coronel foi inexorável; com um gesto brusco apontou-lhe a porta, ao passo que com a outra mão agitava o tympano.

O Tiburcio, aos trambulhões, foi aos poucos recuando, até sumir-se por traz de um pesado reporteiro que mascarava a porta de saída do gabinete do coronel.

Instantes depois penetrava no gabinete, atendendo ao toque de tympano um continuo e o Barradas entregava-lhe a nota de demissão, a bem do serviço público, do Tiburcio, que deveria ser transmitida ao chefe de secção, para mandar lavrar a respectiva portaria.

Em seguida, muito calmo e muito senhor de si, sentou-se à banca, continuando o serviço interrompido pela entrada do Tiburcio:—a redação de uma acta eleitoral falsa, destinada a substituir a verdadeira, na apuração a que se ia proceder por aquelles dias.

Alberto Neiva.

Villa Verde

E' uma cidade ideal que lembra Sapho a despenhar-se da alta rocha, sobre o Mar...

Deram-lhe o significativo nome de Villa Verde, porque para quem vem sobre a agua, a paysagem é verde, como as tintas esmeraldinas do mar que sulca.

Vinte casas grupadas, vinte chalets pequeninos, pinzellados de verde, como um fundo de porcellana do Japão.

E a alma dessa população *mignon* é verde como a esperança timida e graciosa, lembrando miniaturas de um povo livre, pequenino e vivo, a viver sobre o mar !

Paiz exquisito de pintorescos hollandezes,— não sei si existes—és o meu sonho, o meu ideal !

Sonho contigo à noite, quando o rumor do mundo adormece, fóra e no rythmo de um balanço leio as paginas de Mael nesse *Mer sauvage*, livro verde como algas marinhas, que me faz mal aos nervos, porque não posso apanhar a perspectiva que desenrola, porque essa visão que lhe canta nas paginas, é ephemera para mim, a tantas legoas da accão do poema !

Podesse eu te encontrar, adoravel Villa Verde, podesses tu existir e com certeza eu iria viver como um pombo sobre o teu gracieiro pombal, cheirando a alga e a sargaço, perto das nuvens sobre o Mar...

R. Alves de Farias.

«Dos Pintorescos».

Freira

Cercam-te os olhos sãos os odios e as esperanças,
Cercam-te os labios máus a volupia e o deredo !
Nos teus seios eris, aureas pontas de lanças,
Ondula casta a flor do desejo e do medo.

Ensombra-te a vontade o recato e o segredo
Da tristeza glacial de perdidas lembranças
Que de outros olhos sãos escaparam-se cedo
Namesma chamma hostil de odios e de esperanças.

E não deixas crescer dos teus seios as penas !
E não deixas florir dos teus olhos a crença
Nem teus labios gozar das delicias terrenas...

Cortaram-te do hastil inda em botão, sem cores,
Recalcas com pudor essa tortura immensa
De assim viver penando entre rezas e flores !

Francisco Serra.

Rio, 26 Julho 1904.

O avô Segismundo

Ao LUCRECIO AVELINO

E o velho Segismundo, dalvos bigodes e cabeça alva, declarou, sorvendo uma pitada, que não apreciava «os modos do Antoninho». Um rapazinho inquieto, um rapazinho estabanado, dizer de graças, dizer de palhaçadas, um moço, enfim, que não quadrava com o seu genio com as suas maneiras, delle, velho Segismundo. E o velho Segismundo limpou vagarosamente, com o lenço azul, salpicado de pontos brancos, aberto e preso nas pontas dos seus dedos brancos, os fragmentos de rapé grudados nas azas do nariz, do seu nariz fino e recurvo como o bico dum papagaio.

Dizia apenas o que sentia, o que pensava. Não

era despeito. E despeito em que ? E despeito por que ? Não era inimizade. Inimizade? Não, não era inimigo daquele moço. Se falava, era porque tinha razão, tinha liberdade, língua também, louvado Deus. Não era despeito, «homem» ! Não era inimizade, «illustre amigo dr. Joaquim de Mello da Fonsêca Braz» !

— Pois olhe, observou-lhe o dr. Joaquim de Mello da Fonsêca Braz,— o meu amigo não gosta, não aprecia o Antoninho, e, no entanto, o Antoninho aprecia o meu amigo... gosta... Sempre que vai á nossa casa:— «Como passa o sr. Segismundo?... Lembranças a elle, recomendações á familia dele...» E outro dia:— «Simpathiso muito com o sr. Segismundo... Attraem-me, captivam-me as suas conversas, o seu porte fidalgo e aquella moral severa e intransigente, que cheira a Deus, cheira a religião, herdada dos nossos antepassados». O rapaz tem o genio brincalhão, proprio da mocidade, mas no fundo, bem lá no fundo é uma perola, uma joia rara, um coração de ouro !

— Pode ser, pode ser... Mas as palhaçadas não as aprecio eu. E genio, são cousas de velho. E Segismundo, desdobrando o enorme lenço azul, curvando a cabeça, assoou-se com estrondo.

— Se o meu amigo, entretanto, soubesse do que elle me contou, disse o Fonsêca em tom misterioso, abafando a voz. Segismundo, embolando e fechando na mão esquerda o lenço, esbugalhando os olhos, indagou se não era segredo, se não havia «inconveniencia»...

— Oh ! não ! Ele, Joaquim de Mello, não tinha segredos para o amigo do seu pai,— considerava-o mesmo um seu segundo pai !

— Muito agradecido, dr. Eu e o sr. seu pai fomos sempre muito amiguinhos, muito unidinhos, desde o collegio do Lisboa... antes mesmo do collegio do Lisboa—desde os cinco annos. Brincámos juntos, crescemos juntos, commerciamos juntos. Ah ! o sr. seu pai:— que coração ! que alma ! Mas, se não ha segredos entre nós, o dr. certamente satisfará a curiosidade desde velho caduco e rabugento.

— Pois não ! Com muito gosto, com muita satisfação ! Não era rabugice, não era caduquice:— Segismundo exigia, Segismundo ordenava... E, quanto ao segredo, era simples: «talvez o meu amigo já o tenha adivinhado».

— Ora, si... Cousa tão simples, tão natural... Pois ainda não adivinhara ? !

Segismundo confessou que a cousa não era assim tão simples, assim tão natural...

— Desde que o dr. medisse:— «se o meu amigo soubesse do que me contou o Antoninho»,— que estou aqui a matutar, a parafusar, a quebrar a cabeça.

— O bacharel torceu os bigodes. Enganara-se ! Realmente o negócio era exquisito... não deixava de ser exquisito.

— Logo vi ! Mas, finalmente, que vem a ser ?

— O que havia de ser ! O Souza, o Antoninho Souza andava apaixonado pela sra. d. Maria das Dores, a muito prezada e virtuosa neta do amigo!...

— A Cotinha ? ! A que está noiva ? ! a que vai casar ? ! Isto, dr., é de arromba, é de se lhe tirar



MARANHÃO — AS OBRAS DO LARGO DE PALÁCIO — (AVENIDA MARANHENSE)

o chapeu!... Do largo bolso do paletot de brim errou a caixa de rapé, uma redonda caixa de tartaruga e o lenço azul salpicado de pontos brancos. E, com a pitada entre o indicador e o poligar:

— Um maluco! um vadio! um toleirão! o tonto do Antoninho!... E tomou o rapé, ruidosamente. O Fonsêca, cabeceando para a direita, cabeceando para a esquerda, discordou: — o Antoninho não era um maluco, não era um vadio, não era um toleirão!

— Desculpe-me a brincadeira, dr., mas parece que o senhor tem muito empenho...

— Em defender o Antoninho? ! interrompeu o bacharel, agitando o pince-nez, escancarando os olhos, alteando a voz. Defendo-o sómente pela amizade que nos liga, como defenderia o senhor por essa mesma amizade. Quero o Antoninho como quereria um irmão, se o tivesse. Ser alegre, espíritooso, brincalhão não é defeito. Rapazes querem-se travessos e risonhos e não quietos e chorões!

— O meu caro Manequinho parece que se queimou; mas olhe que foi uma brincadeira o que disse eu; não vá zangar-se, foi uma brincadeira, — fez Segismundo, num sorriso affável e dóce.

O Fonsêca não se zangara, «homem!» Era sómente o que faltava! Que não levasse em conta o amigo aquelles seus arrebatempos, pois o seu gênio era assim, não o podia mudar. Nos tempos de estudante, intolerável que era então: — em discussões mais triviais, mais banaes, exaltava-se,

berrava e algumas vezes esmurrára collegas... Muitas vezes esmurrára collegas. Era exaltadíssimo, apaixonadíssimo! Felizmente, mudara um pouco... E quanto ao amor do rapaz pela sra. d. Maria das Dóres, não havia nada de maior, nada de extraordinário. De facto, a menina era noiva, mas o Antoninho amava-a e era amado por ella! Disto tinha certeza, tinha provas! E por que cazaram a menina com um moço, como o Anacleto, pelo qual ella não entretinha a mínima aféição e que até detestava, odiava?... Aquelle casamento, se por ventura viesse a realizar-se, tomaria o aspecto dum tremendo madeiro de supplicios dolorosos, onde, dolorosamente crucificada, Maria das Dóres provaria a esponja amarissima do pósca, embora num supremo esforço de piedade e misericordia, perdoasse os algózes! E quais seriam os algózes? O Anacleto, o Segismundo e toda a familia do Segismundo! Que o Segismundo medisse bem questão tão importante quanto delicada, que medisse bem, que visse bem.

E Segismundo fechou os olhos, apertou os olhos, como a medi a importancia e delicadeza da questão. Realmente, pensava, aquella historia de madeiro e esponja e a menina como Christo, e elle e toda a familia como algózes, tão bons algózes como o Anacleto, — era cruel, era dura!... E seria elle o maior culpado, se, por desgraça, aquella união se consumasse! Sim! Não seria simplesmente um cumplice da infelicidade da sua neta: — seria o asqueroso autor do crime!... Que seria del-

SUPPLEMENTO AO N. 70

16 DE JULHO DE 1904



O ultimo retrato do Presidente Kruger

A REVISTA DO NORTE

Meranha—BRAZIL



Typographia

RIO DE JANEIRO — GRANDE HOTEL METRÓPOLE

le se, mais tarde, os magoados e tristes olhos de Maria das Dóres chorassem a virgindade d'aquelle corpo esvelto e infeliz? Miserável e desnaturado avô que era! Sim! Miserável e desnaturado, pois aconselhara, até mesmo obrigara a filha de sua filha a sacrificar a paz do seu espírito tão moço e alegre por uns miseráveis cincuenta contos d'aquelle monstro Anacleto! Sim! O Anacleto era um monstro, e elle, Segismundo, também era monstro!

Abriu os olhos e olhou o Fonséca, que, sem pestanejar, olhava os movimentos sorrateiros dum lagartixa, tentando apanhar uma grande borboleta negra, poisa na parede caiada e branca da varanda. Ali estava um moço, venerado pelos parentes, estimado pelos conhecidos, admirado pelos que o não conheciam, sómente pelo respeitável e rijo carácter que o enrijecia e que o tornava respeitável! Bastava que o dr. Fonséca dissesse aos que d'elle e da menina escarnecessem, depois da menina haver rompido com o Anacleto: «Perdão, cavalheiros! Eu fui quem aconselhou à exma. sra. d. Maria das Dóres e ao sr. seu avô que desfizessem o compromisso com o Anacleto, com aquelle monstro, digno de outra monstra!» — para que se paralisassem todas as línguas aculadas pelo Anacleto, que, despeitado, inventaria horrores sobre a reputação de Maria das Dóres! Não perder tempo: — falar ao Fonséca e falar ao Antoninho, — ao Fonséca para a defesa e ao Antoninho para o casamento.

— Doutor... balbuciou medrosamente Segismundo, achegando-se ao bacharel.

— A's ordens, roncou o Fonséca, copiando os pardos bigodes negros, repuxando as calças para evitar as joelheiras.

Segismundo, inflando o peito, suspirou profundamente, largamente.

Enfiou os olhos pelo telhado, em busca de phrases, em busca de palavras para desabafar, mas não desabafou. Emmudeceu. E assim abafado e assim mudo sorvem ruidosamente uma pitada. Finalmente, destapou-se:

— Peço-lhe primeiramente um conselho, um conselho de amigo... Acha que Maria das Dóres... será mais feliz... com o Antoninho... do que... — Com o Anacleto? — Acho! Garanto-lhe, meu bom amigo, a irrepreensível moral do Antoninho, o seu carácter, a grandeza do seu espírito, enfim, o amor que consagra á sra. d. Cotinha. Caze a menina com o Antoninho! E, engrossando a voz e esticando o indicador, falou pedagogicamente:

— Homem, nesta questão de casamento, questão assás séria e difícil, pois envolve em si não só o interesse e a felicidade dos que se conjugam, mas também o interesse e a felicidade da futura prole; questão que traz consigo outras tantas e multiplas questões relativas á existência da sociedade no seio da qual ella surge, — antes de tudo e primeiro do que tudo, devemos attender á vontade e aos sentimentos que ligam um nubente ao outro.

O bacharel parou, respirou, tomou novo fôlego:

— Em caso contrario, isto é, desrespeitada a vontade dos contraentes, sem que para tal medite justa causa considerada pela Lei, o enlace assim realizado perde o carácter de nobreza e santidade, de que deveria estar revestido para tornar-se um monstruoso producto da coação, umido para sempre aiás, que para sempre se repellem!

Parou ainda, olhando Segismundo. Observou com delicia que Segismundo estava aniquilado,

esmagado sob o peso da sua philosophia e da sua tecnologia juridicas. E, para acabar de anniquilar aquelle desgraçado velho, esmagal-o por completo, reduzil-o a expressão mais simples, o dr. Fonséca arremessou com barbaridade:

—Veja! Veja que altissimo juizo faziam os Romanos do casamento! Modestinus, o grande jurisconsulto da sabia cidade que, na phrase do gigantesco jurista alemão Rudolf von Ihering, «tres vezes ditou leis ao mundo e tres vezes serviu de élo entre os povos», definia o matrimonio: —«Nuptiae sunt conjunctio maris et feminæ, consortium omnis vitæ: divini et humani juris communicatio». E então? ! E então? ! Fale! ...

Segismundo não falava, respirava com dificuldade: —estava morto!

—E então? ! repetiu o Fonséca mais alto.

O velho murmurou humildemente:

—Tem razão, dr., tem razão... Mas apenas uma cousa me faz vacillar em consentir neste consorcio: —as más linguas... as más bocas...

—As más linguas! As más bocas! retrucou o Fonséca com superioridade e desprezo.

—Receios... temores... as calumnias... as infamias... avançava Segismundo medrosamente.

—Nada de receios, de temores! E quanto às calumnias, às infamias: —babozeras! toleimas! ... Mas o avô de Maria das Dóres desejava «ura coussa»...

—Falai! falai!

Desejava que o amigo dr. Fonséca fosse, em caso de estar presente, o defensor da sua neta contra as accusações das más linguas, das más bocas...

—Pois é preciso pedir? ! Tenho grande honra nisto, immensissima honra nisto! Não é preciso pedir.

..

Seis meses depois, celebravam-se, com grande satisfação para todos, as nupcias do Antonio Souza com a formosa neta do velho Segismundo.

E o velho Segismundo, nesse dia, à noite, ao canto d'uma janella, todo alegria e amor e com a alma toda em Deus, fitando o céu muito estrellado, rogava para sua neta um futuro de esmeralda e ouro, equivalente à bondade, à meiguice, à belleza de Maria das Dóres,—para elle sempre tão boa, sempre tão meiga, sempre tão bella! ...

João Quadros.

Maio

Espoucam, pendentes das roseiras, os botões multicolores. Vagueia pelo espaço um esluvio balsámico.

A brisa cicia um canto que mais parece uma cavatina de beijos, e as aguas mürmuras da corrente platinada rolam mansamente, acariciando no dorso os primeiros raios do sol que despertam os passaros para o hymno matinal, para o doce concerto de azas e de trinados.

O riso brota da flor na perola de orvalho que, pendente d'ella, lucilla aos beijos do sol de Maio,

como uma pequenina estrella muito branca; e dos labios dos homens as orações que os sentimentos puros elevam á Virgem das flores.

Nos templos, o som do orgão tem vibrações nervosas de alegrias, a voz das cantoras estão cheias de amor e derramam no recinto sagrado os perfumes das almas candidas que sobem ao céu no ex-tase da prece.

No infinito ha um concerto maravilhoso de luz. Os astros enfeitam-no de raios fulgurantes, para guiarem as almas que nas translúcidas azas da crença revigoreada, buscam o throno da suprema consoladora.

O mez das flores é o mez da Virgem.

Ha nisso um poema edificante e sublime: —A essencia symbolizando a virgindade.

As almas banham-se nas essencias da fé, para se tornarem filhas da virgem, para se tornarem flores.

Creanças que brincam orvalhando de risos os doces lares, e cujos olhos scintillantes são o reflexo das vossas almas infantis, correi pelas campinas orvalhadas e ide colher flores para enfeitardeis o throno terreno da Mãe suprema.

Virgens que representais a essencia celeste, vós que tendes a pureza dos lyrios, que guardais cuidadosas os segredos dos carinhos, deixai por um momento os vossos sonhos transparentes e ide tecer grinaldas de rosas para vossa Mãe. Fozei do Templo um jardim em que o orvalho seja a vossa prece e o sol que doira as seáras, o vosso sorriso virginal.

E vós, velhos, cujos cabellos brancos denunciam o vago reflexo das vossas illusões desfeitas; cujas mãos tremulas já não podem vibrar as cordas sonoras da lyra do coração para entoar uma sonata de beijos, ide tambem levar ao altar da Mãe do Creador uma coroa de flores, para provar que mesmo no inverno da vida ha sublimes primaveras na alma.

Nereu Bittencourt.

ENTRE O CÉU E O MAR

Sobre a onda.

Um barco vem vagarosamente, tangido por mãos robustas em remos fortes.

O remo chora sobre a onda num soluço afflito, num impulso poderoso, desvirginando-a, numa piedade profundissima.

Ceu de chumbo.

Pelas ramarias da margem uma tristeza primaveril se enflora, como uma coroa mortuaria para virgens mortas na vespera.

Rumor de vozes não ha.

Apenas a flebil voz do vento falla gemedoramente entre os floreos caireis que circundam o corpo da morta.

Porque nesse barco, alem da tripulação, vai uma mulher morta na tolda.

Sereno esse vulto estirado, de mãos postas como uma rainha.

Ramos de anemonas cobrem-na.

Flóres de maio circumdam-na.

Alastram-se. Cahem.



MARANHÃO — AS OBRAS DO LARGO DE PALACIO — (AVENIDA MARANHENSE)

E o piedoso mar contricto resa-lhe á tona orações de crente, do tamanho de ondas pequeninas, todo azul, que é esse o lucto pesado Oceano.

De que bahia curva, como uma meia grinalda de quem já não vive, de que golpho tristonho como uma ilhotá de saudade, saiu esse barco de velas mortas em redor do mastro, na luz cárdega de perola do dia, como uma visão de ballada, com esses homens que remam e essa mulher que não vive?

Só o Oceano respondia.

E este vai triste e vai desolado, num cortejo funebre de vagas após vagas, levando a nostalgia, a saudade enormissima, triste pallor de coisas idas, no colorido das aguas, no rumor da voz.

Ozeillando, com um embalo no esquife, o barco vai.

Vai sem barulho de cordas e vilancetes de marinheiros atacados do mal da Patria, isolado, como um navio ao Poente.

E de repente, porque é que no silencio que ondula pesado, essa morta falla mudamente, numa insistencia continuada de um gesto repetido e só?

Porque diz—que não! que não!—na berceuse nervosa que o mar põe nesse barco, num balanço rythmico de cabeça, como um pendulo de sonhos, enchendo o espaço, enchendo o céu até o alto, com a negativa de seu gesto mudo?

Porque?

R. Alves de Farias.

«Dos Pintorescos».

A locomotiva

A civilização occidental pôde ser encarada sob três aspectos: o dominio da guerra, o dominio da religião e o dominio da sciencia. Em outros termos—civilização guerreira, civilização sacerdotal e civilização scientifica.

As estratificações das suas diversas camadas apercebem-se actualmente nos centros sociaes mais adiantados; mas não se contesta que a ultima sobrepuja as outras, podendo-se, desde já, prever o seu triunfo definitivo no futuro.

O espirito guerreiro teve a sua mais esplendida consagração em Roma, no tempo dos cesares: haja vista o Coliseu; o espirito religioso impoz-se arrogantemente na idade media e já em plena renascença levantou o maior e mais rico theatro do mundo: São Pedro de Roma; o espirito industrial e scientifico é a alma do mundo actual, o farol do seculo VIX, e tem como symbolos a maquina a vapor de James Watt e a locomotiva de Stephenson. O Coliseu, o enorme circo em que os gladiadores e as feras se dilaceravam, para pabulo e gaudio do povo-rei, onde os imperadores recebiam a celebre saudação precursora da carnificina spectaculosa: *Ave, Cæsar, morituri te salutant*, o Coliseu foi o maior monumento erigido ao ideal moral da antiguidade—a exploração dos fracos pela força. São Pedro, o templo magestoso e deslumbrante dos papas, abrangendo mais de 20 kilometros quadrados, immenso abyssmo onde as fortunas dos fieis

iam atufar-se de todos os pontos do mundo, começado em 1500 e só acabado em 1626, atestando o direito do summo pontífice a ser o proprio Deus na terra, infallivel e omnipotente, superior aos reis e aos povos, São Pedro é o symbolo da exploração da imbecilidade humana pela astúcia clerical. Tanto na Roma imperial como na Roma pontifícia o homem é sempre objecto das exploracões do homem: ali a sujeição pelas armas, aqui o servilismo pelo mentira:—progresso evidente, porque prova a superioridade da intelligencia sobre a força bruta.

A civilisação moderna, porém não se impõe pela decoração externa, nem pelas theatricalidades avassaladoras da imaginação ingenua do povo, nem visa favorecer a poucos com sacrificio do grande numero.

Os seus symbols são modestos e à primeira vista antiestéticos; mas concentram as faculdades do homem, dominando as forças da natureza:—eis ahi porque elles são as alavancas da sociedade contemporanea. A maquina a vapor e a locomotiva, encurtando as distancias, approximando as cidades e as nações, pondo em movimento as superficies dos continentes e dos mares, povoando os desertos e illuminando as brenhas, arroteando as terras e fecundando o solo, são os mais poderosos factores do progresso, os apparelhos maximos da potencia humana em luta consigo mesma e com a vida universal.

Os homens, filhos da terra, como os feijões e as formigas, vão baixando os olhos das esferas contemplativas de sonhos e illusões religiosas, para abandonar-se de preferencia ao seio inesgotável da natureza, unico manancial que pôde fornecer abrigo ao seu perenne anseio de felicidade. E' como quem rompe a escuridão de espessa mata. —*Questa selva selvaggia ed aspra e forte*—do INFERNO, de Dante, para banhar-se na chuva de ouro que o sol derrama em pleno meridiano. Não para subir com o poeta florentino ás regiões do mysticismo christão, aureolado pela sua musa impregnada do mytho medieval, mas para contemplar e sorver a longos haustos as ondulações do ether luminoso.

A locomotiva é o vehiculo por onde circula a civilisação moderna, o emblema da paz e da fraternidade entre os homens, o templo do pensamento emancipado e forte, o maior monumento da



MANAUS—PALACIO DA JUSTIÇA

sciencia e da industria, a base da religião do amor, resultante da solidariedade dos interesses e da liberdade das consciencias. A locomotiva é o progresso. Ha de esmagar todos os empecilhos das trevas do passado, navegando na direcção do futuro, na orientação da luz. Nada mais sublime do que o trem fantasma com que a prodigiosa imaginação de Emilio Zola epilogou a sua epopeia immortal—*La Bête Humaine*.

Fata volentum ducunt, volentum trahunt.

Piauhy.

HYGINO CUNHA.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 1 DE AGOSTO DE 1904

NUM. 71



RIO—EGREJA DE BOTAFOGO

A Estatua

Ao DR. THOMAZ GOMES

*La figure de marbre devint
vivante. La pierre commençait
à jeter des soupirs.*

Henri Heine. LE SPHINX,

Pasmo de si, do proprio esforço pasmo,
Qual se de um outro aquella ideia fosse,
O velho artista, em doudo entusiasmo,
Ante o seu genio, pavido, assombrou-se.

Annos inteiros, annos de amargura,
Elle airostara, n'um labor insano,
Tendo nos olhos essa imagem pura,
E n'alma tendo a força do Oceano.

Esta illusão de marmore gelado
Findara da veltice nos escombros...
E, agora, o genio estava ali curvado,
Como sustendo o mundo sobre os hombros

Oh ! dir-se-hia que toda a sua seiva
No amago da pedra se infiltrara...
Raio de sol que transformasse a leiva
N'uma paysagem deslumbrante e rara !

Triste, na idade garrula dos beijos
Não teve amor; o bloco o envelheceu.
—Fechou, da gloria aos lucidos lampejos,
N'aquelle rocha a sua primavera.

Surgio, então, de sua mão callosa
Por um milagre vivo de escultura,
A figura ideal, branca e formosa
De Magdalena, em mystica ternura.

No meigo olhar da doce peccadora,
Havia um que da morbidez dormente,
Que tem no céo azul, quando descora,
A estrella d'Alva timida, innocent.

Era franzina e delicada. Os seios
Pareciam conter, cheios de susto,
Um coração e, dentro d'elle, anceios
Dando mais vida ao luminoso busto.

O sol, para beijar-lhe o collo, tinha
Fulvas scintillações de raios mornos;
A's vezes, noite, inda o clarão sustinha
Para aquecer-lhe os languidos contornos.

E o velho artista recordava agora
Os longos dias e o cruel martyrio,
Que lhe custara aquella grande aurora,
Despertada do chão de seu delirio...

Ah ! Quantas vezes,—n'essa dór que aterra
O proprio genio—se rojara ao chão,
A vér, a vér se o coração da terra
Mais junto ao seu, lhe dava inspiração !

N'isto sentiu que o marmore chorava,
Como distante desta terra fatua,
E vio surpreso então, vio que brilhava
Uma lágrima nos olhos da estatua.

«Eu fiz de ti, ó Santa ! o niveo cofre
«Onde guardei a minha vida insana...
Fallá ! Que queres tu ? Acaso sofre
A pedra por tomar a forma humana ?

(Aqui ergunta a allucinação do escultor: a estatua, abre os olhos e fala, como que delirando).

Vara-me o seio a Noite, quando desce,
Regela o frio os meus nevados flancos:
Leve o teu genio, ao ceu, a minha prece,
Já que gerou os meus contornos brancos.

Eu sou a Alma de Magdala. Escuta:
Quando o cinzel na terra crê a imagem
Do martyr e do santo,—á rocha bruta
Desce do morto a profuga miragem...

E quando Miguel Angelo esculpia
O vulto immenso de Moysés, o hebreu,
Deve ter visto, sim, que elle surgia
Pela argila trocando a luz do céo.

Habitava no Azul. O Nazareno
Os olhos enchugava em meu cabello:
Prende-me agora o marmore sereno...
Deixa-me ver Jesus! Eu quero vel-o!

Liberta-me, por Deus! Ai! desvario,
N'esta prisão tristonha como o goivo...
Vê tu como padeço! Eu sinto frio!
Quantas saudades, quantas! de meu noivo.

Tenho vontade de resar, enquanto
O Angelus repercute nas encostas...
Tem compaixão... tem pena de meu pranto...
Porque não me fizeste de mãos postas?*

Calou-se a estatua. O genio, allucinado,
Pegou do malho e destruiu, demente,
Aquelle vulto todo o seu Passado!
Aquelle imagem... todo o seu Presente!

Um bando de aves pelo céo fugia
E elle, fitando a vastidão que encanta,
Voltou-se, a ver se alguma conduzia
No bico aberto, o coração da santa!

N. Castriciano.

O novo romance de Abel Botelho

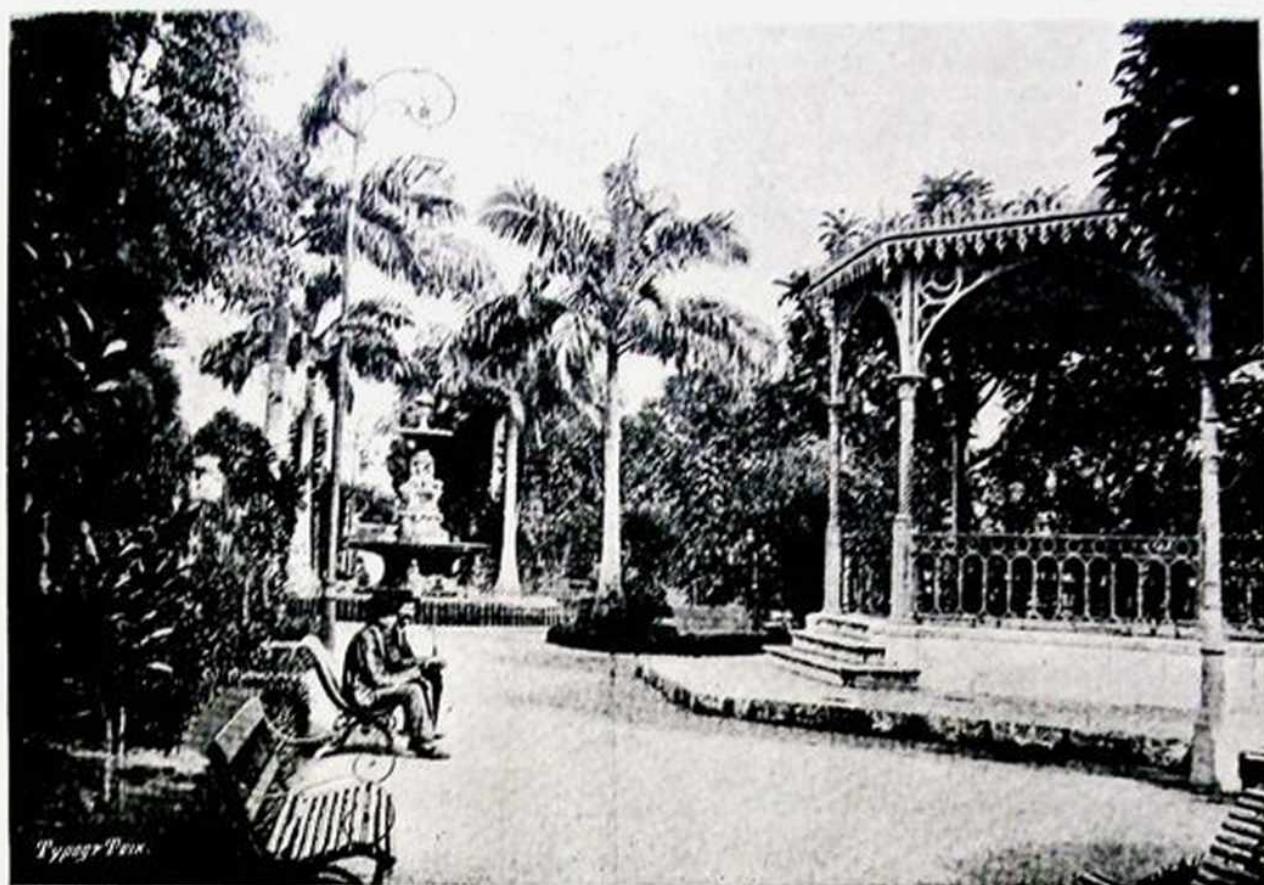
De todos os escriptores que em Portugal tem dado ao romance as preferencias do seu espírito, é o sr. Abel Botelho aquelle que mais ousadamente se dedicou à philosophia realista da Vida, tal como a estabelecem as condições dum meio gan-grenado. Não pretendo discutir agora se será o processo realista aquelle em que a arte exerce uma mais cauterisadora lição. Mas cumpre-me assentir que em raras literaturas encontraremos um exemplar tão perfeito de analysta implacável como o sr. Abel Botelho se mostra para com a sociedade portuguesa, levando até á ferocidade, permittam-me o termo, o desejo violento, correspondendo de certo a inabalável intenção, de trazer á luz cruezas, manchas, ignominias, fraquezas e vícios, que por sua natureza são os mais reconditos, e se desenvolvem na sombra predilecta ás monstruosidades e aberrações de toda a especie.

Não sei por que Abel Botelho não incluiu na serie da sua *Pathologia Social* este livro estranho e angustioso dos *Lazares*. Gabia-lhe, ao lado d'esses rudes inqueritos á alma moderna em que só clareia, como abençoada aurora, a reivindicação revolucionaria do *Amanhã*, um logar tão necessariamente marcado quanto aos outros identicamente fóra assignalado. Se os braços ardentes do Vicio, secundado por fatalidades hereditarias e sociaes, tinham cingido o degenerado Barão de Lavos, e enlaçado, ao sopro de Alda, o fraco Mario do seu *Livro*, esses mesmos braços apertam, no decorrer de todas as paginas do forte trabalho que acabo de reler, a oscilante familia do Conde de Fiões. E ainda uma acerba critica ao necio corrupto e degenerado, um verdadeiro exame de pathologia social, autopsia cruel e rara, em que o bisturi entra fundo, não na regelada carne dos cadaveres, mas naquella que um vivo sangue alimenta e enferece, tanto para a dor que punge como para o prazer que avulta.

O descalabro familiar que se observa principalmente nas altas classes da sociedade, a aristocrática sobretudo, visto que a ociosidade dourada abre a porta a todos as malignas tentações, que se revertem de voluptuosidade como um corpo apodrecido que todo de rosas e sedas se recamasse, fornece ao illustre romancista o thema da sua obra na qual só nota, com sentimento, que a piedade mal balbucia, ao deparar com a miseria humana que por se abrigar em salões não deixa de authenticamente se revelar, no compungente espectáculo da sua angustia e do seu sofrimento. E esse descalabro que Abel Botelho descreve e pinta, ou com os traços mais rijos da sua penna ou com as cores mais sombrias da sua palheta. O livro começa em plena *débâcle*: perdido e gasto, o velho aristocrata vê a esposa escapar-se-lhe para os paraísos canállas do adulterio, o filho estiolar todos os sentimentos de honra na atmosphera envenenada dos bordéis, a amante mystical-o com o pulhismo classico das traições ignobres e previstas, e as proprias filhas d'elle se separarem por essa indiferença ou retrahimento que provoca o abandono dos lares ou a dessemelhança de sentimentos.

A observação é rude, mas fiel. Nessa familia despedaçada tudo tomou seu rumo, e a unica exceção pura que entre ella destaca, o que é essa lyrical figura de Leonor, desvairada por um mysticismo enervador, chega ao mesmo resultado de fallencia e ruina familiar com as sugestões da religiosidade como os outros chegam pelas investigações dos sentidos. De todos os lados vem uma machadada ao lar cambaleante, e o proprio que por fim pretende amparal-o, esse mesmo pelos hábitos adquiridos dum existência viciosa escangalha com uma das mãos o que procura consolidar com a outra. E uma scena continua de irremediavel fraqueza, em que se assiste as derradeiras capitulações da consciencia, e de cuja contemplação se sae com uma funda impressão de amargura, a peor de todas, porque é aquella que deriva da convicção da impotencia nas tentativas de redempção.

Alludi já á figura que mais prende as atenções num livro que representa um tamanho sudar-



MANAUS—JARDIM DO PALÁCIO DO GOVERNO—(L. do presente)

rio de misérias. É a de Leonor, rosto de anjo e alma pura, única irresponsável da catastrophe que há de victimar-a. O temperamento dessa clara personagem do seu romance, fornecem a Abel Botelho as melhores páginas do seu livro, conduzindo-o à descrições de *meios* de alto interesse moderno, e forçou-o à criação de outras figuras, que persistem quer pela flagrante sensação da realidade, quer pelo carácter perfeito do seu symbolo. As reuniões na *Liga da Costura* estão descriptas e revividas com uma habilidade e uma intuição do *meio* que bastariam para authenticar as poderosas faculdades de romancista que o autor dos *Lazares* possuía, tanto encaradas pelo lado objectivo como subjectivo, se outras provas não houvera dado já do seu vitorioso talento.

Poucas vezes se terá feito palpar com maior evidencia ao leitor de qualquer paiz os perigos, abjeções, subtilezas e infamias que da reacção clerical resultam em terra que, aparentemente apenas reivindicada para as salutares regalias do livre-exame, se vê no íntimo minada ainda por influencias e propósitos que não desistem nos seus intuitos de reconquista. Não é necessário occultá-lo, porque toda a gente o accentua: Abel Botelho descrevendo a *Liga da Costura*, coio beato e aristocrático onde tantas más paixões estuam e tantas monstruosidades se premeditam, não fez mais que descrever em flagrante meios authenticos

de Lisboa,— como as Trinás, que a morte misteriosa de Sarah de Mattos tornou celebre, e a capelinha das Mercês, onde a propria rainha ia encorajar com a sua presença o fanatismo hypocrita de velhas donatarias *vieille robe* e hystericas e hypotheticas donzelas da mesma sociedade elegante.

A figura do D. Prior, mixto singular de abrasada fé e de mal reprimidas paixões, elevanta-se nesse *meio*, destacando o seu austero perfil de apostolo régido e severo. Abel Botelho procura conciliar nessa alma violenta e torturada as duras contradições dos impetos sensuais da carne e da ação ferrenha do pensamento. Não tenho elementos para o afirmar, mas affigura-se-me o fanatico padre uma personagem mais convencionalmente litteraria do que palpitarmente viva. Em todo o caso, elle permanece um enigma para nós, depois da sua criminosa tentação. Cobre o escriptor com o silencio o drama da sua alma; esse Claudio Frollo dos tempos modernos desaparece sem que o possamos considerar um absoluto miserável ou um relativo desgraçado, e desaparecendo, como surgiu, rígido, ereto e sombrio, mais nos parece penetrar nos patrios dominios da Phantasia do que perder-se entre a multidão de seres a que a sua humanidade se irmana.

Não assim essas marquezas beatas, esses negos oleosos, esses moços videirinhos que por caturrice, interesses ou ambições dão fôros de bom

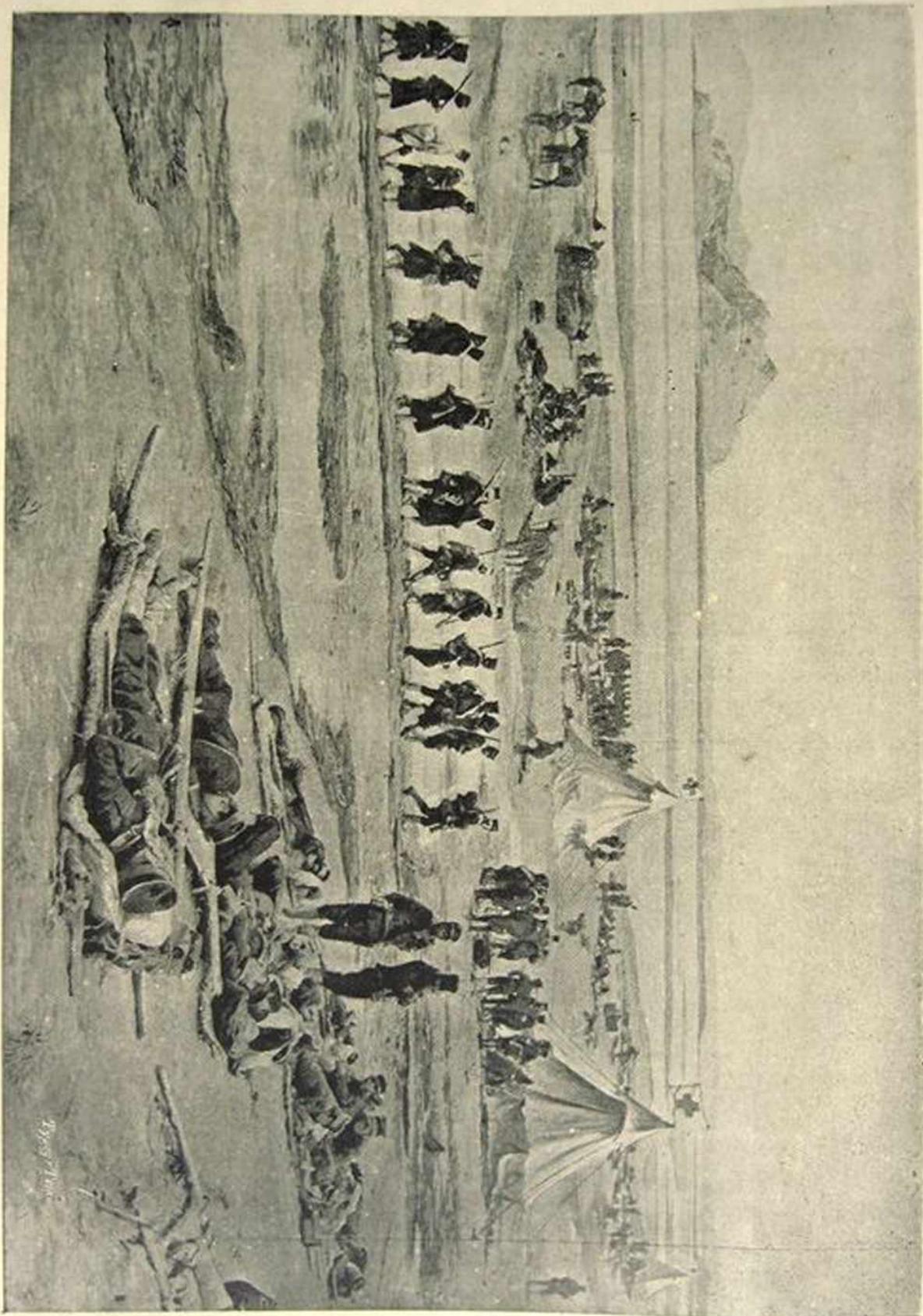


MANAUS - RUA H. MARTINS

tom e caracter de moda a pratica duma religião que só em actos exteriores se confessa e proclama. Todas as figuras se movem com vida própria. Vemol-as rodar nas suas carroagens; acotovellam-nos nas ruas. Tem nas faces uma tranquilisadora placidez, sorriem com bonhomia e finura. O rosto sereno, o gesto caricioso, o sorriso arteiro, a voz unctuosa são os melhores meios de captação, — programma constante de toda a racção clerical. O fulgor sombrio dos olhos de Torquemada já se não accende nas pupilas dos modernos soldados de Roma, que não podem alimentar-o com os brazeiros duma fé que em geral já não possuem, pelo menos entre nós.

Que este ligeiro reparo não empance o louvor que o livro do sr. Abel Botelho deve merecer a todos os que conscientemente sobre elle tentem formular uma opinião. Independentemente da sua significação, intuito e realização global, os *Lazares*

tem trechos que não será fácil olvidar, tal o interesse empolgante que de si derramam e o primor litterario que os realça. Entre esses é forçoso notar o da scena tragic em que o conde de Fiães e sua filha procuram allucinados no mysterioso sanc tuário da travessa das Mercês a pobre Leonor que não hesitou em morrer quando o ultrage do se ductor que idealisara como o symbolo da perfeição moral a convence da mentira ignobil que ha tantos séculos mancha, porque o vilissimo interesse o prescreve, as mais radiosas aspirações e idealisações do espiritualismo candido quedão ás religiões toda a sua força e o seu encanto. No fundo escuro do oratorio, em que só bruxoleia a lampada que arde ante o altar, ella morre, esvahindo-se em sangue que deixou correr e fugir, como ás suas assasinadas illusões naquillo que julgara o «paraíso das almas» e que só se lhe demonstrara como «o mais torpe e grosseiro embuste». Não será essa a



AS BATALHAS NO YALOU—Chegada dos feridos ás ambulancias japonezas

A REVISTA DO NORTE

Maranhão—BRAZIL



PARA'—UMA DAS PONTES DA PRAÇA BAPTISTA CAMPOS—Phot. amador—Eduardo F. d'Oliveira Junior

sorte de todas as almas que pensem encontrar encarnada na eterna imperfeição humana as transcendências que sonharam e amam?

Em resumo: o livro de Abel Botelho é mais que uma obra de arte: é o depoimento, porventura violento, mas verdadeiro nas suas grandes linhas, dum testemunha da perversão e degenerescência que vai invadindo uma sociedade, em cujo espírito se apagou toda a fé, desapparecendo implicitamente com ella a elevação moral que ella produz. E publicando-o, numa das suas edições correctas e nitidas, cuja sobriedade tanto se adapta ao constante mérito das obras que lança à publicidade, a livraria Lello prestou ás letras portuguesas mais um daquelles serviços em que tem sido, felizmente para elles, tão prodiga e diligente.

Mayer Garção.

O Folhal

(FRAGMENTO)

Passa o vento da noite e, em fileiras, em bandos,
Umas, outras após, vão pelo chão rolando
As folhas. Ora, arqueada a forma, os dois extremos
Prezos á humente terra, altivos e supremos,
Cheios da falsa gloria; enquanto mais sereno
O vento agora assopra um dos lados e ameno
Se mostra; e, brisa mais assocegada e fria,
Os dois lados, então, vae, trefega, vadão,
Balanceando, tristonha, ao silêncio da estrada
Como uma rede por fragil mão oscillada;
Ora chatas, ao longo, inda grossos os veios
Recurvados, em ponta, arredondados, cheios.
Enseivados do amor da arvore que, chorando,
Carpe a ausencia cruel, de novo se enflorando!

Francisco Serra.

No perystillo de um livro de esgrima

A. JOAQUIM BARROS, RAUL MAGALHÃES E ARISTIDES DE CASTRO

**No me saques sin razón,
No me envaines sin honor*.*

O que vais ler, contem a arte sublime
De amar a Deus, ao Rey e á gentil Dama;
Mas, como a Deus e ao Rey já ningnem ama,
—De amar a Patria, castigando o crime.

Pois, quem cinge uma espada e bem na esgrime
Em prol do bem querer que a alma lhe inflamma,
Fortalece o dever e alto o proclama:
—Si o orgulho o incita, o impeto reprime.

Solingen, florentina ou toledana,
Não n'a saques, porém, sem causa franca;
Nem, sem honra, á bainha volva, ufana.

Que—*ultimo ratio*—est'arma d'alma branca
E fidalga de mais para tyrrana:
—*Non ti fidar di lei, s'il cour ti manca*.

1900.

Generino dos Santos.

Mar alto

Mar alto.

Ao rumor da onda que freme e morre, nenhum rumor.

Sol implacavel em cima, causticando o oceano, pondo-lhe brasas vivas na pelle humida e enramada de algas.



PARA—UMA DAS PONTES DA PRAÇA BAPTISTA CAMPOS
Phot. amador—Eduardo F. d'Oliveira Junior

Nem uma vela, uma só põe no quadro o alto relevo de sua sombra.

O vento cessou de todo.

Agora o oceano arfa brando, como ameigado, como exhausto, sob a carícia fogosa da Luz, no grande delírio do descampado.

Para onde fica a Terra? para onde fica o Mar?

E na berceuse dessas vagas mortas, na solidão illuminada deste trecho, onde nem um grito descerrou uma boca, nem um gemido se escapa da onda bipartida, aparece muito ao longe, muito ao fundo, até onde a vista alcança, um tenue penacho de fumo.

Parece que o céu palpita por uma reflexão do mar, muito azul, com a grande chaga viva do Sol, ao fundo, fecundando a Terra, suspensa no alto, immota apparentemente.

Agora já é uma quilha que aparece, que galga a distância.

Na photosphera do dia desenham-se-lhe as linhas. E um transatlântico.

Vem.

Fassa em seguida rumoroso, levando adiante pedaços de onda que se parte, que se une pressurosa depois.

Some-se.

E o isolamento illuminado, cheio do clamor silencioso da Luz do Sol, em cima, volta de novo, estende-se e envolve o céu e o mar nessa toalha luminosa, onde a morte é a vida da onda e o silêncio do tumulo esse constante rumor.

Ressaca

Chovia.

O céu, todo molhado, tinha a apparença de um rosto em pranto.

Na vespere, através do vento tempestuoso e

mau, vergastando tudo em redor, açoitando, torcendo a cabelleira da filhagem ás arvores indefesas, o Mar tivera uma congestão.

Inflara o pulmão verde e assoprava doudamente pela busina de retorso bronze que mãos de Nericidas, torvelhinhando na onda, haviam trazido acima, tona encaracolada do Mar.

Mastros partira, quebrara quiblas e agora, na manhã seguinte, ali estava sem forças, com um grande anesthesiamento nos membros humidos, todo exhausto, impotente todo.

A vaga cantava-lhe á superficie arias pequeninas, em flor...

E no azul clarissimo dagua peixes inquietos punham laminas de aço luzentes como punhaes...

Arvores seccavam-se agora ao sol.

Havia um arrepió nú de banhista que treme, no folhal humido, no folhal molhado.

E pela frontaria das casas, á beira-mar, ia esse rumor especialissimo e exquisito da vida entre o primeiro bocejo e o cheiro da maresia forte, ondulando, circumvagando...

O Mar resonava num estremecimento de forças, num torpor anesthesico e ephemero.

Acordaria mais tarde.

E como a nota desolada d'avespera, nessa ressaca que inflara o pulmão verde do oceano, um bote perdido, com um remo preso ao bordo, no choro convulso da Vaga, anciaava na onda friorenta, indo... vindo...

Barco de minha terra

Poente.

Na curva da praia cér de perola uma mulher olha o horizonte.

Vé. Longinquamente, sobre a esteira carregada de tintas do Mar, um barco diminuto aparece na meia luz.

Vem de vela panda, no arfar continuo das brasas do mar largo.

Vem nelle o seu homem, nessa porção estreita de taboas, como um oratório, com um pouco de pano aberto, semelhando uma asa.

Aos poucos esgueira-se. Anda no ar a claridade hesitando...

Ir-se-á embora, ficará...

E nessa duvida da Luz, nessa oscilação cér de cinza que cobre tudo de sangue e perola, o barco avulta, cresce e destaca-se emfim, com os pescadores á pôpa e a pesca do dia espalhada confusamente na tolda.

Marinheiros cantam.

E ao puxarem as cordas onde o vento se agarra em farrapos sonoros, parece que estão içando

a propria voz ao alto dos toscos mastareus esguios...

Mulheres do mar esperam-nos á praia.

E o *bruadô* continuado das vagas aumenta, agora que elles vem perto, que estão ahi...

A onda silenciosa accorda de repente e precipita-se a toda, na preamar angustiosa. Depois outra... outra... outra mais.

E no crepusculo sombrio o barco apròa, cabos rangem e o vaiem da vida grita alto, pela mais intima das suas fibras.

—Ahi estão! ahi estão!...

Gritos succedem-se.

E depois de tudo fica apenas para alli o dorso verde da onda, gemendo ao peso do barco que lhe puseram em cima.

Volta da pesca

Madrugada.

Voltando da pesca os pescadores, cantando, de uma alegria venturosa nos olhos e uma vibração robusta nos nervos.

Esgarçam-se na frisa do horizonte róxo os primeiros filamentos que hão de tecer a purpura da aurora.

Ha por tudo uma còr pesada de Perola enorme, do tamanho do Mar, do tamanho do Ceu.

Colheram as redes gotejantes, ha meia hora e ennovellam-se á popa, encharcadas, suando a salsugem do Mar.

Começam a aparecer na indecisa fimbria da Terra distante os pequeninos contornos das torres e das casas.

O canto de clarim dos gallos estridula no ar silencioso, salpicando-o da agudeza de suas notas, como pregoeiro do dia que vem.

E os dous sobre a borda do barco, peito aberto ao ar da manhã e ás salutares virações marinhas, dobraram-se sobre o remo que corta as aguas de rijo, roçando-o sobre a taboa compassadamente, como um braço que ameiga.

A bahia recurva-se, azulada, como a porcellana de uma amphora e os botes, pequenos, amarrados á praia, fluctuantes sobre o arfamento das primeiras vagas, encostando-se uns aos outros, em fileira na meia luz, lembram animaes estranhos que estivessem bebendo, a beira-mar...

R. Alves de Faria.

«Dos Pintorescos».

O meu burro

(TRIBUTO DE GRATIDÃO).

Comprei um burro, que maravilha!
E' mesmo um poeta de quatro pés:
todos os dias, das cinco ás dez,
vae musicando por onde trilha.

Causa-me assombro tanto talento:
Cabeça ductil como borracha,
compõe quadrinhas na marcha baixa
compõe sextilhas no esquipamento.

Não sabe manhas nem picardias!

Argolas nunca levou! Jamais!
Todas as marchas são naturaes,
nunca fez parte de Academias.

Montado nelle, posso viajar...
transponho valles, serras trasponho.
Não ha caminho por mais medonho
que elle se tema de atravessar.

Cangalha, sella, sellim, lombilho
tudo supporta com a mesma cara!
mas os collegas, por gula avara,
morde, si tentam comer-lhe o milho.

Tem mais memoria que um bom christão:
si elle hoje passa por um caminho,
em qualquer tempo volta sosinho
sem ter a minima hesitação.

Batendo as patas num solo duro
não deita nota que seja errada!
Como elle acerta qualquer toada,
como em cadencias elle é seguro!

Tenho esperança que seu Verissimo
diga algum dia quem tem mais estro:
—si elle em marchas musicaes é destro,
—si eu que nas rimas sou felicissimo.

Maranhão—1904.

M. Rubim de Jesus.

Ninguem suponha que satyrizo
qualquer pessoa nestas quadrinhas
nem por pilheria! sou manso e liso
mesmo nas coisas mais comesinhas.

O mesmo.

O tempo

Passa um segundo,—uma illusão que passa.
Um outro chega; mais uma amargura.
Mais se approxima e mais a sepultura,
O eterno sonno, o termo da desgraça.

Findam mil vidas, mais de tres mil novas
Vem logo d'essas tomar o logar.
Que importa ao Tempo todas essas covas? ?
Mortes são vidas a recomeçar.

Que importam gritos d'almas sfaceladas
Dessas victimas todas trituradas
Pela engrenagem da Vida brutal.

O Tempo segue, segue eternamente
Como um colosso olhando indiferente
A grande Lucta, a Dôr Universal.

IX—903.

Israel Anahory.



MARANHÃO—ALCANTARA—RUA GRANDE E EGREJA DO CARMO
Phot. amador—J. Faria

Bilhete postal

ILLUSTRADO MESTRE, SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO

A pagina 87 do vosso Novo Diccionario encontrei:

«Andrino, adj. Dizia-se do cavallo que tinha a cõr escuro-azulada da parte superior dos andorinhos (Corr. de *andorinho*) Ora, eu que sou um modesto criador do Campo das Pombinhas (o Campo das Pombinhas fica no estado do Maranhão, illustrado Mestre, entre os rios Itapecurú-mirim e Meirim, distando da Capital do estado cerca de 200 kilómetros) corri logo a *andorinhos* afim de esclarer-me.

Effectivamente á mesma pagina 87, um pouco acima de *andrino* encontrei:

«Andorinho m. pequena corda, parapear os estribos das vergas dos navios; pequena andorinha».

Substituindo, como dizia o meu professor de algebra, temos na melhor hypothese que: cavallo andrino éta aquelle que tinha a cõr escuro-azulada da parte superior das pequenas cordas que ser-

viam parapear os estribos das vergas dos navios.

Fiquei meio desconfiado, Mestre; isto parece prosa de poeta nophilibata e ainda não pude encontrar nos meus sendeiros um a que pudesse chamar *andrino*.

Confesso-vos, illustrado Mestre, que ando de corneta torta depois que li as malvadas definições.

Alfredo Telles.

Quando um povo não acredita mais na integridade incorruptível dos seus juizes, tudo vacilla na sua consciencia, tudo se obscurece no seu sentimento de Direito.

Colocar a Justiça acima de todas as paixões é o primeiro dever das que governam.

Gaston Paris.

Cada passo da Humanidade para o progresso exigiu sempre diluvios de sangue e de lagrimas, hecatombes de victimas que se sacrificam pela felicidade das gerações futuras.

Emile Zola.

Só é feliz quem não sofre, os que soffrem não são felizes.

A mocidade é mais alegre do que a velhice e esta ultima é mais triste do que aquella.

O amor sem o dinheiro é como o dinheiro sem o amor.

Calino.

Madrigaes

Volve-me sempre os teus olhos, amor.

Deixa que minha alma se banhe na luz redemptora que das tuas pupilas jorraram, querida.

Se soubesses como é escura a noite que me envolve quando me vejo longe de ti...

Duvidarás talvez...

—E' exagero, dirás. As outras ouvirão o mesmo...

Como és ingrata e má.

Não vivesses tu e o mundo não teria significação para mim.

Entre todas as mulheres és a eleita da minha alma, a benção da minha vida.

Que me importam os martyrios e as dôres, as tristezas e os desenganos, se uma palavra tua basta para fazer-me feliz!

Volve-me sempre os olhos, querida, sempre, sempre...

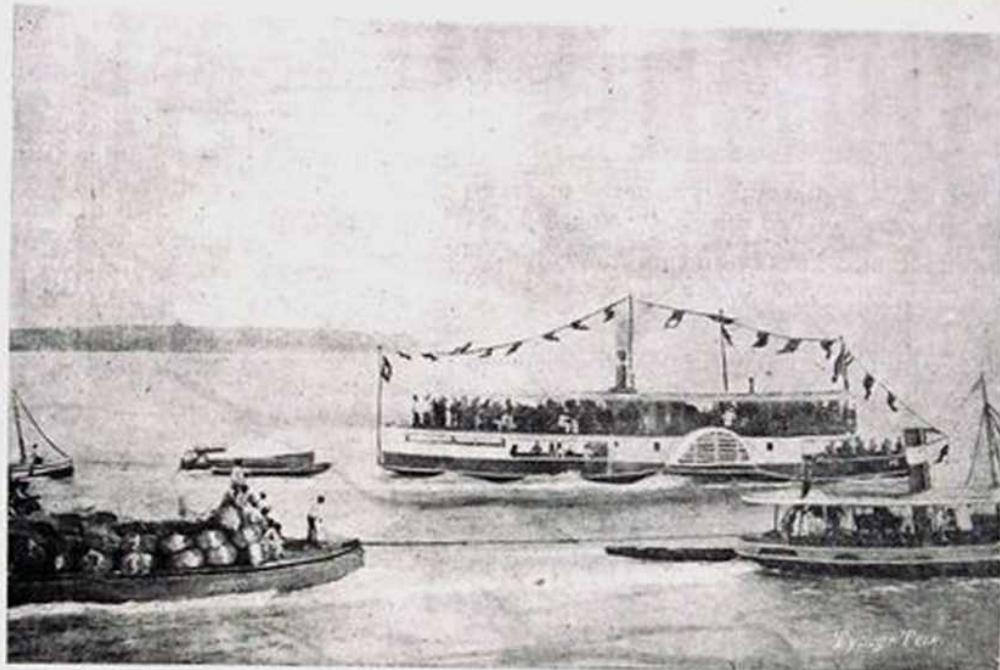
E. d'Alba.

A Revista do Norte

ANNO 3

MARANHÃO, 16 DE AGOSTO DE 1904

NUM. 72



MARANHÃO—A RECEPÇÃO DO NUNCIADO—O DESEMBARQUE

Alcoolico

A Alfredo Serrano,—condiscípulo velho e amigo querido

Num dia claro, com manchas fulvas dum sol radiante, em que Gustavo se abrigava no antegoso de subir a escalavrada e pedregosa serra, acompanhado pelo seu hospedeiro, diléito amigo, deparou-se-lhe um ebrio. O misero, pela postura singulíssima do corpo, enrodilhado no primeiro degrau do atrio da matriz, pela cõr de cidra da cutis amarelecida, a tez vincada em rugas profundas, as palpebras infladas, despedindo esgares de louco, trespassando a alcoóoes corrutos, causara-lhe, numa punjentíssima impressão subita, dó e repugnância,—simultaneamente.

Extasiava-se, surpreendido e mudo, na contemplação do execravel degenerado, que lhe era dado admirar pela vêz primeira. E que Gustavo, não ha muito, na vila, uma pinturesca estancia balnear de casinhas alvejantes e terreas, primitivas e heterogeneas, a estenderem-se majestosa e insinuantemente pela praia em fóra, a qual o mar, resplandecente em seu rutilo anil, vinha em carinhosos novelos de espuma oscular mansamente, igno-

rava a existencia de semelhante exemplar num meio de vida simples, que, na opinião de Danton, não deverá produzir enfermos de doenças complicadas.

E, depois de mira-lo por largo tempo, nota-lhe o jesto, inconsciente e selvagem, circumscreto pela sinistra, enquanto que, desbarreteando-se com a destra, a deixar à mostra uma enorme calva, polvilhada de cicatrizes, esgarça a boca, de labios rôxos, num ritus detestável, que morre, ao impear, em voz cavernosa, a esportula:—Dae uma esmolinha, p'ra mór de Deus, a quem, como Pedro Gém, já teve e agora não tem?...

O hospedeiro, diléito amigo,—homem rude, tostado de rosto, mesmo negro, mas d'alma branca, como o pregoaria o poeta, disse secamente, algo constrangido, atendendo aquela suplica:—Tome lá, Tiago!—e metera-lhe uns cobres na mão. E Gustavo, imitando-o e ainda sob uma impressão forte, misto de compaixão e curiosidade, inquiria:—Você é doente?—ao que Tiago, casquinando um dos seus abominaveis sorrisos, respondeu com a cabeça, negativamente. Quando ia dirigir-lhe nova pergunta, ouve o badalar sonoro do campanario, que o fez vacilar entre a inquirição do ebrio e a freime de observar o panorama da serra. Mas o



MARANHÃO-ALCANTARA—RUINA DO INTERIOR DA IGREJA DAS MERCÉS.—Photographo amador J. Faria.

companheiro, encetando de novo a marcha, tinha-o decidido.

O guia, na frente, e Gustavo um nadinha atrás, trilhavam já a safara encosta. O primeiro rasga o silêncio:—Ainda não lhe contaram a história triste daquele rapaz?...

—Não, meu caro. Mas pobre criatura, deve ser assaz desgraçado!—objetou Gustavo, em quem transparecia a vontade de saber algo acerca do Tiago.

—Acha-se então disposto a suportar essa macta?...

—Não maçará, creia. E, se me permite, agradeço-lhe antecipadamente tudo quanto me contar a respeito do infeliz, cuja descrição prenderá a minha atenção,—redarguiu simplesmente o mancebo.

E o seu amavel companheiro, medindo com um profundo olhar a distancia que os separava do ponto mais elevado da serra, começou deste teor:—Ha talvez dezesseis anos, e bem puxados, que conheço o Tiago. Teria ele, quando muito, 14 janeiros, frequentava ainda a escola oficial do sexo masculino da terra. O rapaz, descendente dumha família rica, destacava-se, no porte, na limpeza e no traje, dos restantes efebos de vida alegre e descuidosa, amantes da esturdia, que riem, brincam e folgam, desenfreadamente, loucamente. Ora para quem, como o meu jovem amigo, conhecer as condições económicas da terra, não surpreenderá observar que a nota distinta, inconfundivel, saliente, dará o mancebo casquinho, tal, qual era o Tiago, numa povoação onde o grosso dos habitantes são pescadores. Foi, por isso, popular o ebrio que nos proporcionou ind'agora um mau encontro. Digo mau encontro,—e, se me consente, ressalvo o termo pela intenção!—porque me revolta o abandono, quer da familia sem brios, quer das autoridades sem dignidade, a que deixaram chegar o desgraçado, filho das convenções anacronicas da sociedade contemporânea, convenções hipocritas, cretinas que, quando não geram imbecis, produzem criminosos. Ponho os olhos no Tiago. E um predestinado! Parece ter vindo do Vício e trilhar a via do Crime.

E será, porventura, um responsável? Não é,—em minha opinião, escorado nos maiores descobrimentos da psiquiatria. Amanhã, no entanto, um ataque mais forte de embriaguez, em que se lhe antolhe o porvir, cheio de miseria, poderá perpetrar um assassinio celebre, pela irreparável perda que representa ou, então, ante o quadro sempre negro da Fome, louco de dor, fazer das mãos denegridas uma gazua e dos sujos bolsos um cofre! A lei, que uma minoria inane, de pança farta, fabricou entre arrôtos de *foie-gras* indigesto e libações de expumantes vinhos quantiosos, atira-lo-á, entremes, à Penitenciaria. Para isso não olham os nossos governos. Já não quero que, com os seus cerebros tacanhos profundem as magnas questões da Misericórdia, mas ao menos que aproveitem os estabelecimentos *soi-disant* de caridade oficial, para neles se albergar a Doença. Mas, antes que nos embrenhemos na escabrosa política, prosigamos o debuxo da vida do pobre Tiago, o qual, sem o mais leve resaibo de pudor, num estado morbido de corpo e alma, no-la conta a troco de aguardente.

Numa noite de chuva e frio, quando hora alta recolhia a casa, distinguia, numa taberna junto da qual passava, a voz peganhosa e nazalada do Tiago. Entrei. Inda hoje conservo na retina, bem gravadas, as cores do quadro que me foi dado observar. Sobre um banco tosco, servindo-lhe de espaldar a parede negra dum desses absurdos antros, tendo em frente umas prateleiras vasias, à direita uns tipos de caras patibulares e à esquerda o balin, onde poiam copos, uns cheios de aguardente, outros vazios, encontrava-se de guitarra a tiracolo, o nosso triste heroe. Um dos bilhostres presentes, mostrando-lhe a bebida, com o indicador apontado, pede-lhe, já ebrio, pormenores da vida. Entende «qu'isso nem sequer vale dez reis da rija. Que ainda não ha nada que chegue ao lado». Se estão, porém, de acordo, cá, por mim, puf, não se me importa,—objeta o Tiago, que, não havendo onde dormir, faz horas de passar a noite em claro. E, deitando nervosamente a mão a um copo pequeno, que leva á boca, e, depois de nela ter despejado o líquido, comenta, dando com a lingua um estalo:—Isto puxa as idéas,—e, largando o calice, desfere uma gargalhada medonha, a deixar ver os poucos dentes negros. Entre os assistentes, entretanto, manifesta-se impaciencia. Ouvi-se então censurar:—Acabem-se as *pilherias* e vamos *adiante*, ó Tiago. A gente não está aqui p'ra graças!... O raios, olhem qu'isto não vai de empreitada!—exclama, chalaceando, o misero alcoolico e, enquanto uns riem e outros enrugam a testa, faz as honras a outro copo, que num abrir e fechar de olhos é esvaziado. Após vem o silêncio. E ele, mirando turvamente o auditorio, que, na maioria, é composto da escoria local, afasta a guitarra e tosse, para principiar:—A minha vida, se um dia alguém quizer escrever-la, dá um romance. Para o primeiro capítulo, que seria passado nos primeiros dez anos, como são escassas as lembranças, inventava-se qualquer coisa que se não afastasse assás da verdade. Depois escarrava-se tudo,—ali, à preta. Ha,

então, uns tempos que ainda choro de saudades. Di-los-ia, com extraordinário sentimento, para que strictamente vivos fossem escritos... E, nem que estivesse só, trazendo à reminiscência os arcanos de toda uma vida íntima, monologa empós umas frases truncadas:—Se me lembro... nem que fôra hoje... De manhã,inda o sol por nascer... alvorada a meio... galos cascabejantes, despertando madrugadores... o campanário badalando p'ra missa das almas... De manhã, sim, quando acordava... Oh! como me recordo bem!... Antes de soerguer-me da cama, na qual, em nudez paradisiaca, dormia com minha irmã, já o sono não tinha poder em mim. Sim, de manhã, quando, num silêncio de nave solitária, nem o zumbido de insetos se ouvia... passaram-se as melhores horas da minha vida!... Manhãs saudosas que uma memória embotada não esquece!... Mas que digo eu?... Blasfemias?... Não. Um horror!... Maldita, eternamente maldita, aberração dum amor fisiológico!... Um dia, porém, tudo acabou. E sinto numa saraivada de sentimentos contrários, remorso e nostalgia. Mas não mais tornarei ao passado! Também não mais folgarei com os meus condiscípulos nas mil e uma brincadeiras em que me sacrificava à sua vontade, mercê dumha educação requintadamente feminil e dum organismo frouxo, que fizeram de mim um fraco, —moral e fisicamente. Quando quiz reagir, já não pude. Um dia meu pae é chamado a Lisboa. Levame para maior desgraça minha, em sua companhia, assim de me colocar num escritório. Ao ser surpreendido com a nova, vejo, em redor de mim, voltar uma borboléta preta. Infundiu-me susto e, supersticioso, a advinhar dias de amarguras imensas, chorava já a minha sorte, a qual nunca me perpassou pela mente, tão triste, tão funesta, de tamanha negrura, como se me apresentou na realidade. Disse então a medo que não queria abandonar a terra. Mas minha mãe, com a coragem dumha filha de Sparta e a energia dumha Vilhena, arremegou-me à luta pela vida,—a mim, criatura passiva!... Também me lembro como se fôra hoje, das suas afetuosa palavras, ao despedir-me:—Olha, se não te deres bem, volta para casa. Cá sempre has de encontrar umas sopas. E, depois de abraçal-a, quando transpunha a porta, ouvi ainda, como num murmurio, suave, doce:—Que a graça divina, meu filho, nunca te desampare!... Dois anos depois, quando regressei, com o conhecimento de que Lisboa fôra, para mim, a cidade da Crapula, em todas as suas manifestações, e onde sempre vejectei sob o domínio da vontade alheia, não me faltaram, efetivamente as sopas prometidas. Mas a santa protetora da Desgraça, e itadinhá, minada de desgostos,—e quantos lhe não dei!—um dia morreu!... Nos olhos do Tiago enxerguei então duas lágrimas, que limpou rapidamente, com a manga do casaco. Não sei se mais alguém lhas notara, porque ele mui prestes, num movimento rápido, emborcou outro copo de aguardente, sobre o que, com certesa, incidiu a vista de toda aquela gente, a qual ora via alvarmente, numa repassada estupefação, que dir-se-ia haver saturado o ar deleito, respirado ali dentro. E, levantando-se, a piscar muito os olhos, mal podendo equilibrar-se, encarando

minhou-se para a porta, por onde se esgueirou. Lá vai agora, sem rumo, tropeçando aqui, encostando-se ali, vagabundeando por aí, té cair, cançado e bebedo, sobre as pedras frias da rua...

Ai o tem o meu amigo. Agora é o que se vê. Quando não dorme de dia na primeira esquina, onde o prostra a embriaguez, pede esmola. E à noite, a enganar a fome e a curir as dôres do corpo em chaga, embebida-se, toca e canta,—esse desgraçado que a garotada atrevida, quando lho consentem, aponta escarninhamente como o apostolo hodierno da confortada divindade baquica.

O hospedeiro emudecera. Tinham, assim chegado lá cima, mesmo ao cume da escalavrada e pedregosa serra!

ARTUR MOTA.

Trecho de viagem

Nós eramos cinco rapazes a atravessar este trecho do litoral do Rio de Janeiro desde a povoaçao insalubre de Sepetiba até à posição pitoresca e saudável de Angra dos Reis—o dr. Carlos Morsing Filho, M. Chibott, um engenheiro suíço Henri Keller, meu irmão e eu.

D'estes o primeiro succumbio em começo d'este anno, abrindo um halo larguissimo na aflição verdadeira dos seus amigos, saudosos hoje do seu vulto sympathetico de *touriste* que deu a volta ao mundo.

O terceiro enlouqueceu ao sahir de Santa Catharina, em viagem para o Rio de Janeiro.

Mas essas linhas que ahi ficam manchando a alvura do papel são meras notas de viagem, escritas sobre o joelho sem preocupação de estylo e sem cuidado de formas.

Mera photographia exacta e descuidosa do que vi e d'aquillo por que passamos.

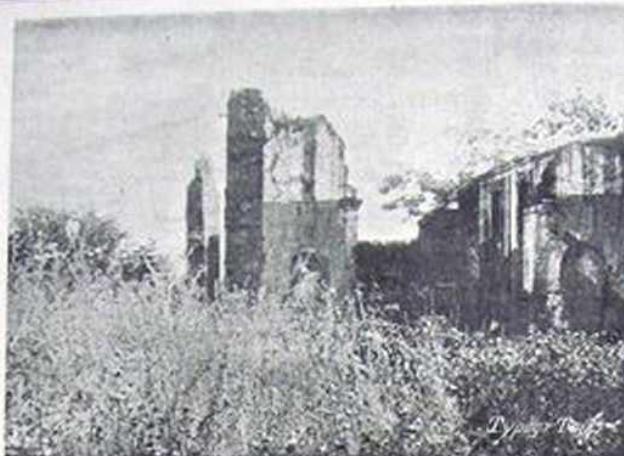
Os meus companheiros, sob a direcção technica do dr. Morsing, estudavam apenas um trecho de terreno apto à ligação do Rio à Angra dos Reis por estrada ferril.

Eram commissionados pela directoria da estrada de ferro Sapucahy percebendo bons vencimentos e levando para o campo todo o seu vigor e força de moços aptos ao trabalho.

Eu era apenas um doente, em via de restabelecimento e em villegiatura por essa costa do Rio de Janeiro, accidentada, recortada de morros, povoadas de ilhas como tumores interrompendo toda a sadia extensão vastíssima do mar.

Não preciso a época de minha partida do Rio mas creio ter sido em fins de junho ou princípios de julho, por essa estação balsámica, cheirosa, approximando-se do esplêndido mez de agosto, época feliz para os habitantes do Rio e para os filhos das circunjecções, livres da peste e da *fíbre jaune*, o espantalho de quanta Adelina Patti ha por este mundo.

Tomei na estação de S. Diogo o trem das 6 h. e 20 que parte d'ahi em direcção à Sepetiba.



MARANHÃO-ALCANTARA—RUINA DO INTERIOR DA IGREJA DAS MERCÉS.—Photographo amador J. Faria.

Levava na minha algibeira um livro de Lino Assumpção, comprado no Garnier, uma brochura em quarto, amarela, com letras vermelhas desenhadas sobre a capa.

Fazia frio nessa manhã clara e formosa, raiada de sol e eu por precaução tinha vestido flanella quente, suavemente clara, à ingleza.

Na botocira abria uma rosa amarela, grande e queimada, tirada do meu jardim pittoresco do *Rocha*.

No banco fronteiro ao meu uma senhora gorda e burgueza descansava toda a sua corpulatura enorme e antídiluviana, olhos abstractos e vasios ruminando naturalmente o pão-de-ló com Xerez tomado antes da partida. Duas *senoritas* riam no banco proximo a falarem de alguém que designavam pelo nome de *Sinhá-Dona*, farfalhando o riso baixo como um punhado de folhas secas que se agitasseem.

A espaços abria-se a porta e passava a gritar o nome da estação mais proxima um empregado do trem, alto, de oculos e os botões da farda embaciados ao ar frio e cortante da manhã.

—Maxambomba!...

E o ruído de malas que entram ou que sahem punha no quadro a nota alvorotada de partida ou desembarque ás pressas.

E é monotonio:—quem embarca!—repetia-se sempre, paulatinamente, n'uma demora pesada de via-sacra, com accentuações desarticuladas na voz arrastada dos conductores.

Abro o livro a esmo, vagarosamente e vou lendo uma chronica velha, velhissima, do tempo de D. José qualque de Portugal, cheirando a Inquisição como um lenço embebido de *marechala*.

Ao meu lado, junto a mim senta-se um homem gordo, mais gordo que a senhora da frente, de barba em collar que adormece quasi imediatamente, de mãos cruzadas sobre a barriga, n'uma posição beatifica de budhista.

Mas como me cansa este Lino d'Assumpção! Que monotonias estas paginas donde os themes philosophicos sobre o catholicismo e o néo catholicismo rebentam como cogumellos desesperados,

anciosos de vida, embarafustando-se, fazendo-me o efecto confuso de uma dança em rodopio. Levanto-me um pouco para olhar pelo halo quadrado da janella a extensão do caminho como uma larga fita desenrolada. Dos lados da linha casas pobres e mal construidas, verdadeiros ranchos, desenrolam-se, trasendo á paysagem a nota benefica de habitações humanas. No mais a vegetação queimada dos campos, enredando a folhagem variada, secca ás vezes, de outras viride e numerosa, baixa por sobre a qual passa por instante o voo rasteiro de um passaro.

Ao sentar-me dou com o braço, sem ver, sobre o homem que dorme beatificamente.

—Queira desculpar-me, disse eu ao accordado, levando por delicadeza a mão á beira do chapéu.

—Pois não! ruminou-me o velho, relanceando um olhar desapontado á rosa amarela da *boutonnière* e olhando-me de soslaio.

Para mim nada ha peior que viajar calado. Parece que num *tour* em *wagon*, em *tramway*, o ruido dos carros a correrem sobre os trilhos, essa familiariedade instinctiva que se estabelece entre os passageiros, essa presença de caras nunca vistas mais gordas, tudo isso traz ao espírito uma necessidade immediata de comunicação, de transmissão de nomes e de conhecimentos.

E por isso que eu vendo o olhar directo do meu vizinho á flor que eu trazia ao peito e percebendo-lhe a intenção clara e manifesta, disse-lhe, olhando para a *marechale*:

—Tenho-as muito bonitas no meu jardim, em trepadeiras, orlando-me as janellas, por toda a parte.

—O sr. é do Rio?

—Naturalmente, disse eu sem procurar accenhar por phrase mais longa e mais óca a minha nacionalidade dentro dos estados brasileiros: E insistindo:

—Não avalia como dão esplendidas estas rosas! Um pequeno cuidado e vigia sobre o pé, regar diariamente, e a terra encarrega-se de dar-lhe toda a seiva de mãe generosa que é.

—Ah!

Tirou do bolso um charuto, phosphoros e accendeu, fechando as mãos em parenthesis e chupando com os labios vagarosamente.

—Fica em alguma estação?

—Não. Vou até Santa Cruz. D'ahi é que seguirei por bonds terrestre e marítimo para o meu ponto de intenção.

Um novo silencio entre nós.

—A manhã está deliciosa, disse eu. Não avalia o sr. quanto gosto d'estas viagens curtas em trem, por dias como este, quando o sol está meio dormindo, meio accordado e o aspecto da paysagem varia ao ruido de um rio marulhoso, que corre ao embalho fresco das arvores.

—E o sr. ainda não viu nada! Na minha fazenda, isto é, na nossa, emendou polidamente o burguez, é que as manhãs são boas e agradaveis. Deliciosas!

E, puxando uma fumaça longa, demorada, saudou-a para o ar n'um gesto rapido, batendo com a ponta dos dedos na cinza começada do charuto.

16 DE AGOSTO DE 1904

SUPPLEMENTO AO N. 72



S. E. D. JULIO TONTI

A Revista do Norte

Maranhão—BRAZIL



MARANHÃO-ALCANTARA—IGREJA E LARGO DA MATRIZ.
Photograph amador J. Faria.

E' cousa que eu não posso ver calmo e socgado—o desmoronamento de um pouco de cinza. Quando fumo procuro sempre conservar gloriosamente, triumphalmente, a cinza do meu charuto e ao vel-a crescer, augmentar-se, encastello, um por um, ou antes um sobre um, sonhos vagos, e dormentes por onde se estende todo o vergel dos meus devaneios de poeta, todo o lyrismo de sonhador contemporâneo, abrindo vitorioso em flores exquisitas ao sol esplendido da Arte.

E ahi está porque desagradou-me inteiramente esse homem que eu via ao lado, fumando estupidamente e a desmanchar com o peso dos seus dedos grossos e mal feitos todos os sonhos e castellos que eu ergueria sobre o pedestal fragilíssimo de um pouco de cinza.

Voltei-me para o meu interlocutor.

—Como se chama?

—Commandador Jeronymo de Castro.

Dei-lhe o meu cartão, permutando com o commandador, num gesto suave de delicadeza apparente.

Não sei porque sempre embirrei solememente com os commandadores.

Fazem-me sempre o efecto de um esbarro perigoso e mau, um esbarro que possa trazer ao phisico o que os commandadores me trazem ao moral.

—Pois, commandador, eu sou um João-ninguém à sua vista, à vista da posição que o sr. ocupa no alto meio social. Todavia sou um sujeito equilibrado, com theorias perfeitas e masculinas, theorias que eu não daria por quantas commandas me offerecessem.

E fechando com força o livro que tinha aberto sobre o joelho, deixando todavia dobrado o começo da pagina, disse-lhe num tom firme de convencido:

—Sabe o sr. o que é ter-se uma pilha de opiniões bem formadas, bem architectadas, como muros rijos, fortíssimos, mas faltar exactamente a cupola para esse edifício, isto é, uma recommendation, um título dado pela sociedade para ingresso perfeito e acabado no seu seio, sem o peso fatal de

um obscurantismo tolo e ignorante, uma commenda que se atire á cara de qualquer um como uma luva de cavalleiro? Sabe o sr?

E arregalei os olhos para o commandador.

A resposta que elle me deu provou-me litteralmente... que elle não tinha entendido a pergunta.

—E... mas eu sou commandador do fim da monarchia, título que me deu o meu amigo e compadre Alfonso Celso. Não conhece o visconde de Ouro-Preto?

Vi que perdia o meu tempo. Ri-me áquella ideia exquisita de não conhecer o coveiro da monarchia, o homem que mais tinha dado que falar de si nos ultimos e nefastos tempos d'essa forma de governo.

No entanto, a senhora gorda tinha a cara mais desfeita e ruminava mais apressadamente o seu pão-de-ló, enjoada pelo fumo do charuto do velho.

R. ALVES DE FARIA.

(A seguir)

Cruz de espinhos

Eleita do luar! Prende-me aos braços! Quero
Apertar-te no ardor das ancas criminosa...
Parece o teu olhar um vivo reverbero
Do sol, num lago azul, desespero das rosas!

Tremo ao beijar-te os dois fructos do seio! O austero
Das linhas sensuas do teu corpo, radiosa,
Faz lembrar as visões que entre os sonhos espero
E as estatuas sem cór das dryades chorosas!

Dá-me a beber o mel dos teus labios vermelhos
Que os desejos em mim, como infernos crepitam,
E eu tremo ao te beijar da fronte aos alvos joelhos!

Quero exhalar-me assim nos teus braços exangue...
Mordendo-te a tremer as fórmulas que palpitam
Estendido na cruz de espinhos do teu sangue!

MARANHÃO SOBRINHO.



MARANHÃO-ALCANTARA—RUA DIREITA—Photograph amador J. Faria.

Anima mea

(Ao amigo Manoel Pedro de Araújo e Souza)

O' doces illusões ! sonhos perdidos !
Que ides pela estrada solitaria
Do longinquuo passado ! ó mortuaria
Phalange de ideaes cedo cahidos !

Vinde trazer-me os sons inconfundidos
D'essa musica ardente, extraordinaria
Em que a alma se dilata, perdularia
De gosos immortales, indefinidos !

Vinde dizer-me os candidos mysterios
Que revelaes dos peitos innocentes
Dos que cantando vão por esta vida !

Mas vinde ! que na paz dos cemiterios,
Entre um montão de ruinas inclementes,
Talvez minh'alma encontrareis perdida !

Licínio Bastos.

Pará.

—**—

Purpuras da Etruria

Céga-me esse explendor de antigas rimas
Que nos teus sonhos, entre as nevoas e idos
Tempos, brilha, lembrando as céssarinas
Feras, circos e porticos partidos...

—Ha nos teus olhos de expressões divinas
Os favos bons dos fructos prohibidos,
E os venenos das cousas levantinas,
Que labios queima e que entorpece ouvidos !

Quando passas no incendio das caricias,
Oíço o vibrar dos gladios legendarios
E o roçagar das tunicas patricias...

—Brilham-te as fórmas na infernal luxuria
Que os teus sonhos bordou de mil calvários,
Como as sagradas purpuras da Etruria...

Maranhão Sobrinho.

—**—

A hygiene no theatro

Não ha muito ainda que no Parlamento francês o dr. Lachaud foi alvo das zombarias dos seus colegas de representação, quando, a propósito da votação do projecto de reconstrução da *Comédie Française*, pedia ao Ministro que tivesse em vista certas prescrições sanitárias indispensáveis e fizesse abolir, como altamente prejudiciais sob o ponto de vista higiênico, os reposteiros, os revestimentos e as molduras de madeira que cobriam as paredes, os tapetes, as poltronas estofadas, etc. etc.

O funcionário a quem eram dirigidas as reclamações do distinto médico respondeu do alto da sua suficiência burocrática que «o governo não

poderia de certo tomar o compromisso de tratar a construção de um theatro como se trata a de um sanatório».

A despeito, porém, de toda a galhofa sancionada por essa declaração do Ministro das Bellas Artes, a opinião do dr. Lachaud, racional e sensata, foi ganhando terreno, contribuindo para firmar o princípio de que todas as habitações collectivas devem ser construídas com um cuidado especial, obedecendo a certas regras soberanas e indiscutíveis.

As salas de espectáculos, em razão mesmo das suas disposições, prestam-se mais do que quase quer outras a constituir o que os hygienistas denominam um *alojamento insalubre*. É certo que os espectadores não passam nelas as noites, mas ali permanecem durante longas horas numa atmosfera carregada de poeira e de ácido carbonico.

Ora, é hoje princípio geralmente aceito que a poeira contém e veicula germens morbos, altamente prejudiciais à saúde dos que a respiram. As analyses do professor Miquel não deixam sombra de dúvida a semelhante respeito. A tuberculose propaga-se pelos escarros secos e a Academia de Medicina de Paris preceituou que o esfregão humido substituisse a vassoura na limpeza dos soalhos, assim de evitar a propagação na atmosfera de germens pathogénicos.

Onde se encontrará mais acumulação de poeira do que nos theatros ? O palco, o soalho da platéa, o estofo das cadeiras, as almofadas dos baldaquins dos camarotes, tudo enfim, por maior que seja o cuidado empregado na respectiva limpeza, vive, por assim dizer, saturado de poeira.

O dr. Vallin, num artigo judicioso e ponderado, inserto na *Revue de Hygiène*, afirmava: «Ha um contraste revoltante entre o luxo das toilettes decotadas, os hombros nus, os diamantes, as joias e a imunda poeira que impregna a atmosfera das salas de espectáculo. Affiram sem medo de errar que difficilmente se encontrará um lugar onde o público fique mais exposto a contrair o germe de um sem numero de molestias contagiosas do que seja uma sala de espectáculo».

Semelhante declaração não espantarão de certo os médicos, os hygienistas e os arquitectos da nova escola. Todos ellos sabem de sobra que ha regras fixas que devem presidir à construção dos hospitais, das escolas, das prisões, dos restaurantes, dos lugares de reunião e de divertimentos públicos, afim de resguardar a vida dos que, ou por dever de officio, ou por constrangimento legal ou por simples distração, tem de habitar ou passar algumas horas em semelhantes localidades.

Quanto às poeiras purulentas e contagiosas então são indispensáveis as precauções a tomar. Debajo deste ponto de vista, a suppressão dos reposteiros e tapetes constitue uma medida prudentíssima, pois que diminui immensamente os *ninhos de microbios*, alem de facilitar a limpeza.

O dr. Vallin recomenda expressamente para os theatros o emprego do mosaico, de preferencia à madeira, para o pavimento da sala de espectáculos.



MARANHÃO — A RECEPÇÃO DO NUNCIADO — EM CAMINHO DA SÉ

Não chegamos ao ponto de afirmar que, devido ao receio de um contágio morbido, seja preferível ficar cada um nas suas respectivas casas. Seria absurdo e ridículo.

O que desejamos e comosco todos os que se interessam pela saúde pública é que os governos encarem a construção dos teatros não somente sob o ponto de vista dos perigos do incêndio e das conveniências dos espectadores, mas sobretudo no que diz respeito aos preceitos higiênicos, fazendo intervir nessa construção uma autoridade sanitária competente.

Os vindouros pasmarão de certo de que a geração contemporânea de Pasteur tanta resistência tenha oferecido aos preciosos de uma ciência que ensinou o homem a defender-se vitoriosamente contra a maior parte das molestias evitáveis.

Cabe a todos os espíritos esclarecidos, a todos aquelles a quem não é indiferente a causa do bem público, reagir contra a rotina e vulgarizar pela lição, pelo exemplo e por uma propaganda incessante, as grandes e úteis noções de higiene pública e social.

P. S.

Pharoleiro

Na tenebrosa Noite, através do véu negro da Bruma que ondula, um olho de fogo que bate a palpebra a palpebra com medo, como um olho que espiava...

E o pharol da costa que se perde no deserto, oceano e que cabeceia nas noites más de sono, num luar vago de olho enorme, abrindo-o, fechando-o.

E quem o vê em a Noite escura e passa no descampado, advinha que o pharoleiro ali está, de vigia, como um condenado.

Agrilhoa-lhe as mãos a saudade enormente da Terra, pondo-lhe um entrave nos nervos e hesitações de sonho no gesto.

Amarra-lhe o pensamento bohemio de velho marinheiro, a errar sobre a onda, a lembrança dolorosa dos paizes que ficaram para trás, numa volta da vida.

Positivamente um condenado nesse rugir eterno de molares que a procella aguca ao Oceano.

Marca na sombra o caminho certo aos que vem pelo mar. E olha-os com saudade, com a nostalgia terrível da vida errante, quando mastareus passam dentro da Noite, sobre a tolda, levando á ponta olhos pequeninos e fixos de luzes suspensas como estrelas. Ha vinte annos que alli está, eternamente, com a vaga a morder-lhe a rocha como um cão bravio e o pallio estrellado da Noite desdobrado por cima. Velas recurvas, bojudas ao vento, somem-se na sombra.

Helices rumorosas passam bufando.

E como desejava esse exilado seguir-lhes a esteira, no mar, indo com elas para o outro mundo, de olhos abertos e abstractos, enquanto o seu gesto instinctivo regula dentro da Noite o Luar vago desse olho enorme que bate a palpebra com medo, como um olho que espia...

Rumor de beijos

Maio.

Moro em um hotel elegante, um destes terraços que a phantasia do poeta português edificou na Praia da Boa Nova, um dia...

Como faz frio e as manhãs são de neve, fico na maciez do leito, envolto nas arminhosas roupas da cama a sonhar...

Sonho que sou um rico senhor feudal, muito



MARANHÃO — A RECEPÇÃO DO NÚNCIO.—ENTRANDO NA SÉ

orgulhoso dos meus feudos, com a elegância da
ligne e a distinção de classe exagerada.

A castellâ do meu castello...

(Mas, senhores, que ruido é este que ouço todas as manhãs invernosas, do quarto contíguo ao meu! Rumor de beijos longos e chuchureados, alma do Amor, positivamente, alma do Amor! E é uma carícia longa, um sussurro, de notas que só se vibram na tecla amorosa da Arte, paixão de artista, que me faz mal aos nervos, porque me vem aos ouvidos, sem que eu saiba porfeitamente de onde, vaga, tremula, indecisa. . .)

Em sim como é meio dia e o rumor cessou, cessou de todo, levanto-me para o almoço a uma da tarde.

Dante de mim Henri Lammert, um paysagista do mar, almoça com uma miss ideal, loura, de cabellos cheirando a chá, como as inglezas de alto bordo.

Evejo-a morder com dentes radiosos uma alcaparra, num gemido de esforço que eu já conheço, porque me lembra o rumor das manhãs. . .

No fim do almoço levantam-se e vão, de braços dados, como pombos, para o arrulho eterno.

E todos os dias, pelas manhãs, é aquele rumor de beijos e de gemidos longos e amorosos, que me põem no sangue aphrodisios de louco e desejos de touro.

E sonho em sim que a minha castellâ...

R. Alves de Farias.

(Dos Pintorescos).

Minha Lyra

E' linda virgem da pobreza filha
que me acompanha para onde sigo;
si um pranto às vezes me humedece a face
segue carpindo seu viver commigo !

foi ella outr'ora no folgar ingenuo
quem misturava doce canto ao meu;
foi pobre virgem tão ditoza outr'ora
saudando a lua e contemplando o céu !

eu, pobre, louco, debulhado em pranto...
e ella sorria—perguntei: porqué?...
—Coragem! avante!—me dizia a virgem
—Dura tão pouco teu viver!... me crê!...

logo, pois, virgem, de chorar precizo
si a vida é sópro que qual briza passa!
—Coragem! avante!—me tornava a linda
—Não serve ainda o amargor da taça!

fallava a pobre uma verdade pura:
apoz o rizo vi chegar-se o pranto!
e a virgem linda tão ditoza outr'ora
carpe sua sorte a entoar d'um canto.

a linda virgem—é minha lyra pobre—
que mais um canto já não tem mais não!
tudo findou-se no volver dos annos
foi tudo um sonho, uma fatal vizão!...

Julho 1890.

Hippolito Xavier Coutinho.